MANUAL PASTORAL DE DISCIPULADO

O clássico *The Reformed Pastor* de

RICHARD BAXTER

Introdução de J. I. Packer

EDIÇÃO ESPECIAL ATUALIZADA COM NOTAS

MANUAL PASTORAL DE DISCIPULADO

O clássico *The Reformed Pastor*, de Richard Baxter, em Edição Especial com notas

[Este livro] é um trabalho extraordinário que deveria ser lido por todo pastor, especialmente os mais jovens, antes de tomar um povo sob seus cuidados. Sua parte prática deveria ser relida de tempos em tempos a fim de despertar o zelo por seu trabalho. A falta de zelo faz com que muitos homens bons sejam apenas sombra do que poderiam ser, pela graça de Deus, se buscassem medidas apresentadas neste incomparável trabalho.
Phillip Doddridge

Como pastor ... Baxter era incomparável ... Seus feitos em Kidderminster foram notáveis. A Inglaterra não viu antes nenhum ministério como o de Baxter. O vilarejo tinha uns 800 lares, quase 2 mil pessoas. Era "um povo ignorante, rude e dado à folia" quando Baxter chegou, o que, entretanto, foi mudado de maneira dramática.
Quando, em dezembro de 1743 [Um século depois], George Whitefield visitou Kidderminster, escreveu a um amigo: "Fui grandemente reconfortado ao encontrar um doce perfume da doutrina do bom Sr. Baxter, cujas obras e disciplina permaneceram até hoje".
Professor escolar por instinto, Baxter geralmente se chamava de mestre de seu povo, e o ensino era, para ele, a principal tarefa do pastor.
A principal contribuição de Baxter foi a de melhorar a prática da instrução e orientação personalizada pessoal – um método simples de educação escolar como ingrediente permanente no cuidado pastoral de todas as idades. Foi tal preocupação com o discipulado que trouxe à luz [este livro].
J.I. Packer

Richard Baxter (1615-1691), o notável pastor-discipulador, nasceu em Rowton, na Inglaterra. Foi autor de *The Saints' Everlasting Rest* (1650), *The Reformed Pastor* (1656), *A Call to the Unconverted* (1658), *A Christian Directory* (1673) e 131 outros trabalhos. Escreveu também *Reliquiae Baxterianae*, autobiografia, editado por M. Sylvester (1696), mais cinco livros publicados postumamente e muitos tratados não-publicados.

www.cep.org.br

Discipulado/poimênica

ISBN: 978-85-7622-238-5
9 788576 222385

Manual pastoral de discipulado

MANUAL PASTORAL DE DISCIPULADO

O clássico *The Reformed Pastor* de

RICHARD BAXTER

Introdução de J. I. Packer

EDIÇÃO ESPECIAL ATUALIZADA COM NOTAS

Manual pastoral de discipulado
Richard Baxter
Edição especial com notas

I' edição — 2008 — 3.000 exemplares

Produção Editorial
Tradução
Elizabeth Gomes
Revisão e notas editoriais
Wadislau Gomes
Revisão
Madalena Torres
Wendell Lessa Vilela Xavier
Editoração
Spress
Capa
Magno Paganelli

B3552m Baxter, Richar
Manual pastoral do discipulado/ Richard Baxter; traduzido por Elizabeth Gomes. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2008

220 p.

Tradução de The reformed Pastor.

ISBN 978-85-7622-238-5

1. Discipulado 2. Poimênica I. Título

EDITORA CULTURA CRISTÃ
R. Miguel Teles Jr., 394 - Cambuci - SP
15040-040 - Caixa Postal 15.136
Fone (011) 3207-7099- Fax (011) 3209-1255
www.cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

"Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um. Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados."

(At 20.28-32)

The Reformed Pastor é um trabalho extraordinário que deveria ser lido por todo pastor, especialmente os mais jovens, antes de tomar um povo sob seus cuidados. Sua parte prática deveria ser relida de tempo em tempo a fim de despertar o zelo por seu trabalho. A falta de zelo faz com que muitos homens bons sejam apenas sombras do que poderiam ser, pela graça de Deus, se buscassem as máximas e medidas apresentadas nesse incomparável trabalho.

Phillip Doddridge

APRESENTAÇÃO

"BAXTER, Richard, cavalheiro; nascido aos 12 de novembro de 1615, em Rowton, Salop; educado na Escola Livre de Donnington, Wroxeter, e sob tutela particular; ordenado diácono pelo Bispo de Worcester, Advento de 1638; diretor da escola de Richard Foley, 1639; vigário de Bridgenorth, 1639-1640; vigário predicante de Kidderminster, 1641-1642; capelão do exército em Coventry, 1643—1645, e do regimento de Whalley (Novo Exército Modelo), 1645-1647; vigário de Kidderminster, 1647-1661, conferência de Savoy, 1661; viveu em ou perto de Londres, 1662-1691 (Moorfields), 1662-1663; Acton, 1663-1669; Torteridge, 1669-1673; Bloomsbury, 1673-1685; Finsbury, 1686-1691; casou-se com Margaret Charlton (1636-1681); preso durante uma semana, em Clerkenwell, 1669; por 21 meses, em Southwark, 1685-1686; morreu em 8 de dezembro de 1691; autor de *The Saínts'Everlasting Rest* [O descanso eterno dos santos] (1650), *The Reformed Pastor* [O pastor reformado] (1656), A *Cali to thé Unconverted* [Um chamado aos não-convertidos] (1658), A *Christian Directory* [Calendário Cristão] (1673) e 131 outros trabalhos impressos ao longo de sua vida; escreveu também *Reliquiae Baxteríanae* [Relíquia baxteriana], autobiografia, editado por M. Sylvester (1696), mais cinco livros publicados postumamente e muitos tratados não-publicados. Interesses especiais: cuidados pastorais, unidade cristã; *hobbíes:* medicina, ciência, história. Desta maneira, no estilo de um "Quem é Quem", apresentamos Richard Baxter, o mais destacado pastor, evangelista e escritor de temas práticos e devocionais produzido pelo puritanismo.

Richard Baxter era um grande homem; grande bastante para ter e reconhecer grandes falhas e grandes erros. Brilhante, de larga cultura, com surpreendente capacidade de análise instantânea, argumento e apelo, Baxter podia embaraçar os seus oponentes em debates públicos.

No entanto, nem sempre utilizou seus grandes dons da melhor forma. Na teologia, por exemplo, Baxter elaborou um caminho intermediário e eclético entre as doutrinas da graça reformada, arminiana e romana. Interpretando o reino

de Deus em termos de idéias políticas contemporâneas, ele explicava a morte de Cristo como um ato de redenção universal (penal e vicaria, mas não substitutiva), em virtude do qual Deus teria feito uma nova lei que ofereceria perdão e anistia ao penitente. Arrependimento e fé, significando obediência à lei, seriam as justiças salvadoras pessoais do crente. Baxter, um conservador puritano, mantinha tal estranha construção legalista tanto como enfoque essencial do evangelho puritano e do Novo Testamento quanto como terreno comum para as contendas sobre graça das quais se ocupavam as teologías trinitarianas de seus dias. Outros, porém, consideravam que "baxterismo" ou "neo-nominismo" - assim era chamado por causa da idéia central de uma "nova lei" - alteraria o conteúdo do evangelho puritano,[1] enquanto que seu "método político", se tomado a sério, seria racionalista e passível de objeções. O tempo provou que tais críticos estavam certos; o fruto das sementes que Baxter semeou foram o moderantismo *neonomiano* da Escócia e o unitarismo moralista na Inglaterra.[2]

Na vida pública, Baxter não teve grande desempenho. Embora respeitado por sua piedade e habilidade pastoral e por seu empenho na busca de paz doutrinária e eclesiástica, o modo combativo, julgador e pedagógico de proceder em relação aos seus colegas provocava seu fracasso. Embora tivesse sido, por mais de vinte anos, o principal porta-voz dos não-conformistas, e defendido o ideal *compreensivista* como um político,[3] Baxter não poderia propriamente ser chamado de estadista. Provavelmente, seu hábito de falar de maneira pronta e sem rodeios ("franqueza") sobre todas as questões ligadas ao seu ministério tenha sido consciente e não apenas uma compensação, devida a um complexo de inferioridade. Na verdade, talvez tenha sido um pouco de cada coisa. Contudo, tal inconsistên-

[1] Sobre este assunto, veja}. I. Packer, "The Doctrine of Justification in Development and Decline among the Puritans", *By Schisms Rent Assunder* (1969 Puritan Conference Report), Londres, 1970, págs. 25-28; C. F. Allison, *The Rise of Moralism,* Londres, 1966, págs. 154ss; William N. Kerr, "Baxter and Baxterianism" em *The Encyclopaedia of Christianity*, Vol. I, Wilmington, 1964, págs. 599ss. Em *Vindication of the Protestant Doctrine Concerning justification,* 1692, Robert Traill destaca deficiências básicas do esquema de Baxter: primeiro sua incapacidade de resolver a soberania representativa de Cristo conforme apresentado em Romanos 5.12ss; segundo, seu irrealismo, pois os pecadores encontram alívio para suas consciências perturbadas não em olhar para a fé e dizer que essa é sua justiça salvadora, mas em olhar para a cruz. O comentário de John McLeod sobre a visão de Baxter é perfeito: "Pode-se dizer, nesta linha de idéias, que há cuidado com boas obras e zelo para que a justificação pela fé não invalide a lei. Parece que, em última instância, Paulo tinha de ser salvo de si mesmo..." *(Scottish Theology,* Edinburgo, 1943, pág. 139).

[2] cf. Macleod, op cit, pág. I11; Hywel Jones, "The Death of Presbyterianism", *By Schisms Rent Assunder,* pág. 37.

[3] Sobre os ideais eclesiásticos de Baxter, veja Irvonwy Morgan, *The Nonconformity of Richard Baxter,* Londres, 1946; A. Harold Wood, *Church Unity without Uniformity,* Londres, 1963.

cia foi um ponto cego durante toda sua vida. Havia nele uma incapacidade para ver a contra-produtividade de tratar seus pares de modo triunfalista. Não obstante, foi, ao mesmo tempo, característico e admirável que, em 1669, Baxter tenha procurado John Owen para ser o "pacificador" na disputa entre presbiterianos e independentes, embora ambos tivessem cruzado espadas teológicas e políticas. Igualmente típico, mas menos admirável, é que, ao encontrar-se com Owen, Baxter, segundo suas próprias palavras, tivesse dito "que teria de tratar do assunto com plena liberdade, pois, ao pensar no que ele (Owen) fizera anteriormente, temia muito que tal grande cismático não pudesse ser instrumento de cura"; ainda que se alegrasse que, em seu último livro, Owen teria "aberto mão de dois dos piores princípios de popularidade". Mais tarde, nota-se a surpresa, o desapontamento e o sentimento de Baxter, porque Owen, conquanto professasse boa vontade, não teria tomado uma posição.[4] E duvidoso que um comportamento diferente ou uma abstenção de ânimo da parte de Baxter tivessem alterado o triste decorrer dos eventos entre a Restauração (1660) e a Tolerância (1689), pois a paixão, a desconfiança e os interesses pessoais eram muito intensos. Permanece, entretanto, o fato de que as intervenções de Baxter aumentaram a divisão, tal como quando, em 1690, ele publicou *The Scripture Gospel Defended* a fim de impedir que os sermões de Crisp causassem problemas, estragando a "feliz união" entrepresbiterianos e independentes pouco antes de ela começar.[5]

Como pastor, porém, Baxter era incomparável - essa é a capacidade que nos interessa agora.

Seus feitos em Kidderminster foram notáveis. A Inglaterra não viu antes nenhum ministério como o de Baxter. O vilarejo tinha uns 800 lares, quase 2 mil pessoas. Era "um povo ignorante, rude e dado à folia" quando Baxter chegou, o que, entretanto, foi mudado de maneira dramática.

> Quando iniciei meu trabalho, podia cuidar especialmente de cada um que se humilhava, reformava ou convertia; mas, depois de um tempo de trabalho, foi do agrado de Deus que os convertidos fossem tantos que eu não tinha mais tempo para escrever observações particulares sobre cada um... famílias e números consideráveis vinham de uma vez... entravam e cresciam de maneira como eu mal podia entender".[6] O local de congregação geralmente estava cheio (cabia até mil pessoas na Igreja) e tivemos de construir cinco galerias... No Dia do

[4] *Reliquiae Baxterianae* (RB), Parte III, págs. 6 Iss.

[5] Cf. Peter Toon, *The Emergence of Hyper-Calvinism in English Non-conformity 1689-1764,* Londres, 1967, Capítulo 3; *Puritans and Calvinism,* Swengel, PA, 1973, Capítulo 6.

[6] *RB,* Parte I, pág. 21.

Senhor... podcr-se-ia ouvir cem famílias cantando salmos e repetindo sermões ao passar pelas ruas... quando cheguei, havia apenas uma família em outra rua, que adorava a Deus e clamava pelo seu nome; mas, quando saí, havia ruas em que não passava nenhuma família que não fosse de adoradores, professando séria piedade, dando-nos esperança de sua sinceridade.

Mais tarde, Baxter escreveu:

Embora eu esteja longe deles há uns seis anos, **e** tenham sido atacados por calúnias c maledicências, até mesmo, de púlpito, **e** ameaçados com prisões, palavras e arrazoados sedutores, os membros da Igreja permanecem firmes e mantêm a integridade; a maioria ainda está em casa, muitos foram para a presença de Deus, outros foram removidos e outros, ainda, estão presos, mas nem um sequer, que eu tenha ouvido, caiu ou abandonou a retidão.[8]

Quando, em dezembro de 1743, George Whitefield visitou Kidderminster, escreveu a um amigo: "Fui grandemente reconfortado ao encontrar um doce perfume da doutrina do bom Sr. Baxter, cujas obras e disciplina permaneceram até hoje".[9]

Professor escolar por instinto, Baxter geralmente se chamava de mestre de seu povo, e o ensino era, para ele, a principal tarefa do pastor. Nos seus sermões (um a cada domingo e outro às quintas-feiras, com duração de uma hora), Baxter discorria sobre as bases do Cristianismo.

O que eu lhes expunha diariamente e com maior empenho, e esforçava-me para imprimir em suas mentes, eram os grandes princípios fundamentais do Cristianismo contidos na aliança do batismo, correto conhecimento, crença, sujeição e amor a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e amor a todos os homens, concórdia com a Igreja e uns com os outros... A exposição da verdade e o método proveitoso do Credo (ou doutrinas da fé), da Oração do Senhor (ou questões sobre nossos desejos**J** e dos Dez Mandamentos (ou da lei prática) oferecem muita matéria para acrescentar ao conhecimento da maioria dos que professam a religião, e toma grande tempo. Uma vez feito isso, os crentes precisam ser conduzidos adiante... sem deixar os mais fracos para trás; deverão ser realmente servos dos grandes pontos da fé, esperança e amor, em santidade

[7] Págs. 84ss.
[8] Pág. 86.
[9] *Works,* Londres, 1771.11.47.

> e unidade, ensinos esses que precisam ser constantemente inculcados, como o início e o final de todas as coisas.[10]

Tal era o programa de ensino de Baxter, no púlpito e fora dele. Além disso, ele oferecia um fórum pastoral semanal para discussão e oração.[11] Distribuía Bíblias e livros cristãos (recebia, em pagamento de *royalties,* quinze avos de cada edição de seus livros na forma de exemplares e os distribuía gratuitamente).

Baxter também ensinava indivíduos por meio de aconselhamento pessoal e discipulado. Os cristãos, ele insistia, deveriam procurar seus pastores com regularidade para expor seus problemas, a fim de que estes pudessem avaliar a saúde espiritual de suas congregações;[12] e os pastores deveriam catequizar regularmente toda a congregação.[13] A principal contribuição de Baxter para o desenvolvimento dos ideais puritanos para o ministério foi a de melhorar a prática da instrução e orientação personalizada pessoal — um método simples de educação escolar como ingrediente permanente no cuidado pastoral de todas as idades. Foi tal preocupação com o discipulado que trouxe à luz *The Reformed Pastor.*[14]

Os membros da Associação Worcestershire, fraternidade de pastores idealizada por Baxter, comprometeram-se com a adoção da política da catequese sistemática de suas Igrejas, segundo seu projeto básico. Designaram um dia de jejum e oração para buscar a bênção do Senhor sobre o empreendimento, pedindo a Baxter que pregasse no evento. Na data marcada, porém, Baxter estava doente demais para comparecer, mas publicou o material que havia preparado, uma extensa exposição e aplicação de Atos 20.28. Dado à ousadia em repreender e exortar seus colegas de ministério, Baxter chamou o documento de *Gildas Salvianus,* em honra a dois escritores dos séculos 5[2] e *6*-, os quais também não haviam poupado palavras sobre o pecado.

[10] RB, Parte I, págs. 93ss.

[11] "Toda quinta-feira à noite, meus vizinhos se encontravam em minha casa e um deles repetia o sermão. Depois, colocavam as dúvidas que porventura tivessem sobre a mensagem ou sobre qualquer outro caso de consciência, e eu procurava resolver suas dúvidas; depois, um ou outro orava" (RB, Parte I, pág. 83).

[12] Ver adiante, págs. 147ss.

[13] Baxter descreve detalhadamente sua própria prática nas páginas 140ss.

[14] Este livro já foi publicado no Brasil com o título *O Pastor Aprovado;* porém, ao lançá-lo pela Cultura Cristã, preferimos o título *Manual pastoral de discipulado,* orando para que ele seja usado desse modo em nosso país [N. do E.].

Na página frontal da primeira edição,[15] a palavra "reformado" se destaca em grandes letras no subtítulo: "Pastor REFORMADO", da maneira como Baxter queria. O termo *reformado* não se referia propriamente à doutrina calvinista, mas a uma prática transformada. "Se Deus aprouver reformar o ministério", escreveu Baxter, "e colocar-nos com zelo e fidelidade nos deveres, o povo certamente se reformará. Todas as igrejas surgem ou murcham segundo seus pastores ascendem ou declinam não em riquezas ou grandeza mundana, mas no conhecimento, zelo e capacidade para sua obra".[16] Nesse sentido, Baxter buscava um "re-surgimento" do ministério.

The Reformed Pastor foi e é um trabalho explosivo, deixando de pronto sua marca. "O homem mui amado!" - escreveu Thomas Wadsworth a Baxter, no mês seguinte à publicação - "O Senhor tem lhe revelado seus segredos, pelos quais muitos milhares de almas se levantarão na Inglaterra para bendizer ao Senhor por sua causa".[17] Uma carta anônima e sem data, na correspondência de Baxter, diz: "E extraordinário o *Güdas Salvianus* ou *The Reformed Pastor* do Sr. Baxter. Desejo de coração que todo jovem pastor leia-o com diligência e freqüência logo no início de seu pastorado". O diário de Oliver Haywood relata: "Há três ou quatro anos, estive doente e tomei tempo para ler o *Güdas Salvianus* ou *The Reformed Pastor*, de Baxter; fui de tal modo despertado e convencido, que resolvi, caso me recuperasse, passar a trabalhar na instrução pessoal... Comecei esse trabalho na terça-feira após 23 de junho de 1661, indo de casa em casa...".[18] Baxter mesmo escreveu, em 1685:

> Tenho grande motivo de gratidão a Deus pelo sucesso desse livro no sentido de levar muitos pastores a trabalhar da maneira como os exorto a fazer, com esperança de que milhares de almas sejam melhores por causa dele. Até mesmo de além-mar, tenho recebido cartas de pedidos para ajudá-los....[19]

Baxter morreu, mas seu livro continua vivo. A coleção de testemunhos do século 18 é leitura fascinante. O pai de John Wesley, Samuel, antes um não-conformista, escreveu: "Quisera ter novamente comigo o *Gildas Salvianus: Di-*

[15] Reproduzida na pág. 51 da edição de J. T. Wilkinson de *The Reformed Pastor* (Londres, 1939).

[16] RB, Parte I, pág. 115.

[17] Veja Wilkinson, op cit, pág. 27. Sou devedor ao Ensaio Introdutório de Wilkinson para a maioria das citações que se seguem.

[18] Opcit,pág.30.

[19] The Rev. Oliver Heywood, B.A: *His Autobiographies,* org. J. Horsetail Turner, Brighouse, 1882,1.177.

reções aos pastores para o cuidado de seu povo, que perdi quando minha casa se queimou... ele [Baxter] tinha estranha paixão e fogo...".[20] O próprio John Wesley disse, em uma conferência metodista: "Todo pregador deveria instruir seu povo, de casa em casa... Poderíamos encontrar melhor método de fazê-lo do que o do Sr. Baxter? Se não, que o adotemos sem demora. Todo seu trabalho denominado *Güdas Salvianus* vale a pena de ser estudado com empenho". Noutra ocasião, ele desafiou seus pregadores: "Quem visita o povo segundo o método do Sr. Baxter?".[21] Charles Wesley e William Grinshaw, de Haworth, concordaram que "os pregadores deveriam visitar de casa em casa, conforme o modo do Sr. Baxter".[22] Uma recomendação de Phillip Doddridge é citada em outro lugar.[23]

Desde aqueles dias até os nossos, *The Reformed Pastor* ocupa um lugar entre os clássicos. Em 19 de agosto de 1810, Francis Asbury, apóstolo metodista da América, escreveu em seu diário: "Ah! Que presente: *The Reformed Pastor,* de Baxter, veio às minhas mãos hoje pela manhã".[24] John Angell James, pastor de Carrís Lane, Birmingham, e autor de An *Eamest Ministry in the Wane of the Times* [Um ministério sincero no declinar dos tempos] escreveu em 1859, poucas horas antes de morrer: "Fiz de *The Reformed Pastor,* de Baxter, em segundo lugar depois da Bíblia, uma regra de objetividade ministerial. Seria bom se esse volume fosse lido muitas vezes por todos os nossos pastores".[25] O próprio James lia-o aos sábados à noite, preparando-se para o domingo. C. Spurgeon, com freqüência, pedia à sua esposa que o lesse em voz alta, nas noites de domingo, após terminar as suas pregações.[26] Poderíamos ainda acrescentar aos elogios metodistas, congregacionais e batistas, o louvor anglicano. Aprimeira impressão do trabalho de William Brown com respeito a esta obra, datada de 1830, aqui re-impressa, saiu com um prefácio de Daniel Wilson, de Islington, declarando que *The Reformed Pastor* seria "um dos melhores dos valiosíssimos tratados de Baxter. Em todo espectro do estudo das divindades, nada há superior a ele em termos de apelos íntimos e sentidos à consciência do ministro de Cristo sobre os principais deveres de seu oficio". Em 1925, o Bispo de Durham (H. Hensley Henson) declarou: *"The Reformed Pastor* é o melhor manual sobre os deveres do pastor existente na língua, porque deixa

[20] Citado de Wilkinson, pág. 38.
[21] Citado de Wilkinson, pág. 39ss.
[22] Thomas Jackson, *Life of Charles Wesley,* Londres, 1841, V. II, págs. 119ss.
[23] Ver pág. 6.
[24] Citado de Wilkinson, pág. 42.
[25] Citado de Wilkinson, pág. 44.
[26] C. H. Spurgeon, *The Early Years,* Londres, 1962, pág. 417.

sobre a mente do leitor uma impressão inigualável da sublimidade e seriedade do ministério espiritual".[27]

Qual é o valor do livro de Baxter para o ministério dos pastores de hoje? Três de suas marcantes qualidades justificam a resposta positiva.

A primeira é *energia.* O que se disse de A *Escravidão da Vontade,* de Lutero, poderá ser dito sobre *The Reformed Pastor:* suas palavras têm mãos e pés. Diz Sylvester que Baxter teria um olhar penetrante. Certamente tinha palavras penetrantes. Escrevia como falava, e suas palavras não eram apenas emotivas, pois vinham da cabeça e do coração - eram sempre apaixonadas. Seu livro queima com o calor do zelo e fervor evangelístico, e com a ânsia pelo convencimento. "Richard Baxter é um escritor poderoso", disse Spurgeon. "Se quiser conhecer a arte da persuasão, leia seu... *The Reformed Pastor".*[28] Assim como o *The Saints Everlasting Rest* [O descanso eterno dos santos] é considerado o maior transcrito do coração de Baxter como cristão, *The Reformed Pastore o* transcrito máximo de seu coração de pastor. Aquilo que vem do coração apaixonado de Richard Baxter tem energia e poder evocativo e, após três séculos, ainda atinge o nosso coração.

Segundo, seu livro tem *objetividade.* É sincero e claro. É dito, muitas vezes e com justiça, que qualquer cristão que creia que sem Cristo os homens estarão perdidos, e que ame seriamente a seu próximo, não poderá descansar, sabendo que as pessoas a seu redor estão a caminho do inferno. Ele se disporá sem descanso à grande missão da vida, a de converter as pessoas. Qualquer crente que não tenha tal disposição solapará a credibilidade de sua fé, pois se ele mesmo não consegue tomar a ordem de Jesus a sério, como direção para a vida, por que outra pessoa o levaria a sério? *The Reformed Pastor* expõe isto com força. Aqui encontramos um amor apaixonado de um cristão sincero, honesto, sem rodeios, que pensa e fala com perfeita objetividade a respeito dos perdidos, insistindo que deveríamos aceitar desconforto, pobreza, trabalho duro e perda de ganhos materiais, caso pudéssemos salvar algumas almas, dando-nos exemplo vívido cm sua própria pessoa, sobre os desdobramentos de tal disposição.

Quando alguém sabe da proximidade do próprio enforcamento, disse o Dr. Johnson, sua mente fica maravilhosamente clara. Quando alguém, tal como Baxter, vive a proximidade da morte desde sua maioridade, há nele uma objetividade sobrepujante tanto em termos de proporção (aquilo que c realmente importante ou não) quanto em termos de percepção daquilo que é coerente ou não em relação ao que sc professa crer. O vigário dc Kiddcrminstcr clama aos seus irmãos no ministério:

Citado de Wilkinson, pág. 47.
Citado de Wilkinson, pág. 45.

> Senhores.se tivessem conversado com a morte tantas vezesquantoeu, recebendo a sentença na própria carne, certamente teriam uma consciência inquieta, se não uma vida reformada, com respeito à diligência e fidelidade no ministério. Teriam ainda algumas perguntas: é essa toda a compaixão que temos pelos pecadores perdidos? Nada mais faremos para buscar e alcançá-los?... Terão eles de morrer e ir para o inferno antes de lhes darmos uma palavra de advertência? Tais gritos de consciência ressoam diariamente em meus ouvidos, embora eu pouco lhes tenha obedecido... Como poderá haver escolha, quando se leva um cadáver ao túmulo, pensando: "aqui jaz um corpo, mas onde está a alma? O que fiz por ela antes de partir? Era parte de minha responsabilidade - que contas poderei prestar?". Senhores, seria pouca coisa responder a tais perguntas? Pode parecer assim agora, mas virá a hora em que não será desta maneira....[29]

Ninguém pode duvidar da autenticidade de Baxter. Quem duvidará de nossa necessidade de tal realidade hoje, acima de tudo no ministério?

Terceiro, o livro é um modelo de *racionalidade.* Baxter é muito detalhado no desenrolar dos meios para atingir os fins. Como Whitefield e Spurgeon mais tarde, ele sabia que os homens são cegos, surdos e mortos em pecados, e que somente Deus os pode converter; mas também como Whitefield e Spurgeon, sabia também que Deus opera por meio de homens, e que pessoas racionais devem ser abordadas de modo racional, que a graça penetra por meio do entendimento e, a não ser que o evangelista tenha credibilidade, sua mensagem não será muito útil para o convencimento. Assim, Baxter insistia que os pastores pregassem sobre as questões eternas como homens que sentem aquilo que dizem, que falassem com sinceridade sobre as questões de vida e morte e com a gravidade que tais questões exigem, que praticassem a disciplina na Igreja, que demonstrassem na própria vida a seriedade do fato de que Deus não tolera o pecado. Deveriam fazer o 'trabalho pessoal e individualizado', porque a pregação sozinha não alcança o pensamento da gente comum. Baxter era muito franco quanto a isso.

> Aqueles que pensam ter grande zelo público deveriam examinar o próprio povo para ver se há, em seu meio, pessoas tão próximas da ignorância que pareçam jamais ter ouvido o evangelho. Quanto a mim, estudo bastante para falar da maneira mais simples e relevante que possa. Ainda assim, encontro alguns que, tendo me ouvido por oito ou dez anos, ainda não têm certeza sobre se Cristo é Deus ou homem, mostrando-se maravilhados quando lhes conto a história do nascimento, vida e morte de Cristo, como se nunca a tivessem escutado... A

Verabaixo, págs. 17()ss.

> maioria tem uma confiança que carece de fundamentos, esperando que Cristo os perdoe, justifique e salve, embora seus corações pertençam ao mundo e eles ainda vivam na carne. Presumem que tal fé seja justificadora. Descobri por experiência própria que muitas pessoas ignorantes, ouvintes sem proveito, obtêm mais conhecimento e arrependimento em meia hora de conversa particular do que jamais conseguiriam em dez anos ouvindo sermões públicos. Eu sei que a pregação pública é o meio sobremodo excelente, pois falamos do evangelho a muitas pessoas de uma só vez. Mas, geralmente, será muito mais eficaz, se o pregarmos também de maneira privada a um pecador em particular....[30]

A instrução e orientação pessoal e o aconselhamento, além do sermão e depois dele, são deveres de todo pastor, pois constituem os recursos mais racionais, os melhores meios para atingir o fim desejado.

Era assim nos dias de Baxter. Não seria assim em nossos dias?

The Reformed Pastor confronta o pastor moderno com, pelo menos, as seguintes perguntas: (1) creio no evangelho que Baxter cria (e Whitefield e Spurgeon e Paulo)? (2) Compartilho a visão de Baxter, acerca da necessidade essencial da conversão? (3) Sou tão autêntico como deveria ser, permitindo que tal visão das coisas forme minha vida e obra? (4) Sou tão objetivo como deveria ser quanto à escolha dos meios para o fim que desejo e para o qual fui chamado? (5) Disponho-me, como Baxter, a buscar a melhor maneira para criar situações nas quais possa conversar com as pessoas, de maneira familiar e com regularidade, sobre suas vidas espirituais?

A maneira adequada para realizar tal tarefa nos dias de hoje terá de ser considerada em termos das circunstâncias que se nos apresentam, muito diferentes das que Baxter conhecia e descrevia,[31] mas a pergunta de Baxter continua sendo pertinente: não deveríamos exercitar a comunhão pessoal como uma prática sempre necessária? Se ele nos convencer de tal necessidade, certamente acharemos uma maneira de adequar a prática à nossa situação presente - onde houver vontade, haverá um modo de agir!

Agora, encerremos esta introdução e deixemos que Baxter fale por si mesmo.

"Veradiante,pág. I62ss.

' Ver adiante, págs. 150ss; cfpágs. 193 ss.

William Brown
Prefácio

Quando esta obra foi publicada pelo autor, seu título era:

> Gildas Salvianus: The Reformed Pastor, mostrando a natureza da obra pastoral especialmente na instrução particular e na catequese; com confissão dos pecados: preparado para o dia de humilhação observado em Worcester, 4 de dezembro de 16 5 5, pelos ministros do condado, os quais subscreveram o acordo para a instrução e orientação pessoais, referendando esta obra escrita por seu indigno conservo, Richard Baxter, mestre da Igreja em Kidderminster.

Seria quase impossível exagerar a excelência desta obra. Não é um tratado sobre as diversas partes do ofício ministerial e, nesse sentido, poderia ser considerada, por algumas pessoas, até mesmo, como sendo um trabalho deficiente. Na verdade, trata-se de um trabalho poderoso, apaixonado, pungente, que penetra o coração; não conhecemos outra obra semelhante sobre o ofício pastoral. Se pudéssemos imaginar que seria lido por um anjo, ou por outra criatura cuja natureza não fosse decaída, seus arrazoados e exposições se mostrariam irresistíveis. Duro será o coração do ministro que consiga ler este livro sem comoção, sem que seja convencido e vencido pela consciência de suas próprias faltas. Duro será seu coração, se não for despertado para maior fidelidade, diligência e atividade na tarefa de conquistar almas para Cristo. Trata-se de uma obra que merece impressão em letras de ouro e digna de ser gravada no coração de todo ministro.

Contudo, dada sua excelência, *The Reformed Pastor*, conforme publicado originalmente pelo autor, contém defeitos consideráveis, especialmente no tocante à sua utilidade nos dias atuais. Procurando remediar as imperfeições originais, em 1766, o Rev. Samuel Palmer, de Hackney, publicou uma condensação do livro. Contudo, ainda que fosse quase impossível apresentar esta obra, sob qualquer forma, sem produzir poderosos e impressionantes apelos à consciência dos pastores, Palmer falhou essencialmente na apresentação de uma edição melhorada.

De fato, com todos os seus defeitos, a obra original era preferível à condensação feita por Palmer. Se a condensação estivesse livre de algumas deficiências, ainda assim perderia valor quanto a sua excelência. Poderíamos descartar, com alguma vantagem, certas matérias suplementares dos escritos de Baxter; entretanto, há poucas obras humanas que menos se prestam a uma condensação. Qualquer tentativa nesse sentido sacrifica a abrangência e riqueza de suas ilustrações, tira sua força e solapa seu poder e sentimento.

A obra que agora apresentamos ao público não é, em sentido estrito, uma condensação. Embora consideravelmente menor que o original, seu tamanho foi reduzido especialmente por meio da omissão de matérias suplementares e controversas, que, por mais úteis que fossem quando a obra foi originalmente publicada, não têm aplicações nas circunstâncias atuais. Em alguns casos, mudei também a ordem de determinadas partes. Transferi o capítulo *Motivos para o cuidado do rebanho,* que o autor colocara na aplicação, para a parte do discurso a que se refere; fiz o mesmo com *Motivos para cuidar de nós mesmos,* colocando-o na parte anterior do tratado. Mudei para outras partes da narrativa alguns detalhes escritos sob o título de *Motivos.* Entretanto, ainda que utilizando certa liberdade de transposição, procurei não sacrificar a força e a abrangência das ilustrações do autor em função de um arranjo mais lógico. Por exemplo, muitos dos mesmos tópicos que apareceram no corpo do discurso se encontram repetidos na *Aplicação,* com o toque do mestre, os quais teriam perdido muito de sua propriedade e energia caso eu os tivesse separado de suas ligações originais e os movido para uma outra parte cuja relação fosse mais lógica. Corrigi também a linguagem do autor, tomando cuidado para não modernizá-la até o ponto de perder o sabor. Adotar a fraseologia e as formas de discurso empregadas pelos escritores daquela época seria uma tola afetação nos dias atuais, mas há algo simples, venerável e impressionante nelas quando empregadas pelos próprios autores.

Espero não ter prejudicado, mas, ao contrário, melhorado o trabalho, ao empreender tais modificações. Que o espírito do seu grande autor tenha sido preservado de tal maneira que os leitores mais familiarizados com os escritos de Baxter sequer seriam sensíveis às alterações feitas, se não as tivesse mencionado.

Antes de concluir, preciso sugerir aos amigos da religião que eles mesmos, talvez, não pudessem fazer maior bem com menor custo, apresentando cópias desta obra para os pastores de Cristo em todo o país. Não há classe humana da comunidade de que dependa mais a prosperidade da Igreja de Cristo do que a dos seus ministros. Se seu zelo e ação enfraquecem, os interesses da fé também serão proporcionalmente enfraquecidos. Se, pelo contrário, houver o que estimule seu zelo e atividade, tal ação promoverá proporcionalmente os interesses da religião. Os ministros da Palavra são os principais instrumentos pelos quais o bem é efetu-

ado em qualquer país. Quão importante é que sejam despertados em santo zelo e ação na causa do Redentor! Um folheto dado a um pobre homem poderá causar sua conversão; uma obra como esta, apresentada a um pastor, poderá induzido a maior fidelidade e consagração e resultar na conversão de multidões. Os ministros não são muito propensos a comprar obras deste tipo: estão mais dispostos a comprar livros de *ajuda* do que de *estímulo* ao trabalho. Se, portanto, puder ser elaborado um plano para apresentar uma cópia para cada pastor das diversas denominações, que bem incalculável será feito! Há muitas pessoas a quem não seria difícil comprar vinte, cinqüenta ou cem cópias de uma obra como esta e enviá-las a pastores nas diversas partes do país. Também, diversas pessoas poderiam se juntar para este propósito. Não consigo conceber um modo de agir que seja mais útil que este.

Permita-me fazer semelhante sugestão às diferentes sociedades missionárias. Fornecer uma cópia de *The Reformed Pastor* a cada missionário ou, pelo menos, a cada posto missionário, será, sem dúvida, um meio poderoso para promover o supremo objetivo das missões cristãs. Estou certo de que nenhuma outra obra foi tão bem planejada para estimular o santo zelo missionário e a ação em sua labuta evangelística.

Edinburgo, 12 de março de 1829.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Aos meus irmãos reverendos e mui amados fiéis ministros de Cristo: graça e paz em Jesus Cristo sejam aumentadas.

O assunto aqui apresentado fala tão de perto ao pastor e às igrejas sob seu cuidado que ouso proferir este discurso ainda que reconheça as imperfeições do tratamento e que esteja consciente de ser indigno de ser um mentor para pastores.

Antes de chegar ao ponto principal, permitam-me comentar sobre as razões para escrever tal obra e sobre a liberdade de expressão usada, a qual poderá parecer desagradável para algumas pessoas.

O Senhor despertou alguns de seus ministros em Worcestershire, e de algumas localidades vizinhas, quanto ao dever de instruir e orientar ede instruir particularmente os membros de todas as igrejas que não recusassem obstinadamente essa ajuda. Subscrevendo a um acordo que continha resoluções de desempenho futuro, os pastores julgaram que não poderiam realizar a tarefa sem antes se humilhar solenemente na presença do Senhor. Concordaram em se reunir em Worcester, em 4 de dezembro de 1655, para confessar sua negligência no cumprimento de dever tão necessário e para rogar a especial assistência de Deus, tanto em relação à própria responsabilidade quanto em relação ao povo que estávamos prestes a instruir.

Tendo sido convidado para pregar em tal reunião, preparei estes discursos, os quais, sendo longos demais para serem proferidos em apenas um ou dois sermões, planejei apresentar parte naquela ocasião, reservando o restante para outra oportunidade. Entretanto, fui impedido de prosseguir no intento em função do aumento de minha dor e fraqueza. Para compensar minha omissão, concordei com diversos irmãos quanto à publicação do material preparado, a fim de que pudessem ler aquilo que não puderam ouvir de minha própria voz.

pelas quais se deve pregar contra falhas e pecados no ministério

Se houver objeção que diga que eu não deveria ter falado de maneira tão clara contra as falhas e pecados cometidos no ministério, ou que eu não deveria tê-los publicado de maneira tão ostensiva, ou que, pelo menos, deveria tê-lo feito em outra língua que não a dos ouvidos vulgares - especialmente num tempo em que *quakers* e papistas[32] procuram induzir o desprezo ao ministério, e o povo é propenso a ouvir suas sugestões - certamente considerarei as objeções, mas não mudarei minha resolução devido às seguintes razões:

1. O material foi preparado e intencionado para uma humilhação solene; proposta sobre a qual todos nós concordamos. Como poderíamos nos humilhar sem confessar claramente o nosso pecado?
2. A confissão tratava, principalmente, de nossos próprios pecados. Quem poderia se ofender com a confissão de pecados e assunção de culpa e vergonha, conforme ordenado por nossa própria consciência?
3. Tendo preparado na língua inglesa, não tive tempo livre para traduzi-lo para o latim.
4. Quando o pecado é exposto à vista do mundo, será vaidade procurar escondê-lo; tais tentativas apenas pioram e aumentam a vergonha.
5. A livre confissão é uma condição para a plena remissão; quando o pecado for público, a confissão também deverá ser pública. Se os pastores de nosso país tivessem pecado apenas em latim, eu teria me esforçado por admoestá-los em latim, ou nada lhes teria dito. Mas se pecamos em inglês, deveremos ouvir em inglês tal admoestação. O pecado não perdoado não nos deixa descansar ou prosperar. Por mais que nos esforcemos para encobri-lo, o pecado certamente aparecerá, ainda que não sejamos nós a descobri-los. A obra da confissão consiste justamente em fazer conhecido o pecado e em assumir espontaneamente a vergonha, pois: "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28.13). Se formos tão melindrosos quanto a nós mesmos, Deus terá de

[32] Hoje o ataque ao pastor assume forma mais ampla, e com razão, devido à deriva do ministério evangélico para o palco da mídia e da má política. **O** pastoreio "de sucesso" atrai grandes números de "interessados", mas desacredita o pregador e a mensagem em relação ao poder transformador da mensagem bíblica. Igualmente, a ganância e a ânsia pelo poder mundano solapam a autoridade moral do pastor **[N.** do **E.].**

nos forçar a consciência à confissão, ou seus juízos proclamarão nossa iniqüidade para o mundo.

6. Muitos assumem o trabalho do ministério, procedendo com auto-afirmação, negligência, orgulho e outros pecados, fazendo necessário que os admoestemos. Se soubéssemos que se reformariam sem a repreensão, ficaríamos contentes por não ter de mencionar as faltas. Mas quando a própria repreensão ocorre sem efeito, de maneira que mais se ofendem com a repreensão do que com o pecado, penso que é chegada a hora de usar o remédio.

Que maiores considerações nós poderíamos fazer sobre tais razões? Seria cruel entregar nossos irmãos à conta de incuráveis enquanto há meios de consertar o mal. Não podemos odiá-los, mas, ao contrário, repreendê-los abertamente para que não permaneçam no pecado. Suportar os vícios do ministério é promovera ruína da Igreja - pois que modo mais rápido haveria de fragmentar e degradar o povo do que por meio da depravação de seus guias? Como poderemos promover uma reforma sem primeiro reformar os líderes da igreja? De minha parte, fiz conforme gostaria que fizessem em relação a mim. E para a segurança da igreja, e com amor carinhoso pelos meus irmãos, que ouso repreender - não os tenho por desprezíveis ou odientos, mas desejo curar os males que tais os tornariam - a fim de que nenhum inimigo encontre questão repreensível entre nós. Especialmente porque nossos esforços fiéis são de tamanha necessidade para o bem-estar da Igreja e para a salvação das almas, a negligência quanto aos nossos próprios pecados ou o silêncio quanto aos pecados dos outros jamais configuraria amor.

Se milhares dos senhores estivessem num navio fazendo água, e aqueles que devessem esgotá-la e fechar os vazamentos estivessem dormindo ou recreando, ou, até mesmo, favorecendo a si mesmos no trabalho, colocando a todos em perigo, não seriam eles acordados e chamados à luta em favor de suas vidas? O que aconteceria, se algumas palavras ríspidas fossem empregadas para estimular os preguiçosos? Seria de boa consciência levar a mal o zelo e acusar de orgulho, autojustiça ou falta de educação aquele que fala com veemência para estimular seus colegas de trabalho? Ou dizer que suas palavras ofendem e degradam sua reputação? Antes, não diriam: "O trabalho tem de ser feito ou todos morreremos? O navio está prestes a afundar, e os senhores falam de reputação? Preferem correr o risco de perder tudo a ouvir que são preguiçosos?". É o nosso caso, irmãos. A obra de Deus tem de ser feita! Almas não devem perecer enquanto cuidamos de nossos negócios ou prazeres mundanos, enquanto a Igreja sofre maior confusão e perigo, receando parecer grosseira ou temendo desagradar suas almas impacientes!

Caso fôssemos tão impacientes com os nossos próprios pecados quanto somos com as repreensões, não teríamos de ouvir mais; estaríamos concordes. Nem Deus nem os homens de bem nos deixarão a sós com nossos pecados. Tivessem os senhores atendido a outro tipo de chamado, pecassem em privado e morressem sozinhos, não haveria necessidade de repreensão. Entretanto, lembrem-se de que os senhores entraram no ofício do ministério, o qual é para a preservação de todos, e não poderíamos deixá-los com seus pecados, permitindo o sofrimento e dano da Igreja. Não nos culpem porque lhes falamos com maior liberdade do que os senhores desejariam.

Fossem os seus próprios corpos que estivessem enfermos e os senhores ainda desprezassem o remédio, ou se suas próprias casas estivessem em chamas e os senhores ficassem discutindo na rua em vez de apagar o fogo, talvez eu pudesse deixá-los por sua própria conta (se bem que, por causa do amor, não devesse fazê-lo com facilidade). Mas, se todos assumiram uma posição tal como a de médicos em relação a hospitais ou a cidades inteiras infectadas pela peste, ou ainda, a de bombeiros que se propõem a apagar os incêndios da cidade, por mais desagradável que pareça, a omissão não poderá ser suportada.

E necessário que eu fale tais coisas. Tome-as como quiserem; se não bastar, direi ainda de maneira mais clara. Se os senhores, além de repreendidos - digo isto apenas aos culpados - forem também reprovados, deverão tudo isso a si mesmos.

Portanto, coloco, aqui, as razões que me forçaram a publicar neste tratado, em vernáculo claro, muito dos pecados do ministério. Suponho que, quanto mais humildes e penitentes forem os pastores, e mais desejosos da verdadeira reforma da Igreja, mais fácil e plenamente aprovarão a livre confissão e aceitarão a boa repreensão. Seria, entretanto, impossível evitar que os culpados impenitentes se ofendam, pois tal somente poderia ser evitado por meio do nosso silêncio ou da passividade deles quanto à repreensão. Não posso ficar calado por causa do mandamento de Deus, e os culpados certamente não desejarão ser pacientes em relação à sua impenitência. Mas os que tratarem abertamente o assunto, serão, finalmente, aprovados - e está chegando o tempo em que confessarão que seus disciplinadores eram os seus melhores amigos.

Quanto ao meu ponto principal, ainda não é chegada a hora. Devo, antes, tomar coragem, meus irmãos, de assumir o papel de tutor quanto a alguns deveres necessários que já foram mencionados. Se, nesta tentativa, alguém me acusar de arrogância ou de falta de modéstia, como se fosse eu quem os acusasse de negligência, ou que eu me julgasse suficiente para admoestar, peço que compreenda com brandura tal ousadia. Asseguro que não obedeço ao conselho da carne; mas, antes, que me desagrado tanto quanto desagrado a outros, e preferiria a paz e a calma do silêncio — se isso pudesse ser conciliado com o

meu dever e o bem-estar das Igrejas. O que me força, porem, c a necessidade das almas dos homens e o meu desejo de sua salvação; é a prosperidade da Igreja que me força a esse tipo de audácia e atrevimento. Quem há que, tendo língua, poderá calá-la, quando seu uso for para a honra de Deus, o bem-estar da Igreja e a felicidade eterna de tantas almas?

Razões pelas quais é dever inquestionável do ministro se dispor à instrução 1 ecii: V : : :i _'z<.- ares

O *primeiro* e principal ponto que tenho a propor é este: é dever inquestionável dos ministros em geral, que se disponham à tarefa de instruir e orientar individualmente a todos aqueles que são entregues ao seu cuidado - se forem persuadidos a se submeterem ao discipulado. Tal ponto não precisa ser provado, pois já vem argumentado nesta palestra. Os senhores poderiam imaginar uma sabedoria santa que negasse a validade desta proposição? O zelo por Deus, o prazer no seu serviço ou amor às almas dos homens negariam sua significância?

1. Os princípios da religião e as questões necessárias para a salvação precisam ser substancialmente ensinados às pessoas - sem nenhuma sombra de dúvida.
2. As pessoas têm de ser ensinadas da maneira mais edificante e proveitosa -espero que concordemos nisto.
3. A entrevista pessoal, o exame do coração e a instrução pessoal têm excelentes vantagens para o bem das pessoas - isto também, indubitavelmente.
4. A instrução pessoal é recomendada pelas Escrituras e pela prática dos servos de Cristo, aprovada por homens piedosos de todos os tempos - sem contradição.
5. Não há dúvida de que devamos cumprir esse grande dever para com todas as pessoas, ou para quantas nós pudermos, pois nosso amor e cuidado devem acolher a todos. Será sinal de pobre desempenho do dever, se, havendo em sua congregação quinhentas ou mil pessoas ignorantes em questões de fé, os senhores falarem apenas de vez em quando com alguns deles e deixar o restante na ignorância, quando está ao seu alcance ajudá-lo.
6. Certamente, uma tarefa tão grande quanto esta tomará parte considerável de seu tempo. É certo também que todos os deveres, à medida do possível, deveriam ser realizados em sua ordem e tempo. Se estivermos concordes em proceder de acordo com tais verdades evidentes, não precisaremos discordar quando surgirem circunstâncias duvidosas.

Dadas estas razões, por amor de Cristo e sua Igreja, e das almas imortais dos homens, imploro aos fiéis ministros de Cristo que se disponham pronta e efetivamente a esta obra. Sejam unânimes no pleno desempenho do trabalho, a fim de conquistar a aquiescência e prontidão do povo.

Descobri, em minha própria experiência, que, operando pelos meios de graça dispostos por Deus, tal obra terá de ser profunda e extensa na reforma da vida do pastor: terá de desfazer a nossa comum e prevalecente ignorância; terá de curvar a teimosia dos pecadores, respondendo a vãs objeções e removendo preconceitos; terá de reconciliar o coração do pastor à fidelidade do ministério e provocar o sucesso da pregação pública; terá de tornar a piedade em algo verdadeiro, além da mera forma, como tem sido. Descobri também que, até então, eu mesmo não havia tomado o melhor curso para lutar contra o reino das trevas. Pergunto-me: como pude ficar afastado tanto tempo de um dever tão claro e excelente? Contudo, suponho que tenha ocorrido com outros ministros tal como ocorreu comigo. De há muito estava convencido, mas o temor das dificuldades e o fraco entendimento da missão impediam que eu cumprisse meu dever. Cria que as pessoas desprezariam meu esforço e que somente uns poucos menos necessitados de ajuda se disporiam a aceitá-lo; achava que minhas forças seriam insuficientes para realizar a tarefa. Assim, demorei muito para cumprir meu dever, pelo que peço ao Senhor de misericórdia que me perdoe. Agora, também por experiência própria, vejo que meus deveres não eram tão sobrepujantes (exceto pela extraordinária fraqueza de meu corpo) como eu imaginava. Os benefícios e consolos da obra são tais que não os trocaria por todas as riquezas do mundo. Passei a utilizar as segundas e terças-feiras de cada semana, desde manhã até quase à noite, para receber cerca de quinze ou dezesseis famílias, a fim de alcançar toda uma paróquia de cerca de oitocentas famílias, uma vez por ano. Não posso dizer que uma só família tenha se recusado a me procurar, e pouquíssimas pessoas se desculparam para evitar o encontro. Tenho visto mais sinais externos de sucesso no trabalho pessoal associado à pregação pública. Se alguém disser que não é assim na maioria dos lugares, responderei que desejaria que tal não fosse por nossa culpa. O fato de alguns recusarem a ajuda não nos isenta de a oferecermos aos que a aceitam.

Talvez, alguns dos pastores queiram saber como procedo quanto à ordem e providências para os encontros. Bem, eu faço uma lista de todas as pessoas de entendimento da Igreja, e a secretaria da Igreja se encarrega de marcar com cada família a data e hora do encontro. Sou forçado, por causa do alto número, a tratar com uma família inteira de uma só vez, geralmente não admitindo a presença de outra família ao mesmo tempo.

Irmãos, porventura eu os convido a fazer este trabalho sem a autoridade de Deus ou sem o consentimento dos antigos, dos pastores reformados, ou sem a

convicção de suas próprias consciências? Vejam o que os anais da Assembléia de Westminster registram no item sobre a visita aos enfermos:

> É dever do ministro, não só ensinar as pessoas que foram entregues ao seu cuidado por meio da pregação pública, mas também em particular, admoestando, exortando, repreendendo, e confortando em toda ocasião oportuna, conquanto permitam tempo, força, e segurança pessoal. Deve admoestá-las em tempo de saúde a fim de prepará-las para a morte. Com este propósito, os crentes devem conferir com seus pastores, muitas vezes, quanto ao estado de suas almas.

Leiam de novo a declaração acima e considerem as implicações. Se os senhores realmente desejam ter paz com Deus, atendam a Deus. Se quiserem ter paz interior, ouçam a própria consciência. Quanto a mim, estou decidido a tratar sobre estas coisas de modo claro, ainda que possa lhes parecer desagradável. Não me parece que alguém cujo coração esteja sinceramente dedicado a Deus deixaria de atender a tão grande dever, após tantos avisos e exortações. Não posso conceber que uma pessoa que tenha uma centelha de graça salvadora, que ame a Deus, e que tenha prazer em fazer a sua vontade tal como é próprio de todos aqueles que estão sendo santificados, oponha-se ou recuse-se a obedecer a uma ordem de Jesus. A não ser que ela esteja sob o poder da tentação, assim como ocorreu com Pedro, tanto na negação quanto na tentativa de dissuadir Jesus quanto aos sofrimentos preanunciados, ouvindo a repreensão: "Arreda, Satanás, pois consideras não as coisas de Deus, mas as dos homens".

Os ministros piedosos têm consciência do seu dever para com Deus

Os senhores, amados, foram duplamente consagrados para o serviço de Cristo: como *cristãos* e como *pastores.* Havendo lançado mão do arado, ousariam, depois, furtarem-se à sua obra? Vendo o trabalho de reforma parado e sabendo de suas obrigações, ousariam negligenciar os meios pelos quais a obra deve ser feita? Mostrariam o rosto diante de uma congregação cristã, como ministros do evangelho, e orariam por uma reforma, pela conversão e salvação de seus ouvintes, e pela prosperidade da Igreja, recusando-se a usar os meios pelos quais a obra tem de ser realizada? Sei que jamais faltarão palavras e razões à mente carnal para negar a verdade quando esta é desprezada. E mais fácil agir contra o dever do que cumpri-lo. Contudo, considerem o final antes de emitir seus próprios julgamentos. Os senhores crêem realmente que obterão aprovação à vista de tal negligência? Ou deverão prestar contas a Deus pela omissão. Conhecendo a graça de Deus, ouso dizer que todos os ministros piedosos de nossa terra têm consciência do

mandato e que se desincumbirão dele, exceto aqueles que, por algum acidente extraordinário, estejam incapacitados para realizado - ou sob tentação, como já mencionei. Não é sem esperança que tento persuadidos; na verdade, creio que, em parte, isto já ocorreu. Se há algum hipócrita preguiçoso, malicioso ou invejoso que ainda luta contra o método bíblico do pastoreio de almas, os demais não farão assim, mas aproveitarão a oportunidade e acederão às admoestações do Senhor. Dentro em breve Deus punirá os hipócritas e os fará saber, para tristeza deles, o que significa a falta de temor do Senhor. Ai daqueles que hão de prestar contas do sangue das almas sob seu cuidado! As razões contra o dever que aqui os satisfizeram não os satisfarão então, mas serão manifestos os efeitos de sua própria estultícia, pois eles procedem conforme a própria vontade corrompida e segundo interesses carnais. Na hora da morte, suas consciências não assumirão as razões que agora aparentam ter. Saberão, então, com tristeza, que, para a alma que parte, não há consolo à vista da negligência do dever como há para a plena consagração ao serviço do Senhor. Estou *certo de que minha defesa deste tipo de dever ministerial parecerá mais forte no final, na hora da morte, no dia do juízo, especialmente à luz da eternidade.*

Três pedidos especiais aos pastores da Igreja: a pregação deve ser reparada com seriedade e prudência; não se deve desprezar o exercício da disciplina; e a unidade da Igreja deve ser promovida na verdade.

1. Preguem com preparo, prudência e seriedade

Agora, irmãos, eu imploro em nome de Deus e por amor às almas dos filhos de Deus, que não negligenciem esta obra, mas trabalhem com vigor e com todas as forças do ser, sabedores de que esta é a sua grande e grave tarefa. Será preciso muita sensatez para administrar todas estas coisas. Estudem, portanto, tal como estudam para preparar seus sermões. Lembro-me de ter sido muito franco com alguns catequistas enviados a nossas igrejas pela última sessão do concílio, mas não me entristeço com isso, pois seu trabalho não foi efetivo senão em algumas de nossas congregações maiores. Tenho percebido que a vida do trabalho sob Deus reside no prudente e efetivo gerenciamento do ministério, no exame do coração dos homens, e em levar a verdade às suas consciências. O pastor mais capaz ainda se achará fraco - e poucos se acham preparados para realizar estas coisas. Temo que muitos dos pastores que pregam bem estejam pouco qualificados para este trabalho, especialmente no trato com os mais velhos, ou com ignorantes pecadores ou aqueles cujos corações estão mortos. Se os ministros não forem realmente

respeitados como homens de Deus, as congregações tenderão a desprezados e a competir com eles em vez de aprender em submissão à Palavra de Deus. Quanto mais farão em relação a homens despreparados? A obra, portanto, está posta sobre nós para realizada ou para veda retirada de nossas mãos. Levantemos e nos esforcemos com todo empenho!

Quando estiverem falando com seu povo, façam-no com prudência e seriedade, com a gravidade de quem fala de vida e morte; e vejam que suas vidas sejam coerentes com suas exortações públicas no púlpito. Mais uma vez, declaro que o trabalho com indivíduos é o mais satisfatório que já me propus a fazer, pois ali falo a indivíduos que foram informados na pregação pública, preparando-os para a vida e para tirar ainda mais do próximo sermão. Certamente os senhores também descobrirão o mesmo, se o fizerem com fidelidade.

2. **Exerçam a disciplina**

Meu *segundo* pedido aos ministros desta terra é que, final e prontamente, disponham-se unânimes à prática da *disciplina* da Igreja, a qual é, indubitavelmente, parte necessária de seu trabalho. Infelizmente, bons homens se acomodam e negligenciam tão grande dever. O clamor comum é: "Nosso povo não está pronto para isso; não suportarão a disciplina". Mas, de fato, não é verdadeiro que alguns pastores não querem sofrer os conflitos e os rancores que a disciplina poderia ocasionar? Se, na verdade, proclamarmos que nossas igrejas não são capazes de manter a ordem e o governo de Cristo, nada mais estaremos fazendo, senão entregar a causa aos que se nos opõem e encorajar as pessoas a procurar outras sociedades em que não sejam disciplinadas. Embora a pregação, os sacramentos e a disciplina, possam ser pospostos por breve período, até época mais propícia, dura coisa é aceitar a negligência constante por tantos anos, como temos feito, a não ser que creiamos que seja impossível realizar a obra. Se for este o caso, devido a nossa incapacidade material, seria razão para modificarmos nossa constituição a fim de selar a questão.

Tenho falado claramente a este respeito e espero que os senhores o considerem com boa consciência. Peço-lhes que, se quiserem prestar contas favoráveis ao Supremo Pastor, não sendo infiéis na casa de Deus, também não sejam remissos no zelo como se a disciplina fosse coisa desnecessária. Não negligenciem a exortação da disciplina, pois o problema da carne está ligado à sua omissão como triste sinal de hipocrisia. Os deveres mais custosos são, geralmente, os mais compensadores; podem estar certos de que Cristo já pagou e que suportará o preço.

3. Promovam unidade entre si mesmos e entre as igrejas de Cristo

Meu *último* pedido é que todos os fiéis ministros de Cristo, sem delongas, unam-se e associem-se para a promoção uns dos outros e da obra do Senhor, e para manter a unidade e a concórdia nas igrejas. Não negligenciem as reuniões fraternas nem as desperdicem sem nenhum proveito; antes, melhorem suas condições para a edificação da Igreja e para o desempenho efetivo da obra. Leiam a excelente carta de Edmund Grindal, arcebispo da Cantuária para a Rainha Elizabeth. Os senhores a encontrarão na *História da Igreja da Inglaterra,* de Fuller.

Irmãos, que os defeitos deste discurso sejam perdoados. Desejo sinceramente o sucesso de seus labores e peço a Deus que a cada dia os persuada dos deveres que tenho recomendado, preservando-os e fazendo-os prosperar na obra ministerial e contra toda sutileza e ira nefasta que tentem se nos opor ou impedir.

O indigno servo e colega
Richard Baxter.
15 de abril de 1656

NOTA INTRODUTÓRIA

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.

(At 20.28)

Diferente de Paulo, cuja exortação aos presbíteros de Éfeso comprova uma liderança formal, nós, hoje, falamos da parte do Senhor com grande liberdade, sem pretender tal governo. Ainda que ensinemos o povo com a autoridade de oficiais ordenados pelo próprio Senhor, ensinamos uns aos outros como irmãos de fé e de ofício. Se as pessoas sob nosso cuidado têm de ensinar, admoestar e exortar-se mutuamente a cada dia, sem dúvida os mestres podem fazer o mesmo em relação uns aos outros, sem diferença de poder ou grau.[33] Tal como nosso povo, todos nós temos pecados a mortificar e graças a despertar e fortalecer. Temos, entretanto, maior obra a realizar e maiores dificuldades a vencer do que eles, pois somos proporcionalmente mais necessitados de admoestação, despertamento e instrução. Creio que reuniões como estas que desenvolvemos deveriam ser mais freqüentes, se o nosso trabalho permitisse. Deveríamos tratar tão clara e intimamente uns com os outros, tal como o mais dedicado dentre nós trata o próprio rebanho, a menos que algumas das ovelhas precisem de duras admoestações e repreensões para que sejam sadias e vivas na fé. Tal era o parecer de Paulo. Não preciso de outra

[33] Observem, por exemplo, o que nos ensina o apóstolo Paulo em Colossenses 3.16: "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos *mutuamente* em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração" [Vejam também Rm 15.14; Hb 3.13; 1Ts 4.18; 5.11; Tg 5.16]. Em todos esses casos, a prática da instrução e do aconselhamento mútuos deve ser aprendida e exercitada por toda a Igreja. Os defensores dessa posição chamam este tipo de admoestação e aconselhamento mútuos de *noutético,* termo derivado da palavra *nouthesía* no grego, traduzida, em alguns casos, por *admoestação* ou derivados [N. do E.].

prova além desta exortação motivadora e tocante feita aos presbíteros de Éfeso. Sermão curto e prontamente apreendido! Se os bispos e mestres da Igreja aprendessem esta breve exortação, ainda que negligenciassem o volume de coisas que lhes tomam o tempo e os ajudam a obter aprovação do mundo, certamente seria melhor para a felicidade da Igreja e deles mesmos!

No desenvolvimento desta palestra, pretendo alcançar os seguintes objetivos:

- considerar o que significa atender por nós mesmos;
- demonstrar por que precisamos atender por nós mesmos;
- indagar o que significa atender por todo o rebanho;
- ilustrar a maneira como devemos atender por todo o rebanho;
- declarar alguns motivos pelos quais devemos atender por todo o rebanho;
- finalmente, fazer uma aplicação de todas estas coisas.

Primeira Parte

Atendendo por nós mesmos

CAPÍTULO 1

A NATUREZA DO CUIDADO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 1

A. Estejam atentos para que o trabalho da graça salvadora seja plenamente realizado em suas próprias almas.

B. Não se contentem com um aparente estado de graça, mas cuidem para que a graça se mantenha vigorosa e vital.

C. Tomem cuidado de si mesmos para que seu exemplo não contradiga a doutrina e, assim, vocês acabem sendo pedra de tropeço para os cegos.

D. Não vivam nos pecados contra os quais pregam aos outros, e não sejam culpados daquilo que condenam.

E. Finalmente, cuidem que não faltem as qualificações necessárias para o cumprimento da obra. As qualificações para aqueles que almejam o ministério devem ser levadas a sério, tanto por quem almeja a obra quanto por quem escolhe os pastores.

Consideremos aquilo a que devemos atentar em nós mesmos:

A. **Estejam atentos para que o trabalho da graça salvadora seja plenamente realizado em suas próprias almas.**

Atentem que não estejam vazios da mesma graça salvadora de Deus que oferecem a outros, alheios à operação efetiva do evangelho que pregam, para que, enquanto proclamam ao mundo a necessidade de um Salvador, seu próprio coração não seja negligenciado e acabem perdendo o interesse no próprio Senhor e em sua obra. Cuidem que não pereçam, morrendo de fome enquanto preparam o alimento para o povo.

A promessa de que aqueles que conduzem muitos à justiça seriam como estrelas fulgentes pressupõe que tais condutores já tenham sido feitos justos. Considerando de maneira simples, a sinceridade de sua fé é condição con-

tingente de sua glória, embora o labor ministerial contenha uma promessa de glória ainda maior. Muitos têm advertido a outros acerca do perigo de caminhar para o lugar de tormento enquanto eles mesmos correm para a perdição. Muitos pregadores que, inúmeras vezes, conclamaram os seus ouvintes a cuidarem diligentemente para fugir do inferno, hoje lá se encontram. Seria possível a alguém razoável imaginar que Deus o salve com base na sua obra de pregação a outros, enquanto recusa a salvação para si mesmo e enquanto profere a verdade que ele próprio negligencia e abusa? Há alfaiates que, costurando roupas finas para outros, andam eles mesmos maltrapilhos. Há cozinheiros que sequer lambem os dedos enquanto servem os mais ricos pratos. Acreditem, irmãos, Deus jamais salvou um pregador com base no seu trabalho ou por causa de sua habilidade na pregação, mas sim com base na obra de justificação e santificação de Cristo, em cuja graça o cristão permanece fiel. Portanto, cuidem que suas vidas sejam coerentes com aquilo de que desejam convencer os seus ouvintes; creiam nas coisas sobre as quais desejam persuadir a outros; e acolham ardorosamente o Salvador ao qual se propõem oferecer. Aquele que ordena que nos amemos uns aos outros como a nós mesmos deixa claro que não deveríamos competir entre nós e nos destruirmos mutuamente.

> Baxter lembra que o perigo em que incorrem os que pregam sem serem verdadeiramente regenerados constitui-se em algo grave diante de Deus. Eles serão cobrados ao final de tudo e deverão apresentar ao Senhor os frutos do seu ministério.

Ser um professor não-santificado já é uma grande temeridade; mas, pior ainda, é ser um pregador não-santificado. Os senhores não temem que, ao abrir a Bíblia, leiam a sua própria sentença de morte? Não temem que, ao preparar o sermão, estejam escrevendo a acusação de sua própria alma? Quando argumentam contra um pecado, acaso não fazem aumentar a gravidade de sua própria condição? A proclamação das insondáveis riquezas de Cristo e sua graça não anuncia sua própria iniqüidade, caso a rejeitem e evitem? Como os senhores poderão persuadir os homens a aceitar Cristo, conduzi-los do mundo para uma vida de fé e santidade, se eles mesmos, despertada a consciência, discernirão também a confusão interior de quem lhes fala? Muitos, ao falar do inferno, falam da própria herança; ao descrever as alegrias do céu, descrevem a própria miséria, pois não têm direito à "herança dos santos em luz". O que poderá ser dito que não seja contra a própria alma?

Ah! Miserável vida a de um pastor que estuda e prega contra si mesmo, gastando o dia em autocondenação! O homem desprovido da graça e inexperiente

na fé é uma das criaturas mais infelizes sobre a terra. É insensível quanto à própria infelicidade, pois apresenta valores parecidos com o ouro da graça salvadora e pedras que se assemelham às jóias cristãs, raramente se preocupando com a própria pobreza. Diz: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma", sem saber que é "infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu".[34] Conhece as Escrituras, conhece os deveres santos, não vive em pecado ignóbil e descarado, serve o altar de Deus, repreende as faltas dos outros, e prega a santidade de coração e vida - como poderia tal homem não ser santo? Que miséria, perecer no meio da fartura! - Morrer de fome, tendo às mãos e oferecendo aos outros o pão da vida. Manter uma ilusão, quando as ordenanças divinas deveriam ser os meios para nosso próprio convencimento e salvação. Exibir a outros o espelho do evangelho para que vejam o rosto de suas almas, e, quanto a si mesmo, retirar os olhos e esquecer-se da própria aparência! Tal homem deveria aceitar o meu conselho e prestar contas de seu coração e de sua vida ao Senhor. Deveria pregar para si mesmo antes de pregar aos outros. Deveria considerar sobre o alimento que não lhe vai da boca para o estômago. Perguntar a si mesmo se aquele que chama pelo nome de Cristo não deveria apartar-se da iniqüidade; se Deus ouve as orações de quem contempla a vaidade em seu coração. De que servirá dizer no dia de juízo: "Porventura, não temos nós profetizado em teu nome...", e ouvir as terríveis palavras:".. .nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade".[35] Que consolo haverá para Judas quando, no seu lugar, lembrar que pregava com os demais apóstolos, assentava-se ao lado de Cristo e o chamava de "amigo"?

A conversão, ensina Baxter, é a primeira etapa para se começar qualquer desejo de ensinar seriamente a Palavra de Deus e de instruir o povo. Ninguém que não seja regenerado pode assumir este ministério. Os que o assumem sem serem crentes verdadeiros chamam para si a própria condenação.

Quando tais pensamentos tiverem entrado em sua alma e trabalhado em sua consciência, sugiro que procurem suas congregações e preguem o sermão de Orígenes sobre Salmos 50.16,17: "Mas ao ímpio diz Deus: De que te serve repetires os meus preceitos e teres nos lábios a minha aliança, uma vez que aborreces a disciplina e rejeitas as minhas palavras?". Exponham o texto e apliquem-no em lágrimas; confessem livre e plenamente o pecado, lamentando a incredulidade e a infidelidade diante da congregação; peçam, em oração sincera, o perdão e

[34] Salmo 66.18; Apocalipse 3.17 [N. doE.].

[35] Mateus7.23 [N. doE.].

a graça renovadora para que, doravante, possam pregar um Salvador a quem conhecem — sintam o que falam e recomendem as riquezas do evangelho que agora conhecem de experiência própria.

Infelizmente, a existência de pastores não-regenerados e inexperientes é um perigo e uma desgraça comum na Igreja. Há homens que se tornam pregadores antes de se tornarem cristãos, consagrados ao ministério de Deus antes de terem sido santificados e de terem os corações consagrados ao discipulado de Cristo. Tais homens adoram um Deus que desconhecem e pregam um Cristo a quem não seguem; oram por meio de um Espírito que não lhes testifica a hliação e recomendam um estado de santidade e comunhão com Deus, glória e felicidade, que igualmente não experimentam - e que talvez jamais conhecerão.

Aquele que não possui no coração a graça nem o Cristo a quem prega será sempre um pregador sem coração. Se nossos alunos nos seminários apenas considerassem tal coisa! Fazem mal a si mesmos, aplicam tempo tentando obter conhecimento das obras de Deus e de alguns termos especiais, sem se aplicarem ao conhecimento do próprio Deus para o exaltar e, assim, conhecer a singularidade da obra que realmente renova e satisfaz. Há alguns que vão à roda em vãs exibições, passando a vida como quem sonha sonhos vãos, que promovem nomes e novidades, mas permanecem estranhos a Deus e à vida dos santos. Se tais homens forem despertados pela graça salvadora, cogitarão de assuntos tão mais sérios do que suas arengas prévias não-santificadas, que confessarão ter vivido antes apenas em sonhos.

Criam um mundo de ilusão religiosa, enquanto permanecem alheios a Deus, o qual é o ser primeiro, necessário, independente e tudo em todos. Nada poderá ser conhecido, se Deus não for conhecido primeiro; nenhum estudo será bem feito, se Deus não for estudado. Conheceremos pouco sobre a criatura, até que conheçamos como ela se relaciona com o Criador: letras e sílabas avulsas nada mais são do que falta de senso. E necessário conhecer o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, para que alguma coisa seja realmente conhecida. Toda criatura, tal como se encontra em pecado, é apenas sílaba quebrada; não tem significado à parte de Deus. Separada de Deus, a pessoa experimenta a existência numa esfera de morte. Quando, em nossa imaginação, separamos as pessoas de Deus, reduzimo-las a nada. Uma coisa é conhecer as criaturas como a cultura secular as percebe, e outra, bem diferente, é conhecê-las sob os olhos de C ris to. Só UJÍIXI istão p< K] ç rá. ler uma linha de um tratado de física e entendê-la corretamente. O estudo da criação sob o olho crítico da Palavra de Deus poderá ser elevado e excelente; mas, aos olhos da filosofia e ciência humana, apenas nos dará a conhecer uma parte decaída, pequena, fragmentada e reversa.

Para o primeiro homem, criado perfeito e colocado num mundo perfeito em que as coisas existiam em perfeita harmonia com o Criador, toda a criação era um livro no qual ele podia ler a natureza e a vontade do grande Criador. Todas as criaturas portavam o nome de Deus gravado de maneira tão legível que até mesmo correndo o homem poderia **ledo.** Bastava abrir os olhos para ler algum aspecto da glória do Criador, ainda que não fosse descrita com a clareza e a plenitude da imagem de Deus inscrita em si mesmo. Sua tarefa era a de estudar o livro da natureza, e, primeiramente, a si mesmo. Se houvesse a possibilidade de ter seguido tal curso, sem pecar, o ser humano teria continuado a aumentar seu conhecimento de Deus e de si mesmo.

Entretanto, quando tentou conhecer e amar a criatura e a si mesmo, isolado de Deus, o homem perdeu o conhecimento tanto da criatura quando do Criador - pelo menos, no sentido bendito e significante da palavra *conhecimento.* Em vez disso, à parte de Deus, o homem obteve um tipo infeliz de conhecimento, afeito a idéias vazias e fantásticas sobre criatura e sobre si mesmo. Aquele que vivia para o Criador passou, então, a viver para si mesmo e para as demais criaturas. "Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade. Com efeito, passa o homem como uma sombra; em vão se inquieta; amontoa tesouros e não sabe quem os levará" (SI 39.5,6).

Devo observar que Deus não se despojou da relação de Criador ao se tornar Redentor nem abdicou do direito de propriedade sobre suas criaturas. Antes, a obra redentora permanece subordinada ao seu governo sobre toda a criação, e a lei do Redentor se submete à lei do Criador. Assim também, nossos deveres para com o Deus Criador não cessaram, e os deveres devidos ao Redentor sãodhes igualmente subordinados. A obra de Cristo é a de nos levar de volta a Deus, restaurando a perfeição da santidade e obediência. Tal como ele é o caminho para o Pai, a fé é o caminho para a graça, para nosso envolvimento e gozo com Deus.

Espero que os senhores percebam qual seja o meu objetivo em tudo isto: o trabalho do homem em seu estado de retidão era o de amar a Deus e comungar com ele, de **vedo** em suas criaturas e de amadas. Este é ainda hoje o nosso dever. E a obra de Cristo é a de nos trazer de volta a tal obediência, mediante a fé. Portanto, os homens mais santos são mais excelentes estudantes das santas obras de Deus - obras que somente os santos podem estudar e conhecer. Grandes são as suas obras, buscadas pelos que têm nelas seu prazer [SI 111.2] - não para si mesmos, mas para aquele que as criou. Não vale a pena se aplicar ao estudo da física e de outras ciências, se Deus não for o ponto de referência de todas as coisas. Ver e admirar, reverenciar e adorar, amar e ter prazer em Deus, conforme demonstrado em suas obras - essa é a verdadeira e única filosofia. O contrário é mera imprudência, assim chamada pelo próprio Deus. Esta é a santificação dos seus estudos: quando eles são dedicados a Deus e quando ele é o fim, o objetivo e a vida em relação a todos e a cada um deles.

Deus deve ser conhecido antes de qualquer outra coisa, sustenta Baxter, pois a sua revelação – tanto na Palavra quanto na própria criação – mostra quem ele é e desnuda todas as coisas, de modo que o que conhecemos é aquilo que ele mesmo nos revelou. E nenhuma coisa pode ser conhecida fora de Deus, pois foi ele quem criou todas as coisas e as dirige.

Nesse sentido, há algo incidental sobre o que lhes devo falar (Perdoem a censura vinda de alguém tão indigno quanto eu, mas que vê a necessidade da admoestação.). Refiro-me ao grande erro, e de perigosas conseqüências, nas escolas cristãs, de estudar a criatura antes de conhecer o Redentor; de aplicar esforço no estudo de física, matemática e metafísica, antes de obter uma formação teológica essencial. Qualquer que não possua um conhecimento sábio de teologia será incapaz de ser mais do que um estulto no estudo da filosofia. A teologia tem de ser o fundamento necessário de todos os nossos estudos. Se for verdadeiro que temos de buscar o seu conhecimento para obter conhecimento da criatura - e não podemos assumir conhecimento separado dele - os mestres precisariam "ler" todas as coisas da perspectiva de Deus e demonstrá-lo em tudo a seus alunos. O ser de Deus deve ser o começo, o meio, o fim, a vida, e a totalidade dos estudos. Nossa física e metafísica deveriam se referir à teologia; a natureza deveria ser lida como um dos livros de Deus, propositalmente escrito para sua própria revelação. As Escrituras Sagradas são os óculos para talleitura.[36] Quando aprendemos primeiro de Deus e sobre sua vontade quanto àquilo que é mais necessário, então podemos facilmente nos dedicar ao estudo de suas obras e "ler" toda criatura em termos de uma cosmovisão cristã.[37] Se não perceberem a si mesmos como seres que vivem,

[36] "Exatamente como *se dá com* pessoas idosas, ou enfermas dos olhos, e tantos quantos sofram de visão embaraçada, se puseres diante delas mesmo um vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, contudo mal poderão ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma distinta. Assim, a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus que de outra sorte seria confuso, dissipada a escuridão, nos mostra em diáfana clareza o Deus verdadeiro" [Calvino, João. As *Institutas.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág.71] [N. doE.].

[37] Segundo AlbertM. Wolters, o termo cosmovisão provém do alemão *Weltanschauung* e significa, basicamente, "a estrutura abrangente de uma pessoa sobre as coisas", ou a sua "perspectiva sobre as crenças básicas". A cosmovisão, na verdade, define quem somos. Cada ação que praticamos deriva da maneira como vemos o mundo. Neste sentido, a cosmovisão molda a valorização que damos às circunstâncias do dia-a-dia e afeta as decisões que temos de tomar. Ao nos referirmos à cosmovisão cristã, portanto, devemos entender a maneira como Deus vê as coisas, conforme as criou, e o modo pelo qual nós, então, devemos vê-las, a partir da revelação do próprio Deus. Desse modo, viver numa cosmovisão cristã é ver o mundo, significativa e decisivamente, à luz das Escrituras Sagradas,

se movem, respiram e habitam em Deus, os senhores estarão somente observando a aparência das coisas, sem nada realmente ver. Se, no estudo da criatura, não crerem que Deus é o ponto focal do conhecimento, isto é, que "Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste" (Cl 1.16a, 17); eque "dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas" (Rm 11.16), então, certamente, apenas julgam saber alguma coisa: "Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber" (ICo 8.1). Não pensem sobre as ciências e obras de Deus como se fossem apenas estudos preparatórios para meninos. Faz parte elevada e nobre da santidade a tarefa de buscar, contemplar, admirar e amar o Criador em todas as suas obras. Os santos de Deus têm se dedicado a tal nobre e santo exercício. Considerem os livros de Jó e Salmos, os quais nos mostram que a ciência não é tão estranha à teologia quanto poderíamos supor.

Baxter defende que a principal tarefa dos mestres é fazer conhecidas as doutrinas da salvação. É preciso que haja preparação e zelo neste serviço. O estudo da Palavra deve ser prioridade tanto para sua vida pessoal quanto para o ensino público e particular.

Proponho a todo professor piedoso - em face do zelo cristão, para o bem da Igreja e o sucesso no trabalho necessário - que leia diligentemente para seus alunos, ou peça-lhes que leiam, as principais obras dos estudos teológicos práticos (e não há teologia que não seja prática) tanto quanto qualquer outra ciência. Aonde chegariam se fosse assim desde o início? É bom que os alunos ouçam sermões, mas isto apenas não basta. Os mestres deverão assumir que sua tarefa principal é fazer conhecidas as doutrinas da salvação. Deverão firmá-las no coração dos alunos com todo o peso que elas têm, tocando-lhes o coração e a cabeça, e prosseguir daí para o restante de instrução. Dessa maneira, os mestres demonstrarão fidelidade a Deus e desenvolverão o ensino do conhecimento *ín habítu theologíco* - para felicidade da nação e da Igreja. Entretanto, a cultura secular ocupa todo o tempo do ensino e, em vez de ler a filosofia como teólogos, os alunos aprender a ler a teologia como se fossem filósofos, isto é, como se a matéria não fosse mais do que uma lição de música ou aritmética e não a florescente doutrina da vida eterna. Tal tipo de ensino estraga os botões de flores antes que floresçam e empesteia a Igreja de mestres não-santificados! Eis porque temos tantos pregadores mundanos a apregoar uma felicidade invisível e tantos homens carnais a declarar os mistérios

padrão infalível e inerrante de fé [Vd. Wolters, Albert M. A *Criação Restaurada:* base bíblica para uma cosmovisão reformada. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.] [N. do E.].

do Espírito, e até mesmo (não gosto de admitir) tantos infiéis pregando Cristo e tantos ateus anunciando o Deus vivo. Quando alunos aprendem filosofia antes de ou sem a fé verdadeira, não é de surpreender que seu conhecimento seja somente uma ciência da religião!

Aproveitem a juventude de seus alunos para lhes ensinar a verdade, exorta Baxter.

Portanto, dirijo-me aos senhores, que têm a responsabilidade da educação dos jovens, especialmente quanto ao preparo para o ministério. Os senhores, que são professores e tutores, comecem e terminem todas as coisas em referência a Deus. Falem diariamente ao coração dos alunos sobre as coisas que devem ser trabalhadas no coração, ou eles jamais desabrocharão como obreiros aprovados. Saiam de suas bocas palavras penetrantes sobre Deus, sobre o estado das almas dos alunos e sobre a vida no porvir! Não desprezem a mocidade de seus alunos, dizendo que são muito novos para entender as coisas de Deus - os senhores não imaginam que impressões eles já possuem. Não apenas as almas dos alunos, mas também muitas outras almas, terão razões para bendizer a Deus pelo zelo e diligência de bons mestres, e, até mesmo, por uma palavra dita no tempo certo. Os pastores-mestres têm uma grande vantagem sobre as outras pessoas para fazer o bem na vida dos alunos: eles estão em suas mãos antes de amadurecerem, e os ouvirão ainda que não ouçam a mais ninguém. Se forem chamados para o ministério, os senhores os estarão preparando para o serviço especial de Deus. Não precisariam eles conhecer primeiro aquele a quem servirão? Imaginem a tristeza que será para as próprias almas e o mal que será para a Igreja de Deus, se tais alunos deixarem as aulas com os corações frios e carnais, para realizar uma obra tão grande e santa e espiritual! Quantos dos nossos alunos de seminários são realmente sérios, experientes e piedosos? Se, porventura, a metade deles for enviada para uma obra da qual são indignos, que trabalho cruel será para a Igreja e para o país! No entanto, se os senhores forem os instrumentos de sua conversão e santificação, quantas pessoas serão gratas a Deus por suas vidas! E que bem maior os senhores poderiam fazer pela Igreja?

Uma vez que seus corações estejam tocados *redentivamente* com a doutrina que seus professores estudam e pregam, os alunos a estudarão com mais afinco e pregarão com maior fidelidade. A própria experiência os dirigirá aos assuntos mais próprios, dando-lhes consistência e vivificando-os para que levem a Palavra à consciência de seus ouvintes. Certifiquem-se, portanto, de que seu trabalho não contribua para os lamentos da Igreja nem para o tormento das almas.

B. Não secontentem com um aparente estado de graça, mas cuidem paraque a graça se mantenha vigorosa evitai.

Preguem para si mesmos os sermões que estudam, antes de pregar a outros. Tal prática será para seu próprio bem e jamais será trabalho perdido; entretanto, eu falo sobre a responsabilidade ministerial, isto é, que isso seja feito também para o bem da Igreja. Quando suas mentes se acertarem em santificação e paz, suas congregações participarão dos frutos do seu crescimento. Suas orações, seu louvor e doutrina lhes serão como delícias celestiais. Seus ouvintes perceberão que os senhores estiveram com Deus; aquilo que estiver em seus corações estará nos ouvidos deles.

Baxter compara os pastores são como amas-de-leite dos pequeninos de Cristo. Eles devem alimentá-los com a Palavra de Deus, onde Cristo é revelado em todos as suas perfeições.

Confesso que digo estas coisas em função de lamentável experiência pessoal, pois eu mesmo exponho ao meu rebanho os destemperos de minha própria alma. Quando meu coração está frio, minha pregação é fria; quando estou confuso, minha pregação é confusa. Sei também, por intermédio dos melhores de meus ouvintes, que quando minha pregação é fria, eles se esfriam, e as orações que deles ouço são bem parecidas com minha pregação. Somos como amas-de-leite dos pequeninos de Cristo. Se deixarmos de nos alimentar, eles também ficarão famintos, e tal será visto em sua fraqueza e no desempenho dos deveres rotineiros. Se nosso amor diminuir, não seremos capazes de despertar o amor das ovelhas. Se os santos cuidados e temores forem negligenciados, a pregação revelará abatimento; e se tal não for aparente no conteúdo da mensagem, certamente o será no modo de entregá-la e de vivenciá-la. Se nos alimentarmos mal, de erros ou controvérsias infrutíferas, nossos ouvintes também não serão saudáveis. No entanto, se abundarem fé e amor e zelo, tais graças transbordarão e restaurarão nossas congregações.

Portanto, irmãos, cuidem de seus próprios corações, livrando-os de paixões, desejos malignos e inclinações mundanas; mantenham a vida de fé e amor e zelo; habitem em Deus e com seus ouvintes. Se a tarefa de examinar o próprio coração, de subjugar a corrupção e de andar com Deus, não for uma luta diária, se não for uma obra constante em sua vida, os senhores jamais poderão experimentar a bênção dos céus. Acima de tudo, permaneçam em oração e meditação secreta, de onde vem o fogo celeste que consome os sacrifícios: lembrem-se de não negligenciar o dever para com o próprio coração, ou muitos ouvintes também serão prejudicados. Por amor do seu povo, examinem seus próprios corações. Se uma

única centelha de orgulho espiritual lhes sobrevier, fazendo-os cair no perigoso erro de utilizar objetivos e estratégias de suas próprias invenções que desviem os discípulos, os senhores produzirão grandes feridas nas igrejas sob seu cuidado - e serão como pragas em vez de bênçãos. Elas desejarão jamais terem visto seus rostos. Assim, cuidem de seus juízos e afetos. A vaidade e o erro se insinuam lentamente, sob falsas pretensões: grandes apostasias geralmente começam com pequenos desvios. O príncipe das trevas, muitas vezes, se apresenta como anjo de luz, para levar os filhos da luz para as trevas. Como é fácil que o erro envolva nossos afetos e substitua o primeiro amor, abatendo-nos o temor e o cuidado. Por isso, tenham cuidado de si mesmos e dos que foram entregues ao seu cuidado.

Além de um curso geral de vigilância em relação a objetivos, materiais e métodos, creio que os pastores deveriam tomar cuidado especial com seus corações, antes de se apresentarem à congregação. Se forem frios, como aquecerão os corações dos ouvintes? Busquem especificamente em Deus o suprimento para a vida; além da Bíblia, leiam um livro realmente estimulante, meditem em oração sobre o peso do assunto de que tratarão e sobre a grande necessidade das almas de seu povo, para que os senhores cheguem à casa de Deus envoltos no seu zelo. Mantenham sua vida cheia da graça, de tal maneira que isso seja aparente no púlpito e que aqueça os corações dos que vieram frios para o culto.

C. Tomem cuidado de si mesmos para que seu exemplo não contradiga a doutrina e, assim, vocês acabem sendo pedra de tropeço para os cegos.

Não desmintam com a vida aquilo que dizem com a língua, pois este é o maior empecilho para o sucesso verdadeiro do seu trabalho. É grande impedimento à obra quando homens, durante a semana inteira e em privado, contradizem aquilo que pregamos publicamente da Palavra de Deus, pois não estamos ali para expor e conter sua loucura. Entretanto, maior impedimento há quando seus atos e atitudes contradizem sua língua. Se os senhores edificam com a boca durante uma hora ou duas horas em um ou dois dias, veja que não destruam tudo com as próprias mãos durante o restante da semana. Tal atitude incoerente faz que as pessoas percebam a Palavra de Deus como sendo apenas uma lenda inócua, faz da pregação nada mais que uma arenga sem sentido. Quem diz o que quer certamente fará o que diz. Uma palavra orgulhosa, altiva, contenciosa ou um ato cobiçoso corta o tronco de muito sermão e estraga os frutos de toda uma colheita. Pergunto, pois, se, no temor de Deus, é importante ou não o verdadeiro sucesso do seu trabalho? Os senhores desejam ver a alma do seu ouvinte transformada? Caso contrário, por que pregar? Para que estudar? Como poderão chamar a si mesmos

de ministros de Cristo? Mas, se o estado da alma de seus ouvintes for mesmo importante, certamente os senhores não desejarão estragar a obra em troca de nada. Consideram o sucesso da obra, mas não estão dispostos a abrir mão de um pouco para os pobres? Não suportam a injúria, a palavra mal-usada? Não se humilham diante do mais fraco nem abrem mão de sua posição senhoril para ganhar uma alma e cumprir sua missão? Os senhores não estão dispostos a ceder? Valorizam tão pouco o sucesso verdadeiro que o vendem a preço de sucesso pessoal?

A incoerência entre vida e pregação é um erro tangível na experiência de muitos pastores. Estudam para pregar com exatidão, mas não estudam para viver com retidão. A semana toda é pouca para estudar como falar por uma ou duas horas; no entanto, uma hora parece muita coisa para estudar sobre como viver durante a semana. Não querem usar uma palavra errada no sermão ou ser culpados de algum erro de referência (o que é louvável, dado o peso e a santidade da questão), mas não pensam sobre as afeições desordenadas e sobre as palavras e atos errados no decurso da vida. Alguns homens pregam com esmero e vivem com displicência. Mostram-se tão acurados no preparo do sermão, que fazem parecer uma virtude o pregar pouco a fim de melhor polir a linguagem de seus raros sermões, citando escritores eloqüentes para adornar seu estilo (para os quais o principal ornamento é o louvor de si mesmo). São exigentes quanto aos sermões que ouvem e não lhes agrada quando alguém fala com sinceridade; antes, preferem o tédio e o abafamento dos afetos, suprimindo o coração em função de uma mente apenas brilhante. Entretanto, quanto às questões do dia-a-dia, uma vez fora da igreja, tais homens não têm cuidado com o que dizem. Pregam com precisão e vivem na imprecisão. Que diferença há entre sua pregação e seu discurso diário! No sermão, não têm paciência com nenhum barbarismo, solecismo ou paralogismo[38], mas toleram todo tipo de erro na vida e na conversa comum.

Certamente temos de tomar cuidado tanto com o que fazemos quanto com o que dizemos. Se quisermos ser servos de Cristo, não o podemos ser apenas com os lábios, mas com obras: "não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar" (Tg 1.25b). Assim como nossos ouvintes, nós também temos de ser "praticantes da palavra e não somente ouvintes" (Tg 1.22), a menos que estejamos enganando a nós mesmos. Temos de pregar doutrina e prática, ou melhor, a praticidade da doutrina. Temos de estudar tanto como *viver* bem quanto como *pregar* bem. Temos de pensar e repensar sobre como compor a vida de maneira a tratar da salvação dos homens não apenas nos sermões. Geralmente, quando se preparam para falar às suas congregações, os senhores se perguntam: "O

[38] Barbarismo é o uso de palavras estrangeiras, solecismo é um erro gramatical e paralogismo é um raciocínio falho

que direi para alcançar as pessoas?". Se realmente se importam com suas almas, deveriam perguntar também: "Como viverei, como disporei minha vida de maneira coerente com o que prego, a fim de ser diligente na salvação das almas?". Irmãos, se a salvação das almas for realmente a sua missão para a glória de Deus, certamente desejarão realizá-la tanto no púlpito quanto fora dele. Empregarão todos os esforços para alcançar o alvo de Cristo. Indagarão a si mesmos tanto em relação ao dinheiro do bolso quanto em relação às palavras da boca: "Como entregarei tudo isso para o maior bem, em especial pelas almas dos homens?". Ah! Se este fosse o seu esforço diário - como usar para a glória de Deus as riquezas, as amizades e tudo mais que possuem, da mesma maneira como desejam empregar a língua - então veríamos o fruto do trabalho como nunca vimos. Entretanto, se os senhores apenas almejam o ministério do púlpito, não serão ministros exceto quando estiverem pregando. Nesse caso, não serão dignos do respeito devido aos ministros de Cristo.

Sejam "zelosos de boas obras"[Tt. 2.14]. Não economizem na promoção da obra do Mestre, mantendo a inocência e andando sem ofensas, bem como sendo abundantes no ministério e na beneficência.

1. Mantenham a inocência e andem sem ofensa.

Que suas vidas condenem o pecado e persuadam os homens ao dever. Teriam as pessoas maior cuidado com suas próprias almas do que os senhores com as suas? Se quiserem que elas redimam o tempo, não gastem mal o seu próprio. Se não quiserem que suas palavras sejam vãs, verifiquem que falem apenas as coisas que edificam, "transmitindo graça aos que ouvem". Se desejarem que as pessoas tenham boa vida familiar, governem bem suas famílias. Se quiserem que sejam humildes, não sejam orgulhosos ou prepotentes. Não existem virtudes que façam mais para tirar o preconceito dos homens do que as do exemplo de humildade, mansidão e domínio próprio. Perdoem as injúrias e não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem. Façam como nosso Senhor que, "quando ultrajado, não revidava com ultraje". Se os pecadores forem obstinados, duros e contenciosos, o sangue e a carne poderão persuadi-los a assumir as mesmas armas e a vencê-los por meios igualmente carnais. Entretanto, este não será o caminho adequado (exceto no que diz respeito à autopreservação ou bem público). Vençam-nos com bondade, paciência e mansidão. Os meios carnais poderão, até mesmo, demonstrar que os senhores têm maior poder mundano (ainda que, geralmente, os fiéis tenham dificuldades para usá-los), mas somente nas armas da

bondade e mansidão é que reside a excelência espiritual. Se realmente crêem que Cristo é mais digno de imitação do que Alexandre ou César, e que há maior glória em ser cristão do que ser conquistador, lutem com amor e não com violência. Coloquem a mansidão, o amor e a paciência contra a força e não força contra força. Lembrem-se de que temos obrigação de servir a todos. "Condescendei com o que é humilde"[Rm 12.16]. Não sejam alheios aos pobres do seu rebanho, pois eles poderão entender seu afastamento como sinal de desprezo. A amabilidade exercida com motivos santos produz abundante bem. Não falem de maneira áspera com ninguém; sejam corteses, até mesmo com o homem mais embrutecido, como alguém igual em Cristo. Portar-se com bondade é uma forma econômica de fazer o bem.

2. **Imploro-lhes que sejam abundantes em boas obras e beneficência.**

Procurem os pobres e conheçam suas necessidades; mostrem compaixão em relação à sua alma e aos seus corpos. Comprem-lhes um catecismo e outros pequenos livros que lhes façam bem e peçam-lhes que prometam ler com cuidado e atenção. Abram seus bolsos ao máximo e façam todo o bem que puderem. Não se concentrem em riquezas mundanas nem busquem grandes coisas para si mesmos e para seus descendentes. Caso empobreçam por fazer o bem, terá sido ganho ou perda? Se os senhores realmente crêem que Deus é o provedor do sustento, e que gastar no seu serviço é o maior investimento, ajam com base no que crêem. Sei que sangue e carne lutarão para manter sua presa e não desejarão que algo seja dito contra seus interesses; no entanto, gravem bem o que digo (e que o Senhor o inculque em seus corações): se alguém tiver no mundo alguma coisa tão preciosa que não possa entregá-la a Cristo, tal pessoa não será verdadeiramente cristã. Digo mais: um coração carnal - que não acredita que Cristo poderá pedir algo que ele não esteja disposto a entregar - a si mesmo se engana, pois não se dispõe a gastar em favor de Cristo exatamente aquilo que tem de ser gasto, isto é, tudo - e não será verdadeiramente crente. Um coração falso corrompe o entendimento e alimenta as próprias ilusões. Não pretendam fazer amigos com as riquezas deste mundo, mas ajuntem tesouros de justiça, ainda que lhes sobre pouco na terra. Fazendo-se pobre na terra, nada perderão no céu. Na caminhada, quanto mais leves, melhor caminhamos.

Meras palavras não conseguirão arrancar o dinheiro das mãos do homem de coração carnal e avarento. Falem quanto quiserem. Falar é uma coisa, mas crer é outra. Entretanto, as palavras da verdade prevalecem no coração dos crentes. Que abundância de bem teriam os ministros, se desprezassem o mundo, suas

riquezas e glórias, e aplicassem tudo o que têm no serviço do Mestre, constrangendo a carne para ter com que fazer o bem! Tal generosidade faria mais em termos de abrir os corações para receber a doutrina do que toda oratória existente. Sem generosidade, a singularidade da fé parecerá hipocrisia. "Quem pratica a generosidade ora ao Senhor; quem arrebata um homem do perigo oferece rico sacrifício; tais são os nossos sacrifícios santos para com Deus. E mais consagrado entre nós quem é menos consciente de si mesmo", disse Minucius Felix.[39] Não precisamos fazer como aqueles que entregam suas propriedades e se retiram para os monastérios - e, no entanto, nada devemos possuir exceto aquilo que temos em mãos para zelar como mordomos de Deus.

D. Não vivam nos pecados contra os quais pregam aos outros, e não sejam culpados daquilo que condenam.

Realizem a obra de glorificar a Deus e, quando o tiverem feito, não o desonrem como os demais. Proclamariam os senhores o poder e a autoridade de Cristo sendo, contudo, rebeldes? Pregariam as suas leis e propositadamente as quebrariam? Se o pecado é mau, por que viver nele? Se não é, por que dissuadir os homens de sua prática? Se o pecado é perigoso, como ousam se aventurar nele? Se não é, por que falar dele aos homens? Se as admoestações de Deus são verdadeiras, por que não temer o pecado? Se não são, por que atribular o coração dos homens sem justa causa? Os senhores conhecem "a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam" e "não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem"? "Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?" (Rm 1.32; 2.21-23). Como poderia a mesma língua falar contra o pecado e, ao mesmo tempo, pecar? Poderiam os lábios que maldizem, caluniam e ferem ao próximo

[39] Minucius Felix foi um advogado do período pré-nicênico, cuja obra *Octavius* (século 2° ou 3 d.C.) é considerada como a primeira defesa cristã escrita em latim. Entretanto, não se sabe ao certo se ele é anterior a Tertuliano. M. Felix é de origem norte-africana e converteu-se ao Cristianismo já no final de sua vida. A obra *Octavius é* um escrito apologético, cujo fim principal é defender o Cristianismo, e é escrita em forma de diálogo, que apresenta uma conversa entre três amigos, numa praia próxima a Roma: *Cecílio,* um pagão, e dois cristãos: o narrador e o amigo comum, *Otávio.* Cecílio era um cético, ou seja, entendia não ser possível o conhecimento da verdade. Otávio, então, temo objetivo de convencer o amigo de que a verdade é possível no Cristianismo [N. do E.].

denunciar estas mesmas coisas? Cuidem que não denunciem o pecado sem que o tenham vencido em sua própria vida, para que, ao tentar tirado dos outros, os senhores mesmos não se tornem escravos dele. Somos servos daquele a quem nos entregamos como servos, quer do pecado e da morte quer da obediência para a justiça [Rm 6.16]. Irmãos, é mais fácil repreender o pecado do que vencêdo.

E. Finalmente, cuidem que não faltem as qualificações necessárias para o cumprimento da obra. As qualificações para aqueles que almejam o ministério devem ser levadas asério, tanto por quem almejaaobraquanto por quem escolhe os pastores.

Não é possível, a um menino no entendimento, ensinar aos homens todas as coisas misteriosas necessárias para o conhecimento da salvação. Há muitas qualificações necessárias para a pessoa que tem a responsabilidade que nós temos! Quantas dificuldades teológicas a serem resolvidas sobre os princípios fundamentais da religião! Quantos textos obscuros da Escritura a ser expostos! Quantos deveres há em que nós mesmos e outros poderemos errar, se não no conteúdo, pelo menos na maneira de expor, caso não estejamos bem informados! Quantos pecados há que, sem entendimento e percepção, não poderão ser evitados! Quantas tentações sutis há para as quais precisamos abrir aos olhos de nosso povo, a fim de que fujam delas! Quantos pesados casos de consciência há para serem resolvidos diariamente! Poderia, tal tipo de trabalho, ser feito por homens sem as qualificações divinas?

Há fortes domínios a serem atacados, e deveríamos esperar resistência sutil e obstinada da parte de cada coração com que lidamos. Preconceitos sem conta bloqueiam nosso caminho, tornando difícil produzir ouvintes pacientes. Sequer conseguimos penetrar as esperanças vãs e a paz carnal que eles entretém no coração cheio de meios e razões para reincidir no pecado. Temos de tratar com crianças que não nos entendem. Temos de argumentar com homens despercebidos das coisas espirituais, os quais nos replicam com falta de senso. Temos de arrazoar com um povo irracional e voluntarioso que não se convence e, quando incapaz de contra-argumentar, mostra-se obstinado. Assim ocorreu com o homem de quem falou Salviano,[40] o qual estava decidido a devorar a subsistência de um homem pobre e,

[40] Salvianus nasceu provavelmente em Colônia, entre 400-405 d.C Foi educado em família cristã e escreveu importantes obras, dentre elas *De Gubematione Dei* [Sobre o Governo de Deus], um tratado em oito livros acerca da doutrina da retribuição divina. Nesta obra o autor contrasta a depravação social do Império Romano à vitalidade moral dos povos bárbaros. Além deste, escreveu

recebendo a visita de um pastor que lhe implorava misericórdia, disse: "Não posso atender o seu pedido, pois já havia tomado voto de cumprir meu intento"; e o pastor, em face de tão grande malefício religioso, julgou melhor ir embora.

Argumentamos tanto contra as vontades e paixões dos homens quanto contra seu desentendimento. Contra tais coisas não há ouvidos ou razão. Seus melhores argumentos são: "Quanto a estas coisas, não quero ouvi-lo nem a todos os pregadores do mundo. Não mudarei de idéia ou de vida; não deixarei meus pecados, não importando o que aconteça". Sempre que tratarmos da conversão de um pecador, não teremos de enfrentar apenas uma, mas multidões de paixões enraivecidas e de inimigos incongruentes, como se argumentássemos no meio de um tumulto de violentos manifestantes. Que tratamento justo ou que sucesso poderíamos esperar? E assim o nosso trabalho - mas um trabalho que tem de ser feito.

Baxter insiste que o pastor deve viver em santo e piedoso procedimento no exercício do seu ministério, a fim de que suas boas ações atestem a veracidade de seu ministério e legitimem a obra do Senhor.

O irmãos, temos de ser homens hábeis, resolutos e diligentes para a realização de tal gigantesca empreitada. Não clamou Paulo: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?".[41] Quem poderia ter tal suficiência da parte de Deus e continuar sendo orgulhoso, descuidado ou preguiçoso? Da maneira como Pedro escreveu, falando para todos os crentes: "Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais "como os que vivem em santo procedimento e piedade" (2Pe 3.11), também eu digo a todo pastor: visto que todas essas coisas estão em nossas mãos, devemos viver em santo procedimento e piedade, no desempenho de nosso trabalho. Não é um fardo adequado aos ombros de um menino. Todo aspecto de nosso trabalho requer habilidade - e quanto há para ser feito em cada aspecto do ministério! Não creio que o convencimento dos ouvintes seja a parte mais difícil da pregação de um sermão, ainda que seja necessário ter grande habilidade para tornar clara a verdade, permitindo que a luz irresistível penetre suas consciências, firmando a verdade em suas mentes e Cristo em seus afetos. E difícil enfrentar toda objeção e resolvê-la com clareza, conduzir os pecadores a uma posição e fazê-los ver que não há outras expectativas exceto as de conversão ou de condenação. O que deveríamos buscar em todo sermão, e que não é obra fácil, seria fornecer

também o *Ad Ecclesiam* [Sobre a Igreja], em que apresenta a tese de que os cristãos devem doar os seus bens à Igreja com coração disposto e alegre. Embora com grau de incerteza, mas em virtude do tema, provavelmente seja deste último a citação de Baxter (N. do E.).

[41] 2 Coríntios 2.16 [N. doE.].

aos ouvintes tal conhecimento e convencimento por meio de palavras autorizadas pela coerência de vida. O Deus tão grande, cuja palavra nos foi entregue, tem de ser honrado também na nossa entrega da mensagem. E lamentável que alguém profira a mensagem do Deus do céu em um momento eterno para a alma dos homens, e o faça de maneira tão pequena, fraca, feia e imprudente, que lhe fuja ao controle, desonre a Deus e desgrace a obra. Quantas vezes, ouvintes carnais vão para casa escarnecendo das falhas evidentes nas palavras e vida do pregador! Quantos ouvintes dormem no culto porque nosso coração e nossa língua são monótonos e insensíveis; não nos esforçamos nem somos bastante zelosos para despertá-los!

É necessário ter habilidade para defender a verdade contra os jactanciosos e tratar dos capciosos que argumentam seus próprios enganos! Como tripudiarão sobre nós, se fracassarmos em virtude de irresponsável fraqueza! Contudo, este será o menor dos problemas, embora muitas dentre as pessoas mais fracas poderão ser pervertidas, para o mal da Igreja. É necessário ter habilidade para tratar particularmente com uma pobre alma ignorante quanto à conversão.

Irmãos, os senhores não temem e tremem diante de todo esse trabalho? Não bastaria ter apenas uma medida comum de capacidade santa, prudência e outras qualidades, para a realização de tão grande tarefa? Sei que a necessidade poderá fazer a Igreja tolerar os fracos, mas ai de nós, se tolerarmos a própria fraqueza! A razão e a consciência nos dizem que, uma vez que ousemos empreender tão grande obra, não poderemos poupar esforços quanto à nossa própria qualificação. Porventura, ordenaria Deus o uso de certos meios e nos permitiria negligenciá-los? Não será no ócio ou com pouco estudo que nos tornaremos pastores sadios e hábeis. Sei que a preguiça nos leva a desprezar os estudos e que necessitamos mais do Espírito do que de nossa própria força para a realização da obra. Entretanto, Deus ordenou o emprego de certos meios e não nos dá razão para negligenciá-los. Hoje, Deus não nos dá sabedoria enquanto dormimos, por meio de sonhos, nem nos leva ao céu para conhecer seus conselhos, enquanto desperdiçamos tempo sobre a terra! É vergonhoso, desnaturai e ultrajante, que alguém entristeça ou extinga o Espírito em função da própria preguiça, e depois finja que age sob a inspiração do Espírito! Deus quer que seus ministros sejam instruídos no caminho do Senhor; que não sejam remissos no zelo, mas fervorosos de espírito no serviço do Senhor [Rm 12.11]; e que falem e ensinem com precisão a respeito de Jesus - levando os ouvintes a ser como nós mesmos. Não percam tempo, irmãos! *Estudem, orem, examinem-se* e *pratiquem,* pois mediante essas quatro coisas, os senhores terão aumentadas a capacidade e a habilidade para ministrar. Cuidem de si mesmo para que não sejam fracos nem negligentes, envergonhando a obra de Deus.

CAPITULO 2

US MOTIVOS DO CUIDADO

SUMARIO DO CAPITULO 2

A. Há coisas eternas a ganhar ou perder, e há almas eternas que serão felizes ou miseráveis para sempre.

B. Todos nós possuímos natureza depravada, inclinações pecaminosas, tal como as outras pessoas.

C. O tentador os afligirá mais do que os outros homens.

D. Porque há muitos olhos fitos em suas palavras e vidas - e muita gente observando sua queda.

E. Seus pecados têm agravantes mais severas do que os pecados de outros homens.

F. As grandes obras, para as quais fomos chamados, requerem que tenhamos maior graça do que as demais pessoas.

G. A honrado Senhor e Mestre e de sua santa verdade e caminhos, pois tal responsabilidade recai mais pesada sobre os seus ombros do que nos de outros homens.

I. Porque o sucesso do seu trabalho humano depende muito disso.

Havendo demonstrado o que significa tomar cuidado de si mesmo, passo a expor alguns motivos para nos despertar a tal dever.

A. Tomem cuidado de si mesmos, pois há coisas eternas a ganhar ou perder, e há almas eternas que serão felizes ou miseráveis para sempre.

Por isso, é importante que comecem a tomar cuidado de si mesmos e dos outros, a partir de casa. Pregar bem poderá ser útil e possível para a salvação de outros; mas, sem a santidade do próprio coração e da vida, será impossível que

o pastor seja, ele mesmo, salvo: "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" (Mt 7.22,23). Quantos têm pregado Cristo e, ainda assim, perecido porque não experimentaram sua salvação! Quantos advertiram seu povo sobre as tormentas do inferno e não puderam, eles mesmos, evitá-las. Pregaram sobre a ira de Deus contra os pecadores e, agora, têm de suportá-la! Que tristeza maior haverá do que um homem ter feito do chamado ao ministério e à salvação sua profissão, e ser, ele mesmo, excluído? Tantos livros nas bibliotecas pastorais falam do caminho para o céu; gastaríamos anos lendo e estudando as doutrinas da vida eterna e não a atingiríamos? Pregaríamos sermões sobre a condenação e seríamos condenados? Tudo porque pregamos sobre Cristo, mas não o recebemos; pregamos sobre o Espírito enquanto o resistimos; sobre fé, quando nós mesmos não cremos; sobre arrependimento e conversão, continuando impenitentes e não-convertidos; sobre uma vida celeste enquanto permanecemos carnais e terrenos.

Se formos pastores só de língua e título, sem a imagem divina em nossa alma, sem nos entregarmos à honra e vontade divinas, estaremos separados da divina presença e não desfrutaremos Deus para sempre. Creiam nisto: Deus não faz acepção de pessoas; ele não salva os homens por causa de seus ternos ou de suas profissões; um apelo santo não salvará um homem impenitente. Se permanecerem nas portas do reino a fim de iluminar a entrada para outros e os senhores mesmos não entrarem, em vão baterão nos umbrais da glória e jamais adentrarão os átrios da graça. Suas lâmpadas precisam do óleo da graça, e não apenas dos dons ministeriais - tem de haver doutrina e santidade de vida, se é que realmente desejam participar da glória que proclamam. Será preciso que eu lhes ensine de novo que os pregadores do evangelho são julgados pelo evangelho? Que se encontram diante do mesmo tribunal, sentenciados nos mesmos termos que os demais homens? Os senhores poderiam, até mesmo, pensar que seriam salvos apenas por serem pastores, mas a salvação está em Cristo, isto é, em ser realmente cristão - crer e viver como cristão. Portanto, cuidem de si mesmos, pois os senhores têm almas que experimentam salvação ou perdição, tal como todas as demais.

B. Tomem cuidado de si mesmos, porque todos nós possuímos naturezas depravadas, inclinações pecaminosas, tal como as outras pessoas.

Se Adão, quando inocente, deveria ter cuidado de si mesmo e, no entanto, se perdeu, quanto mais deveríamos cuidar de nós mesmos! O pecado habita em nós

e, ainda que preguemos contra ele, cada passo pecaminoso prepara o coração para o seguinte, cada pecado prepara a mente para outro pecado. Quando já está dentro da casa, um ladrão permite que outros entrem, pois têm todos a mesma disposição e o mesmo desígnio. Uma centelha é o início de uma chama, e uma pequena enfermidade poderá causar uma doença ainda maior. Um homem que conhece a própria cegueira terá de atentar onde pisa. Tanto em nosso coração como no de nossos ouvintes, existe uma rebelião contra Deus, uma estranheza plena de paixões irracionais e indomáveis! Há resquícios de orgulho, incredulidade, egoísmo, hipocrisia e todo tipo de pecados odiosos. Não é essencial que cuidemos de nós mesmos? O fogo do inferno que há em nós ainda não foi completamente apagado. Há tantos motivos traidores no coração, que temos de tomar cuidado! Os pais não deixam os filhos pequenos andarem sozinhos, sem adverti-los que cuidem para não cair. Até mesmo os que parecemos mais fortes, somos, todavia, muito fracos. Somos capazes de tropeçar em uma palha. Qualquer coisa pequena poderá nos fazer cair, poderá acender nossas paixões e desejos desordenados, perverter nosso juízo, enfraquecer nossa determinação, esfriar nosso zelo e abater nossa diligência! Pastores não são apenas humanos passíveis de erro, mas são pecadores contra a graça de Cristo, tal como todos os homens. O coração traiçoeiro nos enganará, se não tomarmos cuidado. Pecados que parecem mortos recuperam vigor; orgulho, mundanismo e muitos vícios ruidosos que julgávamos desarraigados ressurgirão. E necessário, portanto, que os homens cuidem de si mesmos e tenham cuidado com a própria alma.

C. Tomem cuidado de si mesmos, porque o tentador os afligirá mais do que os outros homens.

Se forem realmente líderes contra o príncipe das trevas, os senhores estarão mais propensos à tentação. Cairiam de vez, se Deus não restringisse o poder do mal. O diabo ataca com maior crueldade aqueles que estão envolvidos na luta contra o seu reino. Ele odeia Cristo Jesus - o nosso comandante, o capitão da nossa salvação - mais do que qualquer de nós, e faz tudo para atacar seu Reino. Ele pretende atingir os oficiais comandados por Jesus mais do que os soldados comuns, porque sabe o que acontece quando um líder cai ante os olhos de seus seguidores. Essa tem sido sua estratégia, isto é, abater os pastores, sem escolher a grandes ou pequenos, a fim de espalhar o rebanho. Tão bem-sucedido tem sido em seu propósito, que continua atacando sempre e como consegue. Portanto, irmãos, cuidem de si mesmos, pois o inimigo está à espreita, pronto para atacar com sutis insinuações, incessantes solicitações e choques violentos. Por mais que

sejam sábios e entendidos, cuidem para não cair em suas ciladas. O diabo é mais escolado do que os senhores e argumenta com maior habilidade: ele pode.se transformar em anjo de luz para tentar, enganar e fazêdos tropeçar sem que se dêem conta. Ele age com impostura diante da falta de discernimento e trapaceia diante da fraqueza da fé e da ingenuidade. Os senhores sequer perceberão que já perderam o embate, pois ele os cegará para a derrota e os fará acreditar que sejam pastores "de sucesso". Não enxergarão o anzol nem a linha, muito menos o sutil pescador que lhes oferece a isca. Esta será de tal forma adequada à sua disposição que os senhores a acharão vantajosa e permitirão ser traídos por seus próprios princípios e inclinações. Quando os tiver arruinado, o diabo fará de suas vidas, instrumentos para a ruína de muitos. Que grande conquista julgará ter feito, se tornar um único ministro em um obreiro preguiçoso e infiel; se conseguir induzir um único pastor à cobiça ou ao escândalo. Satanás se gloriará contra a Igreja dizendo: "Estes são seus santos pregadores! Veja para onde os leva sua autoconfiança". Ele se gloriará contra o próprio Senhor Jesus, dizendo: "Estes são os seus principais líderes! Torno abusados os seus principais servos, e infiéis os mordomos de sua casa". Se ele assim insultou a Deus com falsa premissa, dizendo que poderia obrigar Jó a amaldiçoar o Senhor, o que poderá fazer quando tiver prevalecido contra os senhores? No final, ele os insultará tanto que poderá levados a falsear a confiança, macular a santa profissão e agir como inimigos de Deus. Não dêem tal prazer a Satanás, não façam seu jogo; não permitam que ele os use, tal como os filisteus usaram Sansão, primeiro tirandodhe a força; depois, os olhos, tornando-o alvo de desprezo e zombaria.

D. Tomem cuidado de si mesmos, porque há muitos olhos fitos em suas palavras e vidas - e muita gente observando sua queda.

Se os senhores errarem, o mundo saberá. Os eclipses do sol raramente ocorrem sem testemunhas. Se os senhores se consideram luzes na Igreja, deveriam saber que os olhos dos homens estão postos sobre sua vida. Outras pessoas poderão pecar e passar despercebidas, mas não os ministros de Deus. Os senhores deveriam, até mesmo, considerar uma providência da misericórdia divina o fato de tantos olhos os fitarem; pois, com tantas pessoas prontas para lhes apontar os defeitos, terão maior ajuda do que a maioria, pelo menos no que diz respeito à resistência ao pecado. Ainda que alguns procedam com maldade, os senhores, ainda assim, serão abençoados. Que Deus não nos permita ser tão impudentes a ponto de fazer o mal à vista de todos, isto é, de pecar voluntariamente e aos olhos do mundo. "Ora, os que dormem dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que

se embriagam".[42] Considerem que estarão sempre sob a luz de refletores: até mesmo a luz de sua doutrina exporá seus próprios erros. Enquanto forem luzes colocadas sobre os montes, não haverá como se esconder. Portanto, cuidem de si mesmos, fazendo o trabalho como quem sabe que o mundo os observa com olho maliciosamente rápido, pronto para ver o pior, para achar a menor falha, para aumentada, divulgada e tirar vantagem dela para seus próprios propósitos, até mesmo criando faltas onde elas não existem. Quão cautelosamente, então, deveremos andar com cuidado diante de tantos olhos observadores e dispostos para o mal.

E. Tomem cuidado de si mesmos, pois seus pecados têm agravantes mais severas do que os pecados de outros homens.

Dizia o rei Alfonso que "um grande homem não comete um pequeno pecado". Nós dizemos mais: um homem instruído, ou mestre de outros, jamais comete um pequeno pecado. "Pequenos" pecados cometidos por outros homens serão grandes, se cometidos por quem deveria saber mais.

1. Tendo maior conhecimento do que outras pessoas, os senhores, provavelmente, pecarão mais, pelo menos, em relação à luz que receberam.

O quê? Porventura não sabem que a cobiça e o orgulho configuram pecados? Não sabem que a infidelidade quanto ao que lhes foi confiado e a negligência e o egoísmo traem as almas dos homens? Se os senhores conhecem a vontade do Mestre e não a praticam, serão açoitados com muitos açoites [Lc 12.47]. Quanto maior for o conhecimento, maior terá de ser sua disposição.

[42] 1 Tessalonicenses 5.7. William Hendriksen, comentando este versículo, afirma: "Dormir significa viver como se não houvesse de vir um dia de juízo. Pressupõe a existência de relaxamento espiritual e moral... A exortação do apóstolo, pois, equivale ao seguinte: 'Não nos deixemos levar pela negligência nem estejamos desprevinido, mas preparados e espiritualmente alertas e firmes na fé, animados, fortes e serenos, porém com alegre antecipação olhando confiante para aquele dia futuro. Além de tudo, porém, façamos isso em razão de pertencermos ao dia e não à noite'. O curso de ação oposto, ou seja, viver moral e espiritualmente adormecido (em vez de viver vigilante) e viver moral e espiritualmente embriagado (em vez de viver sóbrio) se compatibiliza com aqueles que pertencem à noite (ao reino de trevas e pecado), assim como no reino natural é geralmente à noite que os sonolentos dormem e os beberrões se embriagam" [Hendriksen, William. *Ie2 Tessalonicenses.* São Paulo: Cultura Cristã, 1998. págs. *in loco]* [N. do E.].

2. **Seus pecados implicam maior hipocrisia do que os pecados de outros em função de seus discursos contra eles.**

Que repugnância haverá em nós, se nos aplicarmos ao estudo e à pregação sobre as desgraças do pecado e, não obstante, vivermos nele, entretendo em secreto o que desprezamos em público! Que vil hipocrisia será assumir a tarefa diária de deplorar o pecado e, contudo, permanecer nele; publicamente reduzir o pecado a nada e, em privado, fazer dele um companheiro! Colocaríamos fardos pesados sobre os ombros dos outros e sequer moveríamos um dedo para a j udádos? O que os senhores dirão no juízo? Realmente pensavam que o pecado fosse tão ruim quanto os senhores mesmos falavam? Ou não? Se não pensavam assim, por que pregaram tão abertamente contra ele? E, se pensavam, por que o cometeram? Por que o mantiveram? Não sejam como os fariseus hipócritas que diziam e não faziam. Muitos ministros do evangelho serão confundidos e não conseguirão manter os olhos erguidos diante de tal pesada acusação de hipocrisia.

3. **Seus pecados serão mais pérfidos do que os de outros homens quanto mais tenham se colocado contra eles.**

Além dos compromissos que têm como cristãos, os senhores têm muitos outros mais como pastores. Quantas vezes falaram contra o mal e advertiram sobre os perigos do pecado, conclamando os homens a deixado? Quantas vezes proclamaram os terrores do Senhor contra os pecadores? Certamente, tal discurso implica que os senhores mesmos tenham renunciado ao erro. Cada sermão pregado, cada exortação, cada confissão pública, implica um compromisso de rejeição do pecado. Cada batismo, cada administração da Ceia do Senhor, porventura, não significou renúncia ao mundo e à carne, e compromisso com Cristo? Quantas vezes os senhores têm testemunhado abertamente a natureza odiosa do pecado? E ainda o acolhem, não obstante os testemunhos? Que temeridade! Alardear do púlpito contra o pecado e abrigá-lo no coração; dar-lhe o lugar que só a Deus é devido e preferi-lo à glória dos santos!

F. Cuidem de si mesmos, porque as grandes obras, para as quais fomos chamados, requerem que tenhamos maior graça do que as demais pessoas.

Acolher menores porções de dons e graças poderão, até mesmo, proporcionar ao homem um curso de vida mais tranqüilo, sem tantas dificuldades. Forças

menores poderão bastar para os encargos de obras e fardos mais leves. Mas, se os senhores desejarem se aventurar nos grandes empreendimentos do ministério, se pretenderem liderar as tropas de Cristo contra Satanás e suas hostes, se querem lutar contra principados e poderes, contra a maldade espiritual nos lugares celestiais, e se ansiarem pela salvação dos cativos, das garras do diabo, não pensem que um curso de vida espontâneo e descuidado poderá realizar tal obra. Haverá maior vergonha e mais profundas feridas de consciência para quem cuida das almas do que para quem vive uma vida comum. Não é somente a obra que exige cuidado, mas também o obreiro, para que este seja apto para o pesado trabalho. Já vimos homens que viviam como cristãos, de aparente boa reputação e piedade, que, quando assumiram altos postos nos quais o trabalho estava acima de suas capacidades, envolveram-se em escândalos e caíram em desgraça. Temos visto, também, crentes que gozavam de boa estima e que pensaram acerca de si mesmos e de suas responsabilidades além do que convinha, e acabaram se lançando no ofício ministerial como homens fracos e vazios, tornando-se grande fardo para a Igreja, a ponto de sermos obrigados a lançá-los fora. Eles teriam servido melhor a Deus como elevados homens comuns do que da maneira como procederam, colocando-se entre os mais baixos no ministério. Se os senhores se dispõem a entrar no campo do inimigo, enfrentando o peso e o calor do dia, tomem cuidado de si mesmos.

G. Cuidem de si mesmos por causa da honra do Senhor e Mestre e de sua santa verdade e caminhos, pois tal responsabilidade recai mais pesada sobre os seus ombros do que nos de outros homens.

Tal como é possível prestar melhor serviço a Deus, é também possível prestar-lhe o pior serviço. Quanto mais perto de Deus maior será a desonra, se alguém descumprir sua missão - vergonha que os homens tolos imputarão ao próprio Deus. Os pesados juízos que caíram sobre Eli e sua casa deveram-se ao desprezo dos seus sacrifícios e suas ofertas. "Era, pois, mui grande o pecado destes moços perante o SENHOR, porquanto eles desprezavam a oferta do SENHOR" (ISm 2.17). Deus tratou mais severamente com Davi do que com outros homens, em função do agravo de "fazer com que os inimigos do SENHOR blasfemassem".[43] Se os senhores são verdadeiramente cristãos, a glória do Senhor lhes será mais preciosa do que a própria vida. Portanto, cuidem de não fazer contra a glória do

[43] 2 Samuell2.14[N.doE.].

Senhor aquilo que os senhores fazem contra a própria vida. Não há de sentir o coração ferido, qualquer dos senhores que os homens apontem, dizendo: "Lá vai um sacerdote cobiçoso, um beberrão secreto, um homem escandaloso; ele prega com severidade, mas vive tão desgarrado como os demais; condena-nos no sermão, mas a si mesmo condena em sua vida; com todas as palavras que profere, ele é tão mau como nós mesmos". Irmãos, o coração suportaria ouvir os homens lançar na face do Deus santo, na face do evangelho e de todos os que temem ao Senhor, os dejetos da sua iniqüidade? Não lhes parte o coração pensar que muitos cristãos piedosos ao seu redor sofrem repreensão por causa dos erros que os senhores cometem? Se um de nós, líderes do rebanho, for enredado em crime escandaloso, uma só vez que seja, certamente o verá refletido sobre homens e mulheres que prosseguem diligentes no caminho da salvação. Por mais que detestem o erro e lamentem a queda, ouvirão homens ímpios lançar-lhes em rosto tal pecado. O marido ímpio contará à mulher e os pais iníquos falarão aos filhos, vizinhos impenitentes comentarão nas ruas e servos rebeldes contarão uns aos outros, dizendo: "Olhem só! Os seus pastores piedosos! Vejam o que fazem. Os senhores não são melhores que outros? Ah! São todos iguais". Palavras tais como essas serão ouvidas por todos os piedosos da terra. Certamente, "...é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!" (Mt 18.7). Tomem cuidado, irmãos, com as palavras que proferem, com os passos que dão, pois os senhores são portadores da arca do Senhor — sua honra lhe foi confiada! "Tu, que conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; que estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes, mestre de crianças, tendo na lei a forma da sabedoria e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?" (Rm 2.18-21).[44] Se os senhores viverem de maneira contrária à sua doutrina, "o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa" (Rm 2.24). Os senhores conhecem o decreto: "porque aos que me honram,

[44] João Calvino, comentando o versículo 21, afirma: "Aquele que não só torna inúteis os dons divinos, os quais, por outro lado, são de grande valor e dignidade, mas também os vicia e conspurca por meio de sua depravação, na verdade merece a reprovação máxima. Tal indivíduo é um conselheiro perverso que não atina com seu próprio bem, e é sábio somente em benefício de outros. Paulo, porém, mostra que o louvor que eles [judeus] apropriaram para si mesmos comprovou ser a própria desgraça deles" [Calvino, João. *Romanos.* São Paulo: Parakletos, 2001. pág.99]. Devemos atentar para o fato de que pregar as Escrituras sem praticá-la é desonrar a Deus. Portanto, a tarefa de quem ensina é de extrema responsabilidade. Devemos ter solene respeito para com a Palavra de Deus não somente ao transmiti-la, mas ao fazê-la viva em nossa própria vida [N.doE.].

honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos" (1 Sm 2.30). Quem desonra a Deus causa grande desonra a si mesmo. Deus tem meios para limpar toda nossa mácula que for colocada sobre ele, mas os senhores mesmos não acharão tão fácil de suportar a vergonha e a tristeza.

H. Finalmente, tomem cuidado de si mesmos, pois o sucesso do seu trabalho humano depende muito disso.

Deus prepara os homens antes de empregados como instrumentos para a realização de suas grandes obras. Se a obra do Senhor não for feita nos seus corações, como poderão esperar que ele abençoe o esforço para realizá-la em outras pessoas? Ele a realizará segundo seu querer, mas os senhores mesmos terão razão para duvidar que o faça por seu intermédio. Menciono aqui algumas razões pelas quais aquele que é usado para salvar os outros deve cuidar de si mesmo - e porque Deus raramente faz prosperar o labor de homens não-santificados.

1. Poder-se-ia esperar a bênção de Deus sobre o trabalho do homem que labora em causa própria, em vez de servir a Deus?

Todo homem não-santificado trabalha para si mesmo e para o próprio benefício. Somente homens convertidos mantêm em Deus o seu propósito final e fazem a obra de coração, para a honra do Senhor. Os demais vêem o ministério meramente como profissão, posição e ganha-pão. Escolhem o ministério, em vez de outra vocação, por razões diversas: alguns, porque seus pais o desejaram; outros, porque percebem no ministério um tipo de vida com oportunidades para obter acesso gratuito à formação escolar superior; outros, ainda, porque a profissão lhes parece oferecer manutenção financeira vantajosa; outros, mais, porque acham que se trata de um trabalho fácil que lhes poupará o corpo. Aos de tendência carnal, a escolha poderá ser motivada pela suposição de que o ministério seja acompanhado de algum respeito e reverência dos homens, e porque vêem como grande coisa o ser líder e mestre, administrando a lei sobre outros.[45] Para tais fins é que são ministros e pregam, e, se não tivessem tais

[45] Não nos esqueçamos da instrução que o apóstolo Pedro dá aos pastores do rebanho de Deus: "... pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimentos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-se modelos do rebanho" (IPe 5.2,3). Ainda sobre profissionalização do ministério, Mark Coppenger, em seu excelente

vantagens, logo abandonariam a empreitada. Seria possível esperar que Deus abençoasse o trabalho de tais homens? Nao pregam para servir a fJèus, mas para si mesmos, para construir a própria reputação e obter o próprio lucro. Não é para Deus, mas para si mesmos, que buscam servir; não é de admirar que Deus os deixe entregues a si mesmos; seu sucesso e sua luta não têm bênção maior do que aquela com que a si mesmos abençoam. Suas palavras não chegam além do que conseguem em sua própria força.

2. **Como poderíamos imaginar que tivessem o mesmo sucesso que outros têm, se não trabalham de coração e com fidelidade, não crêem no que dizem e não são sinceros quando parecem ser mais diligentes?**

Será que qualquer homem não-santificado poderá ser honesto no cumprimento da obra ministerial? Poderá ser, até mesmo, que projete alguma espécie de seriedade quando diz crer que a Palavra é verdadeira, mas tal engano, que procede da opinião ou fé comum, será como uma ilusão de ótica, atuada por fervor natural ou para fins egoístas. Contudo, ele não terá a sinceridade e a fidelidade de um crente sadio, que busca a glória de Deus e a salvação dos homens. O irmãos, toda a pregação e a persuasão dos ouvintes serão apenas sonho e hipocrisia, se a obra não for realizada no próprio coração do obreiro. Como alguém poderia se propor a fazer o trabalho que o coração carnal despreza? Como conclamarão os pobres pecadores com solicitações importunas para evitar o pecado e para viver uma vida santa, se os senhores mesmos nunca experimentaram a profundidade do pecado nem o alto valor da santidade de Deus?

Estas coisas conhecidas carnalmente jamais serão entendidas espiritualmente até que sejam sentidas, e não são sentidas até que sejam possuídas. Quem não as sente não as poderá comunicar com sentimento nem ajudar as pessoas a sentir o que Deus quer. Como chegar ao coração do pecador para implorar, por amor do Senhor, que se convertam e vivam, se os senhores não tiverem compai-

artigo, *Livrando-nos da profissionalização: redescobrindo o ministério pastoral,* afirma: "É dever do pastor amar, alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar as ovelhas. Não é dever do pastor impressionar outros pastores e ganhar sua aclamação. Também não é seu dever procurar ou manter aumentando sua fortuna. Também não é seu dever proteger pastores que negligenciam alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar suas ovelhas. Se o pastorado se tornar profissionalizado, essas confusões de dever se tornarão uma ameaça" (Coppenger, Mark. Livrando-nos da profissionalização: redescobrindo o ministério pastoral. In Armstrong, John (org.) O *Ministério Pastoral segundo a Bíblia.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007.pág.57.)[N.doE.J.

vantagens, logo abandonariam a empreitada. Seria possível esperar que Deus abençoasse o trabalho de tais homens? Não pregam para servir a Deus, mas para si mesmos, para construir a própria reputação e obter o próprio lucro. Não é para Deus, mas para si mesmos, que buscam servir; não é de admirar que Deus os deixe entregues a si mesmos; seu sucesso e sua luta não têm bênção maior do que aquela com que a si mesmos abençoam. Suas palavras não chegam além do que conseguem em sua própria força.

2. **Como poderíamos imaginar que tivessem o mesmo sucesso que outros têm, se não trabalham de coração e com fidelidade, não crêem no que dizem e não são sinceros quando parecem ser mais diligentes?**

Será que qualquer homem não-santificado poderá ser honesto no cumprimento da obra ministerial? Poderá ser, até mesmo, que projete alguma espécie de seriedade quando diz crer que a Palavra é verdadeira, mas tal engano, que procede da opinião ou fé comum, será como uma ilusão de ótica, atuada por fervor natural ou para fins egoístas. Contudo, ele não terá a sinceridade e a fidelidade de um crente sadio, que busca a glória de Deus e a salvação dos homens. O irmãos, toda a pregação e a persuasão dos ouvintes serão apenas sonho e hipocrisia, se a obra não for realizada no próprio coração do obreiro. Como alguém poderia se propor a fazer o trabalho que o coração carnal despreza? Como conclamarão os pobres pecadores com solicitações importunas para evitar o pecado e para viver uma vida santa, se os senhores mesmos nunca experimentaram a profundidade do pecado nem o alto valor da santidade de Deus?

Estas coisas conhecidas carnalmente jamais serão entendidas espiritualmente até que sejam sentidas, e não são sentidas até que sejam possuídas. Quem não as sente não as poderá comunicar com sentimento nem ajudar as pessoas a sentir o que Deus quer. Como chegar ao coração do pecador para implorar, por amor do Senhor, que se convertam e vivam, se os senhores não tiverem compai-

artigo, *Livrando-nos da profissionalização: redescobrindo o ministério pastoral,* afirma: "É dever do pastor amar, alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar as ovelhas. Não é dever do pastor impressionar outros pastores e ganhar sua aclamação. Também não é seu dever procurar ou manter aumentando sua fortuna. Também não é seu dever proteger pastores que negligenciam alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar suas ovelhas. Se o pastorado se tornar profissionalizado, essas confusões de dever se tornarão uma ameaça" (Coppenger, Mark. Livrando-nos da profissionalização: redescobrindo o ministério pastoral. In Armstrong, John (org.) O *Ministério Pastoral segundo a Bíblia.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007.pág.57.)[N.doE.],

xão em sua própria alma e lágrimas nos olhos? Jamais poderão amar os homens mais do que amam a si mesmos. Poderiam ter compaixão deles sem considerar a misericórdia de Deus em relação à própria vida? Se não acreditam no inferno, como serão diligentes em persuadir os homens para se salvarem dele? Como levarão as pessoas para o céu, se realmente não crêem que exista um céu? Como diz Calvino: "Um homem jamais terá cuidado diligente em relação à salvação de outros, se negligenciar a sua própria".[46] Se não crê firmemente na Palavra de Deus e na vida futura, a ponto de se subtrair das vaidades do mundo, e se não é diligente quanto à própria salvação, tal homem não poderá ser fiel na busca da salvação de outros homens. Certamente quem ousa condenar a si mesmo e condenar outros, como Judas, venderá seu Mestre por prata e fará mercadoria do seu rebanho. Quem põe de lado a esperança do céu para não deixar os deleites mundanos e carnais, certamente nada abandonará em prol da salvação de outrem. Podemos supor, corretamente, que, a pessoa voluntariamente cruel em relação a si mesma, não terá piedade dos outros; que a pessoa que não tem confiança em relação à sua própria alma, também não terá em termos das almas dos homens; será infiel para com os seus e os venderá ao diabo pelos próprios prazeres.

Um homem jamais terá meu consentimento para assumir a responsabilidade de cuidar da alma de outros homens, se não cuidar da própria alma, negligenciando o próprio dom de vida, exceto em casos de necessidade absoluta.

[46] Provavelmente Baxter se refira ao comentário em 1 Timóteo 4.16, em que João Calvino afirma: "O zelo dos pastores será profundamente solidificado quando forem informados de que tanto sua própria salvação quanto a de seu povo dependem de sua séria e solícita devoção ao seu ofício ... como a infidelidade ou negligência de um pastor é fatal à Igreja, também é justo que sua salvação seja atribuída à sua fidelidade e diligência. E deveras verdade que é unicamente Deus quem salva, e que nem mesmo uma íntima porção de sua glória é transferida para os homens. Mas a glória de Deus não é de forma alguma ofuscada em usar ele o labor humano para outorgar a salvação... Se um bom pastor é nesse sentido a salvação daqueles que o ouvem, que os maus e indiferentes saibam que sua ruína será atribuída aos que têm responsabilidade sobre eles. Pois assim como a salvação de seu rebanho é a coroa do pastor, assim também todos os que perecem serão requeridos das mãos dos pastores displicentes. Diz-se que um pastor *salva a si mesmo* quando ele obedece à sua vocação, cumprindo fielmente o ofício a ele confiado, não só porque assim evita o terrível juízo com o qual o Senhor ameaça pela boca de Ezequiel: 'Seu sangue o requerei de tuas mãos' [33.8], mas porque é costumeiro falar dos crentes como salvação" (Calvino, João. *Pastorais.* São Paulo: Parakletos, 1998. págs.125-127) [N. do E.].

3. Os senhores acham provável que alguém lute com todas as forças contra Satanás, sendo servo de Satanás?

Alguém conseguiria lutar contra as forças do diabo, sendo súdito residente do seu reino? Poderia ser verdadeiro e amoroso para com Cristo, estando aliada ao inimigo? Ora, este é o caso de todo homem não-santificado, qualquer que seja sua posição ou profissão. E servo do diabo, súdito de seu reino, e o inimigo lhe dirige o coração. Seria honesto para com Cristo, sendo dirigido por Satanás? Que príncipe escolhe os servos e amigos do inimigo para conduzir seus exércitos à guerra? É o que tantos pregadores têm feito em relação ao evangelho. São inimigos da obra do evangelho que pregam. Não é de admirar que tantos pretensos pregadores desprezem a obediência dos fiéis e, quando deviam pregar a santidade de vida, reprovam quem a pratica!

Quantos traidores tem havido na Igreja de Cristo, ao longo dos séculos, disfarçados sob sua bandeira, operando contra a obra do Senhor com maior dano do que poderiam ter feito em oposição aberta! Falam bem de Cristo e da piedade em geral, mas se esforçam para desgraçar tais dons de Deus, fazendo parecer que os que buscam a Deus de todo coração sejam apenas ignorantes partícipes de um bando de entusiastas ou hipócritas. Quando, por vergonha, não podem expressar suas heresias da cátedra ou púlpito, fazem-no em particular, entre seus conhecidos. Muitos lobos têm conduzido as ovelhas! Se houve traidor entre os doze discípulos de Cristo, quanto mais agora. Não se pode esperar que um escravo de Satanás, cujo "deus é o ventre" (Fp 3.19) seja mais do que um inimigo da cruz de Cristo. Ainda que viva com civilidade, pregue plausivelmente e mantenha profissão externa de religião, ele pode estar nas garras do diabo por causa de mundanismo, orgulho, desprezo da diligente piedade ou coração insincero, não arraigado na fé, não dedicado sem reservas a Cristo. É tal como os demais que estão presos pelo diabo por causa de bebedeira, impureza e pecados igualmente vergonhosos. Entram no céu mais publicanos e prostitutas do que fariseus hipócritas, pois aqueles se convencem do próprio pecado e miséria.

Ainda que pareçam excelentes pregadores, deplorando tão alto o pecado quanto qualquer outro pregador, muitos desses homens exibem apenas um fervor afetado e gritaria inútil, pois quem abriga o pecado no próprio coração não consegue convencer sinceramente os seus ouvintes. Um homem ímpio se disporá mais à tarefa de reformar os outros do que a si mesmo. Poderá, até mesmo, mostrar certa sinceridade na dissuasão do povo quanto aos seus maus caminhos, mas não passará disso, pois só conseguirá pregar contra o pecado com mais facilidade, mas não abandoná-lo. A reforma das pessoas poderá, até mesmo, ser-lhe

agradável. Muitos ministros ou pais ímpios se mostrarão sinceros diante do povo ou com seus filhos a fim de que mudem o procedimento, quando tais mudanças mantiverem suas vantagens e quando não precisarem negar a si mesmos. No entanto, não haverá zelo, decisão e diligência naquele que não é de Cristo. Ele não verá o pecado como inimigo de Cristo nem como um perigo para a alma dos homens. Um comandante traidor, que só atira contra o inimigo com balas de festim, poderá fazer tanto barulho com suas armas quanto com os que atiram com balas de carga - mas jamais ferirá o inimigo. Desta maneira, alguém poderá fazer alarde do evangelho e falar com aparente fervor, mas raramente ferirá a Satanás e suas hostes. Não poderá lutar bem a não ser contra quem recebe a carga do seu ódio, muito menos contra quem poderia ser objeto do seu amor. Todo homem não-regenerado está longe de odiar o pecado. Não-santificado, amante do inimigo, tal tipo de homem não é digno de liderar o exército de Cristo ou de motivar outros à renúncia do mundo e da carne, uma vez que ele mesmo estará preso ao seu bem maior.

4. Não é provável **que** o povo tenha **em** alta conta a doutrina **de** homens **que** não vivem o **que** pregam.

Caso não vivam conforme aquilo que pregam, seus ouvintes perceberão a contradição. Jamais crerão em homens que não parecem realmente crer no que dizem. Quando alguém insta que corramos a fim de proteger a vida do ataque de um inimigo às costas - mas ele mesmo segue a passo lento, tranqüilo - certamente desconfiaremos de uma piada, concluindo que, de fato, não existe perigo. Quando o pregador fala da necessidade de uma vida de santidade, sem a qual não se verá o Senhor, e sua vida não apresenta a reforma requerida pela santificação, o povo concluirá que ele está dizendo coisas para gastar o tempo e em virtude de ganho próprio, e que suas palavras certamente serão vazias. Tais homens poderão erguer as vozes contra o pecado por quanto tempo tenham, antes que os homens creiam nos perigos contra os quais são advertidos, pois verão o mesmo homem que prega contra o pecado, abrigado no peito, tendo nele o seu prazer. Altos brados e coração calado impedem que os ouvintes creiam em sua pregação. Antes, levam-nos a imaginar que haja algum interesse escuso, e o desprezarão como a um glutão que desdém o prato que deseja guardar para si mesmo. Enquanto os homens tiverem olhos e ouvidos, *verão* mais o que os senhores não querem dizer do que *ouvirão* o que os senhores de fato falam. E estarão mais prontos para crer no que vêem do que no que ouvem, pois a visão impressiona mais do que a audição.

"O nível de piedade em nossa vida pessoal influencia mais as pessoas do que toda a nossa atividade ministerial... Nossa vida é nossa retórica tornada visível."[47]

A vida do pastor é um púlpito para a prática da pregação. Tudo que um pastor faz transmite uma mensagem. Caso preguem aspectos verdadeiros da fé e vivam em cobiça ou descaso, a teoria ficará obscurecida pela prática, e os senhores acabarão recomendando ciúmes e maldade para o povo. Se desperdiçarem tempo e dinheiro em jogos, embriagarem-se, ou despenderem tempo com vãs conversações, seus ouvintes assumirão que, de fato, a mensagem é: "Vizinhos, a vida que eu vivo é a que vocês devem viver; não há perigo". Se forem impiedosos, não ensinando o temor do Senhor à sua família, não se opondo aos pecados do mundo à sua volta, não se aplicando à salvação de suas almas, seus ouvintes considerarão que tais coisas não sejam importantes, e seguirão seus exemplos.

Pior ainda, vocês lhes ensinarão a pensar mal de outros pregadores que poderão, até mesmo, ser melhores do que os senhores mesmos. Quantas vezes, por sua causa, pastores crentes e fiéis são desprezados! O que lhes dizem as pessoas? "O senhor é muito preciso no falar e difícil de entender, e fala demais sobre pecado e dever. O pastor "tal e tal", que é tão esclarecido e tão bom pregador como o senhor, é divertido, conta piadas maliciosas. Ele nos deixa em paz. Não se preocupa com tanto ensino. O senhor não se cala e fala mais do que é necessário, parecendo gostar de assustar a gente com essa história de pecado e condenação. Há pastores cultos e simpáticos que ensinam menos e vivem entre nós como pessoas comuns". A causa desse tipo de conversa é a negligência de pastores leves e incongruentes. Os ouvintes aceitam a pregação contra o pecado, desde que sejam deixados imperturbáveis diante da vida de um pastor amigável e alegre, que é indiferente ao procedimento e à conversação das suas ovelhas. Eles usam o púlpito como um palco, um teatro onde o pregador se exibe e desempenha um papel. Por uma hora, o pregador tem liberdade para dizer o que quiser. Os ouvintes, por sua vez, têm liberdade para acatar ou não as suas palavras. Afinal, não vêem as palavras substanciadas na vida do pregador nem sentem sinceridade na pregação. Será que tal homem realizará a boa obra segundo a vocação do Senhor? Ele seria digno de ser ministro de Cristo, se falar em favor dele durante uma hora no domingo,

[47] Beeke, Joel R. A urgente necessidade de uma vida piedosa: o fundamento do ministério pastoral. In Armstrong, John (org). *O ministério pastoral segundo a Bíblia.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág,82[N.doE.J.

mas, com sua vida, fala contra ele durante a semana, atentando contra a Palavra de Deus?

Ouvintes mais perceptivos não seguirão o exemplo de incompatibilidade entre palavra e vida que tais homens demonstram; a repugnância que estes provocam invalidará a doutrina pregada. Ainda que saibam que a comida é boa e saudável, as pessoas poderão ter revolvidos seus estômagos fracos, caso o cozinheiro ou quem serve à mesa exiba mãos sujas ou infectas. Cuidem, portanto, de si mesmos, se realmente desejarem fazer o bem a outros.

5. **Finalmente, considerem se o sucesso do seu trabalho está sendo feito, ou não, na plena dependência e sob a bênção do Senhor.**

O Senhor prometeu abençoar homens impiedosos? O Senhor certamente promete bênçãos à Igreja, até mesmo por meio de tais homens, não obstante, a promessa não é para eles. Aos servos fiéis, o Senhor promete sua presença, dispensação do Espírito, prontidão da palavra e a vitória sobre Satanás. Mas onde está a promessa para os pastores ímpios? Não provoquem a ira de Deus por meio da hipocrisia e do abuso que destroem todos os esforços, ainda que os provocadores sejam abençoados juntamente com os escolhidos. Estou certo de que Deus cumpre seus bons desígnios em relação à sua Igreja, até mesmo por meio de homens maus, mas não tão ordinária e eminentemente como o faz por meio de seus servos fiéis.

O que tenho dito acerca dos ímpios aplica-se também, em parte, aos crentes, quando estes forem transgressores e derem motivo de escândalo, na proporção do seu pecado.

Segunda Parte

O cuidado com o rebanho

CAPÍTULO 1

A NATUREZA DO CUIDADO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 1

A. Pressuposições do cuidado pastoral

B. O que significa *todo o rebanho*

C. O cuidado de grupos especiais

D. Os cuidados familiares

E. O cuidado dos enfermos e moribundos

Depois de demonstrar as razões pelas quais devemos cuidar de nós mesmos, quero mostrardhes o que significa cuidar da totalidade do rebanho.

Vimos, até aqui, como é necessário primeiramente considerar aquilo que nós devemos ser e o que devemos fazer por nossa própria alma, antes de pensar no que poderemos fazer em favor das almas de outras pessoas. "Não poderá curar as feridas de outros, aquele que não for curado da negligência de si mesmo. Não beneficiará o próximo nem a si mesmo. Não terá condições para levantar o outro, e falhará quanto a si mesmo".[48] Se nada possuem no coração e na vida, seus esforços também darão em nada. "Há pessoas que parecem especialistas no ministério espiritual, obstinadas no trabalho e inteligentes no desempenho de funções e, não obstante, acabam calcando aos pés todo bem que possam realizar. Ensinam superficial e apressadamente aquilo que só se torna santo por meio da meditação e da perseverança, e o que proclamam em público invalidam com sua conduta. Como pastores, caminham por trilhos íngremes demais para que sejam seguidos por suas ovelhas".[49] Se, depois de termos conduzido nossas ovelhas às águas vivas, poluirmos a fonte com o contato da sujeira de nossa própria vida, perderemos todo o trabalho feito - e jamais teremos melhorado as suas vidas.

Antes de falarmos do trabalho propriamente dito, notemos o que tais palavras pressupõem.

[48] Gregório, *Cuidado Pastoral,* Book IV.

[49] *Ibid.*

A. Pressuposições do cuidado pastoral

1. Aqui, está implícito que todo rebanho deve ter seu próprio pastor e todo pastor o próprio rebanho.

Assim como corporações militares têm comandantes, e os soldados conhecem as patentes de cada um deles, assim, também, é da vontade de Deus que as igrejas tenham seu próprio pastor e que todos os discípulos de Cristo reconheçam seus mestres no Senhor. Embora o pastor seja um oficial da Igreja em geral, ele é um pastor especial de uma igreja local entregue aos seus cuidados.[50] Quando somos ordenados ministros sem uma designação específica, somos licenciados e ordenados para fazer o melhor em favor de todos, segundo as oportunidades para exercer nossos dons. Entretanto, quando ordenados para um ministério específico, restringimos o exercício de nossos dons àquelas congregações particulares e não podemos dar às outras mais do que o bem público requer. Cuidamos primeiramente do nosso rebanho. Dessa relação entre pastor e rebanho surgem todos os deveres mutuamente devidos.

2. Quando somos ordenados para cuidar de um rebanho, fica claramente implícito que, em geral, o rebanho não deve ser maior do que se ja possível administrar ou cuidar.

Deus não coloca sobre nós o peso de impossibilidades naturais: não ordena aos homens saltar até a lua, tocar as estrelas ou contar os grãos da areia do mar. O ofício pastoral consiste no cuidado de todo o rebanho; certamente o número de almas confiado ao cuidado de cada pastor não deverá ser maior do que ele seja capaz de conhecer e de cuidar, segundo a vontade de Deus.

Exigiria Deus que um só pastor principal cuidasse de toda uma cidade, de todas as igrejas, de milhares de pessoas que ele fosse incapaz de conhecer? Ou

[50] Avaliando o ministério discipulador de Richard Baxter ao expor o cuidado que os presbíteros devem ter por si mesmos, A *Igreja Discipuladora* nos faz excelente contribuição ao afirmar: "Se aceitasse o sistema neo-testamentário de governo, como deveria, Baxter reconheceria que o problema fica melhor encaminhado com o envolvimento de todos os presbíteros no pastoreio, precisamente segundo as palavras de Paulo em Atos 20.28. A responsabilidade de pastorear o rebanho é do Conselho todo, e não apenas do pastor-mestre" (Marra, Cláudio. A *Igreja Discipuladora.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. n.XI) (N.do E.).

que ele assumisse o governo único de uma área conciliar, isentando do encargo os mestres das Igrejas locais? O sangue de tantos membros de igreja seria requerido das mãos de uma só pessoa, se Deus não pede que dez, vinte, cem ou trezentos homens façam mais do que eu mesmo posso fazer para mover uma montanha? Ai dos pobres pastores! Não é triste o fato de que homens preparados e sóbrios assumam tal encargo como um privilégio, que voluntariamente coloquem sobre si tamanho fardo, e não tremam ante a idéia de assumir tão pesada obra? Haveria mais felicidade para a Igreja e para os próprios pastores e presbíteros, se uma medida sugerida pelo apóstolo ainda fosse observada: que uma região eclesiástica não seja maior do que os pastores possam supervisionar e reger, a fim de que tenham possibilidade de cuidar bem de todo o rebanho. Para tanto, sejam multiplicados os pastores à medida que as igrejas aumentam, e o número de pastores seja proporcional ao número de almas, para que a obra não seja desfeita enquanto alguns pastores assumem mais títulos vazios e plenos de impossibilidades! Que orem ao Senhor da seara, a fim de que ele envie mais obreiros, na proporção requerida pela obra, e não tentem, eles mesmos, fazer tudo sozinhos! Não posso dar boa recomendação acerca da prudência ou humildade do obreiro que tenha a presunção de cuidar de campo vasto e que pretenda, sozinho, ajuntar a colheita de todo um município; que, sob perigo de condenação ou, até mesmo, de morte, lute sincera e inutilmente por tal prerrogativa.

Alguém poderá dizer que há outros mestres, ainda que apenas um seja presbítero regente. Respondo assim: bendito seja Deus por isso, mas não será graças a nenhum deles. O governo da Igreja não é tão importante para o bem das almas como a pregação? Caso contrário, qual a razão de haver governo na Igreja? Os que tornam nulos os esforços, assumindo encargos impossíveis, estarão arruinando a Igreja e a si mesmos. Se apenas a pregação é necessária, tenhamos apenas pregadores: que necessidade haveria de governo? Mas se a disciplina também tem seu lugar e é necessária, excluí-la será proceder em inimizade contra a alma dos homens. De fato, a disciplina é totalmente excluída quando o pastor é colocado em uma posição em que ele é naturalmente incapaz de realizar o seu trabalho. Um general que queira comandar sozinho um exército arruinará a missão em virtude da falta de comando, e o professor que tente supervisionar sozinho a todas as escolas de um município, acabará alegando que as escolas mesmas são impossíveis de ser dirigidas; o médico que queira tratar de todos os doentes de uma nação não conseguirá atender uma parcela deles, e será como se deixasse morrer todos os enfermos.

Temos de admitir que, em caso de necessidade, não havendo suficiente número de obreiros, é possível que alguém tenha de assumir responsabilidade de ministrar a Palavra e os sacramentos a mais almas do que ele poderá atender

pessoalmente. Nesse caso, deveria se propor a fazer apenas o que puder para atendê-las, e não o que se pensa que um pastor *tem* de fazer. E o caso de alguns de nós que temos congregações maiores do que é possível para fornecer o cuidado especial necessário a cada Igreja. De minha parte, professo que não tenho tal ousadia nem desejo o governo de uma região eclesiástica. Se não tivesse consciência de que tenho de fazer aquilo que é possível ser feito, eu não ousaria ser um dos dois que fazem todo o trabalho pastoral que Deus requer na cidade em que vivo; nem meramente deixaria de fazer alguma coisa só porque não posso fazer tudo. Entretanto, os casos de extrema necessidade não representam a condição normal da Igreja, pelo menos não a desejável. Que felicidade seria para a Igreja de Cristo, se tivéssemos pastores capazes e fiéis em proporção ao número de almas, tantos pastores quantas igrejas específicas de um tamanho que todos pudéssemos "pastorear o rebanho de Deus" (IPe 5.2).

A partir daqui, Baxter expõe o que significa *todo o rebanho.* Esta seção é muito importante para compreendermos a metodologia do discipulado - ele tem duas faces: a igreja toda e cada membro da igreja - o todo e a individualidade. O ministério pastoral não pode prescindir nem de um nem de outro.

B. O que significa *todo o rebanho*

Tendo considerado estas coisas, já pressupostas, passemos a considerar o nosso próximo dever: pastorear *todo o rebanho* que há entre vós.

Todo o rebanho inclui cada membro ou indivíduo de nosso pastoreio e toda a congregação. Para isso, é necessário conhecer cada pessoa da congregação, pois como poderíamos cuidar delas sem conhecê-las? Teremos de nos esforçar para conhecer não somente os nomes das pessoas, mas suas condições, inclinações e conversas, pecados mais ameaçadores e quais sejam os mais prováveis de serem negligenciados, e as tentações a que se inclinam - pois, se não conhecermos o caráter das pessoas e a natureza do seu mal, não seremos capazes de ser bons curas[51] de almas.

[51] "Do latim, *curatus,* cura era a pessoa responsável pelo cuidado das almas na paróquia, o vigário ou seu assistente (diácono). O *Book ofCommon Prayer* da Igreja Anglicana do tempo de Richard Baxter (1662) refere-se ao clero como composto de *bispos* e de *curas.* Mas a palavra cura acabou sendo usada para referir-se *ao auxiliar do* vigário local. A linguagem é ainda empregada nas Igrejas

Assim, conhecendo o rebanho, poderemos cuidar dele. É de se supor que todo homem razoável concorde que não haja com tais coisas, e que não haja necessidade de mais comprovação. Não velaria, um pastor cuidadoso, sobre cada uma das ovelhas do rebanho? Não zelaria, um bom professor, por seus alunos individualmente? Não cuidaria, um bom médico, de cada paciente? E um bom comandante, de cada soldado? Por que não, os pastores, mestres, curas, guias das igrejas de Cristo não deveriam cuidar de todos e de cada membro de seu pastoreio? O próprio Senhor Jesus Cristo, o bom Pastor que cuida de todo o rebanho, cuida também de cada indivíduo, como descreve a parábola: ele deixa as noventa e nove ovelhas que estão em segurança no aprisco, e vai atrás da que se desgarrou (Mt 18.12). Muitas vezes, os profetas eram enviados para falar especialmente com indivíduos. Ezequiel foi posto por atalaia e ordenado a dizer aos indivíduos ímpios: "Certamente morrereis" (Ez 33.7). Paulo ensinou a seus ouvintes não apenas publicamente, mas "de casa em casa" (At 20.20); e, em outro lugar, disse: "o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1.28). Muitas outras passagens deixam claro que o cuidado de cada indivíduo do rebanho é um dever ministerial, e muitas passagens dos antigos concílios mostram que tal era a prática dos tempos primitivos. Cito apenas Inácio: "Que as congregações se reúnam com freqüência, e cada um seja chamado pelo próprio nome, sem desprezar os servos ou as domésticas".[52]

> Na perspectiva do todo da Igreja e da própria humanidade criada à imagem de Deus, Baxter apresenta uma preocupação particular com três classes de pessoas: os não-convertidos, os que têm dúvidas sinceras e se debatem com questões de consciência, e os verdadeiramente convertidos.

C. O cuidado de grupos especiais

Embora seja nosso dever cuidar de todo o rebanho, devemos prestar atenção especial a certas classes de pessoas. Isto não é bem-entendido por muitos pastores, razão pela qual entro em detalhes.

Anglicana e Católica, mas as definições mudaram" (Marra, Cláudio. A *Igreja Discipuladora.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. n.V) [N. do E.].

[52] Suprimi a parte seguinte, em que o autor fala acerca da necessidade e possibilidade de o pastor obter ajuda, por tratar-se de abordagem inteiramente estranha aos nossos dias (N. do E.).

1. Os não convertidos

A obra de conversão de almas é a primeira à qual devemos nos entregar com todas as nossas forças. A miséria de uma alma perdida é tão grande que reclama toda nossa compaixão. Se um pecador realmente convertido cai, tem seu pecado perdoado e não estará em perigo de condenação. Não é o caso que Deus não odeie seus pecados tanto quanto os de outras pessoas, ou que o leve ao céu ainda que viva na impiedade. Antes, o Espírito que nele está não permitirá que viva impiamente nem que continue pecando, tal como os incrédulos. Mas quanto àquele que não é convertido, será diferente, pois permanece em laço de amargura e iniqüidade, e não tem parte na comunhão e no perdão dos pecados nem na esperança da glória. Temos em mãos, portanto, uma obra de grande necessidade: abrir os seus olhos para que se convertam das trevas para a luz, do poder de Satanás para Deus, para que recebam o perdão dos pecados e a herança entre os santificados (At 16.18). Vendo uma pessoa ferida de uma doença mortal e outra pessoa sofrendo apenas uma dor de dente, quem certamente não terá compaixão maior da primeira do que da segunda, e se apressará em ajudada, ainda que uma seja estrangeira e a outra, um irmão ou filho? É triste ver pessoas em estado de condenação que, morrendo, estarão para sempre perdidas. Não poderemos deixadas à própria sorte, em público ou em particular, sem procurar ajudadas, mesmo que tenhamos outro trabalho para fazer. Muitas vezes, sou forçado a acomodar o tempo aplicado para os trabalhos que aumentariam o conhecimento dos piedosos, sem negligenciá-los, por causa da necessidade de não-convertidos. Como falar sobre controvérsias e pontos desnecessários ou, até mesmo, sobre verdades menores, quando vemos pecadores ignorantes, carnais e miseráveis que precisam se converter ou, de outro modo, serão condenados! Parece que os ouço clamar por ajuda. Sua miséria fala mais alto porque tais homens não possuem coração para pedir ajuda para si mesmos. Tenho sabido de ouvintes que buscam novidades e discursos acalorados e exigem atenção. Contudo, não posso deixar de atender as necessidades dos impenitentes ou de falar da salvação aos pecadores e aos santos mais fracos para confirmação e aumento de graça. Como o espírito de Paulo se agitou dentro dele ao ver a idolatria dos atenienses (At 17) nós também deveríamos nos comover, observando tantos homens em perigo eterno, como que a um passo do inferno.[53] Tal comoção deveria soltar nossa

[53] Defendendo a mesma tese de Baxter, expondo a pregação de Paulo em Atos 17, Jerram Barrs diz o seguinte: "As pessoas precisam de alguém que lhes esclareça o evangelho. Para cada pessoa, a mensagem que deve ser comunicada são as boas-novas de Deus para nós. Aboa notícia do evangelho, de fato, é que Jesus é o Messias, prometido por Deus nos escritos dos profetas do Antigo Testamento. A boa notícia é que Jesus é o Filho de Deus que morreu pelos nossos pecados, e que ressuscitou

língua, tal como a visão do perigo que corria Creso fez com a língua de seu filho mudo.[54] Quem permite a um pecador descer ao inferno simplesmente porque não desej a lhe falar, dá menos valor à sua alma do que lhe deu o Redentor das almas. Faz menos pelo próximo do que a caridade comum requer em relação ao pior inimigo. Irmãos, não negligenciem os mais necessitados! O que quer que ocorra, não se esqueçam das pobres almas sobre as quais pairam a condenação e a maldição da lei, pois aguardam uma execução infernal, se uma pronta transformação não ocorrer para evitada. Conclamem os impenitentes e cumpram a boa obra de converter as almas, mesmo que tenham de deixar outras coisas sem fazer.

2. Os que têm dúvidas sinceras

E nosso dever atender aos que nos procuram com casos de consciência, especialmente casos graves, tal como o que os judeus trouxeram a Pedro e o carcereiro trouxe a Paulo e Silas (At 2.37; 16.30). Um pastor não deveria ser meramente um pregador público, mas deveria ser conhecido como um conselheiro de almas. Tal como o médico é para o corpo e o advogado para os bens, o conselheiro pastoral é para todas as coisas da vida e da piedade. Se as pessoas tiverem dúvidas ou dificuldades, devem levar o caso ao pastor para obter solução espiritual. Foi assim com Nicodemos, que veio a Cristo; e era assim com as pessoas de antigamente, que procuravam o sacerdote: "Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos" (Ml 2.7). Em razão de o povo desconhecer o ofício do ministério, e seu próprio dever e necessidade a esse respeito, é nossa responsabilidade instruir e publicamente convidar as pessoas para nos procurar para aconselhamento sobre as grandes questões da alma. Devemos não apenas dispor-nos a ouvir seus problemas, mas, também, a compartilhar seu peso.

dos mortos para nossa justificação... Aboa notícia é que haverá uma solução para os problemas do sofrimento, que cada lágrima será enxugada, que a morte um dia não mais existirá para aqueles que o conhecem, que o direito e a justiça um dia encherão a terra. O evangelho preenche todos os anseios corretos do coração humano. Ele responde toda pergunta honesta da mente inquiridora. Ele dá prazer e ultrapassa todo bom impulso da imaginação criativa. Ele encontra e transcende a dor de cada alma para chegar ao conhecimento do Deus vivo" [Barrs, Jerram. A *Essência da Evangelização.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004. págs. 251,252] [N. do E.].

[54] Conta-se que Creso, rei de Lídia (século 6ª a.C), estava prestes a ser morto por um soldado persa quando o horror do que acontecia soltou a língua de seu filho mudo, que gritou: "Soldado, não mate Creso", recuperando o poder da fala (N. do E.).

3. Os que são convertidos

Quanto bem poderemos realizar convidando as pessoas a buscar nossa ajuda! Certamente o faríamos, se estivéssemos cumprindo nosso dever. Tenho ouvido poucos pastores insistir com seu povo para buscar seu conselho. E triste que as almas dos homens sejam colocadas em perigo por causa da negligência de tão grande dever. Ainda assim, muitos ministros não os despertam para a instrução e consolação pessoal. Se os seus ouvintes fossem sensíveis à necessidade e importância do aconselhamento, estariam batendo com maior freqüência às suas portas, declinando suas queixas e implorando a assistência pastoral. No futuro, insistam com o povo quanto a tal dever, e desenvolvam-no com cuidado quando forem procurados. Para isso, é necessário conhecer a prática do aconselhamento bíblico e casos de estudo, em especial a natureza da graça salvadora, a fim de ajudar as pessoas a examinar seu próprio estado e resolver as questões eternas de vida e morte. Uma palavra de conselho prudente dada pelo pastor às pessoas necessitadas poderá ser mais útil do que muitos sermões. Como é boa a palavra dita a seu tempo, diz Salomão (Pv 15.23).

É função pastoral edificar aqueles que já são realmente convertidos. Uma das qualificações do presbítero é que ele seja apto para ensinar, apegado à palavra fiel. Em Tito 1.9, o apóstolo Paulo apresenta dois aspectos pelos quais o presbítero deve ser apto: ele deve ser capaz de aperfeiçoar o conhecimento dos crentes e, por outro lado, refutar o erro dos inimigos da verdade.

A esse respeito, nosso trabalho é variado, conforme a diversidade das condições dos cristãos.

a. Há muitas pessoas no rebanho que, a despeito do tempo decorrido de participação da igreja, ainda são jovens e fracas, com pouca proficiência ou força na fé.

Tal é a condição mais comum entre os crentes. Muitos deles se contentam com os degraus mais baixos da graça, e fazê-los subir não é uma tarefa fácil. É mais fácil conduzi-los a opiniões mais altas e restritas do que do erro para a verdade. Aumentar-lhes o conhecimento e os dons não é fácil e a confiança na graça, mais difícil ainda. Tal fraqueza na vida do cristão é sempre algo para se lamentar: expõe o crente a perigos, restringe o consolo e a alegria no Senhor, e retira a doçura dos

caminhos da sabedoria. Torna-nos menos úteis no serviço de Deus e do homem, trazendo menos honra ao Mestre e menos benefício a todos nós. Brincamos com as insinuações da serpente e somos seduzidos por seus enganos. Somos enganados facilmente e o mal se nos torna em bem, a verdade em falsidade, o pecado em dever. Somos inábeis para resistir aos ataques e para nos firmar no embate, caímos com facilidade e com mais dificuldade nos erguemos. Tornamo-nos capazes de produzir escândalo e trazemos vergonha para a nossa profissão. Conhecemos pouco sobre nós mesmos e somos mais prontos a nos enganar quanto a nosso próprio estado, não observando a profundidade de nossa corrupção. Desonramos o evangelho por causa de nossa fraqueza e fazemo-nos inúteis para as pessoas ao nosso redor. Vivemos com menor proveito, indispostos e não prontos para morrer.

Observar casos de fraqueza dos convertidos é uma grande tristeza. Deveríamos ser diligentes em prezar a graça de Deus e em aumentar-lhes a fé! Aforça dos cristãos é a honra da Igreja. Quando tais homens são inflamados pelo amor de Deus — exibindo uma fé vívida e operosa, amando uns aos outros com o coração puro e fervoroso, perdoando o mal que lhes é infligido, sofrendo com alegria por causa de Cristo, procurando fazer o bem a todos - que honra representam para sua profissão! Que ornamento é para a Igreja, quando andamos sem ofensa no mundo e nos abstemos de toda aparência do mal, como servos de todos os homens a fim de ganhá-los para Cristo, temperando todos os nossos atos com prudência, humildade, zelo, e pensando nas coisas lá do alto! - Que grande honra é servir a Deus enquanto servimos aos homens. As pessoas acreditam mais no evangelho quando vêem seus efeitos no coração e na vida dos que o professam. O mundo lê melhor a natureza da religião na Bíblia quando a lê na vida de uma pessoa. "Aqueles que não obedecem a palavra, sejam ganhos sem palavra alguma" (IPe 3.3). E, portanto, parte importante de nossa obra aperfeiçoar e burilar os santos para que sejam fortes no Senhor, capacitados para o serviço do Mestre.

b. Outra classe de convertidos que necessita de especial ajuda é a daqueles que vivem na corrupção, trazendo problemas para os outros e fardos sobre si mesmos.

Infelizmente, há muitas pessoas assim. Algumas são viciadas em orgulho, outras em mundanismo ou desejos sensuais, outras em obstinação ou paixões do mal. Nosso dever é assisti-las a todas, dissuadindo-os, demonstrando-lhes quão odioso é o pecado e dando-lhes orientações sobre a solução, ajudando-os a vencer as corrupções. Somos líderes do exército de Cristo contra os poderes do inferno e temos de resistir às obras das trevas onde quer que as encontremos, até mesmo

nos filhos da luz. Não podemos ser mais complacentes com os pecados dos santos do que com os dos ímpios. Quanto mais amarmos uma pessoa, mais teremos de manifestar tal amor, opondo-nos ao seu pecado. No entanto, isso tem de ser feito com brandura, especialmente se a iniqüidade já lhe subiu à cabeça e tomou conta da vida. Os ministros de Cristo têm de cumprir seu dever, não motivados pelo ódio ao irmão; devem, antes, repreendêdo em amor, não permitindo que o pecado tenha guarida em sua alma. Tudo isto tem de ser feito com prudência, mas tem de ser feito.

c. *Outra classe que requer ajuda especial é a de cristãos que caem em pecados escandalosos ou cujo zelo e diligência são abatidos, de maneira que perdem o primeiro amor.*

É uma infelicidade que tenham cometido deslizes, e devemos ser diligentes nas ações para recuperados. E triste que percam toda uma vida de paz e serviço a Deus, servindo tanto a Satanás e sua causa. É triste ver o trabalho de uma vida chegar a esse ponto e ter todas as esperanças frustradas. Mais triste ainda é pensar que Deus esteja sendo envergonhado por aqueles a quem tanto amou, por quem tanto fez, e que Cristo seja ferido na casa de seus amigos. Os deslizes parciais tendem naturalmente à apostasia parcial; e a efetuam totalmente, se a graça especial não o impedir.

Quanto mais triste for o caso da queda de um crente, mais deveremos nos esforçar para sua recuperação. Temos de disciplinar "com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade" (2Tm 2.25,26).[55] Temos de honrar especialmente o evangelho para que

[55] Comentando este texto, William Hendriksen chama atenção para a palavra *arrependimento* e afirma: "Apalavra usada no original para indicar esta mudança básica *(metanóia)* significa mais que *arrependimento.* E *conversão* (cf. 2Co 7.8-10), um termo que olha tanto para frente quanto para trás, enquanto *arrependimento* olha principalmente para trás. Além do mais, a *conversão* afeta não só as emoções, mas também a mente e a vontade. Aliás, *éem primeiro lugar* (como a derivação da palavra implica) *uma mudança completa na perspectiva mentalemoral. E uma mudança radical devisão que conduz a uma mudança radical na vida.* Daí ser aqui adequada para a condução ao 'conhecimento da verdade'. Paulo nutre a esperança de que os adeptos da falsa doutrina se convertam de seu hábito de dar maior importância a coisas insignificantes, e reconheçam a grande e maravilhosa verdade revelada no evangelho e centrada em Cristo" [Hendriksen, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito.* São Paulo: Cultura Cristã, 2001. pág. 340] [N. do E.].

tais pessoas dêem evidência de verdadeiro arrependimento, confessando livre e plenamente seu pecado, fazendo reparação à Igreja e à santa profissão, por causa do ferimento causado. Será necessário ter muita habilidade para a restauração de uma alma nessas condições.

d. Aúltima classe de pessoas que requernossa atenção, segundo nosso propósito, aqui, é a dos fortes.

Tais pessoas também necessitam de nossa assistência para preservara graça que possuem e ajudadas a progredir, fortalecendo-as para o serviço de Cristo e a assistência dos irmãos, encorajando-as ainda a perseverar, para que recebam a coroa.

Todas essas classes de pessoas - a dos jovens e fracos, dos que vivem em corrupção, dos caídos em pecados de escândalo e dos fortes -são objetos do trabalho ministerial. Devemos "cuidar de apascentar todo o rebanho", cuidando de cada ovelha de maneira pessoal e individualmente.

D. Os cuidados familiares

Uma das principais marcas do ministério de Baxter era o cuidado para com as famílias. Ele via cada membro da igreja como um na família e via em cada família a possibilidade da instrução coletiva, de modo que a transformação espiritual promovida pela Palavra de Deus seria abrangente a todos e extensiva à sociedade. A partir desse ponto, portanto, ele dedicará atenção especial ao cuidado que os pastores devem ter para com as famílias.

Temos de olhar especialmente para as famílias, para que se jambem ordenadas e os deveres de cada relacionamento sejam realizados.

A vida religiosa e o bem-estar e glória, tanto da Igreja quanto do Estado, dependem muito da ordem e do dever familiar. Se negligenciarmos a família, abalaremos toda a estrutura da obra. Quanto conseguiremos realizar para reforma de uma congregação, se os chefes de família negligenciarem os deveres necessários para com os de sua própria casa, e todo o trabalho estiver somente sobre nossos ombros? Um trabalho iniciado no pastoreio de uma alma poderá ser abafado ou impedido pelo mau testemunho de uma família relapsa, sem oração, mundana. Contudo, se conseguirmos que os chefes de famílias cumpram seu dever, continuando a obra iniciada pelo pastor, que abundância de bem será

realizada! Imploro, portanto, que, se desejam a reforma e o bem-estar de seu povo, façam tudo para promover a religião na família.

Baxter destaca, nos requisitos essenciais dos presbíteros, a ênfase que o apóstolo Paulo dá aos aspectos que envolvem a família: marido de uma só mulher, que crie os filhos sob disciplina, e que não sejam acusados de dissolução e não vivam desordenadamente, e que governe bem a sua própria casa (1Tm 3.2,4,5; Tt 1.6). A tese do apóstolo é que se alguém não tem autoridade no lugar mais propício e íntimo do exercício dessa autoridade, como poderá tê-la diante dos outros? Se os filhos desrespeitam o pai publicamente, como ele poderá exigir respeito da Igreja? Se a esposa não o trata com submissão e respeito, como poderá requerer isto da Igreja? A autoridade não deve ser imposta com o ofício, mas conquistada por meio da demonstração de uma vida de santidade e serviço, tornando-nos modelo do rebanho (Vd. 1Pe 5.3).

Com tal finalidade, atentem para as seguintes coisas:

1. Informação

Obtenham informação sobre a ordem de cada família, para saber como proceder nos seus esforços em seu favor, a fim de promover o seu bem maior.

2. Visitação

Baxter cria que a visitação tem um objetivo discipulador. Não é apenas para confraternização, mas para a averiguação e o ensino pastorais.

Visitem-nas de vez em quando, escolhendo um momento em que estejam mais livres, e perguntem ao chefe da casa se ele regularmente ora e lê as Escrituras junto com a família. Procurem convencer todos os do lar acerca da importância de não negligenciar o culto familiar, e orem com eles antes de sair, dando exemplo de como eles mesmos deverão proceder. Talvez seja oportuno obter deles uma promessa de que serão conscientes desse dever.

3. Oração

Se encontrarem alguns que, por causa de ignorância ou falta de prática, não forem capazes de orar, persuadam-nos a estudar as próprias necessidades, de maneira que seus corações sejam sensibilizados e, assim, por ora, que utilizem uma oração formal de gratidão e petição- mas que não fiquem sem orar. Digam-lhes que continuar a viver de modo negligente quanto à comunhão com Deus é pecado e traz vergonha sobre eles mesmos. Revela que não sabem do que necessitam nem sabem como falar com Deus em obediente oração, como um mendigo que não consegue achar palavras para pedir o pão. Uma oração formal poderá suprir provisoriamente a lacuna, como uma muleta para o coxo. Logo a pessoa não precisará depender dela, aprendendo rapidamente que uma oração emerge dos anseios do coração e deverá ser variada conforme as circunstâncias e necessidades.

4. Leitura

Verifiquem que todos os membros da família apreciem a leitura e possuam livros úteis e comoventes, além da Bíblia. Caso não possuam, convençam-nos a comprar; se não tiverem com que pagar, consigam que um irmão de melhor condição financeira, e disposto às boas obras, compre bons livros e lhes presenteie. Envolvam-nos na leitura; sugira que leiam à noite, quando, talvez, tenham mais tempo, especialmente no dia do Senhor.

5. Guarda do domingo

Orientem os familiares quanto à guarda do dia do Senhor e em como proceder nesse dia, deixando de lado seus afazeres mundanos para evitar distrações e pesos. Ajudem-nos a saber como passar o tempo em família diante do Senhor, depois de terem ido à igreja para o culto público. A vida religiosa também depende muito desse dever. Os mais pobres não têm outro tempo de descanso e, perdendo este, perderão a oportunidade e permanecerão ignorantes e brutos. Persuadam os chefes de família a que ensinem aos filhos por meio da repetição do catecismo e que a família reveja o que ouviu na igreja e na pregação.

6. Exortação

Rogo-lhes que não negligenciem esta importante parte do seu trabalho. Ajudem os chefes de família a cumprir seus deveres. Assim, eles não só lhes pouparão muito

trabalho, mas também promoverão, j unto com o próprio desenvolvimento, osucesso do labor pastoral. Se conseguir que os oficiais sob seu comando cumpram seu dever, um capitão poderá conduzir os soldados com muito menor esforço do que levando toda a responsabilidade sobre os próprios ombros. Não veremos grandes reformas até que obtenhamos a reforma na família. Poderá haver um pouco de religião aqui e ali, mas enquanto as transformações estiverem restritas a pessoas particulares, e não forem promovidas nas famílias, não prosperarão nem produzirão frutos.

E. O cuidado dos enfermos e moribundos

Temos de ser diligentes na visitação dos enfermos, quer para preparados para uma vida frutífera quer para uma morte feliz.

Conquanto deva ser esse o propósito de toda a vida, as situações de enfermidade exigem um cuidado extraordinário, tanto dos enfermos quanto de nós mesmos. E importante remir o tempo para viver ou para passar para o outro lado da vida eterna! Quando temos uma boa oportunidade para sermos ouvidos, ou percebemos ter apenas mais alguns dias ou horas para conversarmos com as pessoas sobre seu destino eterno, quem, a não ser um infiel, não desejaria estar com elas e fazer tudo o possível para certificar de sua salvação?

Não seremos despertados à compaixão ao ver uma pessoa padecer enfermidade? E se for o caso de pensarmos que dentro de poucos dias ela estará no céu ou no inferno? Certamente a presença da morte provará também a seriedade dos próprios ministros, quanto à fé. Terão oportunidade de discernir sua seriedade com respeito às coisas da vida futura. É tão grande a mudança que ocorre em presença da morte que deveria nos despertar para uma maior sensibilidade, para mais profundos sentimentos de compaixão. Deveria nos despertar para cumprir o ofício de *anjos* inferiores, ministrando em favor de uma alma antes que ela abandone o corpo, para que esteja pronta para o encontro dos anjos maiores, na "herança dos santos na luz" (Cl 1.12). Quando alguém está no final da jornada e o passo seguinte o levará ao céu ou ao inferno, essa é uma boa hora para ajudá-lo, enquanto há esperança.

A presença da enfermidade deveria nos mover a aproveitar sabiamente as oportunidades que a própria condição ou o prenúncio da morte propiciam, para bem dos necessitados. Até mesmo o pecador renitente, outrora zombador da fé, poderá nos ouvir quando no leito de morte. Aquele que tinha a fúria de um leão, talvez abandone a ira e seja manso como o cordeiro. No meu campo de trabalho, a experiência tem sido que, chegada a hora da morte, apenas uma ou outra pessoa há que não se humilhe, confessando as culpas, arrependendo-se e prometendo mudar

de vida caso se recupere. Cipriano disse, dirigindo-se às pessoas que gozam de boa saúde: "Aquele que todos os dias lembra a si mesmo de que está morrendo, despreza o presente e apressa o porvir. Quanto mais aquele que enfrenta a possibilidade da própria morte". Quando vêem que a morte os ameaça e que deverão partir sem demora, os impenitentes mais relutantes prometem abandonar o pecado e reformar a vida, deplorando toda a vaidade do mundo. Talvez os senhores considerem que tais mudanças forçadas não sejam do coração e que, portanto, não oferecem esperança de salvação. Concordo que seja comum, na hora da morte, que o pecador se assuste e assuma propósitos efêmeros, e concordo ainda que se ja incomum que tais propósitos sejam eficientes para que se convertam ao Salvador. Agostinho mesmo comentou: "Não poderá morrer mal quem viveu bem; e raramente morre bem quem viveu mal". No entanto, o termo "raramente" não quer dizer "nunca". Tais significados deveriam nos tornar a ambos, pecadores salvos e pecadores impenitentes, mais diligentes em tempo de saúde, pois é "raramente" que alguém se converte na hora da morte; deveriam, também, nos despertar nos últimos dias, pois não é "nunca".

Ao saber de pessoas com enfermidades graves ou em estado de morte, Baxter observava a prontidão, a assertividade e a oportunidade.

Não pretendo oferecer orientações para todos os aspectos do trabalho ministerial e, assim, não direi especificamente tudo o que deveria ser feito pelos homens nos seus últimos momentos, senão apenas considerar três coisas especialmente dignas de atenção:

1. Prontidão

Não esperem até que a força e o entendimento da pessoa tenham desaparecido nem que o tempo seja tão abreviado que os senhores não saibam mais o que fazer. Visitem o enfermo tão logo tome conhecimento de que está doente, sejam solicitados ou não.

2. Assertividade

Quando o tempo for tão breve que não haja mais oportunidade para instruir o enfermo nos princípios da religião, de maneira ordenada, certifiquem-se de que lhe sejam apresentados os pontos principais da verdade, isto é, o conteúdo substancial para sua conversão. Falem sobre a glória da vida futura e sobre o meio pelo qual ela nos foi comprada em Cristo, enfatizando o grande pecado de

o enfermo haver negligenciado enorme preço enquanto gozava saúde e, ainda mais, a possibilidade que ainda existe de aceitar a salvação, arrependendo-se dos pecados e crendo em Cristo como Senhor e Salvador.

3. Oportunidade

Se o enfermo se recuperar, relembrem-no das promessas feitas e das decisões tomadas no tempo da doença. Procurem falar abertamente à sua consciência e, quando ele se mostrar relapso, lembrem-no mais uma vez das palavras ditas no leito da enfermidade.

Dado o aconselhamento ser assim útil para aqueles que se recuperam, e meio de conversão para muitas almas que observam, é necessário procurar também aqueles cuja doença não é para morte, para ajudá-los a chegar ao arrependimento. Como um bispo de Colônia respondeu, quando inquirido pelo Imperador Sigismundo sobre o que fazer para ser salvo: "E necessário fazer e ser o que foi proposto ou prometido quando do último ataque de pedra renal ou gota".

F. Disciplina eclesiástica

Antes de levarmos questões de pecado ofensivo e impenitente perante a igreja, é certo que o pastor procure fazer o que puder, em particular, para que o pecador se arrependa, especialmente se não for uma ofensa pública. Aqui, é preciso ter muita habilidade, discernindo as tendências de caráter dos ofensores. Mas, quanto à maioria, será necessário falar com clareza e poder, para sacudir o coração e demonstrar o que significa brincar com o pecado. Os transgressores têm de saber da profundidade do pecado em relação a Deus e das conseqüências do mal quanto a Deus, quanto às pessoas e quando a eles mesmos.

Os pastores devem cuidar, atenciosamente, para que o governo e a disciplina na igreja sejam bem aplicados. Esta é uma seção à qual Baxter dedica boa parte de sua argumentação. É perceptível a sua preocupação com o estado de depravação moral na igreja e fora dela.

A disciplina eclesiástica[56] consiste, após as correções particulares, de repreensão pública juntamente com exortação ao arrependimento, de oração em favor do ofensor, de restauração do penitente e de exclusão e separação do impenitente.

[56] "A disciplina é como um ***freio*** com que se contêm e se domam aqueles que se enfurecem contra a doutrina de Cristo; ou como um ***espeto*** com que sejam espetados os de pouca disposição; ou às

1. Repreensão pública

No caso de ofensas públicas e, até mesmo, daquelas de natureza privada, quando permanecer impenitente, o ofensor deverá ser repreendido perante todos e, então, convidado ao arrependimento. O fato de a prática da repreensão pública ser pouco usada em nossos dias não nos isenta do dever de aplicar a disciplina. A repreensão na presença de todos é uma ordem de Cristo, repetida também por Paulo (lTm 5.20). A Igreja cumpriu consistentemente tal dever até a época em que o egoísmo e o formalismo tornaram-na remissa e ineficaz, nesse e em muitos outros imperativos. Muitos de nós, que ficaríamos envergonhados se omitíssemos metade da pregação ou metade da oração, damos pouca consideração ao fato de negligenciarmos esta e outras partes da disciplina, como temos feito. Sequer nos preocupamos com a culpa da profanação do nome de Deus, da embriaguez, da fornicação e de outros crimes que pairam sobre nossas cabeças por causa da não-utilização dos meios de graça que Deus designou para a cura desses males.[57]

Se alguém, devido ao medo de ser envergonhado, disser que há pouca probabilidade de a repreensão pública valer para alguma coisa, respondo:

- Não é bom para uma criatura considerar inúteis as ordenanças de Deus nem repreender a obra de Deus, em vez de realizá-la, opondo-se ao Criador. Os mandamentos divinos são úteis e possíveis de serem praticados, ou Deus jamais os teria ordenado.

vezes até mesmo como castigo paterno com que têm de ser castigados, com clemência e segundo a mansidão do Espírito de Cristo, os que caem mais gravemente. Vemos, pois, que é o princípio certo de uma grande desgraça para a Igreja não ter cuidado nem se preocupar de manter o povo na disciplina, e consentir que se desmande. De fato, esse é o único remédio que Cristo não só preceitua, mas também foi sempre usado entre os pios" (Calvino, João. *As Instituías.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág. 223] [N. do **E.J.**

[57] E impressionante, e lamentável ao mesmo tempo, que essas palavras de Baxter façam tanto sentido hoje. Escritas no século 17, sua aplicação permanece atual. É muito comum, em nossos dias, vermos pastores, individualmente, e, por vezes, denominações inteiras desconsiderarem a prática da disciplina eclesiástica. O cenário impuro de 1 Coríntios 5 tem se repetido nalguns casos. Naquela ocasião, entretanto, o apóstolo Paulo foi incisivo e determinou, "em nome do Senhor Jesus", que a pureza fosse novamente buscada e que a igreja agisse com dureza em relação ao pecado, pois "um pouco de fermento leveda toda a massa". Não devemos dar espaço à dissolução, mas estarmos sempre prontos para agir rapidamente contra o nosso próprio pecado e zelar pelo bem de toda a Igreja. Devemos considerar, também, que a disciplina não consiste apenas no afastamento da comunhão, mas a admoestação particular e o próprio ensino da Escritura por meio da pregação são meios disciplinares para o povo de Deus (2Tm 3.16,17) [N. do E.].

- É clara a utilidade da disciplina por meio de expor à vergonha o pecado e humilhar o pecador diante o mundo a fim de manifestar a santidade de Cristo, de sua doutrina e Igreja.

- O que mais se poderia fazer com tais pecadores? Desistir deles como se não houvesse esperança? Abandonados seria mais cruel do que lhes administrar a repreensão. Usariam outros meios? Por que, quando a repreensão pública seria um último recurso suposto, depois de os outros meios já terem sido tentados sem sucesso?

- Autilização do meio de disciplina pública visa à restauração, não somente do ofensor, mas principalmente da Igreja. Ela coíbe outros de cometer pecados semelhantes e mantém pura a congregação e o culto. Séneca disse: "Quem desculpa um malfeitor presente lega-o à posteridade", e ainda: "Quem poupa o culpado fere o justo".

2. Exortação

Juntamente com a repreensão, deveríamos exortar o ofensor ao arrependimento e à confissão, para o bem da Igreja. Algreja terá de evitar manter comunhão com os crentes pecadores impenitentes e escandalosos até que tenham evidência do arrependimento. E como poderemos saber que se tornaram penitentes? Que evidência a Igreja teria senão a pública profissão do arrependimento por meio da confissão acompanhada de verdadeira mudança e reforma?

É necessário ter muita prudência no exercício de tais deveres, a fim de não produzir males maiores do que o bem desejado. Entretanto, teremos de usar a prudência cristã, ordenadora de deveres, e não a prudência carnal irresponsável. Teremos de agir com humildade no cumprimento do dever, até mesmo quando tivermos de agir com maior severidade, para que fique evidente que não há má vontade, disposição altiva, vingança ou injúria. Antes, teremos de proceder de maneira que deixe claro tratar-se de um necessário cumprimento do dever ao qual não podemos, em sã consciência, negligenciar. Para isso, será necessário ilustrar o povo sobre os mandamentos de Deus com respeito ao nosso procedimento no cumprimento do dever, com palavras tais como estas:

> Irmãos, o pecado é tão odioso aos olhos do Santo, que Deus providenciou tormentos eternos do inferno em sua paga. Tanto, que não há outro meio para evitar o castigo senão o sacrifício do próprio Filho de Deus para salvação dos que verdadeiramente se arrependem e abandonam o pecado. Assim, Deus, que a

todos chama para o arrependimento, ordenou-nos, dizendo: "exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (Hb 3.13). Não odiemos, no coração, a nosso próximo, mas repreendamo-lo a fim de que nós mesmos não soframos seu pecado (Lv 19.17). Se um irmão nos ofender, deveremos argüi-lo em separado; se ele não nos ouvir, teremos de levar conosco duas ou três testemunhas da nova admoestação; se ele ainda não atender, levá-lo-emos diante da igreja, a qual, se ele definitivamente não considerar a exortação, declará-lo-á impenitente (Mt 18.15-17). Os pecadores impenitentes e escandalosos deverão ser repreendidos perante todos para que os homens temam a Deus (1Tm 5.20). Deverão ser advertidos com toda autoridade (Tt 2.15). Ainda que fosse um apóstolo, se pecasse de maneira pública e desavergonhada, teria de ser repreendido abertamente, tal como Paulo fez em relação a Pedro (Gl 2.11,14). Se o pecador não se arrepender, deveremos evitá-lo, sequer compartilhando com ele a mesma a mesa (2Ts 3.6,11,12,14; 1CO5. 11-13).

Irmãos, tendo ouvido falar da conduta escandalosa de "fulano de tal", membro desta Igreja, e tendo recebido provas suficientes de que ele cometeu o pecado abominável de________, tratamo-lo com seriedade a fim de movê-lo ao arrependimento. Entretanto, com tristeza no coração, não percebemos resultado satisfatório. Ele parece ainda estar impenitente (ou vivendo no mesmo pecado, ainda que professe arrependimento). Portanto, julgamos ser nosso dever, agora, utilizar a solução que Cristo ordenou para tais casos, isto é, a disciplina pública. Rogamos a "fulano", em nome do Senhor, que sem demora entenda a profundidade do seu pecado, o mal que fez contra Cristo e para si mesmo, e o escândalo que tem causado a outros. Peço-lhe que sinceramente considere, por amor de sua alma: de que valerá o pecado se o seu preço for a vida eterna; como se apresentará diante do Senhor Jesus quando a morte lhe tirar a alma do corpo ou como se encontrará diante de Deus no juízo caso esteja entre os impenitentes. Imploro, como mensageiro de Cristo Jesus, por amor de sua alma, que deixe de lado a dureza do coração, confesse e lamente seu pecado diante de Deus e desta congregação. Publico este ato não com má vontade contra "fulano", como o Senhor bem sabe, mas por amor à sua alma, em obediência a Cristo, o qual ordenou o meu dever. Desejo de coração que ele esteja salvo do pecado e do poder de Satanás e da ira eterna de Deus e, assim, se reconcilie com Deus e com sua Igreja. Portanto, melhor é que seja ele humilhado por verdadeira contrição do que, sendo impenitente, seja humilhado pela condenação sem solução.

As disciplinas exercidas por meio de admoestações públicas têm o propósito acima mencionado. Nos casos em que o pecador considerar que o seu

pecado seja menor do que realmente é, talvez seja necessário mostrardhe os agravantes, citando algumas passagens da Escritura que falam da gravidade e perigos de tal pecado.

3. Intercessão

Juntamente com tais reprovações e exortações, haveremos de nos unir em oração em favor do ofensor. Isso deverá acontecer em todo caso de disciplina, mas, especialmente, quando o ofensornãose fizerpresente para receberaadmoestação ou não der evidência de arrependimento, demonstrando indiferença quanto às intercessões da congregação. Deveremos pedir as orações da congregação em seu favor, tendo compaixão da pobre alma tão cega e endurecida pelo pecado e por Satanás a ponto de não ter pena de si mesmo. Deveríamos pensar no que significará, para ele, aparecer diante do Deus vivo no dia do juízo, caso esteja entre os impenitentes, e unirmo-nos em oração sincera para que Deus lhe abra os olhos e enterneça o coração antes que ele vá irremediavelmente ao inferno. Sejamos sinceros em nossas orações a fim de que a congregação afetuosamente participe conosco. Quem sabe se, ouvindo Deus as intercessões do seu povo, o coração do pecador não se arrependa mais do que com todas as nossas exortações?

A meu ver, é louvável que as igrejas usem os dias seguintes para se reunir em oração sincera, rogando a Deus o enternecimento do coração e abertura dos olhos do salvo disciplinado para que se arrependa, ou que o impenitente seja salvo da morte eterna.

Se os pastores forem conscienciosos no cumprimento desse dever, poderão obter resultados e bênçãos. Contudo, se nos esquivarmos de tudo aquilo que for perigoso ou desagradável em nosso labor, ou de tudo aquilo que nos custe mais e que requeira esforço, nada poderemos esperar, pois nenhum bem poderá resultar do uso parcial e carnal dos meios de graça. Ainda que alguns, aqui e ali, possam se arrepender independentemente da ação da Igreja, por causa da graça de Deus, ainda assim, não poderemos esperar que o evangelho que vivemos corra seu curso de maneira que glorifique a Deus, se nos desincumbirmos o nosso dever de maneira tão má e falha.

4. Restauração

Temos de restaurar os penitentes à comunhão da Igreja. Tal como ensinamos o ofensor a não assumir levianamente a disciplina, também não podemos desanimado,

usando excessiva severidade (2Co 2.5-7). Se a pessoa disciplinada mostrar-se realmente convicta do pecado cometido, e penitente, teremos de verificar que confesse sua culpa e prometa abandonar o pecado, vigiar e evitar a tentação, não confiante em suas próprias forças, mas dependente da graça que está em Cristo Jesus.

Teremos de assegurar ao penitente das riquezas do amor de Deus e da suficiência do sangue de Cristo para perdoar os pecados de todo aquele que crê e se arrepende.

Teremos de nos certificar de que ele realmente deseja ser restaurado à comunhão da igreja e às orações a Deus para seu perdão e salvação.

Teremos de responsabilizar a igreja quanto à imitação de Cristo no perdão e na aceitação da pessoa penitente, ou, se ela foi lançada fora, na sua restauração à comunhão. Que jamais o repreendam por pecados já perdoados nem sejam seus pecados levantados contra eles repetidamente, mas que o perdoem, tal como Cristo fez.

Finalmente, deveremos dar graças a Deus pela recuperação do pecador e orar por sua confirmação e preservação daí em diante.

5. Exclusão

Aúltima parte da disciplina é a exclusão da comunhão da Igreja, daqueles que, depois de repetidas e suficientes oportunidades, permanecerem impenitentes.

A exclusão da comunhão da Igreja, chamada muitas vezes de excomunhão, apresenta diversos graus que não deveriam ser confundidos. A prática mais comum entre nós, hoje, é a da remoção do pecador impenitente de comunhão até que agrade ao Senhor conceder-lhe arrependimento.

Em casos de exclusão ou remoção da comunhão, o pastor ou os governantes da Igreja são autorizados a ordenar ao povo, em nome do Senhor, que não tenham comunhão com a pessoa disciplinada, e pronuncia-o como alguém a quem a Igreja deverá evitar. Será dever do povo, diante de Deus, evitar comunhão com tal pessoa, desde que a acusação seja verdadeira, não contradizendo a Palavra de Deus. No entanto, ainda assim, deveríamos orar em favor dela, rogando a Deus que tal pessoa excomungada se arrependa e seja restaurada. Caso Deus conceda o arrependimento, deveremos recebê-la com renovada alegria, à comunhão da Igreja.

Negligenciar o exercício da disciplina ensina Baxter, é incorrerem maior :
pecado do que aquele que deve ser disciplinado.

Quisera que fôssemos fiéis na prática da disciplina e não nos satisfizéssemos apenas com suas formas e modos; e que não anulássemos seu poder por meio de

nossa negligência, quando a recomendamos em nossos escritos! Temos de considerar que aqueles que deveriam exercer juízo serão mais responsabilizados no tribunal de Deus. Porventura, não serão julgados tanto aqueles que, ignorantes de sua natureza e necessidade, em viva voz recriminaram e impediram a disciplina, quanto os que desprezaram, por meio de omissão constante, enquanto, alto e bom som, a elogiaram? Se a hipocrisia e a desobediência em relação à vontade conhecida do Mestre não fossem atos igualmente pecaminosos, estaríamos em melhor situação. Mas, se ambas são, da mesma maneira, grandes males, seremos piores do que aqueles a quem deveríamos condenar. Aqueles que parecem zelosos, mas negligenciam obstinadamente a disciplina, eu não aconselharei que desdigam o que disseram até que estejam prontos para praticar o que dizem. Não pedirei que retratem suas defesas da disciplina até que as pratiquem. Não lhes direi que queimem os livros ou registros de custos e perigos que escreveram sobre o assunto, os quais, se não forem aplicados, serão usados para reprová-los em juízo. Antes, tentarei persuadi-los à pronta conformação com a prática do próprio testemunho, para que não se contradigam e sejam condenados pela própria negligência.

Tenho me surpreendido ao ouvir reverendos pastores, aos quais considerava piedosos, repreender aqueles que chamavam de *sacramentístas* e *discíplínaristas,* como se fossem membros de seitas heréticas. Quando quis saber a quem se referiam, disseram-me que seriam os pastores que não distribuíam o sacramento a todos da Igreja[58] e que fazem distinção por causa de disciplina. O tentador já teria obtido uma grande vitória, se conseguisse fazer um só piedoso pastor de Igreja negligenciar a disciplina ou a pregação. Muito mais, se fizesse alguns deles aprovar tal negligência. Mas parece que ele conseguiu, ainda mais, promover a zombaria e o desprezo daqueles que cumprem o dever que eles mesmos negligenciam. Estou certo de que, se eles entendessem quanto da obra pastoral e de sua autoridade consiste no governo da Igreja, discerniriam que se colocar contra a disciplina é quase como se opor ao ministério; que ser contra o ministério é quase como ser contra a Igreja; e que ser contra a Igreja é quase o mesmo que ser contra Cristo. Não acusem a severidade da inferência, até que possam evitá-la, e livrem-se de acusação na presença do Senhor.

[58] O pastor congregacional Jonathan Edwards (1703-1758) foi desligado do pastorado e expulso da Igreja que pastoreava há 23 anos, em Northampton, na colônia norte-americana de New Hampshire, por insistir que as pessoas deveriam fazer a confissão pública de fé para se tornarem membros da Igreja e, assim, poderem participar da Ceia do Senhor. Seu avô, Solomom Stoddard, pastor durante sessenta anos naquela Igreja, havia abandonado a prática de confissão pública e aberto o acesso a qualquer pessoa que desejasse participar da Ceia, inclusive os não-crentes. J. Edwards não concordou com essa prática e, por contrariar a maioria do povo, foi expulso em 1750 (N. do E.).

CAPÍTULO 2

O MODO DO CUIDADO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 2

A. A obra ministerial deve ser desempenhada puramente para Deus e a salvação das almas, não para nossos próprios fins particulares.

B. A obra ministerial deve ser desempenhada com esforço e diligência, pois tem conseqüências inefáveis para nós e para os outros.

C. A obra ministerial deve ser desenvolvida com prudência e ordem.

D. Devemos escolher prioridades.

E. Devemos comunicar com simplicidade.

F. Devemos ensinar com humildade.

G. Severidade e mansidão; zelo e amor.

H. Perseverança e reverência por Deus e por sua Palavra.

I. Devemos manter vivos os sinceros desejos e expectações de sucesso verdadeiro.

J. Todo aspecto do trabalho deve ser feito com profundo senso de nossa própria insuficiência e total dependência de Cristo.

Conclusão - Temos de nos aplicar à união e comunhão entre nós, pastores, e à unidade da paz nas igrejas que supervisionamos.

A. A obra ministerial deve ser desempenhada puramente para Deus e a salvação das almas, não para nossos próprios fins particulares.

A finalidade errada torna errado todo o trabalho, não obstante a boa natureza da obra. Não estaremos servindo a Deus, mas a nós mesmos, se não estivermos realizando a obra exclusivamente para ele, negando a nós mesmos. Aqueles que se envolvem no ministério como se fosse profissão comum, apenas para o sustento material, descobrirão que escolheram a profissão errada, embora não deixe de ser um bom emprego. A

abnegação é absolutamente necessária para todo cristão, mas duplamente necessária para o pastor. Nenhum obreiro poderá render sequer uma hora de serviço fiel para o Senhor, se não tomar a sua cruz para segui-lo. Sem a finalidade certa, muito estudo, muito conhecimento, excelência na pregação e tudo mais, servirão apenas para acrescentar mais peso ao pecado de hipocrisia "glorificada". O dito de Bernardo é do conhecimento comum: "Alguns desejam conhecer apenas por causa do conhecimento, o que é curiosidade embaraçosa. Alguns desejam conhecer a fim de vender conhecimento, o que também é vergonhoso. Alguns desejam conhecer por amor à própria reputação, o que denuncia indigna vaidade. Mas há aqueles que desejam o conhecimento a fim de edificar a outros, e isto é louvável; e há também aqueles que, além dos outros, desejam conhecer para edificar a si mesmos, e isto é sabedoria".[59]

B. A obra ministerial deve ser desempenhada com esforço e diligência, pois tem conseqüências inefáveis para nós e para os outros.

Buscamos edificar o mundo, salvá-lo da ira de Deus, aperfeiçoar a criação, alcançar os fins da morte de Cristo, salvar a nós mesmos e a outros da condenação, vencer o diabo e derrotar seu reino, estabelecer o reino de Cristo e alcançar os outros para o reino da glória! Deveriam ser, tais obras, realizadas com desleixo ou mão preguiçosa? De modo nenhum. Antes, trata-se de uma obra à qual deveríamos dedicar todas as forças. Estudem muito, pois o poço é fundo e nosso cérebro é raso. Como disse Cassiodoro:[60] "Aqui, o limite não deveria ser o desejo comum de conhecimento, mas uma verdadeira ambição. Quanto mais se busca o conhecimento profundo, maior a honra de atingi-lo". Sejam especialmente esforçados na prática e no exercício do conhecimento. Que as palavras de Paulo ressoem continuamente em seus ouvidos: "sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!" (ICo 9.16). Pensem na obra consumada do Senhor como se ela estivesse em nossas mãos: "Se eu não agir, a prevalência de Satanás prevalecerá no meu campo, e o sangue das pessoas que perecerão eternamente será requerido de minhas mãos. Fugindo da luta e do sofrimento, atrairei sobre mim mil vezes mais do que evito, enquanto que, por meio da diligência no presente, estarei me preparando para bênçãos futuras". Ninguém jamais será perdedor na causa de Deus.

[59] Bernardo de Fontaine (1090-1153 d.C) abade de Clairvaux, em seu "Sermão sobre o conhecimento e ignorância" (N. do E.).

[60] Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus (490-581 d.C.) nasceu em Scyllaceum (atual Squillace), no sul da Itália, e foi um estadista italiano e historiador. Destacou-se por ser conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande (N. do E.).

C. A obra ministerial deve ser desenvolvida com prudência e ordem.

O leite vem antes da carne e o fundamento tem de ser colocado antes da tentativa para erguer a estrutura. Crianças não devem ser tratadas como homens de plena estatura. As pessoas têm de ser trazidas a um estado de graça antes que possamos esperar delas as obras da graça. A obra da conversão, o arrependimento e a fé em Cristo precisam ser ensinados primeiro, freqüente e detalhadamente. Não deveríamos ir além da capacidade de nosso povo nem ensinar a perfeição, se eles ainda não aprenderam os primeiros princípios da religião, pois, como disse Gregório de Nissa:[61] "Aos infantes, não ensinamos os preceitos profundos da ciência, mas as primeiras letras, e depois sílabas, etc. Assim, os guias da Igreja deveriam propor aos seus ouvintes, primeiro, certos escritos elementares e, então, gradativamente, abrir ocasião para as questões mais perfeitas e misteriosas". Assim a Igreja se esforçou com seus catecúmenos antes de batizá-los, e não colocaram pedras não-trabalhadas no edifício.

D. Devemos escolher prioridades.

Se pudermos ensinar Cristo a nosso povo, teremos ensinado tudo. Levem-nos bem ao céu e eles terão o conhecimento suficiente. As grandes e reconhecidas verdades da religião dão fundamento à vida do homem, as quais são os grandes instrumentos de destruição dos pecados dos homens e de elevação dos ouvintes a Deus. Portanto, deveríamos sempre, em vista das necessidades de nosso povo, lembrar que "uma coisa só é necessária", despojando-nos dos atavios superficiais e das. controvérsias sem proveito. Muitas outras coisas são desejáveis ao conhecimento, mas uma deve ser mais conhecida, para que o povo seja salvo - Cristo. Creio que a *necessidade* que o homem tem de Cristo é o grande referencial do curso e esforço da vida. Se fôssemos capazes, poderíamos tentar todas as coisas, colocando-as em ordem, como em uma enciclopédia. A vida, porém, é curta e nós somos obtusos. Somente as coisas eternas são realmente necessárias e preciosas para as almas que dependem de nossa pregação. Afirmo que tal necessidade tem conduzido meus estudos e minha vida. Ela escolhe o livro que devo ler, quando ler e por quanto tempo ler. Escolhe o texto bíblico e a forma do meu sermão, o assunto e a maneira de apresentá-lo, desde que eu consiga evitar minha corrupção. Embora saiba que a constante expectação da morte seja uma das causas das múltiplas necessidades, não sei de nenhuma razão para que homens saudáveis, considerando a incerteza e efemeridade da vida humana, não cuidem primeiramente das coisas mais necessárias,

Um Pai da Igreja da Capadócia do século 4°.

as do alto. Xenofonte[62] achava que não haveria "melhor mestre do que a necessidade, que ensina todas as coisas com diligência". Quem poderá, no estudo, na pregação ou na labuta diária, fazer outras coisas, sabendo que há algo mais importante a ser feito? Quem poderá gastar tempo com coisas inúteis, sentindo as urgentes esporas da necessidade? Como diz o soldado: "Nada de discussão alongada; contenção pronta e forte é essencial quando a necessidade urge". Muito mais, nós que temos uma tarefa mais importante. Sem dúvida, a melhor maneira de remir o tempo é garantir que não percamos uma hora sequer, aplicando-as somente nas coisas realmente necessárias. Assim é que seremos mais úteis para o próximo, ainda que nem sempre haja gratidão ou aplausos. Devido à fragilidade do homem, é verdadeiro o dito de Séneca: "Somos mais atraídos às novidades do que às boas coisas".

Assim é que um pregador, muitas vezes, terá de tratar repetidamente dos mesmos assuntos, porque as questões necessárias não são muitas. Não poderemos atender a necessidades artificiais nem concentrar em coisas desnecessárias a fim de satisfazer o desejo de novidades, embora devamos revestir as mesmas verdades com grata variedade de apresentação. Os grandes volumes e cansativas controvérsias que nos perturbam e que geralmente consomem nosso tempo consistem mais em opiniões do que em verdades necessárias. Como disse Ficino:[63] "A necessidade se fecha em limites estreitos; não é assim a opinião"; e Gregório Nazianzeno[64] e Séneca[65] disseram, muitas vezes: "As necessidades são comuns e óbvias; são as superficialidades com as quais desperdiçamos o tempo, labutamos e reclamamos de não atingidas".

E. Devemos comunicar com simplicidade

Portanto, os pastores deveriam observar a situação de seus rebanhos a fim de reconhecer o que lhe é mais necessário, tanto em relação ao assunto quanto em relação à maneira de ensinar. Geralmente o assunto é a primeira consideração, uma vez que é mais importante do que o modo. Quando escolherem autores para ler, prefiram aqueles que lhes digam algo que ainda não saibam e que escrevam de maneira clara sobre verdades necessárias. E preferível a linguagem simples do que a elegante falsidade ou vaidade de autores que, "com grande esforço, nada dizem". Proponho seguir o conselho de Agostinho: "Demos primazia ao significado da Palavra, para que a alma tenha precedência ao corpo; assim estaremos buscando

Historiador grego (427-335 a. C) (N. do E.)
Filósofo italiano do século 15.
Um Pai da Igreja, viveu na Capadócia (330-395) (N. do E.).
Senador romano e filósofo estórico (4 a.C-65 d.C.) (N. do E.)

verdades maiores à medida que ouvimos discursos de maior discernimento, tal como em nossas amizades buscamos antes a sensatez do que a beleza".

Certamente, da maneira como eu fizer quanto aos estudos para minha própria edificação, assim farei em relação ao ensino para a edificação de outras pessoas. E comum que, na busca da matéria e da substância do verdadeiro aprendizado, muitos homens ignorantes e vazios sejam exageradamente curiosos e solícitos na busca de palavras e de adornos de linguagem. Homens mais experientes e versados costumam se cercar de verdades substanciais revestidas de roupagens mais simples. Aristóteles disse que as mulheres são geralmente mais vaidosas do que os homens quanto à maneira de vestir porque, sofrendo a pressão da desvalorização social e presumindo falta de valor interior, desejam compensar com adornos externos emprestados. O mesmo ocorre com pregadores que, sentindo-se vazios e sem valor, e desejando ser estimados pelo que não são, não têm outro meio para obter estima senão o polimento da linguagem externa.

Asimplicidade do ensino atinge melhora finalidade do mestre. Se os senhores quiserem ser entendidos, falem segundo a capacidade de seus ouvintes. A verdade ama a luz e é mais bela quando exposta com clareza. Obscurecer a verdade é marca de inimizade invejosa, e obra de hipocrisia é toldá-la sob o pretexto de revelação. Desse modo, sermões rebuscados e obscuros (como vidraças decoradas, mas opacas), muitas vezes, denunciam hipocrisia. Se os senhores não querem realmente ensinar as pessoas, o que estão fazendo no púlpito? Se realmente desejam ensinar, por que não falam de maneira a serem compreendidos? Certamente a profundidade do assunto poderá dificultar o entendimento, até mesmo, quando o pastor estudou bastante para torná-lo mais claro. Mas este não é o caso da pessoa que propositadamente encobre o assunto com jargões eruditos ou falsa simplicidade mercadológica, escondendo o pensamento do povo, pretendendo instruir o povo. Tal estratégia só atrai a admiração dos tolos pela falsa erudição ou simpatia teatral; mas aos sábios, revela a loucura, a hipocrisia e orgulho do pregador.

Alguns pregadores alegam a necessidade de esconder sentimentos, por causa do preconceito humano e do despreparo do entendimento comum para receber a verdade. A verdade, porém, vence o preconceito à luz de sua evidência. Não há melhor maneira de fazer prevalecer uma boa causa do que torná-la clara e bem conhecida. A luz da verdade alcançará, até mesmo, a mente despreparada. De outro modo, poderá ser que o povo desconfie de que o próprio pregador não digeriu bem o assunto, uma vez que não foi capaz de expô-lo com simplicidade. Deveremos sertão simples quanto permita a natureza do assunto, conforme o requeiram as verdades pressupostas. Sei que algumas pessoas não podem, ainda, entender determinadas verdades, até mesmo faladas com toda a clareza possível, assim como as regras gramaticais mais simples não serão entendidas por crianças que estejam apenas aprendendo o alfabeto.

F. Devemos ensinar com humildade.

Temos de ter uma atitude mansa e condescendente para com todos. Primeiro temos de dispor as pessoas ao aprendizado por meio do exemplo de nossa própria prontidão para aprender. Ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo. Não deveríamos ventilar conceitos próprios cheios de orgulho, desdenhando os que nos contradizem, como se tivéssemos atingido o cume do conhecimento e nos assentássemos para ensinar o povo aos nossos pés. O orgulho é um vício que não cabe a homens que deveriam demonstrar humildade na condução de pessoas para o céu. Deveríamos cuidar que, conduzindo pessoas para o céu, a porta não seja estreita demais para nós mesmos. Como disse Grócio[66]: "O orgulho nasceu no céu, mas, como se esquecesse que o caminho de lá se fechou, é impossível que ele para lá retorne". O Deus, que lançou do céu o anjo orgulhoso, não acolherá um pregador soberbo. Devemos nos lembrar, pelo menos, de que recebemos o título de *ministro* (servidor). A raiz do orgulho alimenta todos os demais pecados. Daí a inveja, as contendas, a falta de paz dos pastores; daí os impedimentos da reforma espiritual. Todos querem liderar, poucos aceitam seguir ou cooperar. Daí, também, a falta de proficiência de muitos ministros, pois são orgulhosos demais para aprender. A humildade lhes ensinaria outra lição. Digo, a respeito dos ministros, o que Agostinho disse a Jerônimo, falando sobre os mais idosos entre eles: "Embora seja mais aprazível aos idosos ensinar do que aprender, muito mais digno é aprender do que permanecer ignorante".

Deve haver uma mistura prudente de severidade e mansidão, tanto na pregação quanto na disciplina, infelizmente, há muitos que privilegiar.": a mansidão por acharem que agir assim é demonstrar amor. Entretanto, se esquecem de que a justiça requerida por Deus na execução cla disciplina deve ser mantida tanto quanto o amor. Quem ama corrige. A ; correção mansa não anula a necessidade de disciplina. Baxter apontará isso pouco mais adiante.

G. Severidade e mansidão; zelo e amor.

Severidade e mansidão deveriam ser igualmente exercidas, predominando uma ou outra de acordo com a qualidade da questão em mãos, considerando a personalidade dos envolvidos. Se não houver *nenhuma* severidade, nossa

Huig de Groot (Grotius), Jurista holandês (1583-1645) (N. do E.)

repreensão será desprezada. Se houver severidade em *tudo,* seremos vistos como dominadores e usurpadores e não como quem persuade a mente dos homens à obediência da verdade (Rm 11.22).

Nosso trabalho requer grande habilidade, especialmente de vida e zelo, maior do que a capacidade de qualquer um dentre nós. Não é coisa de pequeno valor colocarmo-nos diante de uma congregação para entregar uma mensagem de salvação ou condenação vinda do Deus vivo, em nome do Redentor. Não é fácil expôda com clareza tal que o mais ignorante possa entender, tão grave que o coração mais endurecido possa sentir, e tão convincentemente que os capciosos que querem nos contradizer sejam silenciados. O peso de glória do assunto que expomos condena a frieza e sonolência. Temos de permanecer acordados e manter nosso espírito habilitado para despertar outros. Se nossas palavras não forem aguçadas, e não fincarem e firmarem como pregos, jamais serão ouvidas por corações empedernidos. Falar com displicência ou frieza sobre as coisas celestiais é quase tão ruim como nada dizer a seu respeito.

Nosso povo precisa saber que nada nos agrada mais do que observar seu bom proveito, que aquilo que lhes faz bem igualmente nos faz bem; que nada nos perturba mais do que seu sofrimento. Deveríamos sentir em relação ao nosso povo aquilo que o pai sente em relação aos filhos; o mais carinhoso amor materno não deveria ser maior que o nosso. Deveríamos sofrer dores de parto, até que Cristo fosse formado neles (Cl 4.19). Os membros da igreja deveriam saber que não nos importamos com coisas externas como riqueza ou liberdade, honra ou vida, mais do que com a salvação de suas almas. Deveriam comprovar em nossa vida que estaríamos contentes, até mesmo se, como Moisés, tivéssemos nosso nome riscado do livro da vida em seu favor, se fosse possível e necessário para sua salvação (Ex 32.32). Assim, como diz João, devemos estar prontos para "dar nossa vida pelos irmãos" (ljo 1.16) e, como Paulo, cumprir a carreira e o ministério recebido do Senhor Jesus Cristo (2Tm 4.5-8), em nada considerando "a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20.24).

Quando perceberem que os senhores as amam sem fingimento, as pessoas ouvirão e suportarão qualquer coisa que os senhores lhes disserem; como também escreveu Agostinho: "Ame a Deus e faça o que lhe agrada". Nós mesmos aceitamos tudo daqueles que nos amam. Suportamos a admoestação feita com amor e rejeitamos a palavra áspera proferida com malícia e ira. A maioria dos homens julga o conselho segundo o afeto de quem o emite, pelo menos, para ouvi-lo com justiça. Certifiquem-se de que tenham e demonstrem terno amor para o seu povo, e que as pessoas ouçam amor em suas palavras e o comprovem em sua conduta.

Permitam que vejam que os senhores se gastam e deixam-se desgastar em prol

de suas almas (2Co 1.2.15) - por eles, e não para suprir sua própria carência afetiva ou material. Para isso, são necessárias as obras do amor. Gastem o quanto puderem gastar, pois meras palavras não convencem os homens de que os senhores têm grande amor por eles. Se não puderem dispor de bens materiais, mostrem que estariam dispostos à generosidade, se tivesse mais condições.

Certifiquem-se de que o amor não seja carnal, procedente do orgulho e motivado pelo desejo de agradar os homens. Agradem Cristo e amem a Deus e as pessoas pela única razão de que Deus nos amou primeiro. Cuidem que, em nome do amor, não haja conivência com os pecados das pessoas, pois a participação no pecado de outrem contraria a natureza e a finalidade do amor. A amizade tem de ser fundamentada com piedade. Certamente, um homem ímpio jamais poderá ser verdadeiro amigo, pois amizade implica participação, e os senhores não podem participar da iniqüidade. Havendo favorecimento de pecado de outrem, o amor será fingido e o objetivo da salvação das almas estará perdido. Encobrindo os pecados das pessoas, os senhores demonstrarão inimizade contra Deus e, portanto, não poderão amar o irmão (ljo 2.9). Quanto aos melhores amigos, ajudem-nos contra os piores inimigos. Não pensem que a severidade seja incoerente com o amor: os pais corrigem os filhos, e o próprio Deus "corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12.6). Agostinho disse que é melhor amar, até mesmo, acompanhado de severidade, do que conduzir ao erro por causa de excessiva leniência.

H. Perseverança e reverência por Deus e por sua Palavra.

Haveremos de suportar muitos abusos e injúrias da parte daqueles a quem buscamos fazer o bem. Depois de termos nos dedicado ao estudo, à oração, à exortação, insistido nos apelos com toda sinceridade e condescendência, tendo dado tudo o que pudemos e cuidado deles como se fossem nossos filhos, deveremos saber que muitos ainda nos tratarão com desdém, ódio e desprezo. Considerar-nos-ão inimigos, porque lhes "dissemos a verdade". Teremos de tratar com homens dissimulados que fogem do médico, mas nem por isso poderemos negligenciar sua cura. Não será digno da profissão, o médico que se deixar afastar por um paciente mal-educado ou por palavras indignas. Como se comove o coração e como se agitam o orgulho e as paixões do velho homem na luta contra a paciência e mansidão da nova criatura, quando os pecadores nos repreendem e maldizem em função do nosso desempenho, mais dispostos à ingratidão do que ao reconhecimento do amor! Infelizmente, muitos pastores cedem se afastam quando enfrentam tais condições.

Reverência é o afeto da alma que procede de um profundo respeito por Deus e revela uma vida que se comunica com o Senhor. Irreverência em relação às coisas

de Deus implica hipocrisia e revela um coração incoerente com aquilo que a língua professa. Não sei como ocorre com outras pessoas, mas, quanto a mim, as palavras simples de um pregador reverente, cuja voz reflita que esteve ante a face de Deus, tocam mais meu coração do que a arenga culta do homem irreverente. Ainda que chore ou provoque riso, projetando aparência de muita sinceridade, se não houver reverência ligada ao fervor, pouco restará. De toda a pregação (que não for claramente mentirosa) tolero menos a pregação burlesca, que mexe com a coceira de leviandade das mentes, afetando a audiência com atos teatrais, em vez de motivá-las com santa reverência ao nome de Deus. Jerônimo disse: "Ensina na igreja, não para obter aplauso, mas para provocar gemidos; as lágrimas dos ouvintes são teus louvores". Quanto mais a glória de Deus for aparente em nossos deveres, maior autoridade teremos diante dos homens. Ao nos aproximar das coisas santas de Deus, deveríamos imaginá-lo em seu trono, cercado de milhões de anjos gloriosos a seu serviço, e a nós mesmos, maravilhados com sua majestade - a fim de não as profanar nem tomar o nome de Deus em vão.

Todo o nosso trabalho deve ser feito espiritualmente, como por homens possuídos pelo Espírito Santo. Novamente, Baxter aponta o orgulho espiritual como um grave pecado. Nossa atitude diante do conhecimento revelado por Deus deve ser de inteira gratidão, conscientes de que nossa tarefa é comunicar aos homens a verdade da Escritura e não nosso próprio conhecimento. Nenhum conhecimento humano pode ser comparado ao conhecimento revelado de Deus na sua Palavra.

Há, na pregação de alguns homens, um fio espiritual que os ouvintes igualmente espirituais poderão discernir e apreciar. Napregação de muitos outros, falta tanto desse tom sagrado que, até mesmo quando falam de coisas espirituais, fazem-no de maneira comum, como se as coisas sagradas pudessem ser comuns. As evidências e ilustrações da verdade divina devem ser espirituais, julgadas à luz das Sagradas Escrituras, e não segundo escritos de homens. A sabedoria do mundo não pode ser exaltada contra a sabedoria de Deus; a filosofia precisa aprender a se curvar e servir à preeminência da fé. Grandes estudiosos da escola de Aristóteles costumam exaltar excessiva e indevidamente o seu mestre em detrimento de outros menos educados, julgando que estes lhes sejam menores. Deveriam cuidar que, na tentativa de serem grandes aos olhos dos homens, não sejam, eles mesmos, considerados menores na escola de Cristo e no reino de Deus. Um dos mais sábios entre os homens disse que em nada queria se gloriar senão na cruz de Cristo, e este crucificado (Cl 6.14). Aqueles que sabem que Aristóteles está no inferno não deveriam tomá-lo como guia no caminho para o céu. Gregório nos deixou excelente memorando: "Deus primeiro ajunta os incultos; depois, os sábios. Ele não faz de oradores, pescadores, mas de pescadores, sim, ele produz pregadores". Os homens mais cultos deveriam pensar nisso.

Todo escritor não-bíblico deveria receber a estima e a crítica devidas, mas nenhum poderá ser comparado com a Palavra de Deus. Não recusamos seu trabalho, mas não os aceitamos como rivais ou competidores da Escritura. A perda de prazer na excelência da Escritura é sinal de coração desordenado. No coração verdadeiramente espiritual há uma correspondência tácita com a Palavra de Deus, pois esta é a semente que o regenerou. A Palavra de Deus é o selo que autentica as santas impressões no coração dos crentes, glorificando neles imagem divina. Por isso, eles só podem ser como a Palavra quer que sejam - e a estimam durante toda a vida.

I. Devemos manter vivos os sinceros desejos e expectações de sucesso verdadeiro.

Se seus corações não estiverem considerando o fim da labuta, não almejarem a conversão e edificação de seus ouvintes, e não estudarem e pregarem com esperança, provavelmente não verão muito sucesso verdadeiro. Aausência de tais motivações é sinal de que o coração se ocupa com falsidade e autopromoção, buscando sucesso humano e contentando-se com uma obra infrutífera aos olhos de Deus. Tenho observado que Deus raramente abençoa uma obra sem que o obreiro tenha o coração determinado a ser bem-sucedido segundo o propósito divino. Que Judas conserve sozinho a característica de amar mais a bolsa do que o trabalho! Não podemos fingir interesse na obra e importar-nos mais com o salário e a satisfação com o louvor do povo. Que aqueles que pregam Cristo e a salvação dos homens não se satisfaçam até que obtenham o fruto de sua pregação. Aquele que permanece indiferente às finalidades corretas da pregação, que não se entristece com o fato de não as atingir nem se alegra com a obtenção de resultados talvez jamais tenha operado segundo os fins adequados para um pregador. Há quem estude apenas o que deve dizer para ocupar seu tempo no púlpito, sem almejar mais do que a opinião das pessoas sobre a própria capacidade, e assim prossegue, ano após ano. Tal homem prega em função de si mesmo, e não servindo Cristo, até mesmo, quando prega Cristo, por mais excelentes que sejam suas palavras. Nenhum médico sábio e bondoso se contentaria com a prescrição de remédios, sem jamais ver a melhora de seus pacientes, senão a morte, ano após ano. Igualmente, um professor sábio e honesto também não se contentaria com o magistério, se seus alunos não mostrassem tirar proveito de suas instruções; professor e alunos se cansariam do labor.

É fato que um ministro fiel poderá ter o consolo divino até mesmo, quando almeja o sucesso verdadeiro e não o vê realizado. Contudo, ainda que Israel não esteja ajuntada, nossa recompensa está com o Senhor. Nossa aceitação não é conforme o fruto, mas conforme o trabalho. Entretanto, quem não almejar frutos do trabalho

não poderá obter o consolo do Senhor, pois não estará sendo fiel trabalhador. Digo isto para os que buscam tal ob j etivo, para não se entristecerem caso não o consigam. Não é este todo o consolo que deveríamos desejar, mas uma parte apenas, para nos aquietar o coração, ainda que não percamos de vista o objetivo final. E daí, se Deus aceita um médico, ainda que morra o paciente? O facultativo deveria continuar a trabalhar com compaixão, desejando obter um resultado melhor, e continuar a se entristecer caso não o consiga. Não trabalhamos apenas para nossa própria recompensa, mas para a salvação de outros. Surpreende-me que alguns ministros antigos vivessem vinte, trinta, quarenta anos com um mesmo povo, sem obter sucesso aparente, sem conseguir discernir os frutos de seu labor. Como conseguiram, com paciência, continuar a obra? Fosse eu, embora não ousasse abandonar o campo nem o meu chamado, desconfiaria de que a vontade de Deus estaria me enviando para outro lugar, e que outro pastor mais adequado tomasse o meu lugar. Não estaria contente, gastando meus dias sem ver o fruto do meu empenho.

J. Todo aspecto do trabalho deve ser feito com profundo senso de nossa própria insuficiência e total dependência de Cristo.

Temos de buscar luz, vida e força naquele que nos enviou para a obra. Quando sentirmos vacilar a fé, nossos corações estiverem oprimidos e julgarmo-nos incapazes para realizar tão grande obra, acharemos nele os recursos e oraremos: "Senhor, enviar-me-ias a persuadir outros à crença, tendo, eu mesmo, o coração incrédulo? Terei de instar diariamente com pecadores, sem que eu mesmo creia e sinta mais do que eles, o valor da vida e da morte? Não me envies nu e desprovido para o labor; antes, segundo promessa, capacita meu espírito". A oração terá de acompanhar a obra e pregação: não será possível pregar de coração, sem que oremos sinceramente por nós e por nossos ouvintes. Se não nos dispomos a instar com Deus para que lhes dê fé e arrependimento, também não conseguiremos instar com as pessoas para que creiam e se arrependam. Quando nosso próprio coração desordenado considerar maior desordem no coração do nosso povo, se não orarmos a Deus para nos curar e ordenar, certamente laboraremos sem sucesso.

Conclusão - Temos de nos aplicar à união e comunhão entre nós, pastores, e à unidade da paz nas igrejas que supervisionamos.

Tendo dado, acima, os aspectos concomitantes do trabalho pastoral a ser realizado por todo pastor, permita que eu conclua com um elemento necessário

especialmente para nós, companheiros na obra: temos de nos aplicar à união e comunhão entre nós, pastores, e à unidade da paz nas igrejas que supervisionamos. Temos de ser sensíveis a tão grande necessidade, para a prosperidade geral, o fortalecimento da causa comum, o bem dos membros particulares do rebanho, e o crescimento do reino de Cristo.

Os pastores deveriam sofrer quando a Igreja fosse ferida, mantendo-se longe de capitanear divisões, mas, antes, assumindo como parte importante do trabalho a evitação ou pacificação de dissensões. Deveriam se esforçar, diuturnamente, para encontrar meios de tapar as brechas. Não apenas ouvir, mas também propor e apoiar moções em favor da unidade; não só receber a paz oferecida, mas também seguir a paz, até mesmo, quando ela foge aos outros. Para isso, os senhores terão de manter a simplicidade da antiga fé cristã, fundamento e centro da unidade universal. Deveriam odiar a arrogância dos que induzem novidades e maquinações para rasgar e dilacerar a Igreja de Cristo, sob a pretensão de realçar os erros em nome da manutenção da verdade. A suficiência da Escritura deverá ser mantida e nada além dela deveria ser imposto, por quem quer que seja. Se nos exigirem que declaremos nossos princípios de fé e prática, mostremos-lhes a Bíblia, mais do que as confissões de Igrejas ou escritos de homens. Temos de distinguir entre certezas e incertezas, coisas necessárias e coisas desnecessárias, verdades universais e opiniões particulares, enfatizando a paz da Igreja sobre as primeiras e não essas últimas.

Temos de evitar a confusão comum do discurso daqueles que não fazem diferença entre erros de comunicação e erros verdadeiros, odiando a "loucura que outrora houve entre teólogos", os quais dilaceravam os irmãos, acusando-os de hereges, sem buscar entendê-los. Temos de aprender a considerar o ponto em torno do qual revolvem as controvérsias, reduzindo-as ao ponto diferencial e, não, fazendo-os maiores do que são. Em vez de discutir com os irmãos, teremos de nos unir contra os adversários comuns; para isso, todos os pastores precisariam de associação, comunhão, correspondência e reunião; diferenças menores, de foro íntimo, não deveriam nos impedir o dever fraternal. Deveriam fazer o trabalho de Deus em concordância e unidade, sempre que possível, mediante concílios, não para legislar com vistas à dominância, mas para discutir consultas para a edificação mútua e dirimir desentendimentos - mantendo o amor e a comunhão, unânimes na continuação da obra ordenada por Deus. Se os ministros do evangelho, que nos precederam, tivessem sido homens de paz, a Igreja de Cristo não estaria na situação atual.[67]

[67] Suprimi o último período dado à sua natureza temporal, ainda que reconheça que o exemplo tenha significância atual. "Nações luteranas e calvinistas, na Europa, e os partidos diferentes aqui na Inglaterra, não estariam subvertendo umas as outras, nem permanecendo distantes nessa amargura sem caridade, e não fortaleceriam o inimigo comum, impedindo a edificação e prosperidade da Igreja como têm feito" [N. do E.].

CAPÍTULO 3
MOTIVOS PARA O CUIDADO DO REBANHO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 3

Havendo considerado o modo pelo qual deveríamos cuidar do rebanho, passo agora a apresentar alguns motivos para tal tipo de supervisão. Restrin jo-me, aqui, aos motivos declarados no texto bíblico que fundamenta nossa exposição.

A. O primeiro motivo sugerido no texto vem de nosso relacionamento com o povo: somos os pastores que cuidam do rebanho.

A natureza do nosso ofício requer que pastoreemos "o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória" (IPe 5.3). Para o que mais seríamos supervisores? "*Bispo* é um título

que sugere mais trabalho do que honra", diz Polidoro Virgílio.[68] Ser pastor não nos confere uma posição sobre um pedestal, tal como ídolos diante do quais as pessoas se curvam, nem um lugar para os "boas-vida" indolentes que vivem para os prazeres da carne. Antes, somos guias de pecadores redimidos a caminho do céu. Infelizmente, há homens que ignoram a natureza do chamado e desconhecem o trabalho a que se propuseram. Será possível que tais homens não considerem o compromisso assumido? Como podem viver tranqüilos com seus desejos desordenados, tendo tempo para superficialidades, gastando horas em tolas diversões ou em conversas infrutíferas, quando há tanto trabalho colocado em suas mãos?

Irmãos, já consideraram o tamanho da responsabilidade que lhes foi imposta e que aceitaram? Pois os senhores assumiram, sob o comando de Cristo, a liderança de um regime militar na luta "contra principados e potestades e dominadores do mal nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Terão de exercer tal liderança, conduzindo as tropas nos combates mais aguerridos, capacitando a Igreja no conhecimento das táticas e estratégias do inimigo e treinando cada combatente a vigiar a si mesmo. Se laboraremem erro, talvez todos pereçam.

O inimigo é sutil, por isso precisamos de sabedoria. O inimigo é atento, por isso precisamos ser prudentes. O inimigo é maldoso, violento e incansável, por isso temos de ser resolutos, corajosos e imbatíveis. Encontramo-nos cercados de todos os lados por uma multidão de inimigos, e, se estivermos preocupados com apenas um deles, esquecidos dos demais, seremos facilmente derrubados. Ah! Que mundo de trabalho temos à frente! Já seria difícil, se nossa tarefa fosse limitada a uma só pessoa ignorante sobre a fé, até mesmo se estivesse disposta a aprender. Mas são muitas as pessoas que, além de incultas, mostram-se indispostas ao aprendizado - e isto é muito mais difícil! Ter uma multidão de pessoas ignorantes sobre a fé, a ser alcançada no campo de trabalho, como é o caso da maioria de nós, é uma empreitada estafante! Que tipo de vida complicada é esta: ter de arrazoar com homens que quase já perderam o uso da razão e de argumentar com pessoas que sequer entendem a si mesmas!

Irmãos, há um mundo de iniqüidade contra o qual combater, a fim de atingir uma só alma! E quantos outros mundos há! Quando pensamos ter realizado alguma coisa, percebemos que as aves do céu arrebataram as sementes. Homens ímpios estão prontos para se levantar e contradizer tudo o que ensinamos. Falamos uma só vez a um pecador para cada dez ou vinte vezes que os emissários do diabo os alcançam com suas mensagens.

Eclesiástico e historiador anglo-italiano do século 16 (N. do E.).

Além disso, os cuidados e afazeres do mundo facilmente abafam a semente lançada. Se a verdade não tivesse outro inimigo senão aquele que se opõe, ainda assim um coração carnal congelado extinguiria as centelhas que demoraram tanto a acender. Sem o comburente da Palavra e o combustível da atenção, elas se apagam. Quantas vezes, vendo as pessoas confessarem seus pecados, prometendo reforma de vida, vivendo como novas criaturas, convertidas e zelosas, pensamos ter sido bem-sucedidos no trabalho. Infelizmente, depois de tudo isso, muitos ainda revelarão a falsidade do coração e, depois de terem passado por mudanças superficiais, logo assumirão novas associações e opiniões, provando que jamais tiveram um coração renovado. Quantos há que, após mudanças consideráveis, serão enganados pelo lucro e pelas honras do mundo, presos novamente nas cadeias da concupiscência! Quantos há que trocarão uma maneira vergonhosa de agradar a carne por outra que seja aparentemente menos desonrosa e gritante para as próprias consciências! Quantos há que se tornarão orgulhosos antes de adquirir pleno conhecimento da religião e, confiantes na força do próprio intelecto desprovido de conteúdo, se agarrarão a todo erro que se lhes seja apresentado à guisa de verdade! São como pintainhos desgarrados da mãe, arrebatados pelo gavião infernal. Vaidosamente desprezam a direção e o conselho daqueles que Cristo colocou sobre eles para sua segurança.

Irmãos, temos diante de nós um imenso campo de trabalho! Cada pessoa é um campo de trabalho. Na vida dos próprios santos, as graças cristãs desvanecerão, se forem negligenciadas. Serão levados facilmente por caminhos de pecado que, para sua própria perda e tristeza, envergonharão o evangelho.

Se tal é o trabalho do pastor, os senhores poderão imaginar o tipo de vida que terão de viver! Portanto, levantemo-nos para trabalhar com toda a força da alma! As dificuldades deveriam nos desafiar e não provocar desânimo para a obra necessária. Se não pudermos fazer tudo o que temos para fazer, que façamos, pelo menos, aquilo que estiver ao nosso alcance. Se negligenciarmos estas coisas, ai de nós e das almas entregues a nosso cuidado! Se descuidarmos os nossos deveres, achando que, com apenas um sermão aceitável, estaremos desempenhando com fidelidade nosso ministério, deixaremos de servir a Deus por causa de nossa superficialidade, recebendo galardão igualmente superficial como recompensa do trabalho.

Considerem que o trabalho que está diante dos senhores foi, em parte, voluntariamente aceito; cada um de nós se dispôs ao engajamento. Ninguém nos obrigou a assumir a responsabilidade de pastorear a Igreja de Cristo, ainda que sobre nós pese tal obrigação. A honestidade comum, porventura, não nos atém à fidelidade quanto à confiança que nos foi depositada?

Considerem que os senhores têm a honra de ser o que são, a fim de serem encorajados na labuta. Grande honra existe em ser embaixador de Deus e instrumento da conversão dos homens, pois "aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados" (Tg 5.20). Tal honra vem à medida que a obra é desenvolvida. Portanto, agir como muitos dos prelados da Igreja de todas as eras têm agido, lutando pela precedência e enchendo o mundo de contendas sobre a dignidade ou superioridade de seus cargos, mostrará que nos esquecemos da natureza do ofício que assumimos. Raramente vemos um ministro lutar com a mesma fúria para ser recebido na casa de um homem pobre a fim de ensiná-lo e à sua família sobre o caminho dos santos para o céu; ou para converter o pecador do seu caminho; ou para ser servo de todos. E de estranhar que, a despeito de toda a clareza com que Cristo se expressou, tais homens não entendam a natureza de seu ofício. Se entendessem, não estariam lutando para pastorear sozinhos todo um campo ou para assumir as maiores igrejas, quando não se interessam em atender os tantos milhares de pobres pecadores clamando por ajuda. Como podem conviver com pessoas profanas sem instá-las à conversão? Que dizer daqueles que têm a responsabilidade e a honra de cuidar de todo campo, e não realizam o trabalho, quando a honra é um apêndice da tarefa cumprida? Desejam os títulos e as honrarias ou o trabalho e a finalidade? Se fossem dedicados a Cristo e à Igreja, com fidelidade, humildade e abnegação, sem pensar em títulos e reputação, então teriam a honra, buscando ou não. Mas quando se lançam à cata de honrarias, perdem a honra, pois tal é a dinâmica da sombra da virtude: "Ao que me segue, eu fujo; ao que foge, eu sigo".[69]

Existem vários privilégios no ofício ministerial. Baxter tratará mais detidamente desse aspecto quando expuser os benefícios da obra ministerial, abaixo.

Considerem os muitos outros privilégios excelentes do ofício ministerial, a fim de serem igualmente encorajados no trabalho. Se não realizarem a obra, não poderão esperar privilégios. É importante que os senhores sejam sustentados pelo fruto do trabalho de outros homens. É paga devida, e permite sua plena dedicação à obra do Senhor. Entretanto, como requer Paulo: "os que pregam o evangelho, que vivam do evangelho" (1 Co 9.14), para que se entreguem totalmente a estas

[69] Por que defende de modo claro que o ministro deve buscar o conhecimento e o estudo sério, naturalmente Baxter não está condenando aqui os que possuem títulos e recebem honrarias decorrentes desse esforço. O problema está naqueles que fazem dessas coisas o ídolo em seus corações, subjugando todo o ministério em função desse *status* diante da igreja [N. do E.].

coisas e não sejam forçados a negligenciar as almas das pessoas enquanto procuram prover para seus próprios corpos.

Realizem o trabalho ou não aceitem o sustento. Seus privilégios são maiores do que o do sustento. Os senhores foram educados com entendimento, enquanto outros foram criados com a carroça e o arado.[70] Recebem muito conhecimento prazeroso, enquanto o mundo jaz na ignorância da descrença. Não é significante que os senhores possam entreter conversação com homens doutos sobre coisas altas e gloriosas, enquanto outros são forçados a conversar banalidades com simples iletrados. Sobretudo, que grande privilégio é, viver no estudo e na pregação da Palavra de Cristo! Estar continuamente perscrutando seus mistérios e se alimentando de sabedoria. Estar empregado diariamente na consideração da bendita natureza, obra e caminhos de Deus! Outros se alegram com o lazer do dia do Senhor e, uma hora ou outra, buscam a Palavra de Deus. Mas nós guardamos um sábado contínuo.[71] Quase não fazemos mais nada que estudar e falar de Deus e de sua glória, envolvido em oração e louvor, bebendo de suas verdades sagradas e salvadoras. Nosso emprego é altamente espiritual. Estejamos sozinhos ou acompanhados dos irmãos, nosso negócio é de outro mundo!

Ah! Se nosso coração estivesse sintonizado com a obra, que vida abençoada e feliz viveríamos! Ser-nos-ia doce o estudo e agradável o púlpito. Nossa conversa sobre coisas espirituais e eternas seria prazerosa! Viver com a ajuda excelente que nos oferece abiblioteca, plena de companheiros silenciosos e sábios à nossa disposição. Todos estes e muitos outros privilégios semelhantes do ministério falam-nos de perto ao coração e motivam-nos a diligência incansável no trabalho.

O ministério também envolve deveres.

Por causa da natureza do trabalho, os senhores se relacionam com Cristo e com o rebanho. São mordomos dos mistérios do Senhor, despenseiros de sua casa. Aquele que lhes confiou a obra haverá de mantê-los firmes no trabalho. Contudo, veja que "o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (ICo 4.2). Sejam fiéis ao Senhor, jamais duvidando de que ele mesmo é o

[70] Na época de Baxter, os pastores eram geralmente homens mais cultos do que os demais da sociedade, dedicando anos ao estudo formal e continuando a estudarão longo da vida. Hoje, infelizmente, o retrato do pastor brasileiro é muitas vezes diferente. Adecadência do ensino no país atingiu também nossos seminários. O resultado é de fraqueza na pregação, no ensino e no desempenho pastoral. Graças a Deus pelas exceções! [N. do T.].

[71] Evidentemente, Baxter não está se referindo ao sábado como dia da semana, conforme temos hoje, mas o *sahhath,* ou dia de *descanso* [N. do E.]

Fiel cuja fidelidade não falha. Alimentem o rebanho do Senhor e deixem que ele os alimente, tal como fez com Elias, não permitindo que nada lhe faltasse. Na prisão, ele lhes abrirá as portas; sua missão é a de libertar almas aprisionadas. Ele lhes dará língua de sabedoria que nenhum inimigo resistirá" (Lc 21.15), para que a dispensem com fidelidade. Se os senhores estenderem as mãos para aliviar o aflito, ele enfraquecerá a mãos dos opositores. Os pastores de nossa pátria, estou certo, sabem destas coisas de experiência própria. Foram, muitas vezes, libertados da boca do devorador, pela graça fiel de Deus. Ah! Que admirável preservação tiveram das mãos de perseguidores tiranos e de homens apaixonados e mal-direcionados! Considerem, irmãos, a razão pela qual Deus faz tudo isso. Por causa dos pregadores ou da Igreja? O que teríamos, mais do que outros homens, exceto nosso trabalho e o amor das pessoas? Os senhores são anjos? Sua carne foi feita de melhor barro do que a do seu próximo? Não pertencemos à mesma geração pecadora que necessita da graça de Deus, tanto quanto os demais? Levantem-se, então, e trabalhem como homens redimidos do Senhor, que foram resgatados da ruína para o seu serviço, segundo seu propósito. Se cremos que Deus nos redimiu para ele mesmo, vivamos para ele, como propriedade dele. Dediquemo-nos, sem reservas, àquele que nos libertou.

B. O segundo motivo, no texto, vem da causa eficiente dessa relação.

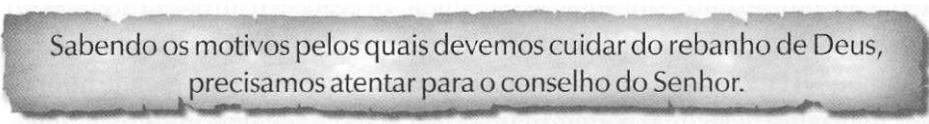
O Espírito Santo é que nos fez pastores de sua Igreja; portanto, cabe-nos atentar ao seu ministério. O Espírito Santo faz com que homens sejam supervisores ou bispos da Igreja em, pelo menos, três sentidos: qualificando-os e habilitando-os para o ofício; dirigindo outros homens ordenados e ordenadores para discernir tais qualificações e aptidões, e dirigindo os pastores ao povo e os próprios pastores no desempenho de sua tarefa específica. Todas essas coisas, outrora, foram feitas de modo extraordinário, por inspiração do Espírito Santo e, hoje, também deveriam ser comumente feitas, com a assistência do Espírito. O Espírito é ainda o mesmo que, no passado, chamou e capacitou supervisores para a Igreja. É estranha, portanto, a presunção dos romanistas de que a ordenação mediante imposição das mãos de homens seja mais necessária e absoluta ao ofício ministerial do que o chamado do Espírito Santo. Em sua Palavra, Deus prescreveu a existência, o tipo de trabalho, a esfera de poder do ofício pastoral, descrevendo o caráter e as virtudes dos homens a serem escolhidos pela Igreja. Nenhuma dessas prescrições poderá ser operada ou feita necessária por vontade humana. São dons de Deus, o qual chama e qualifica a quem lhe apraz. Dessa maneira, tudo o que a Igreja tem de fazer, pastores ou povo, ordenadores ou

eleitores, é discernir e escolher, sob a ação do Espírito, quais sejam os homens capacitados e habilitados para serem aceitos e solenemente instalados neste ofício.

Que grande responsabilidade recai sobre nossos ombros, tendo sido chamados para a obra! Nossa comissão vem do céu, e não pode ser desobedecida. Os apóstolos, quando chamados por Cristo, imediatamente deixaram seus empreendimentos seculares, amigos, casa e tudo mais para segui-lo. Quando chamado pela voz de Cristo, Paulo "não foi desobediente à visão celestial" (At 26.19). Ainda que nosso chamado não fosse tão imediato ou extraordinário, veio do mesmo Espírito. Não será seguro imitar Jonas e voltar as costas ao mandamento de Deus. Se negligenciarmos o trabalho, o Senhor nos espetará com esporas; se fugirmos, enviará mensageiros que nos alcancem e tragam de volta. Melhor será obedecer prontamente do que finalmente sermos obrigados ao cumprimento sua vontade.

CO terceiro motivo, no texto, vem dadignidadedoobjetoentregue ao nosso cuidado. A Igreja é a noiva de Cristo e o seu corpo, quem a despreza despreza o próprio Cristo.

O objeto de nossa supervisão é o corpo de Cristo - a Igreja santificada pelo Espírito Santo para a qual ele sustém o mundo. Igreja que conta com a presença de anjos, espíritos ministradores enviados para atendê-la, na terra, e cujos pequeninos têm seus anjos contemplando a face de Deus, no céu. Que grande responsabilidade assumimos! Seremos infiéis? Temos a mordomia da própria família de Deus e a negligenciaremos? Temos o exemplo da conduta dos santos que viverão para sempre com Deus, em sua glória, e os negligenciaremos? Não permita Deus! Imploro-lhes, irmãos, que tal pensamento acorde os negligentes. O senhor, pastor, que se retrai de deveres dolorosos, de sofrimento, e descarta as almas dos homens com formalidades ineficazes, acha que este é um tratamento honroso para a noiva de Cristo?

As almas dos homens justificados são dignas de ver a face do Senhor, e viver para sempre, no céu, mas não seriam dignas de seu esforço na labuta, aqui na terra? Será possível que o senhor pense a respeito da Igreja de Deus de modo tão baixo que ela não mereça o melhor cuidado e ajuda que lhe possa dar? Fosse eu cuidar de ovelhas ou porcos, não diria: "Não vale a pena cuidar deles", especialmente se os animais me pertencessem. Quem ousaria dizer isso sobre as almas dos homens, sobre a Igreja de Deus? Cristo está no meio dela. Considere sua presença e seja

diligente no trabalho. São "geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de mostrar as virtudes daquele que os chamou" (IPe 2:9). O senhor, pastor, ainda os negligencia? Que grande honra é ser apenas um deles, mas porteiro da casa de Deus! E sacerdote entre sacerdotes, conselheiro de reis - é honra tal que multiplica nossas obrigações de diligência e fidelidade, no exercício de nobre função.

D. O último motivo mencionado no texto vem do preço que foi pago pela Igreja que cuidamos: a qual ele comprou com o seu próprio sangue (At20.28).

Que argumento é este, que vivifica os negligentes e condena os que não querem despertar para ele? Um dos antigos doutores pode dizer: "Se Cristo tivesse dado uma única colher de seu sangue, num frágil vaso de vidro entregue ao meu cuidado, com que zelo o preservaria e cuidaria dele!". O quê, senhores? Desprezaremos o sangue de Cristo? Pensaremos que foi derramado por aqueles que não são dignos de todo nosso cuidado? Não é pequeno o pecado do qual foram culpados os pastores negligentes. Quanto ao que lhes toca, o sangue de Cristo teria sido derramado em vão. Deixados por si mesmos, tais homens perderiam as almas pelas quais Jesus pagou tão alto preço.

Ouçamos, portanto, os argumentos de Cristo, sempre que estivermos embotados e descuidados: Morri por essas almas, e você não cuidaria delas? Custaram meu sangue, e não valeriam seu trabalho? Eu vim do céu para a terra buscar e salvar o que se havia perdido (Mt 18.11) e você não iria até o vizinho, a próxima rua ou vilarejo, para buscá-los? Como é pequena sua dedicação ao trabalho, comparado com o que eu fiz! Para tal obra, a mim mesmo esvaziei, mas você considera apenas a sua própria honra e emprego. Tudo fiz e sofri para a salvação sua e deles, chamando-o para cooperador na obra já consumada, e você se recusa a fazer o pouco que vem às suas mãos para fazer?".

Toda vez que olharmos nossas congregações e nos lembrarmos, com gratidão e fé, de que fomos compradas pelo sangue de Cristo, consideraremos com maior interesse e afeição os objetos do nosso trabalho. Imaginem que confusão será para um pastor negligente, no último dia, ter o sangue de Jesus Cristo testificando contra ele, e a voz do Mestre soar: "Aqueles aos quais você desprezou, foram comprados com meu sangue, o mesmo pelo qual você crê que será salvo!". Irmãos, o sangue de Cristo intercede por nós - que ele nos induza ao dever, para que não nos condene.

Sabendo os motivos pelos quais devemos cuidar do rebanho de Deus, precisamos atentar para o conselho do Senhor.

Conclusão

Estes foram os motivos mais evidentes no texto: "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue" (Aí. *20.28).* Há muitos outros, do restante da exortação do apóstolo, que poderiam ser apresentados, mas não demoraremos, aqui, para considerar tudo. Se o Senhor colocar em nosso coração apenas alguns motivos, teremos razão de consertar o passo. Certamente, a mudança será tanta, no coração e no ministério, que nós mesmos e nossa congregação teremos razão para bendizer a Deus pela transformação.

Sei que sou indigno de ser um pastor de pastores, mas é necessário que haja alguém para exercer tal mister; e é melhor ouvir de alguém sobre nosso pecado e dever do que não ouvir e continuar neles. Recebam a admoestação, e não se aterão à indignidade do tutor como impedimento para o próprio arrependimento. Entretanto, rejeitem a mensagem, e o mensageiro mais indigno testemunhará contra os senhores - para sua própria confusão.

Terceira Parte

Aplicação

CAPÍTULO 1

O USO DA HUMILHAÇÃO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 1

A. Um dos pecados mais hediondos e palpáveis é o orgulho.

B. Não nos entregamos à obra do Senhor com a seriedade e operosidade irrestritas, tal como convém a homens de nossa profissão e chamado.

C. Outra triste descoberta é a de que não temos dedicado nós mesmos e tudo que possuímos ao serviço de Deus, como requer nosso dever.

D. Infelizmente, somos culpados de desvalorizar a unidade e a paz de toda a Igreja.

E. Por fim, infelizmente, somos negligentes no cumprimento de deveres tais como governo e disciplina da Igreja.

Conclusão

Queridos irmãos, nossa tarefa, hoje, aqui, é a de nos humilharmos na presença do Senhor por causa da negligência, implorando a ajuda de Deus para o trabalho futuro. Na verdade, não poderemos esperar a ajuda de Deus sem que nos humilhemos. Se aprouver a Deus abençoar nosso dever, no futuro, primeiro nos humilhará por causa do pecado passado. Quem não tiver consciência das próprias falhas a ponto de lamentá-las dificilmente terá motivo para proceder a uma reforma espiritual. Poderá ser que experimente a tristeza do remorso, mas sem mudança de coração e, conseqüentemente, da vida. Seremos facilmente movidos a forjar paixões que imitem os sentimentos de uma conversão real. Contudo, nenhuma mudança ocorrerá sem que haja a tristeza do verdadeiro arrependimento.

Podemos começar, aqui, a nossa confissão. Geralmente esperamos que nosso povo se humilhe, mas nada fazemos quanto a nós mesmos. Esforçamo-nos a fim de que as pessoas se humilhem! Quanto a nós mesmos, recusamo-nos à humilhação! Esforçamo-nos para lhes arrancar umas poucas lágrimas de tristeza, mas mantemos secos os olhos de nossas próprias almas! Assumimos que nossos

ouvintes sejam exemplos de dureza e tentamos lhes abrandar o coração com palavras convincentes. Se aplicássemos a metade desse esforço na tarefa de tratar o nosso próprio coração e corrigir nossos caminhos, isso não ocorreria com muitos de nós - tal como, de fato, ocorre! Pouco fazemos no sentido de conduzir nosso povo à verdadeira humilhação, e menos ainda, para humilhar nosso próprio coração. Alguns dentre nós há que se empenham em mudar as outras pessoas, mas sequer consideram que temos de cuidar da nossa própria alma! Levam esta matéria como se a nossa parte do trabalho fosse apenas a de conclamar ao arrependimento, a parte dos crentes, de trazer comoção e lágrimas, e a dos demais, choro e lamentação. A deles, falar contra o pecado; a do povo, arrepender-se e deixar o pecado; a deles, pregar sobre o dever; a dos outros, a prática do dever.

A Escritura nos dá exemplos de homens que se humilharam na presença do Senhor. Eles contemplaram a majestade de Deus e viram a indignidade de si mesmos.[72]

Lemos na Escritura que os guias da Igreja confessavam seus próprios pecados e os pecados do povo. Esdras, prostrado e chorando diante da casa de Deus, confessou seus próprios pecados juntamente com os pecados dos sacerdotes e do povo. Daniel confessou seu pecado e os do povo. Penso que, se considerássemos a importância dos deveres sobre os quais temos tratado, e quão relapsos temos sido no seu desempenho, não resistiríamos ao arrependimento e à humilhação ante o Senhor. Ouso dizer, ainda que eu me condene, que seríamos insensatos e duros de coração, se, lendo a exortação de Paulo aos presbíteros de Éfeso, e comparando nossa vida à deles, não nos comovêssemos à vista das próprias falhas e não nos prostrássemos no pó, diante de Deus, forçados a lamentar nossas omissões, buscando refúgio no sangue de Cristo e sua graça perdoadora.

Tenho confiança, irmãos, de que nenhum dentre nós aprova a doutrina libertina que descarta a necessidade da confissão, contrição e humilhação para o perdão dos pecados. Não é triste que nosso coração não seja tão ortodoxo quanto nossa cabeça? Aprendemos mal a lição que sabemos de cor? Quando o entendimento do coração tiver apreendido a lição, não demorará muito a instruir

[72] "E assim na consciência de nossa ignorância, fatuidade, penúria, fraqueza, enfim, de nossa própria depravação e corrupção, reconhecemos que em nenhuma outra parte, senão no Senhor, se situam a verdadeira luz da sabedoria, a sólida virtude, a plena abundância de tudo o que é bom, a pureza da justiça, e daí somos por nossos próprios males instigados à consideração das excelências de Deus. Nem podemos aspirar a ele com seriedade antes que tenhamos começado a descontentar-nos de nós mesmos" (Calvino, João. As *Instituías.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág. 41) [N. doE.].

nossos afetos, nossos olhos, nossas línguas e nossas mãos. Infelizmente, muitos de nós temos provocado o sono em nossos ouvintes; ainda mais triste é que nossa pregação incita o nosso próprio sono. Falamos tanto contra a dureza de coração dos outros, que nos ensurdecemos com o barulho de nossa própria reprovação.

Deus não requer tristeza sem causa ou contrição. Conclamo-os a avaliar os seus muitos pecados, a fim de tratá-los plenamente e livremente os confessarmos a Deus, o qual é "Fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.9). Suponho que tenho acolhimento em seus corações. Não se sintam ofendidos pela exposição vergonhosa da realidade de nosso caráter e ministério. Antes, assumam a acusação e sejam humildes. Não pretendo justificar a mim mesmo; antes, ponho-me em primeiro lugar nos termos da acusação. Como um desgraçado pecador, culpável de tantas e tamanhas transgressões, poderia justificar a si mesmo diante de Deus? Como poderia se declarar inocente, quando a própria consciência o acusa? Se lhes parece que envergonho o ministério com tais acusações, certamente não é o ofício que envergonho, mas sobre nós pesa o pecado que nos envergonha. A glória de nosso honroso emprego não comunica glória ao nosso pecado, pois "o pecado é o opróbrio dos povos" (Pv 14.34). Sejam pastores ou seja o povo, somente quem confessa seu pecado e o deixa alcançará misericórdia (Pv 28.13), enquanto quem "endurece o coração cairá no mal" (Pv 28.14).

A partir daqui, Baxter se dispõe a mencionar alguns dos pecados que julga ser necessário observá-los com maior critério, pois trazem piores conseqüências.

Não nomearei todos os grandes pecados dos quais somos culpados. Assim, deixando de mencionar alguns deles, não lhes será por negação ou justificativa. Contudo, considero como meu dever instar sobre alguns poucos pecados que, aos brados, clamam por pronta humilhação e reforma.

Não obstante as falhas existentes entre nós, eu não creio que a nossa terra tivesse antes conhecido tantos ministros de nobre caráter e fiéis no exercício de suas funções quanto agora. Poucas nações na terra possuem tantos bons pastores. Contemplo com alegria tão grande mudança. Quantas congregações que antes viviam na obscuridade, hoje são ensinadas com simplicidade e com regularidade! Quantos homens hábeis e fiéis há num campo, em comparação com o que havia antes! Deus tem graciosamente feito prosperar os estudos de muitos jovens, os quais eram meninos quando começaram a aparecer os problemas que ora sofremos. Hoje, tais problemas sobrepujam a força dos mais experimentados. Quantos quilômetros eu teria andado, anos atrás, para ouvir alguns desses pregadores, cujas congregações hoje se mostram diminutas

em função do notável desenvolvimento das congregações de seus pupilos. O Senhor tem sido misericordioso em relação à nossa terra, levantando tantos homens que promovem a honra do ofício sagrado. Abnegados, livres, zelosos e incansáveis, entregam-se em favor das almas! Louvo ao Senhor que me colocou nesta vizinhança. Aqui, encontro a comunhão fraterna de tantos homens capazes, fiéis, humildes, unânimes e pacíficos. Que o Senhor continue a dispensar tal admirável misericórdia a nossa indigna terra!

Espero me regozijar no Senhor ainda enquanto nesta vida, vendo tais mudanças ocorrerem em outras partes. Desejaria ver centenas de homens fiéis empenhados na salvação de almas, desprezando os murmúrios e ranger de dentes do inimigo! Felizmente, parece-me que tais mudanças já despontam. Estou ciente da existência de homens, aos quais eu prezo, embora discorde deles quando aos termos do governo da Igreja.[73] Sei que alguns deles ficarão ofendidos com minha declaração. Contudo, se bem conheço meu coração e minha reserva ao domínio eclesiástico ilegítimo, não poderia evitar a proclamação de minha alegria com tão feliz mudança! Poderia eu, porventura, deixar de regozijar com a prosperidade da Igreja, só porque alguns homens mantêm opinião diferente quanto à sua ordem? Deveria fechar os olhos para as misericórdias do Senhor? Ser-me-iam, as almas dos homens, tão desprezíveis que lhes deveria negar o pão da vida apenas por ter sido partido por mão que não tenha aprovação oficial (estatal)? Antes, desejo que toda congregação seja assim suprida! Nem tudo, porém, pode ser feito de uma vez. Levou muito para se instalar a corrupção do ministério, e, agora, quando a ignorância e o escândalo estão sendo removidos, não podemos permitir que voltem a dominar. Temos de esperar o tempo do preparo e do desenvolvimento. Depois que tivermos expulsado o abuso do evangelho, caracterizado por tão voluntariosa indisposição contra a reforma e ódio à luz, nossa terra estará dentre as mais felizes debaixo do céu. Por mais que as seitas e heresias rastejem à nossa volta e nos perturbem diariamente, não tenho dúvidas de que o evangelho, dirigido por um ministério capaz e abnegado, as dispersará e envergonhará.

Algumas pessoas poderão dizer que tal procedimento não configura confissão de pecado; mas, sim, louvação de homens que não seguem as prelazias, cujos pecados eu deveria confessar. A isto, respondo: por causa do devido reconhecimento da bondade de Deus, manifestado em suas admiráveis misericórdias, não posso parecer ingrato nessa confissão. Não posso obscurecer nem vilipendiar a graça de Deus, quando exponho as fraquezas que acompanham a muitos. Infelizmente, muitas coisas estão desordenadas, conforme apresentamos nos itens seguintes:

[73] Baxter se referia à prelazia (direito jurisdicional sobre os campos) do contexto episcopal da época, que, a seu ver, impedia a expansão da obra. Certamente, hoje, a competição e os "jogos de poder" entre ministros da Igreja também geram dominações indesejáveis [N. do E.].

A. Um dos pecados mais hediondos e palpáveis é o orgulho.

O orgulho é um pecado que tem interesse demasiado naquilo que temos de melhor, e mais odiento e indesculpável em nós mesmos do que em outros homens. No entanto, prevalece de tal maneira, que condena nossos sermões, escolhe nossa companhia, molda nosso semblante, coloca enunciação e ênfase em nossas palavras. Enche a mente das pessoas com desejos e aspirações e domina a alma com pensamentos invejosos e amargurados. Lança-as contra os que permanecem na sua luz ou contra quem quer que possa eclipsar o brilho de sua própria reputação! Que companheiro constante, que comandante tirano, que inimigo sutil e surpreendente é o pecado do orgulho! Acompanha os homens à loja, ao armazém e ao alfaiate: escolhe o tecido de suas roupas, enfeites e moda. Sem o domínio de tal tirano vício, haveria menos pastores a se ocupar primariamente com cabelos e vestes enfeitadas.

Quisera isto fosse tudo, ou o pior de tudo. Infelizmente o orgulho, muitas vezes, acompanha também o nosso preparo do sermão e assenta-se conosco para o estudo! Muitas vezes, ele escolhe o assunto para nossa pregação e, até mesmo, nossas palavras e rebusques! Deus ordena que sejamos tão simples como for possível a fim de esclarecer os ignorantes, e tão convincentes e sérios como for possível para abrandar e transformar os corações endurecidos. Mas o orgulho se opõe e contradiz a todos, produzindo chocarrices e frivolidades. Polui em vez de polir. Sob pretexto de louváveis ornamentos, desonra nossos sermões com penduricalhos infantis, tal como um príncipe em trajes de ator ou um palhaço de circo. O orgulho nos persuade a pintar a janela com cores fortes que só faz enfraquecer a luz. Induz-nos a falar com o povo sobre coisas que embotam o entendimento, mas que só revelam que somos capazes de falar coisas sem nenhum proveito. Ainda que o texto escolhido seja claro e penetrante, o orgulho tira o fio da espada. Sob pretexto de evitar rudez e superfluidade, muitos tornam a pregação maçante e entorpecem uma mensagem que poderia ser vívida.

Especialmente quando Deus nos encarregou de tratar com os homens como se fôssemos responsáveis pela vida deles, e a instar com eles com toda sinceridade possível, tal pecado poderá obter controle e condenar os mais santos mandamentos de Deus. O orgulho nos dirá: "O quê! Quer que as pessoas pensem que você tem a mente fechada? Quer que digam que você está irado ou irascível? Não poderia falar de maneira mais leve e amigável?". Assim, o orgulho faz o sermão de muitos pregadores. E aquilo que o orgulho faz o diabo faz. Podemos imaginar que tipo de sermões o diabo elabora, e com que fim! Ainda que o assunto verse sobre Deus, se as vestes, as maneiras e a finalidade forem propostas pelo diabo, não poderemos esperar senão a derrota.

Baxter lembra que o orgulho pode estar presente na elaboração e na transmissão do sermão e ao término dele.

Quando elabora o sermão, o orgulho vai conosco ao púlpito. Determina o tom da mensagem, anima-nos na entrega e retira dela o que poderia parecer desagradável ainda que necessário, tudo com vistas ao aplauso vão. Em suma, o orgulho obriga aos homens a buscarem a si mesmos, tanto no estudo quanto na pregação. Desse modo, muitos pregadores negam Deus, quando deveriam estar buscando a negação de si mesmos em favor da glória divina. Deveríamos nos perguntar: "O que devo dizer? Como dizer? O que mais agrada ao Senhor e produzirá maior benefício?". No entanto, continuamos perguntando: "O que devo dizer para que pensem que sou homem letrado, exímio pregador e merecedor do aplauso de todos os ouvintes?".

Ao término do sermão, o orgulho ainda os acompanha. Em casa, desejam saber dos familiares como as pessoas reagiram à pregação, se gostaram e quais os elogios feitos. Alegram-se quando percebem que foram tidos em alta conta, pois julgam ter alca nçado sua finalidade. Se, porém, acham que foram tomados por pregadores medíocres ou fracos, desagradam-se porque não receberam o prêmio almejado.

Isso ainda não é tudo nem o pior! Há pastores que são contados como piedosos e que acham lugar na alta estima dos homens, que, não obstante, invejam os nomes e os talentos de irmãos que recebem preferência. Agem como se o louvor dado a outrem tivesse sido roubado deles. Andam no mundo como homens de reputação, mas pisam e vilipendiam os dons de Deus a outros concedidos, quando estes lhes parecem impedir a própria honra! Será possível que um santo pregador de Cristo inveje outro portador da imagem e dos dons de Cristo, o único merecedor de glória, só porque lhes parecem impedir a própria glória? Não é certo que todo cristão verdadeiro é membro do corpo de Cristo e, portanto, participante das bênçãos do corpo e de cada membro em particular? Não é certo também que cada membro deve ser grato a Deus pelos dons de seu irmão, não só porque se beneficia deles, tal como o corpo todo usufrui a direção do olho, mas também porque os fins de Deus são atingidos pelo exercício dos dons em mútuo benefício? Se a glória de Deus e o benefício da Igreja não forem seu alvo, tal homem não estará vivendo como um cristão. Poderá, um trabalhador, falar mal de seus pares que partilham da realização da obra do Mestre? No entanto, tal crime hediondo é comum entre os ministros de Cristo! Podem macular silenciosamente a reputação de seus colegas quando sentirem que lhes barram o caminho. O que não fazem abertamente, por vergonha, para não serem comprovadamente mentirosos e caluniadores, farão

dissimuladamente, por meio de sugestões maliciosas, suspeição e, até mesmo, por omissão. Alguns chegam a não permitir que pregadores mais hábeis ocupem seus púlpitos, para que não sejam mais elogiados do que eles mesmos.

Temerária coisa é que homens com um mínimo temor do Senhor invejem de tal maneira dos dons de Deus dados à Igreja. Preferem que seus ouvintes carnais permaneçam sem conversão e que cristãos permaneçam no sono, a que outros pregadores recebam reconhecimento. Isso é tão prevalecente que muitas congregações grandes sequer vêem necessidade da ajuda de pregadores auxiliares. E difícil achar lugares em que dois co-pastores vivam em amor, harmonia e calma, trabalhando juntos para desenvolver, unânimes, a obra de Deus. A não ser que um seja mais bem considerado e o outro se disponha a lhe ser inferior, não haverá trabalho. Um será senhor e tutor do outro, contenderão ambos pela precedência, invejando e estranhando um ao outro-para vergonha do ministério e para o mal da Igreja. Tenho vergonha de dizer que, quando tento convencer pessoas da liderança de grandes congregações sobre a necessidade de ter mais do que um só pastor, os próprios pastores me dizem que não daria certo. Espero que se trate, na maioria das vezes, de opinião infundada, mas é triste que em alguns casos isto seja verdade. Alguns homens são tão orgulhosos que, quando poderiam ter um co-pastor para desenvolver a obra do Senhor, preferem tentar levar o fardo sozinhos, ainda que a carga seja mais pesada do que consigam carregar, só para não compartilharem a honra e para que não lhes diminua a estima do povo.

Outro mal, igualmente pecaminoso, é que muitos homens valorizem demais as próprias opiniões, criticando diferenças mínimas esposadas por outras pessoas, agindo como se diferenciassem do próprio Deus. Esperam que todos se conformem ao seu juízo, como se reinassem sobre a fé da Igreja. Muitos deles denunciam a falibilidade papal, desejando ser, eles mesmos, papas infalíveis aos quais todos deferem. Exibem modéstia, pretendendo que suas razões sejam evidências da verdade às quais esperam que os homens acedam. Para eles, zelo é sempre em nome da verdade e não em função deles mesmos, mas, de fato, tudo que parte deles tem de ser prontamente visto como verdadeiro e válido. Entretanto, quando suas razões são examinadas, e evidenciadas as suas falácias, tornam-se excessivamente lerdos para acolher a crítica. Assumem que sejam razões pessoais e julgam injusto o fato de terem sido publicamente expostos. Defendem seus erros como se fossem causas pessoais. Assumem que as críticas lhes atingem o âmago do próprio ser.

Nosso espírito é tão altivo que, quando alguém, por dever, nos reprova ou contradiz, tornamo-nos impacientes com a questão levantada e com o modo como a questão é colocada. Amamos o homem que compartilha nossa opinião, repete o

que dizemos e promove a nossa reputação. Poderá ser que em outros aspectos ele seja menos digno de nossa apreciação. Porém, contra aquele que de nós difere e nos contradiz, certamente o consideraremos ingrato, até mesmo, quando fala a verdade sobre nossos erros e defeitos. Quando os olhos do mundo estão sobre nós, especialmente no gerenciamento de nossa argumentação pública, não suportamos contraditos ou claras críticas. Sabemos que temos de desprezar a linguagem perversa e que devemos ser zelosos em relação à reputação uns dos outros, tanto quanto nos permitir a fidelidade à verdade. Mas o orgulho obriga muitos de nós a pensar que todo aquele que não nos admira nos condena. Além disso, queremos tanto que admirem o que dizemos, que tentamos submeter o juízo das pessoas aos nossos erros mais palpáveis. Somos exageradamente sensíveis; uma pessoa mal nos toca, e sentimo-nos feridos. Somos tão altivos que uma pessoa menos hábil nas artes do elogio não saberá como atingir nossas expectativas fugidias sem que haja uma palavra ou omissão a que nosso espírito se apegue, tomando-a como injuriosa.

Tenho me perguntado, muitas vezes, sobre como é possível que um pecado tão odiento como o orgulho seja tratado com leviandade e, até mesmo, aceito por pessoas de corações e vida santas, enquanto outros pecados bem menores são proclamados em nosso meio, como objeto de alta condenação. A esse respeito, pergunto ainda sobre qual seja a diferença entre pregadores piedosos e pecadores ímpios. Quando nos dirigimos aos pecadores não-convertidos, mundanos e ignorantes, tratamo-los com desprezo e falamos claramente sobre seu pecado, vergonha e miséria. Esperamos que suportem com paciência as nossas palavras e que sejam, além disso, agradecidos. A maioria daqueles com os quais eu trato realmente aceita com paciência a confrontação. Muitos dos grandes pecadores atendem melhor a pregação veemente, dizendo, até mesmo, que preferem a franqueza ao temor de tratar claramente sobre seu pecado. Entretanto, quando nos dirigimos a pastores que têm aparência de piedade, para falar contra seus erros e pecados, se não usarmos de excessiva honra e reverência, de exagerada afabilidade e, até mesmo, misturando recomendações e repreensões, se o aplauso não prevalecer sobre a força da repreensão, tais pastores se sentem extremamente injuriados.

Reconheço, irmãos, a gravidade e a tristeza nesta confissão. Creio, porém, que a existência de tais coisas em nosso meio deveria nos causar mais sofrimento do que nos causa ouvir a repreensão. Pudesse o mal ser escondido, e eu não o teria revelado; pelo menos, não tão abertamente, à vista de todos. Mas, infelizmente, nossos erros estão, de há muito, escancarados para o mundo. Temos nos desonrado por meio da idolatria da nossa honra pessoal; imprimimos nossas vergonhas e as proclamamos ao mundo. Alguns estarão pensando que eu uso

de muita caridade quando chamo tais homens de "pastores piedosos", quando o pecado do orgulho é tão prevalecente. Estou ciente de que, onde tal pecado permanecer sem mortificação, não poderá haver verdadeira piedade. Por isso rogo a cada homem que exercite estrito zelo no exame do próprio coração. Se todos forem culpados de orgulho impenitente, que o Senhor tenha piedade dos pastores desta terra e nos dê rapidamente outro espírito; pois, nesse caso, a graça é mais rara do que supomos.

Certamente, não envolvo todos os pastores em tal acusação de orgulho. Para louvor da graça divina, devo enfatizar que há, entre nós, eminentes pastores realmente piedosos, humildes e modestos, que servem de exemplos para o rebanho e para nós mesmos. Vivem para a glória de Deus, e esta lhes será a própria glória. É o que os faz verdadeiramente honrados ante os olhos de Deus e dos homens de bem e, até mesmo, aos olhos dos ímpios. Que o restante de nós seja assim como eles! Infelizmente, não é o caso de todos.

Quisera o Senhor nos colocasse a seus pés em lágrimas de sincera tristeza por causa do pecado do orgulho! Irmãos, seria preciso alongar mais o tratamento do caso do meu e do seu coração, para que nos reformemos? Não é o orgulho o pecado do diabo, o primogênito do inferno? Não é este o reflexo da imagem do inimigo? Porventura deveria ser tolerado, especialmente no coração de homens engajados na luta contra Satanás e suas hostes?

É da própria natureza do evangelho a nossa humilhação; a obra da graça começa e termina na humildade. Humildade não é apenas mero ornamento da vida cristã, mas um aspecto essencial na vida da nova criatura. Ser cristão sem ser humilde é uma contradição de termos. Todo aquele que quiser ser cristão precisará ser discípulo de Cristo: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16.24); "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11.29). Quantos preceitos e exemplos admiráveis a esse respeito o nosso Senhor e Mestre nos deu! Poderíamos, vendo-o lavar os pés dos discípulos, prosseguir sendo orgulhosos? Receberia ele as pessoas mais simples, e nós as evitaríamos como se a ambos fôssemos superiores? Quantos de nós nos encontramos mais na casa dos nobres do que no lar dos pobres — quem mais precisa de nossa ajuda? Há, entre nós, muitos que consideram uma indignidade o passar o dia com os mais necessitados para instruí-los no caminho da vida e da salvação. Seríamos responsáveis apenas pelas almas dos ricos! Que tão grandes feitos temos realizado para que nos orgulhemos tanto?

De que nos orgulhamos? Do nosso corpo? Não é ele composto do mesmo material que os corpos dos homens que discriminamos? Em pouco tempo, não será um cadáver em repugnante decomposição? Ou teríamos orgulho de nossas

graças? Quanto mais nos orgulharmos, menos teremos de que nos orgulhar. É absurdo que abriguemos orgulho espiritual no coração, sabendo que a humildade é parte essencial da natureza da graça. Seria em função de nosso conhecimento e preparo intelectual? Se realmente temos algum conhecimento, deveríamos conhecer as razões para nossa humilhação. Se realmente conhecemos mais do que os outros, deveríamos conhecer mais as razões para sermos humildes. Quão pouco sabemos mais do que os ignorantes, diante da imensidade do saber! O fato de termos consciência de quanto foge à nossa capacidade para conhecer, e de quanto somos ignorantes, não deveria ser motivo de orgulho. Os demônios porventura não conhecem mais do que nós? Deveríamos ter orgulho daquilo em que os demônios nos excedem? Nosso mister é o de ensinar ao povo a grande lição da humildade - deveríamos ter orgulho disso? Havemos de estudar a humildade, pregara humildade,possuirahumildade-praticandoahumildade! Umpregador orgulhoso da própria humildade a si mesmo condena naquilo que aprova.

E triste que um pecado tão vil não seja mais facilmente discernido entre nós, e que homens orgulhosos acusem outros de falta de humildade, sem que considerem o próprio orgulho. O mundo observa aqueles dentre nós que aspiram os melhores lugares e que exigem o governo e o reconhecimento, onde quer que estejam. Consultados, não buscam a verdade, mas impõem opiniões, até mesmo, sobre pessoas que poderiam lhes ensinar. Em suma, tais pregadores piedosos são conhecidos pelo mundo como homens de espírito arrogante e dominador - mas eles mesmos não têm olhos para ver o próprio orgulho!

Desejo tratar, de modo íntimo e sincero, com seu e meu próprio coração. Rogo aos irmãos que considerem isto: haverá salvação em nossa pregação sobre a graça da humildade, se nós mesmos não a possuirmos? De que nos adiantará falar contra o pecado do orgulho quando somos, nós mesmos, orgulhosos? Muitos de nós teríamos de fazer diligente auto-exame para saber se nossa sinceridade é congruente com a medida de orgulho que sentimos. Dizemos ao alcoólatra que ele tem de se arrepender para a salvação, e ser moderado; dizemos ao fornicador que ele não poderá ser salvo a menos que se arrependa e abandone o pecado; não teríamos boa razão para dizer a nós mesmos que nossa humilhação evidencia nossa salvação? Na verdade, o orgulho é pecado maior do que o da embriaguez ou da lascívia. A humildade é tão necessária como a sobriedade e a castidade. Como pode o homem andar nos caminhos do inferno enquanto prega insinceramente o evangelho e o aparente zelo de uma vida santa, tal como se estivesse no caminho da embriaguez e da imundícia? O que é santidade, senão devoção a Deus e dedicação à pureza de vida? O que é falta de santidade senão devoção ao ego e dedicação à satisfação dos desejos da carne? E quem vive mais para si mesmo e menos para Deus do que o homem orgulhoso?

Não é possível que um pregador pareça suplantar a todos no estudo, na oração e na pregação, e esteja vivendo para si mesmo, motivado pelo orgulho? Sem os princípios e fins acertados, nenhuma obra testificará nossa retidão. A obra será a de Deus, mas poderá ser que não a realizemos para Deus, mas para nós mesmos. Confesso sentir tal perigo nesse sentido, e permaneço vigilante para que não estude por mim mesmo nem pregue por mim mesmo, ou escreva por mim mesmo em vez de viver por e para Cristo. Não justifico a mim mesmo quando tenho de condenar o pecado.

Considerem os engodos que o ministério poderá apresentar aos ministros, seduzindo-os ao egoísmo, até mesmo, nas obras dè elevada piedade. A fama de homem piedoso poderá ser tão perigoso laço de armadilha como a fama de homem letrado. Mas ai daquele que assume a fama de piedade, não sendo, de fato, piedoso! "Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa" (Mt 6.2). Quando era o tempo de aprender, a tentação dos orgulhosos se alimentava de formalidades vazias de valor. Agora que, pela insondável misericórdia de Deus, a pregação vividamente prática recebe crédito, e a própria piedade obtém valor, os orgulhosos serão tentados a passar por pregadores zelosos e piedosos. Quão elogioso é que o povo se ajunte ao nosso redor para ouvir e ser influenciado por nossas palavras, entregando suas consciências aos nossos juízos e afetos! Ser conclamado o homem mais capaz e piedoso do país, ser famoso em virtude de excelências espirituais!

Irmãos, um pouco de graça combinada a tais vantagens nos colocaria entre os mais ousados na promulgação da causa de Cristo, aqui e no mundo. Sem a graça especial de Deus o orgulho nos dominará.

Tenham zelo de si mesmos e, entre todos os estudos, estudem sobre a humildade. "Quem se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar, será exaltado" (Mt 23.12). Observo que quase todo homem, bom ou mau, despreza o orgulhoso e ama o humilde. O orgulho é tão incongruente que, consciente de sua própria deformidade, muitas vezes, empresta as roupas simples da humildade. Temos maior razão de zelar pela humildade, porque o orgulho é um pecado firmemente arraigado à natureza humana e difícil de ser extirpado da alma.

B. Não nos entregamos à obra do Senhor com a seriedade e operosidade irrestritas, tal como convém a homens de nossa profissão e chamado.

Louvo ao Senhor pela existência de tantos homens de Deus que fazem o trabalho com todas as suas forças. Mas, infelizmente, a maioria o faz imperfeita e negligentemente, até mesmo aqueles que consideramos pastores piedosos! Pou-

cos de nós exibimos comportamentos próprios de homens totalmente dedicados, que tudo consagraram para a finalidade proposta! Permitam-se consubstanciar esta declaração, mencionando alguns exemplos de nossa negligência.

1. Se fôssemos realmente dedicados a nosso trabalho, não seríamos negligentes em nosso estudo.

Poucos se esforçam suficientemente para esclarecer o entendimento e equipar-se de conhecimento para o presente e o futuro. Alguns não têm prazer nos estudos, apenas tirando uma hora aqui e ali durante o dia, para enfrentar tal tarefa mal-amada, à qual são obrigados - e como ficam felizes quando são desobrigados dela! Será que o desejo natural do conhecimento ou desejo espiritual de conhecer a Deus e as coisas divinas ou a consciência de nossa própria ignorância e fraqueza ou o peso do trabalho ministerial - nada disso nos motiva ao cuidado com a busca da verdade? Que abundância de coisas há para o pastor entender! Que grande defeito é a ignorância delas! E como sentimos falta de conhecimento no desempenho do trabalho! Muitos pastores estudam apenas para elaborar sermões, ou pouco mais.[74] Tantos livros para serem lidos! Tantas questões para serem examinadas. Mas, geralmente, somos negligentes também no estudo da Palavra e no preparo de sermões. Selecionamos e juntamos algumas verdades nuas, sem considerar as fortes maneiras de expressão por meio das quais poderemos apresentá-las à consciência e ao coração dos homens. Para cumprir a tarefa como Deus quer, teríamos de estudar a Palavra, e estudar sobre como entrar no coração do homem e como convencê-lo, tornando vívida cada verdade e não deixando tudo isso à prontidão extemporânea, a não ser em caso de necessidade. Certamente, irmãos, a experiência lhes mostrará que os homens não são doutos ou sábios sem estudar muito e sem obter experiência da aplicação do estudo, no incessante labor.

2. Se fossemos dedicados de coração, nosso trabalho seria feito com mais vigor e maior seriedade do que é feito pela maioria de nós.

São poucos os pastores que pregam com toda sua força, falando das alegrias eternas e dos tormentos eternos de maneira que os ouvintes creiam na sua sinceri-

[74] Infelizmente, esta é uma realidade presente em nossos dias também. Alguns julgam desnecessário o estudo sério da Palavra e a leitura de bons livros. [N. do E.].

dade! É de doer o coração, ver pecadores, mortos e entorpecidos, assentados para receber uma mensagem de vida, e não ouvirem do pastor nenhuma palavra que os desperte! Falam de maneira tão maçante e leviana que os pecadores sonolentos não escutam. O impacto é tão fraco que pecadores de coração empedernido nem se abalam. A maioria dos pastores sequer se esforça para mudar o tom de voz a fim de despertar a si mesmos para uma pregação tocante e sincera. Muitos há que falam alto e cheios de disposição, mas, ainda assim, não expressam na pregação o peso e o valor que a matéria exige! Sem isso, a voz e a sinceridade não farão diferença. As pessoas o verão apenas como alguém que berra, até mesmo, quando o assunto não comporta esse tipo de ênfase. Sim, dói o coração saber quão excelente doutrina os pastores têm em mãos para plantar e, não obstante, deixam a semente morrer por falta de aplicação ao preparo è a exposição da mensagem. Têm em mãos tudo o que é preciso para convencer dignamente os pecadores, mas fazem pouco caso e mau uso dos instrumentos. Poderiam fazer melhor, se transmitissem a verdade que pregam ao coração dos ouvintes - mas não conseguem, ou não querem, fazê-lo.

O irmãos, quão plena, íntima e honestamente deveríamos entregar a mensagem do evangelho em tempos tais como os nossos, especialmente quando as questões tratadas envolvem a vida eterna e a morte eterna de nossos ouvintes! Somos relapsos em termos de seriedade e ânimo na pregação. No entanto, nada existe pior num empreendimento do que o descuido e a ausência de brilho. Como conseguimos falar de maneira fria sobre coisas de Deus e sobre a salvação do homem! Podemos crer que nosso povo tem de se converter ou será condenado e, ainda assim, sermos irrelevantes? Em nome de Deus, irmãos, acordem os próprios corações, antes de subir ao púlpito! Estejam aptos para despertar o coração do pecador. Lembrem-se de que há uma condenação da qual devem ser avisados. Um pregador maçante não os despertará. Ainda que as palavras atribuam o mais alto valor às coisas santas de Deus, se forem faladas sem disposição e de maneira fria, a atitude do pregador falará mais alto. Falar de grandes coisas sem fervor e afeição denota desprezo, especialmente quando se trata de tão grandes coisas. A atitude e as palavras apresentam a verdade e a convicção da fé. "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração, como para o Senhor, e não para homens" (Cl 3.23). Não há dúvida de que a pregação da salvação dos homens deve ser feita com toda nossa força! Não obstante, são poucos os homens que assim procedem! Somente aqui e ali, até mesmo entre bons pastores, encontramos alguns pregadores cujas apresentações sinceras, convincentes, poderosas em palavras, permitem ao povo sentir aquilo que escutam.

Não estou sugerindo que o pregador fale sempre alto na entrega do sermão (pois isso torna desprezível o fervor). Espero, sim, que o pregador mantenha uma disposição de ânimo e de expressão, coerente com o assunto sobre o qual estiver falando. Modulem a voz, especialmente na aplicação, e não poupem a si mesmos. Falem ao povo como a homens que têm de ser acordados, ou aqui ou no inferno. Olhem a audiência com os olhos da fé, com compaixão, pensando no estado de alegria ou tormento eles estarão para sempre. Então os senhores serão sinceros e seu coração será sensível à condição dos ouvintes. Não falem uma só palavra fria ou descuidada quando falarem de assunto tão sério como a escolha entre céu e inferno. Que o povo veja sua grande sinceridade. Na verdade, irmãos, há grandes obras a serem feitas, que a superficialidade não poderá realizar. É impossível quebrar corações empedernidos por meio do uso de anedotas, amenidades ou espalhafatos. Os homens não abandonarão seus maiores prazeres com o pedido indiferente de alguém que não parece crer no que diz nem se importar com o acatamento de suas palavras. Se os senhores disserem que a obra é de Deus, e que Deus a realiza, até mesmo, por meio dos mais fracos ou das pedras, responderei que concordo. É verdade, Deus levará a cabo sua intenção em todas as suas obras. Mas ele não abençoa os relapsos; e a maneira mais comum da ação divina é por meio de instrumentos humanos, o pregador, e não apenas mediante a matéria pregada - o modo da pregação é instrumental à obra.

Do ponto de vista do ouvinte, a enunciação, a expressão, o tom da voz, são aspectos muito importantes. A melhor matéria não os moverá se não for entregue de modo comovente. Especialmente, evite afetação - fale como se estivesse falando pessoalmente a cada um deles. A falta de modulação e expressão familiares é uma grande falha na maioria dos sermões, que deveria ser corrigida. Quando uma pessoa tem um tom de leitura ou declamação, como quem repete uma lição ou uma reza, poucos serão comovidos por aquilo que ouvem. Mostremos despertamento para a obra do Senhor, falando ao povo coisas de vida, salvando-os, ainda que à força, "arrebatando-as do fogo" (Jd 23). Satanás não será desencantado até seja removido dos corações; temos de atingir as almas dos pecadores que lhe pertencem e destruir sua principal arma, a indiferença. Temos de batalhar em nome de Deus contra as fileiras das hostes malignas, abrindo uma brecha nos flancos, e não permitir que eles a fechem novamente. Temos de tratar com criaturas capazes de racionalidade, mas que abusam da verdade contra a própria verdade. Nossos sermões terão de convencer à luz da Escritura, a fim de que a razão da sabedoria brilhe de tal maneira aos olhos dos ímpios, que os force a ver - a menos que seus olhos estejam voluntária e contenciosamente fechados. Um sermão pleno de meras palavras, por mais

bem composto que seja, sem a luz da evidência e o testemunho de uma vida zelosa, é apenas uma estátua ou um cadáver bem-vestido.

Na pregação, ocorre uma comunhão de almas, a comunicação do coração do pregador aos corações dos ouvintes. Dado que nós e eles temos as mesmas afeições, disposições para o conhecimento, entendimento e vontade, poderemos ser bem-sucedidos na comunicação da luz de Deus, aquecendoJb.es assim o coração com a transmissão de nossos próprios afetos. As grandes coisas que temos para entregar aos ouvintes têm a força da razão claramente exposta na Palavra de Deus. Deveríamos, portanto, derramadas com a força e a beleza de cascatas cristalinas sobre seus entendimentos para envergonhar suas vãs objeções, a fim de que todos se rendam ao poder da verdade. [1]

3. Se somos dedicados de coração à obra de Deus, por que não temos compaixão das pobres congregações que não têm direção?

Por que não tomamos o cuidado devido para ajudar os rebanhos a encontrar pastores capazes? Por que, enquanto não os encontramos, não oferecemos a assistência quando houver oportunidade e conforme permitirem as nossas responsabilidades? Um sermão proferido por um pregador cheio de ânimo de fé, numa região de pessoas menos esclarecidas, e sem apoio pastoral, especialmente dirigido à obra da conversão, poderá ser de inestimável ajuda. [76]

[75] A *Aplicação* do sermão é a sua razão-de-ser, ou sua condição indispensável. Um sermão sem aplicação não é um sermão. E na *aplicação* que o pregador atinge o coração dos ouvintes e os relaciona ao texto pregado, de modo que o ouvinte seja capaz de dizer: "isto tem a ver diretamente comigo". ACultura Cristã tem publicado excelentes livros na área de pregação e, dentre eles, vale destacar A Verdade *na Prática,* de Dan Doriani, que foi escrito, exclusivamente, tendo como foco a aplicação do sermão. O Capítulo 3, por exemplo, trata o pregador como o *intérprete* da Palavra. D. Doriani afirma: "O pregador é como uma parteira espiritual; ele não dá à luz, mas oferece assistência enquanto Deus cria vida espiritual por meio da Palavra. Como a parteira, o pregador é dispensável se tudo for bem. Homens e mulheres chegam à fé pela leitura da Bíblia sozinhos em dormitórios de faculdade, quartéis militares, ou cabanas isoladas no mato. Porém, quando surgem complicações, as pessoas precisam de assistência. Elas necessitam de intérpretes que façam a mediação entre a mensagem do texto antigo para os ouvintes de hoje que têm dificuldade para ver a sua relevância" [Doriani, Dan. A *Verdade na Prática.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág.73] Veja o Catálogo e consulte outros livros da Cultura Cristã que tratam do assunto - www. cep.org.br-cep@cep.org.br-0800.0141963 [N.doE.].

[76] E interessante que um dos argumentos usados para defender os maus pastores é: "Por que não podemos lhe dar mais uma chance! Coitado, ele tem de sustentar a família!". Mas é curioso que ninguém diga: "Vamos dar uma chance à igreja de ter um bom pastor!" [N. do E.].

C. Outra triste descoberta é a de que não temos dedicado nós mesmos e tudo que possuímos ao serviço de Deus, como requer nosso dever.

Tal falha tem origem no nosso interesse mundano em oposição aos interesses e obra de Cristo. Isso eu demonstro de três maneiras:

1. A secularização dos pastores

Não quero que ninguém seja contencioso em relação àqueles que os governam nem que seja desobediente aos mandamentos legítimos. Não obstante, não é reprovável, no mínimo, que tantos pastores, levados pelo desejo de obter vantagens mundanas, se acomodem no exercício de funções em empreitadas que supram seus próprios interesses? Se buscam vantagens seculares, adaptam-se aos poderes seculares; se buscam o aplauso popular, adaptam-se ao partido mais popular da Igreja. Infelizmente, este é um mal endêmico. Nos dias de Constantino, os ortodoxos eram populares; quase todos se tornaram arianos, de modo que havia poucos bispos que não tivessem apostatado ou traído a verdade, mesmo entre os homens que estiveram no Concílio de Nicéia. De fato, se, até mesmo, Libério,[7] e não somente ele, mas também o grande Óssio,[8] caiu, tendo presidido tantos concílios ortodoxos, o que poderemos esperar de homens mais fracos? Não fosse por causa da vantagem secular, como ocorre que, em quase todos os países do mundo, a maioria dos pastores pertence às denominações mais ricas e de "sucesso" e mais adequadas aos seus interesses? Entre os gregos, a tendência é que a maioria seja de confissão grega; entre os romanistas, são quase todos papistas; na Noruega, Suécia e Dinamarca, são quase todos luteranos, e assim nos outros países. Seria estranho que estivessem no grupo certo em um país e no grupo errado, em outro, se as vantagens carnais não influenciassem tanto a vida aos homens que deveriam estar buscando a verdade. A variedade intelectual e de inúmeras circunstâncias ocasionam grande diversidade de opiniões sobre muitos aspectos. Contudo, se o poder secular ou eclesiástico vai para um lado, a maioria dos pastores tende a segui-lo, sem muito exame crítico. Note como os sacerdotes comuns mudaram de sua religião para a do príncipe, em nossa terra. O mesmo ocorre continuadamente onde quer que estejamos! A história dos mártires testemunha que nem todos procederam assim, mas a maioria. Amesma instabilidade ainda nos segue, dando oportunidade aos nossos inimigos para dizer que a reputação e preferência revelam nossa verdadeira religião e nossa recompensa.

[7] Bispo de Roma de 352 a 366 d.C.
[8] Bispo de Córdova, (m. 357 d.C).

2. Preocupamos-nos demais com as coisas do mundo e nos afastamos de deveres que possam ferir ou impedir nossos interesses temporais.

E comum que os pastores se afoguem em negócios deste mundo. Há muitos, como os sectaristas,[79] que nos acusam, dizendo que devemos usar o arado para nosso sustento, pregando a Palavra sem a necessidade de preparo. É uma lição facilmente aprendida, quando se quer negar dízimos e ofertas. Os homens não se mostram especialmente ansiosos para lançar fora os cuidados temporais nem se preocupam que a Igreja e as almas recebam o devido cuidado.

Tais deveres são sempre negligenciados quando sobrecarregam nosso caixa ou implicam diminuição de renda. Em grande parte, a raridade ou completa ausência da disciplina nas igrejas pode ser atribuída ao fato de temeremos que, sentindo-se ameaçado, o povo boicote a contribuição financeira. Muitos pastores não querem ofender os pecadores com o cumprimento da ordem bíblica da disciplina para que não sejam eles mesmos ofendidos em suas rendas. O dinheiro é um argumento demasiado forte para obter resposta de alguns homens. No entanto, eles mesmos proclamam que "o amor ao dinheiro é raiz de todos os males" (1Tm 6.10) e fazem longos discursos sobre os perigos da cobiça. Não digo mais do que isto: se a oferta para comprar o dom de Deus com dinheiro foi um pecado mortal no caso de Simão, o Mago, o que significará o ato de vender o dom, a causa e as almas dos homens, por dinheiro? Que razão temos para temer, senão que nosso dinheiro pereça conosco?

3. Nossa esterilidade no serviço do Mestre quanto ao progresso do trabalho geral da Igreja e das obras de caridade.

Se o interesse secular - mundano - não prevalecesse contra o interesse de Cristo e da Igreja, certamente a maioria dos pastores seria mais frutífera em boas obras, contribuindo mais com seus bens, para a glória de Deus. A experiência prova que as obras de caridade removem poderosamente o preconceito e abrem o coração a palavras de piedade. Se os homens virem que o pregador está envolvido

[79] O autor se refere a grupos que discordavam da superintendência da Igreja por meio de homens ordenados para a profissão de pastor, preferindo organizar comunidades em que a obra era realizada por meio do trabalho de tempo parcial e voluntário. Ainda temos, hoje, denominações eclesiais que assumem tal forma de governo, mas que reconhecem a ordenação de oficiais responsáveis pelo pastoreio do rebanho. Há também, hoje, grupos heréticos que desprezam toda forma de governo na^greja\N. ÜOYVY

na realização de boas-obras, mais facilmente crerão na bondade e honestidade daquele que os persuade para o bem. Quando virem que o pastor os ama e busca seu bem, mais facilmente confiarão nele. E quando virem que o pastor não busca as coisas do mundo, não suspeitarão das suas intenções, e mais facilmente serão atraídos para a sua mensagem. Quanto mais poderiam fazer, se os pastores se dispusessem inteiramente a fazer o bem e dedicassem, para isso, seus bens e seus esforços!

Não digam que é de pouca importância fazer o bem para o corpo do homem nem que as boas-obras ganham apenas sua atenção para nós mesmos e não para Deus. Tal preconceito é o maior empecilho à conversão dos homens, mas as boas-obras ajudarão a removê-lo. Produziriam maior benefício, se, além da caridade, dispusessem-se a aprender de nós - assim, nossa diligência lhes seria mais proveitosa. Peço-lhes, irmãos, que não pensem apenas na caridade ou piedade comum, tal como a que é esperada de todos. Teremos de ir além do que se requer de todos, segundo a medida dos nossos talentos. Não basta dar um pouco a uma pessoa pobre; outros o fazem, às vezes, mais do que os senhores. O que há de especial que possam fazer com seus bens no serviço do Mestre? Sei que não poderão dar do que não têm, mas considero que tudo que temos deveria ser dedicado a Deus. Agrande objeção é que "temos esposa e filhos para cuidar: no presente pouco não lhes serve e não queremos que mendiguem". A isto respondo:

(a) Há poucos textos da Escritura que sofram mais abusos do que o de 1 Timóteo 5.8: "aquele que não cuida dos seus, especialmente os de sua casa, tem negado a fé e é pior do que o incrédulo". Ele tem sido usado como pretexto para acúmulo de bens em nome da provisão para a posteridade, conquanto o apóstolo estivesse falando especificamente contra aqueles que, sendo capazes de manter os próprios familiares, abandonavam-nos aos cuidados da Igreja. As palavras seguintes, no texto, mostram que o apóstolo falava sobre a provisão para as necessidades presentes e não sobre acúmulo de bens: "honra as viúvas verdadeiramente viúvas" (1Tm 5.3).

(b) Os senhores poderão educar seus filhos, tal como outras pessoas o fazem, para viverem satisfeitos com o que têm e para que ganhem seu próprio sustento com um trabalho honesto, sem sofrer ansiedades quanto ao futuro (Mt 6.24-34). Sei que sua caridade e cuidado têm de começar em casa, mas não podem terminar ali. Os senhores têm o dever de fazer o melhor possível para educar seus filhos, a fim de que sejam capazes de servir a Deus, não para deixá-los ricos. Mas não deveriam evitar outras obras de caridade tão necessárias, apenas para lhes proporcionar abastança. Deverá haver proporcionalidade sábia entre a provisão para a família imediata e para a família da fé, a Igreja de Cristo. Um coração verdadeiramente caridoso, abnegado e consagrado

será o melhor juiz de tal distribuição financeira, aplicando naquilo que é melhor para a obra de Deus.

(c) Não é meu desejo que os homens permaneçam longo tempo sob a tentação da incontinência, pois poderiam cair em pecado, ferindo a si mesmos e ao ministério. E realmente difícil permanecer solteiro, ainda que, como disse o apóstolo, sem esposa e filhos, o pastor poderia se dedicar inteiramente à obra ministerial e aos trabalhos de caridade. Mais difícil ainda é ter de mortificar a concupiscência da carne. Se for melhor não casar a fim de se entregar plenamente às coisas de Deus, ou se for melhor casar para não viver abrasado, certamente os pastores deveriam se esforçar para escolher o melhor para a obra de Deus. Se alguém tiver recebido o dom especial para permanecer solteiro, que não se case; se tiver vocação para o casamento, que se case. Este é um dos pontos sensíveis da política romanista. A prelazia impede que bispos, sacerdotes e outras ordens religiosas se casem, porque não querem que sua posteridade venha a exigir heranças que, de outra forma, seriam acumuladas aos bens da Igreja. Não querem que tenham preocupações familiares, mas que se ocupem dos interesses da causa pública enquanto vivem, e, na morte, deixem o que tiverem para a Igreja. Censuramos-lhes a ganância, mas lamentamos que, em nosso meio, por uma causa melhor, lhes não imitemos a abnegação.

Aquele que acha que deve casar, terá de manter a si mesmo, esposa e filhos, cuidando deles com seus próprios meios temporais, e dedicar os meios da Igreja ao ministério conforme as necessidades e possibilidades.

Não quero impor encargos extremos sobre os homens. Neste caso, as alianças de carne e sangue levam bons homens a se tornarem parciais e extremados. Se a vaidade do mundo não nos cegasse, talvez fosse mais fácil julgar as ocasiões quando a família ou a Igreja exige nossa abnegação. Por que não viver com maior simplicidade no mundo, em vez de deixar a obra sofrer por causa de nosso desejo de abastança? Com freqüência, consultamos carne e sangue a respeito das prioridades do nosso dever, sabendo de antemão qual será o seu conselho: que teremos de ter suficiência? Mas a percepção de suficiência, para os homens piedosos, requer menos do que a percepção do homem rico da parábola (Lc 16.19). Se não estivermos mais bem vestidos, e "nos deliciarmos suntuosamente todo dia", não teremos tido suficiência. Um homem que prega uma coroa imortal não deveria buscar a vaidade transitória. Aquele que prega o desprezo às riquezas deveria demonstrar tal disposição na própria vida. Aquele que prega a autonegação e a mortificação da carne e deseja que creiam em sua doutrina deveria praticar tais virtudes ante os olhos observadores dos seus ouvintes. Todo cristão é santificado ao Senhor; portanto, tudo que somos e temos é consagrado "para o uso do Mestre". Os pastores, nesse sentido, são duplamente santificados: dedicados a Deus como obreiros cristãos e como ministros da Palavra, tendo, portanto, dupla obrigação de honrá-lo com tudo que possuem.

Que abundancia de boas obras está diante de nós! E quão pouco vem de nossas mãos! Certamente o mundo espera de nós mais do que possuímos; mas, se não pudermos responder às expectativas daqueles que se mostram insensatos, pelo menos respondamos as expectações de Deus, da nossa própria consciência e dos homens justos. "Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecera ignorância dos insensatos" (IPe 2.15).

Os pastores que usufruem maiores salários, especialmente, deveriam ser grandes na prática do bem. Doudhes, agora, apenas um exemplo. Há pastores que recebem bons salários de suas grandes igrejas, e que não conseguem fazer um quarto do trabalho pastoral exigido. Sequer conseguem visitar pessoalmente metade de seu povo para sua instrução, pelo menos, uma vez por ano. Contentam-se com a pregação pública como se fosse tudo o que é necessário. Deixam quase todo o restante sem fazer, sob risco da condenação de multidões, em vez de, recebendo pouco menos, permitir o sustento de um ou dois homens diligentes que os assistam. Quando tais pastores já são assistidos por pastores auxiliares, geralmente, trata-se de jovens inexperientes e não completamente qualificados para o trabalho; raramente são pastores aptos para cuidar do rebanho com fidelidade e diligência, oferecendo a tão necessária instrução pessoal.

O que significa tal situação, senão que há pastores que servem a si mesmos, vendendo a alma dos homens para salvar sua própria condição sócio-econômica? Tais pastores deveriam temer que, sendo aclamados pelos homens entre os mais excelentes pregadores e ministros piedosos, sejam vistos por Cristo como cruéis assassinos de almas - tendo os gritos das almas traídas a ressoar em seus ouvidos.

A pregação de um bom sermão substituiria o cuidado pessoal? Que pastor negaria ajuda para manter a própria carne com o custo do alimento do rebanho? Como abrir a boca contra os opressores, se os próprios pregadores oprimirem o corpo e a alma dos homens? Como pregar contra a falta de misericórdia quando os próprios pastores permanecem insensíveis? E como falar sobre infidelidade ministerial quando os próprios ministros são infiéis? Não é menor o pecado que não é observado! Não é menos odioso o pecado que os olhos dos homens não podem ver, tal como a caridade que lhes é negada. O consentimento do povo em relação ao descaso pastoral não diminui a gravidade do pecado, pois tal consentimento ser-lhe-ia mais para prejuízo do que para benefício eterno. O próprio Satanás, o pior inimigo dos homens, recebe seu consentimento para operar os caminhos de sua própria destruição.

Assim, rogo-lhes que considerem o que tenho dito, e verifiquem se o grande pecado dos ministros do evangelho não é, de fato, que não sejam totalmente consagrados a Deus, entregando a si mesmos e a tudo que possuem para o desempenho do bendito trabalho que assumiram. Não é assim que, desejando agradar a

carne e buscando os próprios interesses, distintos dos de Cristo, somos induzidos a negligenciar grande parte do nosso dever? Permitiríamos a nós mesmos servir a Deus da maneira mais barata, mais aplaudida, e mais protetora em relação ao custo e ao sofrimento? Tal não seria evidência de que somos mais terrenos, carnais, e que nos importamos com as coisas de baixo, idolatrando o mundo que pregamos condenar? Como disse Salviano: "Ninguém negligencia mais a salvação do que aquele que prefere algo além de Deus". Os que desprezam ao Senhor provam apenas que desprezam a própria salvação.

D. Infelizmente, somos culpados de desvalorizar a unidade e a paz de toda a Igreja.

Raramente encontro alguém que não defenda a unidade e paz ou que fale abertamente contra ela. E mais comum encontrar quem se aplique a promovêda. Entretanto, é muito comum que encontremos homens enciumados e carentes de unidade e da paz, os quais se tornam instrumentos de divisão. Os romanistas usaram de maneira tão abusiva a expressão "Igreja católica" que muitos protestantes, em oposição ao catolicismo romano, retiraram-na do Credo ou ainda a mantêm sem entender seu significado nem considerar sua natureza. Acham que basta crer que tal corpo exista, sem que se comportem como membros dele. Só porque os romanistas idolatram a Igreja, nós, por nossa vez, chegaríamos a negá-la, desrespeitá-la ou dividi-la? O mundo cristão apresenta o grande e disseminado pecado de usar a religião como instrumento de facção e, em vez de afetuosamente amar e cuidar da Igreja universal, restringir o amor e o cuidado a um grupo seleto. Certamente, quanto à estima e comunhão, teríamos de preferir as partes mais puras às partes impuras do corpo, recusando-nos a participar dos pecados de outrem. Contudo, é necessário e urgente que sejamos compassivos e ajudemos as pessoas mais necessitadas. A comunhão tem de ser mantida enquanto continuar legítima. Deveríamos amar aqueles nossos vizinhos tomados de enfermidades, proporcionando-lhes todo alívio possível, reconhecendo a justiça dos relacionamentos centrados em Cristo e comunicando-nos com eles.

Raramente se encontra, dentre as multidões que professam pertencer à Igreja católica (no sentido de universal), pessoas de espírito realmente católico. As pessoas não têm uma compreensão natural com respeito à universalidade da Igreja. Antes, consideram seus movimentos, grupos e partidos como se fossem essa totalidade. Alguns são chamados de luteranos; outros, de calvinistas; alguns são divisões das grandes denominações e, outros, ainda, são partidos internos das Igrejas, como há entre nós. A maioria das pessoas dentro desses grupos orará pela

prosperidade no âmbito do seu trabalho, regozijando e dando graças a Deus pelas bênçãos que recebem. Entretanto, pouco se lhes dá que outros grupos sofram - como se não fosse prejuízo para a Igreja universal. O menor deles, sem nação e sem cidade a que se refira, assume a si mesmo como a totalidade da Igreja, e age como se tudo estivesse bem, se estiver bem para ele.

Deploramos o papado, classificando-o como um dos anticristos por causa da redução da Igreja ao espectro romano e, sem dúvida, esta é uma posição cismática abominável.[80] Mas é de lamentar também que tantos dos que os repreendem prossigam na imitação de sua atitude! Agem como os romanistas, os quais forçam a palavra "romana" no seu credo, transformando a Igreja universal na Igreja *romana.* Procedem como se não houvesse outros católicos, isto é, como se a Igreja não tivesse verdadeiros membros nas diversas denominações ou grupos. Cada um deles gostaria de chamar a própria Igreja de universal: Igreja católica luterana, Igreja católica reformada, Igreja católica anabatista, e assim por diante. Não discernem a si mesmos nem aos demais, ainda que o corpo compreenda todo o mundo verdadeiramente cristão. Tomam a paz de seus segmentos da Igreja como se fosse a paz da totalidade da Igreja. Não é de admirar que as Igrejas não progridam em toda a extensão da obra.

Raramente encontramos pessoas que sofram e sangrem com as dores e ferimentos da Igreja universal; ou que, sensibilizadas, reconheçam-se co-participantes das provações que a Igreja passa em todo o mundo; ou que tenham pensamentos solícitos de ajuda e de cura! Quase todas as denominações ou grupos eclesiásticos acham que a felicidade dos demais rebanhos consiste em retornar ao redil que eles mesmos representam. Quando há discordância de pensamentos, gritam palavras de ordem, tal como: "Abaixo com ele!", alegrando-se quando os rivais fracassam, como se essa fosse a maneira de Cristo para promover progresso, isto é, subir aproveitando-se da queda dos outros.

Poucas pessoas entendem o verdadeiro estado das controvérsias entre os diversos partidos na Igreja, ou discernem meras contradições de palavras, de discussões

[80] "Hoje os romanistas nos importunam e apavoram os ignorantes com o nome de Igreja, quando são adversários capitais de Cristo. Portanto, ainda que exibam templo, sacerdócio e demais exterioridades deste gênero, de modo algum este enganoso fulgor deve mover-nos, pelo qual os olhos dos simplórios são deslumbrados, ao admitirmos estar a Igreja onde a Palavra de Deus não se faz presente... Pois a Igreja não se fundamenta sobre juízos de homens, não sobre sacerdócios, mas sobre a doutrina dos apóstolos e dos profetas, nos lembra Paulo (Ef 2.20)... Em síntese, já que a Igreja é o reino de Cristo, e que ele reina somente por meio de sua Palavra, quem duvidará de que é uma mentira (Jr 7.4) a crença que nos querem impor, de que o reino de Cristo está onde não existe seu cetro, isto é, sua Palavra, com a qual tão-somente governa seu reino?" (Calvino, João. *As Instituías.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. págs.56,57) [N. do E.j.

realmente pertinentes! Caso haja alguém que entenda uma dada situação e adiante informações corretas para sua resolução, suas palavras são, quase sempre, tomadas como extensões do erro e concordância carnal com o pecado.

Igualmente, poucas pessoas permanecem zelosas da paz e da unidade da Igreja durante toda a vida. Poucas têm suficiente experiência no trato do espírito e dos princípios dos homens para discernir o verdadeiro estado da Igreja e suas diferenças. Algumas delas, remindo o tempo, escreveram seus *Irenicones*[81] (muitos dos quais subsistem até hoje). Foram, porém, tomados como jovens agindo no calor da paixão, e julgados incapazes de serem auditores da filosofia moral. Hoje, aqueles que foram jovens zelosos da unidade e da paz da Igreja universal são os velhos e experientes homens que, zelosos de suas próprias facções, se opõem a uma nova geração que luta no calor da juventude. Tal tipo de pacificadores não promove nenhum bem maior do que o de apaziguar a própria consciência. Tentam se desincumbir de tão grande dever por meio de pequenas e esparsas intervenções moderadoras, meramente visando se eximir de culpa. Quando morrerem, deixarão como legado, em vez de a paz, apenas o testemunho de que este é realmente um mundo voluntarioso, egocêntrico e belicoso.

Geralmente, alguém que tente promover a unidade e a paz da Igreja terá seu esforço colocado sob suspeita de tentativa de favorecimento de algum tipo de heresia. Seu zelo será abafado como se não fosse necessário manter as verdades fundamentais da união e paz da Igreja. O espírito do nosso tempo pretende apenas manter algumas verdades particulares, a unidade exterior e a ausência de conflito, nos limites dos partidos.

O diabo obteve grande vantagem neste ponto, usando agentes tais como os socinianos[82] para escrever tratados sobre a unidade e a paz católica e *arquicatólica*, visando promover seus próprios fins. Assim, o inimigo da paz colocou os proponentes da unidade da Igreja sob a suspeita de precisarem dela para condescender aos próprios erros. E perigoso que a heresia receba tal crédito, como se ninguém fosse tão amigo da paz e unidade quanto os hereges, e que tão grande dever sobre o qual repousa o bem-estar da Igreja, seja colocado sob suspeita ou desgraça.

Irmãos, não é sem evidente razão que falo sobre tais coisas. Temos, aqui em nossa terra, as mesmas divisões que outras nações do mundo experimentam - o que é triste, principalmente considerando a piedade das pessoas e a pequenez da questão em discórdia. Um dos pontos que acentuam nossa divisão diz respeito à

[81] *Irecones* eram propostas escritas para promover a paz na Igreja [N. do E.].

[82] Os socinianos eram seguidores de Fausto Sozzini (1539-1604), os quais negavam a divindade de Cristo, a Trindade, a imortalidade natural da alma, e explicavam o pecado e a salvação em termos racionalistas [N. do E.].

correta forma e ordem do governo da Igreja. Seria tão grande a distância entre o presbiterianos, episcopais e independentes que não possa haver concordância? Estivessem estes realmente dispostos à paz, poderiam obtêda. Sei que conseguiriam. Tenho falado com homens moderados de todos os segmentos, e percebido, por suas concessões, que seria um trabalho relativamente fácil. Se os corações fossem sensibilizados à causa da Igreja, se fossem tocados pelo amor mútuo sem fingimento, e se consentissem cordialmente em buscá-la, poderiam facilmente assegurar uma paz segura e feliz. Se não pudermos concordar em todos os pontos, facilmente poderíamos, pelo menos, aproximar as distâncias entre as diferenças, obter consenso no principal e ter comunhão. Teríamos como identificar e tratar dos pontos divergentes, sem perigo para a unidade e a paz da Igreja. Mas isso é feito? Não é. Para vergonha nossa e rubor em nossas faces, não é feito. Que cada partido se orgulhe de si mesmo como lhes aprouver. Certamente isso será relatado para a vergonha do ministério em nossa terra enquanto o evangelho for pregado no mundo.

Que terríveis agravamentos acompanham o pecado do sectarismo! Desde os dias dos apóstolos, jamais os homens fizeram maior alarde da própria piedade. A maioria se compromete, com juramentos solenes, em favor da união e da reforma. Professam conhecer o valor da paz e a maioria prega em seu favor e, ao mesmo tempo, negligencia seu dever, como se não valesse a pena buscá-la. Lêem e pregam os textos que instam à paz: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14) e "Se possível, tende paz com todos" (Rm 12.18).[83] Entretanto, estão longe de segui-la, de fazer o possível para viver a paz. Muitos desdenham a paz, maldizendo e censurando os que a buscam promover. Procedem como se nosso zelo pela paz resultasse da falta de zelo pela santidade. Vivem como se cressem que santidade e paz fossem aspectos tão separados entre

[83] Comentando este texto, J. Calvino afirma: "A paz de espírito e uma vida bem ordenada, que nos granjeiem a admiração de todos, não são dotes comuns numa pessoa cristã. Se nos devotarmos a esta aquisição, seremos dotados não só da mais excelente integridade, mas também do mais excelente espírito de cortesia e da mais doce natureza. E assim conquistaremos não só o que é justo e bom, mas também provocaremos a transformação dos corações dos incrédulos. Entretanto, duas palavras devem ser aqui pronunciadas como advertência. Que não nos esforcemos por conquistar o favor dos humanos de maneira tal que nos esquivemos de incorrer no ódio de alguém por amor a Cristo, como às vezes se faz necessário. Naturalmente, existem alguns que, embora mereçam a admiração universal em razão de suas maneiras excelentes e paz de espírito, não obstante são odiados até mesmo por seus familiares por causa do evangelho. A segunda precaução consiste em que essas excelentes qualidades não devem degenerar-se em excessiva condescendência e, assim, em nome da preservação da paz, transigirmos excessivamente os pecados dos homens" (Calvino, João. ***Romanos.*** *T* ed. São Paulo: Parakletos, 2001. págs. 454,455) [N. do E.].

si, que não houvesse reconciliação possível. Ora, sabemos, de longa data e por experiência própria, que a concórdia é amiga fiel da piedade e que a piedade conduz à concórdia. Igualmente sabemos que erros e heresias nascem sempre da discórdia, e que a discórdia é gerada e alimentada por tais pecados. Naquilo em que os servos de Deus deveriam viver em unidade - com o mesmo coração, alma e louvor - mutuamente promovendo a fé e a santidade, admoestando e assistindo uns aos outros na luta contra o pecado, regozijando na esperança da glória futura, temos, ao contrário, vivido em ciúmes e cobiças. Temos afogado o amor santo em amargas contendas, estudado maneiras de solapar o chão em que se firmam nossos pares, unindo-nos apenas para aumentar o poder do nosso próprio partido, esteja ele certo ou errado. Nós, que deveríamos nos gloriar no amor mútuo como marca do discipulado de Cristo e da sinceridade da nossa fé (Jo 13.35), gloriamo-nos no amor ao partido - e quem se opuser ao partido receberá, em vez de amor, o fel, inveja e malícia de nossas frustrações. Sei que este não é o caso de todos e que tais sentimentos não prevalecem em todo crente. Contudo, trata-se de erro tão comum que poderá levantar dúvidas sobre a sinceridade dos que são fiéis à unidade e à paz de Cristo.

Não somos os únicos a serem chamuscados por tal fogo. Temos permitido que nosso povo seja conduzido à fogueira. A maioria dos piedosos da nação cai em diferentes graus de partidarismo e transforma sua antiga piedade em disputa de vãs opiniões, invejas e animosidade. Perdemos a noção daquilo que seria marca visível de despojamento de graça: o desprezo à piedade. Poucas pessoas, hoje, refreiam suas línguas de escarnecer e de dar falso testemunho daqueles que não mantêm sua mesma opinião que eles. Homens piedosos se agridem: um prelado episcopal piedoso fala mal de um pastor presbiteriano; um pastor presbiteriano, de um pastor independente; e um pastor independente refere-se a ambos com desprezo. O pior é que as pessoas ignorantes quanto à fé observam tais guerras carnais e não apenas nos desprezam como também endurecem seus corações contra a religião. Quando, em nossas pregações, procurarmos persuadi-las a crer, nossa prática de vida estará exibindo tantos partidos em oposição, que ela sequer saberá escolher a qual se filiar. Talvez considere melhor não se unir a nenhum deles, pois como saberá qual está certo? Milhares de pessoas acabam desprezando a nossa fé por causa de nossas divisões; muitos homens carnais se consideram melhores do que todos nós porque eles mesmos se atêm a velhas formalidades, enquanto não apresentamos uma unidade à qual nos atenhamos.

Certamente alguns desses homens serão doutos e reverenciáveis e não abrigarão fins maldosos. Não pretendem causar o endurecimento de coração dos homens ignorantes da fé. Entretanto, é fato que tal mal ocorra. Não raro boas intenções laboram em erro. Quem poderá se calar, vendo pessoas correrem para

a própria ruína e almas destruídas por causa das contendas de pastores cm seus diversos partidos e em busca de seus próprios interesses? O Senhor, que conhece o meu coração, sabe (e eu mesmo sei) que não pertenço a nenhum desses partidos e não falo com parcialidade a favor de um ou contra outro nem quero me lançar contra um ou outro. Em boa consciência, desejaria me calar para não ofender a quem devo honrar. Quem sou eu, senão um servo de Cristo? De que vale minha vida, exceto para seu serviço? Que favor poderá me recompensar pela ruína da Igreja? Mas quem poderia se calar quando almas estão sendo destruídas? Quanto a mim, não quero. Enquanto Deus for meu Mestre, sua palavra for minha regra, sua obra for meu trabalho e o sucesso dele na salvação das almas for minha finalidade, não poderei me calar. Quem é que, tendo tal finalidade de vida, poderia conciliá-la com a contradição aos interesses do Mestre? Eu não teria falado estas coisas em função de minha própria responsabilidade, pois aí, graças a Deus, a ferida é pequena, comparada com o que ocorre em muitos outros lugares. Mas o conhecimento de congregações vizinhas e remotas motivou tais observações.

Poderemos continuarfalando de paz durante toda a vida, mas jamais a obteremos a menos que voltemos à simplicidade apostólica. A doutrina dos romanistas seria diversa para permitir concordância, mesmo entre eles, se eles não a reforçassem com argumentos de fogo, jugo e correntes. Muitos que se opõem ao papa os imitam no cumprimento tedioso de confissões e imposições, quando não vão mais longe deles na qualidade das coisas impostas. Quando voltarmos à simplicidade original da fé, e não antes, voltaremos ao antigo amor e à paz. Recomendo, portanto, a todos os meus irmãos, que o mais necessário para a paz da Igreja é que sejamos unidos nas verdades necessárias e que suportemos uns aos outros nas possíveis diferenças, não fazendo um credo maior e mais detalhado do que é necessário, além daquele formulado por Deus. Para tal, rogo-lhes que atentem para o seguinte:

1. Não dêem demasiada ênfase a opiniões controversas, especialmente quando cada lado da questão envolver homens piedosos ou igrejas inteiras.
2. Não enfatizem, também, controvérsias que, em última instância, somente serão resolvidas com incertezas filosóficas, tais como extremos não proveitosos sobre livre-arbítrio, modo da operação do Espírito e decretos divinos.
3. Não enfatizem demais, também, controvérsias meramente verbais, as quais, se fossem analisadas, desapareceriam. Muitas dissensões desse tipo fazem mais alarde no mundo e dilaceram mais a Igreja do que a maioria dos contenciosos se dispõe a crer ou discernir.
4. Não enfatizem nenhum ponto de fé que não tenha sido professado ou que tenha sido desconhecido da Igreja de Cristo, em qualquer era desde que as Escrituras nos foram entregues.

5. Além disso, absolutamente não enfatizem aquilo sobre o que a Igreja dos tempos mais puros e capazes para emitir julgamento desconheceu.
6. Sobretudo, não enfatizem aquilo que já tenha sido rejeitado pela Igreja de qualquer época desde os apóstolos.

Há quem sugira um teste para detectar heresias: um novo credo. É impossível para alguém, dizem, subscrever as Escrituras e os credos antigos e, ao mesmo tempo, defender o socianismo[84] e outras heresias. Certamente o cérebro humano poderá engendrar muitos outros testes para identificar heresias. Contudo, enquanto armam laços para pegar hereges - em vez de aplicar o teste bíblico da comunhão da Igreja - os senhores poderão perder de vista a própria finalidade. O herege, em virtude de sua consciência escorregadia, talvez passe ao largo, sem tropeço, e a armadilha ficará ali para fazer cair um cristão mais fraco. Ainda que sejam elaborados novos credos, se as pessoas não permanecerem fiéis às palavras das Escrituras, a Igreja certamente terá novas divisões.

Quem viver para testemunhar o tempo de regozijo, quando Deus há de fortalecer as igrejas quebrantadas, verá postas em prática todas estas coisas sobre as quais eu insisto. A moderação tomará o lugar do zelo faccioso e a doutrina da suficiência da Escritura será restabelecida. As confissões e os comentários de homens serão valorizados apenas como ajudas secundárias e não serão maiores provas da comunhão na Igreja do que as próprias Escrituras. Porém, até que chegue o dia da cura, não poderemos esperar que as verdades sejam acolhidas, pois não há espírito curador na liderança da Igreja. Mas, quando a obra tiver de ser feita, os obreiros estarão capacitados e preparados. Benditos são os agentes de tão gloriosa obra.

E. Por fim, infelizmente, somos negligentes no cumprimento de deveres tais como governo e disciplina da Igreja.

Quantos obreiros iriam além daquilo que os atrai, a fim de realizar um trabalho de reforma? Já seria bom se chegassem até ali. Entretanto, quanto mais difícil e custoso é um trabalho, mais lentos nos tornamos no empenho, e plenos de desculpas. Que outra questão tem sido mais comentada e discutida, em nossa terra, e sido motivo de oração por tantos anos, do que a do governo e da disciplina

[84] A menção do socianismo, aqui, foi um recurso do autor para explorar o conhecimento de seus ouvintes sobre um movimento. As heresias, hoje, giram em torno da credibilidade da Palavra de Deus, do pluralismo teológico, do subjetivismo e do empirismo como base da fé [N. do E.].

da Igreja? De fato, em todos os segmentos da Igreja, poucos homens há que não pareçam zelosos acerca do modo de governo e disciplina. Alguns preferem o modo dos episcopais; outros, o do presbiterianismo e, outros mais, o do congregacionalismo. No entanto, na prática, concordamos em uma coisa: a maioria não é a favor de nenhum modo. Às vezes, fico a pensar sobre a razão pela qual, em nossa terra, tão poucas congregações exercem o governo e a disciplina, em vista da quantidade de volumes que têm sido escritos em sua defesa e da preocupação que quase todos no ministério pastoral parecem ter com a matéria. Os ministros discutem com zelo e emitem justa exclamação contra os oponentes e, contudo, pouco ou quase nada fazem para aplicar a disciplina. Maravilha-me que sejam tão zelosos por tomar partido a favor daquilo que, na prática, contraria seu próprio coração. Tenho consciência de que o zelo pela disputa é mais natural do que um zelo santo, obediente e praticante.

Quantos pastores há que não conhecem o próprio rebanho; sequer sabem quem são as pessoas ou quantos são os membros. Jamais tiram do meio e um pecador contumaz; nem jamais levaram um deles à confissão pública e à promessa de reforma; nem mesmo produziram uma admoestação pública que levasse um pecador ao arrependimento. Entretanto, acham que estão cumprindo o dever, deixando que permaneçam arrolados como membros ativos da Igreja, mas lhes negando o sacramento da Ceia do Senhor (quando já não esteja sendo evitado voluntariamente). Aparticipação no rol de membros ativos da Igreja não consiste apenas da participação da Ceia; caso contrário, o que seria das crianças que foram batizadas na infância? Tais membros relapsos continuariam tendo comunhão com a Igreja e não seriam chamados ao arrependimento pessoal. Mas não é ordem de Deus que sejam repreendidos e admoestados e chamados ao arrependimento, e lançados fora caso permanecerem impenitentes? Se tais não são deveres ministeriais, por que o alarde? Contudo, se são deveres a nós ordenados, por que não os praticamos? Muitos membros em tais condições evitam, até mesmo, ouvir a pregação da Palavra. A disciplina antiga da Igreja era mais rígida, até com exageros, tal como quando o Sétimo Concílio de Trulo,[85] por exemplo, resolveu determinar que todo "aquele que faltasse três dias em seguida às reuniões regulares da Igreja, sem necessidade urgente, seria excomungado".

Irmãos, não desejo ofender nenhum partido, mas é necessário dizer que atos e atitudes verdadeiramente pecaminosos não deveriam ser encobertos com desculpas, atenuações ou negações. Temos clamado, pedindo disciplina, a cada denominação ou partido a seu próprio modo. Os senhores querem que sua forma

[85] Em 692 d.C, um sínodo foi reunido na sala da redoma *(trullus)* do palácio imperial de Constantinopla, para completar a obra do Sexto Concílio Geral de 680 d.C.

de governo seja valorizada ou não? Sem dúvida o desejam. Nesse caso, deverá ser por que há nela alguma excelência. Mostrem qual seja a excelência. No que consiste? Se realmente desejam que creiam na sua palavra, mostrem na prática, não só no papel, não em palavras, mas em obras. Como poderão conhecer o valor da disciplina, se ela não for praticada? Será, a disciplina, apenas um termo, uma sombra, sobre o que os senhores fizeram tanto alarde? Como poderão pensar que seja boa se não a transformarem em benefício? Na verdade, temo que não tomemos o caminho certo para defender nossa posição e que, até mesmo, na tentativa de defendêda, traiamos a nossa causa.

Diga a verdade, são estas duas coisas que mantêm entre os homens a má impressão a respeito da disciplina: para os penitentes, o que interessa é a mera manutenção da reputação dos seus pastores e, para muitos dos impenitentes, interessa que não seja aplicada. Seria, a disciplina, uma questão desnecessária e menos problemática? Se o governo da Igreja for mantido pelos votos daqueles que teriam de ser corrigidos ou expulsos, e os piores homens forem simpatizantes dele por causa de sua tendência à impunidade, então teríamos de invocar o Senhor contra tal governo. Some toda a disciplina aplicada em todos os lugares, em nossa terra, desde que o assunto se tornou matéria de discussão, e duvido que não fique evidente que, em função de seus efeitos, ela se mostrou atraente e foi apreciada pelas pessoas piedosas. Contudo, como saber, quando muitos dos que realmente desejam obras e não apenas palavras, verdadeira reforma e não apenas o rótulo da Reforma, migraram para outras congregações separadas, pois nada viram em nossas Igrejas mais do que o termo disciplina despido de significado prático?

Os cristãos verdadeiros valorizam as ordenanças de Deus e não as consideram vãs, não estando dispostos a viver sem elas. A disciplina é uma ordenança de Deus. Não é desnecessária para a Igreja. Se não houver diferença promovidapela disciplina na Igreja, entre o que é precioso e o que é vil, as pessoas estabelecerão a diferença por meio da separação. Caso pretendam manter na Igreja dezenas ou centenas de pessoas notoriamente ignorantes e totalmente sem religião, jamais as repreendam publicamente (ou em particular) nem os conclamem ao arrependimento nem os retirem da comunhão. Não se maravilhem, porém, se algumas almas temerosas abandonarem suas congregações tal como quem foge de um edifício que desaba sobre suas cabeças. Considerem se deveriam agir em relação a elas, em termos do sacramento da Santa Ceia, da mesma maneira como agem em termos da disciplina, apenas mostrando o pão e o vinho e jamais deixando que provem dos elementos simbólicos da justiça e do amor do Redentor. Poderiam esperar que o sacramento as satisfizesse ou que apreciassem a comunhão? Por que, então, pensar que elas se satisfarão com o som vazio das palavras *governo da Igreja?*

Além disso, considerem a desvantagem que os senhores atraem para a causa, nas disputas com homens de diferentes opiniões. Se os seus princípios forem melhores do que os deles, e a prática deles for melhor do que a sua, o povo haverá de supor que a questão seja apenas em termos daquilo que é mais desejável, se o nome ou a coisa, se a sombra ou a substância. Certamente, assumirão que o caminho que os senhores propõem seja o de mero formalismo, pois só enxergam seu uso formal. Não estou falando contra o modo de governo, mas a favor dele, dizendo que as pessoas que se colocam contra a disciplina parecem sertão sinceras na omissão quanto os senhores na aplicação. Antes que eu termine o raciocínio, os senhores descobrirão que a aplicação fiel da disciplina será seu mais forte argumento. Até lá, o povo entenderá que os senhores proclamam abertamente: "Não teremos admoestações públicas, confissões ou excomunhões; não faremos nenhum bem, exceto estabelecer o nome do governo".

Não desejo provocar nenhuma ação insensata no cumprimento deste grande dever. Mas quando será ocasião propícia? Os senhores deixariam de pregar sermões e de oferecer os sacramentos durante anos sob alegação de falta de oportunidade? Haverá melhores condições quando os senhores já estiverem mortos? Quantos já morreram sem ter oportunidade de realizar tão importante obra, embora estivessem se preparando para fazêdo? E certo que alguns sofrem maiores desânimos e impedimentos do que outros, mas que desânimo ou impedimento poderá nos desculpar a omissão do dever? Além das razões já enumeradas, consideremos ainda estas:

1. Que triste sinal acenamos ao nosso povo quando pregamos se vivemos em omissão voluntária e continuada de tão grande e conhecido dever? Continuaremos a fazê-lo, ano após ano, todos os dias? Se as desculpas apresentadas esconderem o sinal de perigo, quem melhor do que os senhores para encontrar e expor toda a verdade?
2. Claramente, manifestamos preguiça, morosidade omissa e, até mesmo, infidelidade na obra de Cristo. Falo de minha própria experiência. A preguiça me impediu, durante muito tempo, de cumprir o dever de aplicar a disciplina, causando-me opor ao dever. De fato, trata-se de tarefa árdua e dolorosa e que exige autonegação, pois coloca sobre nós o desagrado dos ímpios. Mas ousaríamos preferir a facilidade e a calma carnal? Escolheríamos o amor da paz de homens maus, antes do serviço diante de Cristo, nosso Mestre? Poderão, os servos preguiçosos, esperar boa recompensa? Lembrem-se, irmãos, de que nós, em nossa denominação, temos prometido diante de Deus, no segundo artigo de nosso compromisso: "Concordamos e resolvemos, com a ajuda de Deus, que enquanto Deus revelar nosso dever, haveremos de cumpri-lo com fidelidade, e não desistiremos por causa de medo ou ameaça de perda dos nossos bens nem em

função do desprazer dos homens ou de semelhantes razões carnais".[86] Rogodhes que estudem este compromisso e verifiquem se os senhores têm cumprido seus votos. Não assumimos tal compromisso mediante engano. Apropria lei de Deus nos impôs uma obrigação ao dever, antes mesmo que o assumíssemos. Nada há neles a que outras pessoas não estejam obrigadas, tal como nós.

3. A negligência da disciplina tem forte tendência para iludir as almas imortais, levando as pessoas a pensar que vivem vidas cristãs, quando, na verdade, não vivem. Não permite que vivam de conformidade com o caráter cristão nem que sejam separadas dos demais para que se arrependam, segundo a ordenança de Deus. Se os pastores da Igreja toleram o pecado, aqueles que causam escândalos estarão livres para pensar que seu pecado seja tolerável.
4. Corrompemos o próprio Cristianismo aos olhos do mundo, contribuindo para a crença de que Cristo não requer mais santidade do que Satanás, ou que a religião cristã não exige maior santidade do que as falsas religiões do mundo. Se admitirmos que aos santos e impuros seja permitido viver como ovelhas do mesmo aprisco, sem intenção e meios para separados, difamaremos o Redentor, como se ele fosse culpado de tal situação, como se essa fosse a natureza dos seus preceitos.
5. Mantemos a separação quando permitimos que os transgressores permaneçam na Igreja, sem censura, e que muitos cristãos honestos julguem necessário, até mesmo, sair de nosso meio. Tenho falado com membros de igrejas não-filiadas a denominações, homens moderados, os quais me disseram ser de procedência e convicções presbiterianas. Ainda que nada tivessem contra essa doutrina, haviam se unido a outras igrejas em função de absoluta necessidade. Consideraram que a disciplina, sendo ordenança de Cristo, precisaria ser usada portados e em relação a todos, e que, sem tal recurso, seria impossível viver a vida cristã. Não encontrando Igrejas presbiterianas que executassem a disciplina conforme subscreviam, voluntariamente haviam se separado delas. Pretendiam regressar

[86] O artigo 33 dos Princípios de Liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil preceitua o seguinte: "O novo ministro, por ocasião da cerimônia de ordenação, reafirmará sua crença nas Escrituras Sagradas como a Palavra de Deus, bem como a sua lealdade à Confissão de Fé, aos Catecismos e à Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil. Prometerá também cumprir com zelo e fidelidade o seu ofício, manter e promover a paz, unidade, edificação e pureza da Igreja" [IPB. *Princípios de Liturgia.* São Paulo: Cultura Cristã, 2006. pág. 150]. No ato de ordenação de ministros, o Manual Litúrgico preceitua o seguinte: "Você promete manter zelosa e fielmente as verdades do evangelho, a pureza e a paz da Igreja, seja qual for a perseguição e oposição que contra você se levante por este motivo?" [IPB. *Manual Litúrgico.* 2ª ed. São Paulo: CEP, 1992. pág. 128]. Portanto, espera-se que haja coerência com a escolha feita pelo ministro e certeza em suas respostas. Uma negação posterior por meio de prática negligente e descuidada é um problema ético e, portanto, pecado [N. do E.].

às suas igrejas, de bom grado, quando os presbiterianos passassem a aplicar a disciplina. Confesso ter me entristecido com o fato de que tais pessoas tivessem razão para se afastarem de nós. Não será por meio de manter os transgressores impenitentes no rol de membros da igreja e afastando-os dos sacramentos que nos isentaremos do dever do exercício da disciplina.[87]

6. Sendo relapsos na aplicação da disciplina, fazemos muito para incorrer na ira de Deus, nós e nossas congregações, estragando os frutos do trabalho. Se o anjo da Igreja de Tiatira foi reprovado por permitir que sedutores permanecessem na igreja, nós também poderemos ser igualmente reprovados, por abertamente permitir a comunhão da Igreja com pecadores escandalosos e impenitentes.

Quais são os impedimentos para a aplicação da disciplina pela qual lutaram tanto os pastores da nossa terra? Segundo o que pude aprender, o grande problema alegado é o da dificuldade para produzir a disciplina e os sofrimentos e problemas dela advindos. Os pastores reclamam: "Não podemos repreender publicamente um pecador sem que ele se ire e guarde extremados rancor e amargura. Conseguimos apenas que umas raras pessoas façam profissão pública de arrependimento. Se procedêssemos à excomunhão, seríamos alvos de retaliação. Se tratássemos, como Deus requer, a todos os pecadores contumazes da paróquia, não suportaríamos viver na mesma cidade; seríamos odiados e nossa vida seria desconfortável a ponto de perder todo nosso trabalho. Possuídos de ódio, as pessoas não nos ouviriam. Assim, o dever deixa de ser dever, pois o sofrimento que se seguiria seria maior do que o bem".

Se minha vontade prevalecesse, o homem que retém a disciplina deveria ser retirado do ministério sob a pecha de pastor negligente. Se não quiser reger seu povo por meio da boa disciplina ordenada por Deus, que não pregue, pois estou certo que governar bem o rebanho é parte essencial do pastorado tal como a pregação.

Conclusão

Não prosseguirei mais nessas confissões. O que nos resta agora, irmãos, senão assumirmos a culpa desses pecados e nos humilharmos diante do Senhor por

[87] É curioso que a maioria das Igrejas tenha, em seus códigos de disciplina escritos ou de fato, a noção "afastamento" que acaba sendo "afastamento da Ceia do Senhor". Parece que o autor tem uma noção adequada. Se o transgressor se arrepender (com todas as implicações do termo), para que o afastamento? Se não se arrepender, por que não excluí-lo? Deveríamos afastar dos meios de graça aqueles que, como todos os demais, necessitam dela? [N. do E.].

Três respostas à objeção daqueles que alegam ser difícil a aplicação da disciplina, por receberem o desprezo da Igreja e ser odiados pela cidade.

Essas são as razões mais freqüentemente alegadas cm favor da omissão da aplicação da disciplina, juntamente com o custo do trabalho da admoestação pessoal particular de cada ofensor. A isso tudo, eu responderia:

(a) Não são, essas razões usadas contra a aplicação da disciplina, aparentemente válidas, as mesmas usadas contra o próprio Cristianismo, especialmente em determinados tempos e locais? Cristo não veio trazer paz à terra: leremos a sua paz, mas não a que o mundo dá, pois ele nos disse que o mundo nos odiaria. Poderiam Bradford, Hooper, e outros que foram queimados nos dias da Rainha Maria, ter alegado mais do que tudo isso contra o dever de assumir a Reforma? Eles não poderiam ter dito: "Ela nos tornará odiados e exporá nossas vidas às chamas"? Cristo conclui que não seria realmente cristão aquele que não deixasse tudo que tem na vida, e a própria vida, por amor dele. No entanto, temendo a perda mundana, usamos tal pecado como razão suficiente contra a sua obra! Não demonstra hipocrisia o fato de nos esquivarmos dos sofrimentos e de só assumirmos trabalhos seguros e fáceis, acreditando que o restante não é do nosso dever? Na verdade, a negligência do dever é uma maneira comum para fugir ao sofrimento. Se cumprissem fielmente o dever, os pastores encontrariam, entre os cristãos professos, a mesma condição que seus precursores encontraram entre os pagãos e outros infiéis. Mas se nos recusamos a sofrer por Cristo, por que colocamos a mão no arado? Por que não nos assentamos antes para calcular o custo? Tal atitude implica infidelidade na obra ministerial, pois nos leva a um desempenho carnal. Os homens adentram no causa de nossos erros? Prosseguir em tais erros significaria "tomar conta de si mesmo e do rebanho"? Seria viver segundo o modelo que nos é dado no texto? Se provarmos ter coração duro e orgulhoso, que triste sintoma de nosso próprio mal e da Igreja! Freqüentemente o pastorado tem sido ameaçado e vilipendiado e, embora evidencie a malícia dos adversários, isso poderá também induzir sobre nós a justa indignação de Deus. E hora de nos humilharmos da maneira como temos há muito conclamado nosso povo. Se pensarmos bem, a voz que chama esta nação ao arrependimento tem nos falado tanto quanto tem falado a outros. "Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça" (Lc 8.8) os preceitos do arrependimento proclamados em tantas libertações e preservações. Quem tem olhos para ver, veja os escritos de sangue na História. Pelo fogo e pela espada Deus tem nos chamado à humilhação e "a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus

ministério como se entrassem em uma vida de facilidade, honra e respeitabilidade, decididos a alcançar seus objetivos e a obter o que se esperam dela por meios certos ou errados. Não aceitam ser desprezados ou sofridos, e tentarão evitar tais ocorrências antevistas por Jesus, ainda que tenham de evitar a própria obra.

(b) Quanto à impossibilidade de fazer bem, respondo: tal razão é aparentemente tão válida contra a pregação clara, contra a repreensão ou contra qualqueroutro dever, pelos quais os ímpios certamente nos odiarão. Deus abençoa suas próprias ordens e as designa para a realização do bem, ou não as ordenaria. Se admoestarmos e repreendermos publicamente aos promotores de escândalo, chamando-os ao arrependimento, lançando fora os obstinados, poderemos fazer o bem àqueles que são aprovados e, até mesmo, para os que foram excomungados. Estou certo de que este é o meio de Deus e o último recurso quando as repreensões não suficientes. Seria, portanto, perverso, de nossa parte, negligenciaros últimos recursosde Deus, sob a alegação deque os primeiros meios teriam sido frustrados. No entanto, tanto os de dentro da Igreja quanto os de fora poderiam ser abençoados, ainda que o ofensor recebesse somentea punição. Certamente Deusseráhonradoquandosua Igreja for manifestadamente distinta do mundo. Quando os herdeiros do céu e do inferno não estiverem misturados e confundidos, deixando que o mundo pense que Cristo e Satanás estejam disputando a superioridade, tendo igual inclinação para a santidade ou para o pecado.

(c) Permitam que eu lhes diga que não existem dificuldades no caminho nem a disciplina é inútil comoossenhores imaginam. Bendigo a Deus por uma pequena provação que eu mesmo tenho sofrido ultimamente. De experiência própria digo que ela não é cm vão nem seus perigos serão desculpas para negligência.

é começada" (IPe 4.17).[88] Se a humilhação também não começar na casa do Senhor, será um triste prognóstico para nós e para a terra.

O quê! Negaremos ou abrandaremos nossos pecados enquanto conclamamos o povo à livre e plena confissão? Não é melhor dar glória a Deus por meio de humilde confissão do que, cheios de autojustiça, buscarmos folhas de figueira

[88] Comentando IPe 4.17, Simon Kistemaker afirma: "Deus possibilitou que o justo escapasse da condenação mediante a remissão dos pecados. Ele traz os justos para perto de Jesus em meio às adversidades, e, por meio de Cristo, leva-os a um relacionamento de perdão e restauração com ele. Porém, o povo que se recusa a obedecer ao evangelho encara a condenação divina por causa de sua incredulidade. O julgamento de Deus sobre os descrentes resulta na sua exclusão da presença de Deus. O julgamento de Deus é primeiro para a família de Deus, e, depois, chega inevitavelmente 'àqueles que não obedecem ao evangelho de Deus'" (Kistemaker. Simon. *Epístolas de Pedro e judas.* São Paulo: Cultura Cristã, 2006, págs. 245,246) [N. do E.].

que cubram nossa nudez? Tentaremos a Deus para que ele edifique a glória que lhe negamos, sobre as ruínas de glória que preferimos à dele, e, ainda mais, por meio de piores julgamentos do que aqueles aos quais recusamos nos render? Se pisar a graça, induzindo a reivindicação de sua honra, Deus será honrado, para nossa tristeza e desonra eternas. Os pecados cometidos abertamente são mais vergonhosos quando os escondemos do que quando os confessamos. O pecado nos desonra, não a confissão. Pecamos debaixo do sol, de maneira que nossos pecados não podem ser escondidos. Quaisquer tentativas para escondê-los só aumentarão a culpa e a vergonha. Não há como consertar as rachaduras da honra feitas pelo pecado, a não ser por meio de confissão e humilhação. Não ouso senão confessar meus próprios pecados e, se alguém se ofende porque pensa que confessei os seus, que o façam sob sua própria responsabilidade. Quanto aos ministros de Cristo verdadeiramente humildes, acredito que prefiram lamentar seus pecados solenemente diante das diversas congregações e prometer reforma.

CAPÍTULO 2

O DEVER DA INSTRUÇÃO PESSOAL E PARTICULAR DO REBANHO

SUMÁRIO DO CAPÍTULO 2

A. Motivos para o cumprimento desse dever
   1. Motivos advindos dos benefícios do trabalho
   2. Motivos advindos das dificuldades do trabalho
   3. Motivos advindos da necessidade do trabalho
   4. Aplicação dos motivos
B. Objeções sobre o dever do ministério pessoal individual
C. Orientações para o desenvolvimento do ministério pastoral

Tendo revelado e lamentado nossos erros e negligências, nosso dever para o futuro está claro diante de nós. Não permita Deus que continuemos nos pecados que já confessamos; pelo menos, não tão desleixada e irresponsavelmente como antes. Deixando de lado tais coisas, passo a exortá-los ao fiel desempenho do grande dever que assumimos, ou seja, da instrução e orientação particular de todos de nossas congregações e campo estendido de trabalho, que a isso se submetam.

A. Motivos para o cumprimento desse dever

De acordo com este plano, passo a declarar alguns motivos que os persuadam a cumprir o dever pastoral. As primeiras razões são tiradas dos seus benefícios; a segunda, da sua dificuldade; e a terceira, de sua necessidade e das muitas obrigações que temos para o desempenho do ministério.

1. Motivos advindos dos benefícios do trabalho

Quando olho à frente e considero as possibilidades do projeto proposto e seus efeitos sob a bênção de Deus, e bem desempenhado, meu coração salta de alegria. Na verdade, irmãos, os senhores realizarão uma obra bendita na qual sua própria consciência se regozijará; suas congregações se alegrarão, a nação se alegrará e a criança que ainda não nasceu se alegrará. Sim, milhares e milhões terão razão para bendizer a Deus quando tivermos terminado nossa carreira. Ainda que, hoje, tenhamos de nos humilhar, com razão, por causa da nossa negligência, a esperança do abençoado sucesso é tão grande em mim que estou pronto a transformá-lo num dia de regozijo.

Bendigo ao Senhor por viver para ver este dia em que tantos servos de Cristo estão envolvidos na obra. Bendigo ao Senhor que lhes tem concedido a honra de serem os iniciantes e despertadores da nação quanto ao dever ministerial. Ninguém em sã consciência poderá acusá-los de orgulho nem, invejosamente, tachá-los de seguidores de novidades. Não! Antes, o gerenciamento diligente e efetivo da obra ministerial é um dever conhecido. Não é uma nova invenção; mas, simplesmente, a restauração do antigo trabalho ministerial. Posto que tal mister seja pleno de vantagens para a Igreja, mencionarei alguns dos seus benefícios para que, vendo sua excelência, haja mais determinação e menos prontidão à negligência e à fraqueza que frustram e solapam a obra. Certamente, aquele que tem as verdadeiras intenções de um ministro de Cristo se alegrará com a esperança de alcançar os objetivos de seu ministério e acolherá com alegria aquilo que se presta a valorizar o empreendimento de toda uma vida. Este trabalho é planejado para alcançar tais benefícios, conforme demonstro a seguir:

Após breve introdução, Baxter relaciona 17 bênçãos decorrentes do ofício de pastorear. Para uma melhor apreensão do conteúdo, e visando uma melhor apresentação didática, listamos aqui tais benefícios:

a. Será um meio de esperança para a evangelização;
b. Promoverá a edificação dos convertidos;
c. A pregação será mais bem entendida e atendida;
d. Haverá maior conhecimento do povo e conquista de seus afetos;
e. Haverá maior conhecimento do estado espiritual de cada pessoa e melhores condições para o cuidado de todas as pessoas;
f. O contato pessoal e o conhecimento do estado das pessoas nos auxiliam na sua admissão aos sacramentos;
g. Demonstrará a verdadeira natureza e promoverá melhor consideração do ofício ministerial;
h. Ajudará os crentes a entender melhor a natureza e o desempenho do seu dever para com os pastores;
i. Dará aos nossos dirigentes uma visão mais correta da natureza e do fardo de nosso ministério, e obterá deles maior atenção e assistência;
j. Facilitará a obra pastoral nas gerações futuras;
k. Conduzirá a um melhor uso do Dia do Senhor e facilitará a obra ministerial nas gerações futuras;
l. Tornará o pastor mais diligente;
m. Produzirá benefícios pessoais;
n. Evitará a permanência em vãs controvérsias;
o. Alcançará todas as pessoas em nossa comunidade;
p. Alcançará toda a terra e não parará em nós nem naqueles com os quais estamos presentemente envolvidos;
q. É o melhor meio para atingir os fins da causa de Cristo.

a. Será um meio de esperança para a evangelização, porque une dois grandes aspectos que levam à conversão de almas.[89]

(1) Quanto à matéria, a evangelização informa sobre as coisas mais necessárias à vida, isto é, os princípios essenciais da fé cristã.

[89] Ver resposta à questão 2, na sessão *Questões sobre o dever do ministério pessoal individualizado,* abaixo [N. do E.].

(2) Quanto à maneira de aplicação, a evangelização se desenvolve em conversas particulares, quando há oportunidade de colocar à vontade a consciência e o coração.

Guarde bem o que foi dito - a obra da conversão apresenta dois aspectos: primeiro, a informação da mente sobre os princípios essenciais da religião; segundo, a mudança da vontade por meio da eficácia da verdade. A correta proclamação do evangelho satisfaz a ambos os aspectos. A informação do entendimento é necessária para que a totalidade do Cristianismo se fixe na memória.

Simples palavras, desprovidas de bom entendimento, não conseguem transmitir o mistério da transformação. Contudo, quando as palavras são ditas em linguagem clara, aquele que as recebe entenderá melhor seu significado e modo. Como poderemos fazer conhecidas as coisas invisíveis de Deus senão por meio dos símbolos e sinais das palavras? Assim, quanto àqueles que fazem pouco caso dos símbolos de fé, como o catecismo,[90] dizendo que contém fórmulas inúteis, seria melhor que debochassem de si mesmos, pois usam a forma de suas próprias palavras para comunicar tal pensamento. Por que a Palavra escrita, constantemente diante dos seus olhos e memória, não os instrui tanto quanto as palavras transitórias de pregadores espúrios? Tais "formas de sãs palavras", longe de serem sem proveito, como alguns imaginam, são de admirável utilidade para todos nós.

Em conversas particulares, teremos oportunidade de verificar o quanto as pessoas entendem sobre o catecismo e de explicá-lo, à medida que prosseguimos, insistindo sobre os pontos que percebemos ser mais necessários. Os dois aspectos - uma "forma de sãs palavras" junto a uma explicação simples-podem fazer mais do que qualquer dos aspectos sozinho.

Além disso, teremos oportunidade maior de impressionar o coração da pessoa a quem falamos a verdade quando nos dirigirmos à necessidade particular do indivíduo, dizendo ao pecador: "És tu o homem", como fez Natã, mencionando claramente seu caso particular, apresentando a verdade com conhecimento adequado. As pessoas entenderão uma conversa pessoal, ainda que não entendam um sermão; terão oportunidade muito maior de levar a Palavra ao coração. Mais ainda, os senhores ouvirão seus argumentos e descobrirão as armadilhas em que Satanás os prende; poderão mostrar-lhes os erros e confrontar-lhes as objeções, convencendo-os com maior objetividade. Poderão conduzi-los a resoluções quanto ao futuro, prometendo o uso de meios para reforma, em vez de, apenas, mais uma forma. Que outra prova precisamos além da nossa própria experiência?

[90] *Breve Catecismo deWestminster.* utilizado por Baxter no discipulado das familias [N. do E.].

É raro que eu trate propositadamente com os homens sobre esse grande assunto em conversa particular e séria, sem que eles saiam convencidos, com promessas de nova obediência, profundo remorso e senso da própria condição.

Grande é o ataque, irmãos, que faremos ao reino das trevas por meio da administração fiel e hábil deste tipo de trabalho! Se a salvação de almas, das almas de suas ovelhas, de seus vizinhos e de muitos outros, vale o seu labor, levante e trabalhe! Se realmente querem ser pais de muitos nascidos de novo, vendo o "trabalho de suas almas" e podendo dizer: "Eis-me aqui, e os filhos que o SENHOR me deu" (Is 8.18), levantem-se e realizem esta bendita tarefa! Far-lhe-á bem ao coração ver seus convertidos entre os santos na glória, louvando o Cordeiro diante do trono; será grande o regozijo de apresentá-los a Cristo, sem culpa ou mácula. Procedamos, pois, com diligência e ardor nesta oportunidade singular que nos é oferecida.

Se verdadeiramente somos ministros de Cristo, ansiaremos pelo aperfeiçoamento da sua Igreja e pelo ajuntamento dos eleitos, sofrendo "dores de parto" até que Cristo seja formado neles (Gl 4.19). Abraçaremos as oportunidades conforme permitir nosso tempo de colheita, e tal como na ceifa em dias de sol após uma estação chuvosa, a preguiça nos parecerá indesculpável e irracional.

Se os senhores tiverem uma única centelha de compaixão cristã, certamente julgarão que vale a pena salvar muitas almas da morte e cobrir multidão de pecados (Tg 5.20). Se somos cooperadores de Cristo, trabalhemos e não negligenciemos as almas pelas quais ele morreu. Lembrem-se, quando estiverem conversando com um não-convertido, de que os senhores têm a oportunidade de participar da ocorrência da salvação de uma alma e de se alegrar com os anjos dó céu; têm a oportunidade de alegrar o próprio Senhor Jesus Cristo; de resistir a Satanás; de aumentar a família de Deus! Qual é "a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos" (ITs 2.19)? Não são os salvos "na presença do Senhor Jesus em sua vinda"? Sem dúvida, essas são nossas coroas de alegria.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

b. Promoverá a edificação ordeira daqueles que são convertidos, e o seu estabelecimento na fé.

Todo o nosso trabalho correrá perigo se não tiver a ordem adequada. Como construir, se primeiro não for lançado um bom fundamento? Como colocar a pedra angular quando negligenciamos as partes sequentes? "A graça não dá saltos", tal como se diz da natureza. A segunda ordem das verdades cristãs (prática)

tem tal dependência da primeira (conhecimento) que não poderá jamais ser bem aprendida, se, antes, a primeira não estiver bem firmada. Muitas pessoas trabalham em vão, "aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade" (2Tm 3.7), porque querem saber ler antes de aprender a soletrar ou, até mesmo, conhecer as letras. E por isso que tantos homens caem: são abalados por todo vento de doutrina ou tentação porque não têm fundamento nos princípios da religião. Tais bases dão suporte a outras verdades igualmente necessárias. Tudo o que temos de fazer é construir sobre os alicerces, ativando toda graça e animando todos os deveres. Só assim seremos fortalecidos para vencer as tentações. Quem não sabe tais coisas, ainda não sabe como convém, mas quem as conhece bem sabe que estas o farão feliz. Quem as conhece melhor será cristão melhor, com mais entendimento e sabedoria. Portanto, as pessoas mais piedosas em suas congregações acharão que vale a pena aprender as palavras do catecismo. Se os senhores realmente desejam edificá-las seguramente e estabelecê-las definitivamente, sejam diligentes na obra do ensino.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

c. A *pregação pública será mais bem entendida e atendida.*

Nossos ouvintes, quando instruídos nos princípios da fé e prática, entenderão melhor aquilo que dizemos na pregação pública. Entenderão o objetivo quando tiverem bom conhecimento dos pontos em perspectiva. Tal entendimento prepara a mente, abrindo caminho para o coração. Sem o preparo adequado no contato pessoal, poderá ser que os senhores percam grande parte de seu trabalho. De nada adiantará todo o esforço despendido no preparo acurado e na entrega vigorosa do sermão, se não houver fidelidade na obra do ensino pessoal particular.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

d. Haverá melhor conhecimento do povo e conquista dos seus afetos.

A falta de contato pessoal, como no caso daqueles que têm congregações muito numerosas, é um grande empecilho para o sucesso do trabalho. Distância e falta de familiaridade fomentam uma abundância de desentendimentos entre pastores e ovelhas, ao passo que o conhecimento pessoal tende a gerar afetos que abrem os ouvidos para maior instrução. A aproximação pessoal encoraja as

pessoas a abrir o coração e revelar suas dúvidas. Seus ouvidos do povo estarão mais atentos à instrução. Por outro lado, quando um pastor não conhece bem o seu povo ou dele se distancia, certamente experimentará grandes entraves para a promoção do bem do rebanho.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

e. Haverá melhor conhecimento do estado espírítualdecadapessoa e melhores condições para o cuidado de todas as pessoas.

Saberemos melhor como pregar e como nos portar diante dos membros da congregação, quando conhecermos seus traços de personalidade, suas principais objeções e aquilo que eles mais têm necessidade de ouvir. Saberemos melhor onde ansiar por eles com "ciúme" tal como o santo zelo do Espírito, protegendo-os de tentações. Saberemos melhor como lamentar com eles e por eles, regozijar neles e com eles, e orar com eles e por eles. Aquele que ora por si mesmo precisa conhecer as próprias necessidades e fraquezas do coração; assim, também, aquele que deseja interceder em oração deverá conhecer o que for possível sobre as necessidades das pessoas em cujo favor pretende orar.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

f. O contato pessoal e o conhecimento do estado das pessoas nos auxiliam na sua admissão aos sacramentos.

Não discordo que seja adequado que um pastor requeira dos membros do rebanho que venham, em ocasião oportuna, para prestar contas da fé e receber instrução, em preparação para a ceia do Senhor. Contudo, muitas vezes, a ênfase do exame tem recaído sobre a mera validação para participação na ordenança. Na verdade, deveria ser enfatizado o dever pastoral de verificar o estado e a proficiência de cada membro do rebanho, a cada oportunidade, e o dever do povo de, em todo o tempo, submeter-se à direção e instrução de seus pastores. Tal troca de ênfase tem permitido que algumas pessoas, por ignorância, arguam sobre a validade do próprio exame. Ora, por meio do contato pessoal e da instrução particular, pastores e ovelhas discernirão sobre a prontidão para receber o sacramento, sem exceções e de modo muito mais efetivo do que um exame formal antes da participação da mesa do Senhor.

g. *Demonstrará a verdadeira natureza e promoverá melhor consideração do ofício ministerial.*

E comum que os homens julguem que o trabalho dos pastores se resume à pregação, ao batismo e à administração da ceia do Senhor, e à visitação de enfermos. Assim pensando, muitas pessoas não se submetem a nada mais do que tais deveres. Em decorrência disso, muitos pastores se tornam de tal maneira alheios a seu chamado que não fazem mais do que é esperado. Quanto me entristece ver pastores eminentes e capazes fazendo tão pouco para salvar as almas, exceto pregar no púlpito. Quanta falta de propósito no trabalho é revelada por meio dessa negligência! Eles têm centenas de pessoas que os ouvem, e que jamais receberam uma palavra pessoal sobre a salvação. A julgar por essa prática, tais pastores sequer consideram o aspecto do contato pessoal e individual como sendo parte do seu dever. Talvez, o que mais endureça o coração dos homens seja o desprezo que sentem quando percebem a negligência pastoral quanto ao aspecto relacional do ministério. Poucos pastores se dedicam à familiarização com a congregação. Tal omissão é comum, até mesmo, entre pastores piedosos e capazes, os quais disfarçam sua desgraça, concentrando-se nas suas habilidades em outras áreas. Qualquer um de nós poderá ser achado culpado desse tipo de omissão sem ser notado ou desonrado. Não obstante, haverá pecado na Igreja ou na comunidade sempre que tal omissão obtiver boa reputação ou, pelo menos, não for vista como desprezo ao pecador e como ofensa aos observadores. Não tenho dúvidas de que, pela misericórdia de Deus, uma restauração da prática ministerial convencerá muitos pastores de que o trabalho pessoal é verdadeiramente parte do trabalho, abrindo-lhes os olhos para ver que o ministério é muito mais que ser excelente pregador ou administrador.

Disponham o coração para realizar esta obra, irmãos, e prossigam com diligência. Façam-no em silêncio, sem alardeá-la para os que permanecem negligentes. Tenho esperança de que a maioria de nós verá o dia quando a negligência do cuidado pessoal de todo o rebanho será vista como omissão escandalosa e desgraça, tal como é vista a negligência quanto à pregação. Um mestre de escola tem de cuidar de seus alunos de maneira pessoal e individual, ou pouco bem fará em favor da classe. Se os médicos apenas lessem uma palestra pública sobre a saúde física, seus pacientes não melhorariam a saúde. Nenhum advogado asseguraria o direito de seus clientes apenas proferindo palestras sobre a lei. Ora, a vocação e

ordenação do pastor requerem um envolvimento pessoal com indivíduos igual ou maior do que outras profissões. Mostremos nosso empenho ao mundo por meio da prática da fé. Pessoas vêm à fé por ouvir a Palavra escrita e vivida, não apenas por meras palavras.

Nesse sentido, temos pecado contra a Igreja. Rejeitando o extremo dos papistas, os quais prendem o povo à confissão auricular, e querendo corrigir o erro, temos incorrido na falta do extremo oposto, isto é, o afastamento da comunicação pessoal direta. Tentamos conduzir o povo adiante de nós mesmos. Fiquei realmente perturbado ao ler, em um escrito de um historiador ortodoxo, que a licenciosidade associada ao desejo de não se sujeitar à inquisição dos padres, na confissão, foi a maior causa da grande aceitação da religião reformada, na Alemanha. No entanto, é provável que seja verdadeiro que muitos dos que se opunham à reforma em outros aspectos, a ela se uniram contra o clero romano. Não tenho dúvidas de que a confissão auricular papista seja uma inovação pecaminosa desconhecida pela Igreja primitiva. Mas, talvez, alguns achem estranho ouvir que nossa negligência quanto à instrução pessoal é muito pior, considerando somente as confissões e não as doutrinas da satisfação e do purgatório. Nenhum de nós deveria ser culpado de erro tão grosseiro tal como o de pensar que toda a tarefa está cumprida com a pregação. Se alguém assim pensa, quero mostrar-lhe, pela prática das demais coisas, que há muito mais a ser feito. O "cuidado de todo o rebanho" é algo bem diferente do que imaginam alguns pastores preguiçosos e desleixados. Se alguém pensa que o dever - o principal dever - não é de sua responsabilidade, será também capaz de negligenciado e ainda prosseguir impenitente.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

h. Ajudará os crentes a entender melhor a natureza e o desempenho do seu dever para com os pastores.

Tal entendimento não seria matéria de grandes conseqüências, se fosse apenas em benefício dos próprios pastores. Entretanto, a salvação do povo também está ligada à compreensão do dever em relação aos que ministram a Palavra. Estou convencido de que um dos impedimentos para o aperfeiçoamento da salvação dos crentes e dos perdidos e para uma verdadeira reforma da Igreja é a falta de entendimento sobre o trabalho pastoral e os deveres do rebanho em relação ao pastor. Muitos membros de Igreja acham que o pastor nada mais tem a fazer senão pregar, administrar os sacramentos e visitar os enfermos. Ouvem sermão e recebem os sacramentos, nada devendo quanto à obediência ou honra. Não

entendem que o pastor é o docente da Igreja, um mestre para ensinar e guiar a cada um em particular; que os membros da Igreja são discípulos ou estudantes, como que de uma escola. Não pensam que o pastor está na Igreja como o médico de uma cidade, isto é, para que as pessoas o procurem para aconselhamento, para cura de seus males. Ignoram que "os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos". Não consideram que, para a própria segurança, todas as almas da congregação têm obrigação de buscar nele o recurso pessoal para a resolução de suas dúvidas e ajuda contra os pecados, para a direção no dever e o aumento da sabedoria, e para toda a graça salvadora. Igualmente, que o pastor é colocado na congregação, por Jesus Cristo, exatamente para este propósito, isto é, disposto para aconselhar e ajudar o rebanho.

Se conhecesse seu dever, nosso povo viria a nós em busca de instrução e para prestar contas de seu conhecimento, fé e vida. Viria espontaneamente, não por constrangimento, e bateria em nossa porta, pedindo conselho para suas almas e perguntando: "Que devo fazer para ser salvo?". Nestes dias, porém, o povo parece ter chegado à triste conclusão de que o pastor nada tem a ver com a vida particular dos membros da Igreja ou da sociedade vizinha. Caso admoeste ou chame alguém para instruir ou exortar, as pessoas indagam: "Com que autoridade ele faz tais coisas?". Imaginam que o pastor seja apenas um homem pragmático à cata de ocupação, intrometendo-se nos afazeres do povo e querendo mandar em suas consciências. Chegam a questionar a autoridade sob a qual ele prega, ora ou ministra o sacramento. Não consideram que nossa autoridade ampara nosso trabalho e nosso trabalho é dom de Cristo a serviço e benefício deles mesmos. Não falam com maior sabedoria do que a da pessoa que se opõe e luta contra o bombeiro que quer ajudá-los, perguntando: "Que autoridade ele tem para vir aqui, em minha casa, e tentar me ajudar a apagar o meu incêndio?!". Quem se disporia a ajudar o necessitado, se lhe fosse arguido: "Com que autoridade você me pede que aceite esse dinheiro?". Alguém que estivesse se afogando teria dúvidas a respeito da autoridade do seu salvador?

O que mais teria levado o povo a tal ignorância do dever cristão, senão o hábito aprendido? Claramente, irmãos, nós somos culpados de tal costume; pois, por meio de nossa prática deficiente, habituamos nossas congregações a desejar apenas o trabalho comum e público. O hábito tem enorme influência da vida das pessoas. Na Igreja romana, onde os padres reforçam o costume da confissão auricular, as pessoas não hesitam em expor vergonhosos pecados. Entre nós, porém, as pessoas desdenham o conselho e a orientação pastoral exatamente porque não as habituamos na prática da aproximação individual para instrução da Palavra. Soa-lhes estranha a familiaridade e, defensivamente, dizem: "Não era assim que

fazíamos, antes". Se nos desincumbíssemos de tal dever de maneira tão habitual como os demais, as pessoas se aplicariam com maior facilidade ao pastoreio de suas almas. Feliz o dia, quando as pessoas de todas as idades adquirirem o hábito de buscar seus pastores para conselho pessoal e ajuda para a salvação da mesma maneira como vêm à Igreja para ouvir um sermão ou receber o sacramento! Somente nossa diligência no cumprimento deste aspecto do dever pastoral realizará tal anseio.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

í. Dará aos nossos dirigentes uma visão mais correta da natureza e do fardo de nosso ministério, e obterá deles maior atenção e assistência.[91]

E um lamentável impedimento para a reforma da Igreja e para salvação das almas que nas cidades mais populosas haja apenas tão poucos homens para cuidar de tantas almas, considerando a extensão e o tamanho da obra. É impossível que tão poucos homens cumpram satisfatoriamente seu deverpessoal, como esperado de pastores fiéis, em relação a tão grande rebanho.[92] Tenho dito, repetidas vezes, que a fome espiritual que reina na maioria das cidades é responsável por grande parte da miséria de nossa terra - ainda que haja insensibilidade e muitos pensem que estamos bem-providos. Temos ao nosso redor multidões de pecadores sem conhecimento, carnais e sensuais. Aqui uma família, ali outra, e adiante toda uma rua ou vilarejo repleto de multidões vazias. Nossos corações se apiedam ante suas necessidades que clamam por alívio pronto e diligente e veloz, para que "quem tem ouvidos para ouvir, ouça". Entretanto, mesmo desejosos, não somos capazes de ajudar a todos, não apenas por causa da obstinação do povo, mas porque nos falta oportunidade. Descobrimos, pela experiência diária, que,

[91] 0 texto original se refere aos "governantes da nação". Na Inglaterra da época, os pastores eram amparados pelo governo, tal como, até pouco tempo, em grande parte da Europa. A adaptação para nossos dias leva-nos a considerar a direção eclesiástica responsável pela manutenção da obra [N.doE.].

[92] Quanto à necessidade de obreiros, o pensamento brasileiro atual parece estar limitado às regiões interiores, onde faltam missionários. Os grandes centros atraem mais obreiros do que a aparente demanda. Na verdade, tanto nos grandes centros quanto nos lugares longínquos, o número de pessoas a serem pastoreadas é maior do que o número de pastores necessários. A aparência de saturação advém do fato que limitamos o trabalho às paredes da Igreja. Permanece sendo verdadeira a afirmação de Jesus: "A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" [N. do E.].

caso tivéssemos oportunidade para falar com cada um e claramente abridhe a visão para a pungente situação de pecado e perigo, poderíamos beneficiar muitos que não têm acesso ou pouco recebem por meio da instrução pública. Mas nos falta tempo para alcançar a todos em particular. As exigências do trabalho urgente e necessário nos impedem. Não conseguimos fazer tudo ao mesmo tempo, e certamente escolhemos o trabalho público a fim de alcançar um número maior em menos tempo. Isso é tudo o que conseguimos fazer, isto é, o trabalho público de pregação e de administração dos sacramentos. Talvez, até mesmo, conseguíssemos realizar um pouco mais, se tomássemos menos tempo para comer e dormir (e enfraquecer nosso corpo), a fim de termos tempo para conversar em particular com muitos deles. Assim, ficamos apenas observando enquanto pobres pessoas perecem, restando-nos entristecer, sem termos ocasião para lhes falar e guiados à restauração. Não é triste o estado de uma nação que se gloria de ser cheia do evangelho? O incrédulo dirá que não, mas ninguém que creia na felicidade e no tormento eterno poderá negado.

Dou um exemplo pessoal. Em nosso caso, dois pastores na sede e um terceiro numa congregação, trabalhamos juntos, dispostos a gastar a totalidade de nosso tempo no serviço de Cristo. Antes de assumirmos tal modelo de trabalho, nossas mãos já estavam cheias com o que tínhamos de fazer. Não obstante, decidimos dividir nossos esforços, separando dois dias da semana, de manhã até à noite, para a catequese e instrução particular. É notório a todos que tomamos a decisão de, naquelas horas, abster-nos de fazer coisas que são importantes e necessárias. Temos de manter o bom preparo de sermões para o bom desempenho do trabalho, pois não havemos de entregar a mensagem de Deus de maneira rude e inadequada à dignidade do evangelho e à necessidade das almas dos homens. Perturbamo-nos constantemente, pensando nisso e, mais ainda, se realmente não negligenciamos o trabalho público. No entanto, tem de ser assim; não há solução, a não ser que desistamos de promover instrução pessoal em particular. Temos de manter disciplina para não correr para o púlpito sem o devido preparo. Não ousamos omitir tal dever - é uma obra grande e necessária. Quando tivermos passado por todas essas inconveniências, teremos conseguido visitar toda a comunidade em que a Igreja se localiza (cerca de 800 famílias), no máximo uma vez por ano. Lamentavelmente, vemo-nos forçados a condensar o trabalho e fazêdo com menor efetividade do que poderia ser, tendo de atender cerca de quinze famílias por semana. É triste pensar que conversaremos apenas uma vez por ano com uma família ou pessoa, quando é tão grande a necessidade que a população apresenta. Ainda assim, esperamos bons frutos desse trabalho. Mas não podemos deixar de pensar sobre quanto mais poderíamos obter, se pudéssemos visitá-las a cada três meses, e fazer a obra mais plenamente, tal como os senhores que pastoreiam

Igrejas menores e em menores comunidades. Muitos pastores trabalham em Igrejas cujas cidades têm dez vezes o número de habitantes que a da minha Igreja - se fizerem o que propomos, levarão dez anos para visitar toda a comunidade! Enquanto aguardamos oportunidades para lhes falar individualmente, somos informados de um e outro que morre e, para nossa tristeza, somos forçados a conduzidos ao sepulcro, antes que pudéssemos dardhes uma palavra particular para preparados para a conversão.

Qual a causa dessa situação? Nossos dirigentes não enxergam a necessidade de mais que um ou dois pastores em cada campo ministerial e não permitem sustento para mais que isso. Alguns têm alienado a Igreja (que o Senhor humilhe aqueles que têm consentido nisso, para que não venha a consumir toda a nação), deixando a fome nas principais partes da terra. No caudal dos nossos dias, com facilidade, separamo-nos da multidão e ajuntamo-nos em Igrejas estanques, deixando o restante da população à própria sorte, nadando ou afundando. Se as pessoas não forem salvas pela pregação pública, são abandonados à condenação. Não é difícil discernir que este não é o curso caridoso e cristão que deveríamos seguir.

Por que regentes eclesiásticos[93] sábios e piedosos permanecem culpados de tal situação, sem que nosso clamor os desperte à compaixão? Eles seriam tão ignorantes a ponto de não ver tais coisas ou teriam se tornado cruéis para com as almas dos homens? Teriam eles coração falso para com os interesses de Cristo, intentando solapar seu reino? Não creio que qualquer destas seja a causa. Nós, os pastores, somos os culpados, pois não os instruímos. Há pastores com Igrejas pequenas, que poderiam realizar plenamente o trabalho, público e particular e, no entanto, não o fazem. Os pastores que estão nas grandes cidades, que poderiam fazer, pelo menos, uma parte do trabalho, não fazem a não ser aquilo que acidentalmente cai em seu caminho, isto é, quase nada. Assim, os dirigentes não são despertados para a observação ou consideração do peso de nosso trabalho. Se alguns deles entendem a utilidade da ação pastoral, ainda assim, vendo pastores desleixados e preguiçosos que deixam de realizar a obra do reino, consideram que é vão reconhecer e apoiar a obra - seria sustentar a preguiça. Os dirigentes, ante a realidade de pastores e Igrejas ineficazes, acham que basta manter pastores apenas para ocupar os púlpitos e gerir Igrejas. Assim, estamos todos envolvidos e somos culpados pelo odiento pecado de negligência e alienação. Se nos entregássemos de coração à obra do reino, mostraríamos aos dirigentes da Igreja uma face necessária e pesada da

[93] Baxter continua se referindo aos magistrados civis, dado que os pastores da Igreja de seu país eram mantidos pelo Estado. Adaptamos, aqui, à nossa realidade [N. do E.].

nossa profissão. Demonstraríamos a realização da obra com maior efetividade caso pudéssemos e houvesse mãos suficientes. Assim, o trabalho progrediria e veríamos o sucesso de nosso labor. Sem dúvida, se tiverem temor de Deus e possuírem amor à verdade e às almas dos homens, os responsáveis pelo trabalho estenderão a mão de ajuda e não permitirão que tantas almas se percam por não haver quem lhes entregue a verdade. Levantarão sustento para manter mais pastores em lugares populosos, em proporção ao número de habitantes e à extensão do trabalho. Vendo-nos na labuta e vendo a obra prosperar em nossas mãos, com a bênção de Deus, seus corações abraçarão e promoverão a nossa causa. Em vez do ajuntamento de tantos pastores sem Igreja nos grandes centros, providenciariam mais pastores nas Igrejas, a fim de permitir o trabalho mais pessoal e familiar.[94] Enquanto houver tantos pastores carnais que pretendam ser "donos" de Igrejas, os líderes eclesiásticos não terão maior motivo para ajudar no trabalho de Deus e serão tentados por tais pastores mundanos a manter suas posições abastadas e confortáveis, em prejuízo da Igreja.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

/. Facilitará a obra pastoral nas gerações futuras.

Como eu disse antes, o hábito é algo que influencia grandemente as multidões, e aqueles que se adiantam a romper com tais costumes destrutivos sofrem maiores reações e indignação. Contudo, alguém terá de ser o primeiro. Se não formos nós, serão os nossos sucessores. Como poderemos esperar que eles sejam mais firmes ou resolutos e fiéis do que nós? Nós vimos os pesados juízos do Senhor e ouvimos seu clamor com fogo e espada sobre a terra. Nós, que estivemos na fornalha, deveríamos ser os mais refinados. Somos nós os que estamos profundamente comprometidos pelos juramentos e alianças, por maravilhosos livramentos, experiências e misericórdias de toda espécie. Se vacilarmos e virarmos as costas à nossa vocação, como poderemos esperar mais daqueles que não sofreram tamanha perseguição nem foram provados de igual modo? Nossos sucessores, caso se provem melhores do que nós, sofrerão o ódio e oposição que pecaminosamente evitamos. Teremos a culpa da omissão sobreposta à nossa negligência, pois muitos invocarão nosso testemunho de

[94] Baxter escreveu, segundo o contexto do seu lugar e época: "Em vez de juntar paróquias para diminuir o número de mestres, as dividirão ou permitirão mais mestres em cada paróquia". A adaptação se presta à contextualização da nossa realidade [N. do E.].

silêncio para permitir a continuação do erro. Mas se, agora, abrirmos caminho para os que hão de nos seguir, suas almas nos abençoarão, e nossos nomes lhes serão caros. Alegrar-se-ão em todos os dias do seu ministério com os frutos felizes de nosso trabalho, enquanto o povo se regozijará na submissão voluntária à sua instrução e exames particulares. Exultarão também na disciplina, porque tornamos conhecidos os preceitos e removemos o preconceito, rompendo o mau hábito adquirido de nossos precursores. Muito faremos em prol da salvação de milhares de almas, agora e para o futuro.

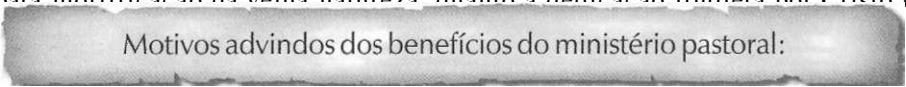
Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

k. Conduzirá a um melhor uso do Dia do Senhor e facilitará a obra ministerial nas gerações futuras.

Dispor o coração dos chefes das famílias à guarda do Dia do Senhor, a examinar seus filhos e as demais pessoas sob sua guarda e a memorizar e recordar passagens da Escritura e partes do catecismo ensinarão os crentes a remir o tempo diante de Deus. Muitos pais que sabem pouco sobre a Escritura serão estimulados a estudar para ensinar a outros e, assim, crescerão no conhecimento.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

/. Tornará o pastor mais diligente.

Será de valia para muitos pastores tendentes ao ócio e ao mau uso do tempo, os quais o empregam em conversas vãs, negócios deste mundo, viagens desnecessárias ou auto-recreação. Permitirá que descubram o custo do tempo mal-utilizado. Também, quando estiverem envolvidos em trabalho de mais alta natureza, vislumbrarão a cura para a indolência e a distração. Além disso, impedirá o infeliz testemunho gerado por tal falha de caráter, pois as pessoas são tendentes a dizer: "Fulano, que é pastor, pode gastar o tempo todo em diversões sem sentido e em conversas frívolas - por que não poderemos nós fazer o mesmo?". Primeiro, irmãos, nós deveríamos trabalhar diligentemente e, só depois, considerar o tempo que nos sobra para viver no ócio, no caminho da volúpia ou mundanismo, se isto for possível.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

m. Produzirá benefícios pessoais.

Ajudar-nos-á a sujeitar nossa própria corrupção e exercitará e aumentará nossas virtudes. Trará paz à nossa consciência e nos consolará quando avaliarmos as coisas passadas.

O empenho na tarefa de conduzir outros ao arrependimento e à mente de Cristo será de valia para provocar em nós os mesmos sentimentos. No processo de lamentar o pecado de outros, de se envolver em sua luta contra o pecado e de ajudá-los a encontrar vitória, aprenderemos muito quanto a nós mesmos. Uma consciência reformada não permitirá que vivamos aquilo que condenamos em outros. O trabalho constante na obra de Deus, ocupando mente e voz na proclamação de Cristo e sua santidade, e contra o pecado, é arma eficaz para sobrepujar nossas próprias inclinações carnais. Tanto a direta mortificação da carne quanto o distanciamento do pecado não darão ocasião à nossa imaginação para agir segundo o velho homem. As austeridades contemplativas dos monges e eremitas - viciados em inaproveitável solidão e preocupados com a própria salvação em detrimento da compaixão cristã - sequer se aproximam do poder para mortificação da velha natureza, quanto à dedicação frutífera por Cristo e s

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

n. Evitará a permanência em vãs controvérsias.

Afastaremos de discussões insensatas e retiraremos nosso povo do falso zelo por questões sem valor que jamais promovem a verdadeira espiritualidade. Pastores e rebanho, dedicados ao ensino e aprendizado das verdades fundamentais do evangelho, ocuparemos nossas mentes e línguas com as coisas do alto, sem deixar espaço para coisas terrenas e carnais. A maior parte das contendas e discussões entre as pessoas, e entre os pastores e o povo, será completamente dissipada. Não mais faremos aquilo que não precisaria ou deveria ser feito, pois estaremos concentrados em fazer diligentemente aquilo que realmente precisamos e devemos.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

o. Alcançará todas as pessoas em nossa comunidade.

Quanto à extensão dos benefícios mencionados, o desígnio desta obra é a reforma e salvação de todo o povo em nossas diversas comunidades. Não deixaremos de fora nenhum homem que se disponha a ser instruído, embora não possamos esperar que todo - e cada - indivíduo seja reformado e salvo. Não obstante, temos ainda razão para esperar que, dado que se trata de tentativa compreensiva, o sucesso será maior e mais extenso do que experimentamos anteriormente em nosso trabalho. Estou certo de que o Espírito, o preceito, e a própria oferta do evangelho requerem que preguemos Cristo a toda criatura, o qual promete a vida eterna a todo aquele que nele crê e o aceita. Se Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (Isto é, como Rei e Benfeitor do mundo, Deus se manifesta disposto a salvar os homens e a trazê-los ao conhecimento da verdade, embora conceda aos eleitos a disposição efetiva para aceitá-lo). Uma vez que Cristo provou a morte "por todo homem" (Hb 2.9), ofereçamos a salvação também a todo homem, para trazê-los ao conhecimento da verdade.

Este trabalho tem um propósito mais excelente do que o de meras conversas com uma pessoa em particular. Em tais oportunidades ocasionais os homens se satisfazem com o discurso, proferindo algumas boas palavras. Raramente eles colocam, de forma clara e simples, um evangelho bem-articulado que convença as pessoas do pecado e da misericórdia de Deus.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastoral:

p. Alcançará toda a terra e não parará em nós nem naqueles com os quais estamos presentemente envolvidos.

Em todos os lugares e com todos os pastores, tal como entre nós, as causas da negligência na obra ministerial são as mesmas: a desconsideração e a lassidão que tanto lamentamos e, especialmente, a dúvida de que as pessoas se submetam à instrução. Entretanto, quando forem lembrados de seu dever tão claro e grandioso, e observarem as possibilidades de sua aplicação - em grande parte demonstrada por nosso consenso - nossos irmãos, sem dúvida, acatarão nossa visão e concordarão conosco quanto à reforma de obra tão bendita. Eles também

são servos de Deus, sensíveis aos interesses de Cristo, compassivos em relação às almas dos homens, conscienciosos, abnegados e prontos, como nós, a trabalhar e sofrer em função da causa de Cristo. Sabedores de que outros possuem o mesmo espírito, regra e Senhor, não poderemos duvidar que muitos pastores piedosos, de diferentes lugares, queiram se unir a nós com alegria. Feliz o dia em que presenciaremos tão grande união em torno de Cristo! O dia em que veremos nosso país e todo o mundo chamados e instados por Cristo, determinados a conduzir o rebanho no caminho para o céu! Tal consideração deveria alegrar nosso coração - ver tantos servos fiéis de Cristo, em toda a terra, alcançando cada pecador em particular, de maneira que ninguém possa alegar desconhecimento da fé. Graças a Deus, muitos pastores piedosos entre nós já embraçam a obra e, acatando a oportunidade presente, facilitam disposição de unanimidade.

Motivos advindos dos benefícios do ministério pastorai:

q.Éo melhor meio para atingir os fins da causa de Cristo.

Finalmente, o ministério pessoal se reveste de tal importância e excelência que deveria ser apontado como o principal *meio* para atingirmos os fins da reforma da Igreja. Deveria ser o meio para atender aos reclamos dos juízos, das misericórdias, das orações, das promessas, do preço, dos esforços e do sangue da nação. Sem um ministério de instrução pessoal particular a obra não será realizada. Não haverá uma reforma de propósito na Igreja. Os interesses de Cristo continuarão sendo negligenciados e a Igreja prosseguirá sendo medíocre. Sobretudo, Deus ainda terá uma pendência com a nossa terra, especialmente com os pastores negligentes, aos quais cabe a maior parte da culpa.

Conclusão: não basta crermos na reforma da Igreja nem apenas apregoarmos mudanças; é preciso e urgente vivê-la diariamente, transformando o mundo em que vivemos pelo que cremos e pelo modo como vivemos.

Temos falado demais sobre reforma, discutido demais sobre a necessidade de uma reforma e prometido demais acerca de nossa disposição pessoal para uma reforma! Sobretudo, temos negligenciado sua prática. Portamo-nos como se desconhecêssemos ou nem considerássemos as implicações do tipo de reforma que professamos. Quantos homens carnais presumem ser cristãos! Alegam ter aceitado a salvação e professam confiante crença, até mesmo envolvendo-se nos embates da fé. Entretanto, jamais retiveram Cristo, e

perecem sequer imaginando que rejeitam Cristo, faltos do verdadeiro discernimento da salvação. Entendem uma salvação sem abnegação, sem negação da carne, sem abandono das paixões do mundo e do pecado, sem santidade nem submissão a Cristo, no Espírito. Assim, também, muitos pastores e outros cristãos verdadeiros que falaram, escreveram, almejaram e lutaram pela reforma, jamais a compreenderam. Não deram ouvidos àqueles que os advertiam de que, por mais que fizessem, seus corações não eram reformados. Oravam e jejuavam pelo advento de uma reforma, mas não a tomaram para si mesmos, antes rejeitaram e anularam seu poder. Tal é a força do engano do próprio coração que impede homens bons de conhecerem melhor a si mesmos. Consideram a bênção, mas jamais os meios de graça. Parece que esperam que todas as coisas do caminho estreito se arranjem sem esforço, que o Espírito Santo desça de novo com sinais e maravilhas, que todo sermão converta seus milhares, que um anjo do céu ou Elias venha restaurar todas as coisas. Esquecem-se de que a reforma concedida pela graça tem de ser recebida pela fé obediente. A obediência exige trabalho incessante, pregação e instrução sincera, aproximação pessoal, individual, e o cuidado com todo o rebanho, por maior que seja o preço pago e os sofrimentos conseqüentes. Não se dão conta de que uma reforma verdadeira e completa promoveria o sucesso da obra. Havia o pensamento carnal de que, quando conquistássemos o mundo, teríamos realizado tudo, e de que conquistar os ímpios seria o mesmo que convertê-los, forçando-os para o céu. Os negócios do reino são bem diferentes. Se soubessem como a reforma é alcançada, talvez algumas pessoas fossem mais sensatas quanto à maneira de buscá-la. Poderá parecer, à distância, que o trabalho proposto seja inexpressivo e sem a empolgação desejada. Parece pouco quando só ouvimos dizer e apenas falamos sobre reforma. Contudo, quando nos aproximarmos e nos envolvermos na obra, vestiremos a armadura da fé e nos disporemos a trilhar o caminho mais difícil, veremos emergir a sinceridade e as forças do coração e realizarem-se as promessas e propostas da verdadeira reforma.

A reforma, para muitos de nós, é tal como foi a promessa do Messias, para os judeus. Antes de sua vinda, almejavam e aguardavam a promessa de um Messias, falando dela e alegrando-se na esperança. Porém, quando veio o Messias, não o puderam suportar; antes, rejeitaram-no cheios de ódio e não creram no cumprimento da promessa. Perseguiram-no até a morte, para confusão e maldição de quase toda a nação. "De repente virá ao seu templo o SENHOR, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem pode suportar o dia de sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como a

potassa dos lavandeiras... purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao SENHOR justas ofertas" (Ml 3.1-3). A razão da recusa foi que os judeus esperavam outro tipo de Cristo, que os trouxesse riquezas e liberdade, e, até o dia de hoje, professam aguardar tal tipo de Messias. O mesmo ocorre, hoje, em termos de uma reforma. Muitos esperavam uma reforma que lhes trouxesse sucesso, prosperidade, honra humana e poder para dominar os homens. Foram, entretanto, surpreendidos por uma reforma que os coloca em posição de contrição e dor como jamais viram antes. Esperavam calcar aos pés os que se opunham à piedade; mas, agora, reconhecem a necessidade de agir com humildade, de lavar os pés dos irmãos e, até mesmo, dos inimigos, a fim de vencê-los com bondade e ganhá-los com amor. Como as expectações carnais têm sido contrariadas!

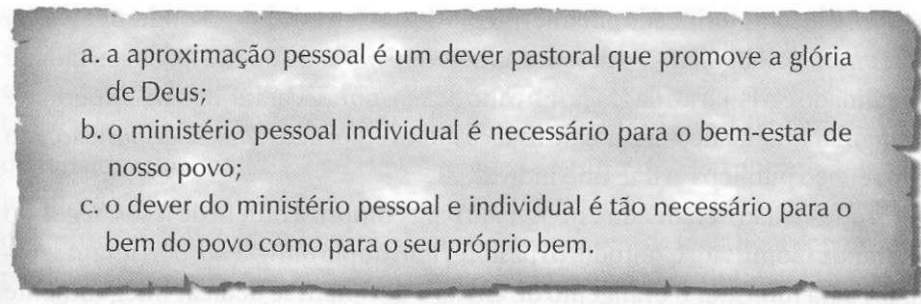
Tendo apresentado um primeiro tipo de razões para o benefício deste estudo, chego a um segundo tipo: razões advindas das dificuldades. Consideradas isoladamente, as dificuldades da obra produziriam mais desânimo do que motivação. Entretanto, examinadas no contexto próprio, tais dificuldades deverão provocar maior diligência no labor proposto e necessário.

São muitas as dificuldades a serem vencidas, tanto em nossa própria vida quanto na vida do nosso povo. Contudo, dado que tais dificuldades são óbvias e comuns a todos nós, e que a experiência não deixa dúvidas sobre a sua inexorabilidade, serei conciso nos termos da abordagem.

2. Motivos advindos das dificuldades do trabalho

a. Dificuldades do próprio pastor:
- (1) a indolência;
- (2) a disposição de agradar os homens em vez de admoestá-los;
- (3) a timidez;
- (4) os interesses carnais e egoístas;
- (5) a fraqueza na fé;
- (6) a incapacidade e inabilidade.

b. Necessidades do nosso povo:
- (1) os obstinados e indispostos ao aprendizado;
- (2) os que não têm entendimento;
- (3) a distração e a ignorância;
- (4) a dificuldade de tocar suas consciências;
- (5) ir além do impacto pessoal.

a. Observando nossas próprias dificuldades

(1) Somos indolentes e damos ocasião ao tédio e ao ócio, os quais dificultam o pleno exercício da fidelidade; ainda mais quando se trata de um trabalho tão tenso como o pastoreio de almas. Tal como o preguiçoso que, de manhã, sabendo que precisa se levantar, reluta e deseja estender o sono mais um pouco, assim fazemos em relação aos deveres que não motivam nossa natureza corrupta. Vencê-los requererá ajuntar todas nossas forças. A preguiça atará as mãos dos procrastinadores.

(2) Temos maior disposição para agradar a homens do que motivação para impedir que pereçam. Preferimos deixar que sigam desavisados e calmos para caminhos de perdição a perder seu amor em conseqüência da possível irritação que lhes cause o interesse na sua salvação. Escolhemos desagradar a Deus e arriscar que o povo viva na ignorância e na miséria, só para evitar confrontos e má-vontade. Tais erros têm de ser resistidos e repelidos com força e perseverança provenientes da graça de Deus.

(3) Muitos de nós guardamos uma tola timidez que nos faz tardios no trato com as pessoas e que impede que lhes falemos de maneira clara e aberta. Tomados de falsa modéstia, enrubescemos ao falar de Cristo, empalidecemos ao contradizer o diabo e trememos ante a idéia de confrontar alguém para a salvação de sua alma. Entretanto, não nos envergonha a negligência nem a prática de coisas igualmente infamantes.

(4) Interesses carnais e egoístas levam-nos à infidelidade para com Cristo e sua obra. Negamos o Senhor de nossa salvação, a fim de proteger nossa renda ou patrimônio, evitar problemas, proteger-nos de conflitos pessoais, etc. Resistência e vitórias sobre tais dificuldades exigem dependência e determinação, no Senhor.

(5) O maior de todos os impedimentos é que somos fracos na fé. Como poderemos falar a alguém sobre a fé para salvação quando exibimos tal fraqueza? Nossa crença no céu e no inferno não poderá ser tão fraca a ponto de não incitar zelo, bondade, resolução e constância no trabalho. Nossos movimentos afetivos serão fracos, porque a fonte da fé é fraca. A fim de serem sãos e ativos, será preciso que os pastores cuidem de si mesmos e do trabalho, frente às alegrias e aos tormentos da vida, considerando a fé relacionada com a verdade da Escritura, a fim de serem sãos e ativos.

(6) Finalmente, nossa incapacidade e a inabilidade são grandes para a obra. Poucos sabem como tratar um homem ignorante e mundano para conduzi-lo à conversão! Temos de atingir seu íntimo e ganhar seu coração; adequar a apresentação à sua condição e trações de personalidade; escolher os assuntos apropriados e discuti-los com uma santa mistura de sobriedade e espanto, com amor e mansidão, refletindo toda a beleza do evangelho. Quem é apto para essas coisas? Parece-me tão difícil conversar com uma pessoa carnal com vistas à sua transformação como, se não

mais, pregar os sermões que geralmente pregamos. Tais dificuldades pessoais deveriam nos despertar para o propósito da santidade, para o preparo e para a prática diligente, a fim de que não nos subjuguem e sejamos impedidos na obra.

b. Observando as necessidades do nosso povo

(1) Muitas pessoas serão obstinadas e indispostas ao aprendizado, as quais procuração nos evitar, achando que já sabem o suficiente e que não precisam de instrução. Outras, que são velhas demais para aprender. A não ser que as tratemos com sabedoria, em público e em particular, e apliquemos mente e coração, sob o poder do amor, para conquistadas e desarraigadas de tal perversidade.

(2) Muitas das pessoas dispostas ao aprendizado serão tão faltas de entendimento que mal conseguirão estudar. Por mais que se apliquem, uma só página do catecismo lhes parecerá um livro. Permanecerão distantes e envergonhadas da própria ignorância, a não ser que sejamos sábios e prontos a encorajadas.

(3) Nos primeiros encontros, a ignorância e a distração das pessoas poderá ser tanta que haverá dificuldade para expor o entendimento correto da matéria. Será preciso ser hábil na feliz arte de simplificar as coisas; pois, do contrário, elas ficarão mais confusas do que antes.

(4) Mais difícil é a arte de trabalhar no coração das pessoas e de tocar suas consciências, quanto já tiverem recebido a transformação salvadora - que é nosso grande alvo - sem o que, humanamente, o trabalho estará perdido. Tal como um terreno seco ou pedra, assim é o coração endurecido e carnal! Resiste a mais poderosa persuasão, ouvindo sobre a vida eterna e a morte eterna como se não lhe dissessem respeito. Assim, não havendo seriedade, fervor, poder e expressão clara, nada de bom poderá ser esperado. O conforto é que fazemos tudo, confiantes no Espírito da graça, o qual inicia, mantém e completa a obra. Tal como Deus, os homens geralmente escolhem instrumentos adequados à natureza de um trabalho. Assim, geralmente, o Espírito de sabedoria, de vida e de santidade não opera por meio de instrumentos estultos, mortos e carnais. Antes, age por meio da persuasão da luz, vida e pureza que lhe são características, adequadas à obra a ser realizada.

(5) Finalmente, será preciso ir além do mero impacto pessoal. Se não foram cuidadas com carinho especial, depois de haverem recebido no coração uma impressão favorável, as pessoas poderão sentir frustrada a esperança .Poderão retomar a dureza anterior e, com maior dano, voltar às antigas companhias e tentações, destruindo os projetos construídos. Em suma, todas as dificuldades do trabalho para a conversão de almas já estão aí, diante de nós, em nosso trabalho atual. Tudo o que precisamos fazer é usá-las com sabedoria para tornar a verdade conhecida a cada um e a todos.

3. Motivos advindos da necessidade do trabalho

a. a aproximação pessoal é um dever pastoral que promove a glória de Deus;
b. o ministério pessoal individual é necessário para o bem-estar de nosso povo;
c. o dever do ministério pessoal e individual é tão necessário para o bem do povo como para o seu próprio bem.

O terceiro tipo de motivos para o exercício da instrução pessoal individualizada é derivado da necessidade da própria obra. Devido à tendência que temos para, de um lado, proteger nosso ministério e, de outro, a indolência, as dificuldades anteriormente mencionadas poderiam trazer desânimo, em vez de motivação para o trabalho. Eis algumas razões.

a. A aproximação pessoal éum dever pastoral que promove a glória de Deus.

O fim principal do homem é glorificar a Deus e ser feliz no curso dessa adoração.[95] Que homem não desejaria atingir a finalidade de sua vida? E que glória será, irmãos, se nós mesmos formos zelosos desta finalidade e diligentes na conscientização do povo! Em todas as partes do país, cada pessoa e cada família seriam alcançadas e dispostas à glorificação de Deus. Que glória viria sobre a face da nação! Que adoração de Deus! Que prazer teria Deus em nossas cidades e nosso país, se a ignorância comum fosse banida e toda vaidade transformada no estudo da finalidade e do caminho da vida. Se cada indivíduo e toda casa se ocupassem de aprender as Escrituras e os catecismos, falando da Palavra e das obras de Deus, ele habitaria em todas as nossas moradas e se deleitaria em nosso meio. O brilho da glória de Deus na face de Cristo refletida nos seus santos é todo seu prazer. Tudo aquilo que aumenta a excelência da honra, em termos de qualidade e de quantidade, honra ao próprio Deus. Porventura não será revelado todo o brilho da glória de Cristo, quando a Nova Jerusalém descer dos céus, em esplendor e magnificência, tal como descreve o livro do Apocalipse? Da mesma

[95] "Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre" *[Breve Catecismo de Westminster.* São Paulo: Cultura Cristã, 1991. Pergunta e respostan[2]1. pág.389] [N. doE.].

maneira, se pudermos estender a glória da nossa vocação, aprofundando a qualidade e aumentando a quantidade dos santos, promoveremos a glória do Rei dos santos. Ele será glorificado por intermédio do serviço e do louvor onde antes havia somente a desobediência e desonra. Cristo será honrado nos frutos de seu sangue derramado e o Espírito da graça, no fruto de suas obras. Para atingir tal importante e singular finalidade, teremos de usar os meios colocados à nossa disposição, isto é, o serviço público e o trabalho individual.

Todo cristão é chamado e designado para cumprir a ordem de Jesus, segundo a Grande Comissão. Contudo, os pastores têm dupla obrigação, pois foram separados para ministrar o evangelho de Cristo e deveriam se dedicar integralmente a esta obra. Não seria preciso enfatizar mais a questão de nossa obrigação, pois conhecemos a importância do chamado para sermos cooperadores de Deus na obra de conversão de nosso povo. Somos instados, por Deus, a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para a realização da nossa vocação.

Espero não haver entre nós quem duvide de que os incrédulos tenham necessidade de conversão. Quanto aos meios necessários para esse mister, a experiência comprova o que a Escritura diz, acima de qualquer dúvida, que devemos "ensinar publicamente e também de casa em casa" (At 20.20).[96] Os que têm se esforçado quase que inteiramente no ministério público deveriam examinar seus ouvintes para verificar se a maioria não continua sendo ignorante e descuidada, como se jamais tivesse ouvido o evangelho. Minha experiência é a mesma que a dos demais pregadores. Por mais que me esforce e estude para falar a verdade com a maior clareza e vigor possíveis, ainda assim, muitas vezes, descubro pessoas que me ouvem há oito ou dez anos e que ainda não entenderam o evangelho.[97] Não

[96] Tratando da disciplina eclesiástica, J. Calvino defende a admoestação particular como o primeiro fundamento para sua aplicação e afirma, comentando Atos 20.20, o seguinte: "O primeiro fundamento da disciplina consiste em que tenham lugar admoestações particulares, isto é, se alguém não fizer *seu* dever de bom grado, ou se comporte insolentemente, ou viva menos honestamente, ou ha ja cometido algo digno de repreensão, que se deixe ser admoestado e que cada um diligencie, quando a situação o exigir, por admoestar a seu irmão. Mas especialmente os pastores e presbíteros estejam vigilantes nisto, de quem são funções não só pregar ao povo, mas também admoestar e exortar de casa em casa e declarar estar limpo do sangue de todos, porque *o Apóstolo* não cessava de admoestar a cada um, com lágrimas, noite e dia. Ora, a doutrina então adquire força e autoridade quando o ministro não só expõe a todos, igualmente, o que devem em relação a Cristo, mas ainda tem o direito e o meio de exigir isso mesmo daqueles a quem porventura observarem ou que são pouco obedientes, ou mais relaxados para com a doutrina" [Calvino, João. As *Instituías.* São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pág. 224] [N. do E.].

[97] Ver resposta à questão 1, na sessão *Questões sobre o dever do ministério pessoal individualizado,* abaixo [N. doE.].

sabem se Cristo é Deus ou homem, e se surpreendem quando conto a história do nascimento e vida e morte de Jesus, como se jamais tivessem ouvido. Em relação aos que sabem a história do evangelho, quão poucos realmente conhecem a natureza da fé, do arrependimento e da santidade! Quantos há que conhecem o próprio coração? A maioria apresenta um tipo de confiança que não encontra base em Cristo, esperando que sejam salvos, justificados e perdoados, mas cujo coração é dominado pelo mundo, e ainda vivem segundo a carne. Crêem que esta seja a fé justificadora. Tenho visto que algumas pessoas ignorantes, ouvintes sem proveito, obtêm maior conhecimento e peso de consciência depois de meia hora de conversa particular do que tiveram em dez anos de exposição à pregação pública.

Tenho convicção do poder e da eficácia da pregação pública do evangelho. É um meio bíblico e excelente para alcançar a muitos. Mas tal efetividade será frustrada quando isolada da pregação em particular. Por mais que um pregador seja simples ao expor a Palavra publicamente, não conseguirá falar de maneira que os simples entendam. Temos de ajudar tais ouvintes, em particular, a digerir o alimento recebido. Em público, não utilizamos expressões caseiras, não ouvimos dúvidas ou desentendimentos. Em particular, podemos dialogar. Em público, nossas palestras são longas e, muitas vezes, sobrecarregamos o entendimento e a memória de nossos ouvintes. Eles se confundem e se perdem. Vamos à frente e nos distanciamos deles, deixando-os sem direção. Em particular, construímos paulatinamente o entendimento, caminhando junto com nossos interlocutores. Temos oportunidade de ouvir perguntas e de dar respostas, de avaliar o entendimento e de planejar os passos seguintes. Em público, por causa da extensão do monólogo, perdemos a atenção do ouvinte. Em particular, nosso interesse pessoal prende sua atenção. Além disso, em público, não podemos evitar que os ouvintes saiam sem convencimento; mas, em particular, podemos confrontá-los de maneira convincente. Concluo, portanto, que a pregação pública, ainda que seja um meio efetivo para a conversão de muitos, não pode estar isolada da pregação particular. Deus valida a conjunção de ambos os meios. Os senhores poderão estudar muito e pregar bem, mas sem propósito, se negligenciarem o dever de viver o que pregam, na comunhão dos irmãos e no meio do povo.

b. O ministério pessoal individuai é necessário para o bem-estar de nosso povo.

Será possível, irmãos, que olhemos para o povo sofrido e não percebamos seu clamor por ajuda? Não há um só pecador cujo caso não devesse despertar nossa compaixão e dispor nossa vontade para ajudá-lo, por maior que seja o preço a ser

pago. Encontraríamos o nosso próximo ferido, à beira do caminho, sem parar para usar de misericórdia para com ele? Ouviríamos um clamor, tal como o do macedónio a Paulo: "Passa para aqui e ajuda-nos" (At 16.9) e recusaríamos a ajuda? Uns morrem, deixando viúvas e órfãos, outros gemem de doença, dor ou angústia e outros entram em desvarios ou caem em pecados, e clamam: "Piedade, por amor de Deus". Permaneceríamos insensíveis e omissos? "Aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (ljo 3.17).[98] Teríamos pena de um pária,[99] de um prisioneiro, de um desnudo, de um aflito ou afligido, de um desolado, de um enfermo, e não teríamos compaixão de um pecador ignorante, de coração empedernido? Não nos comove que alguém seja privado da presença do Senhor e permaneça sob sua ira, se não se arrepender? Que coração é esse, insensível? Como chamá-lo? Coração de pedra, mau, infiel? Certamente, se realmente cressem na graça de Deus e na condição miserável do pecador, teriam compaixão de sua alma. Como poderemos dizer a tais homens, do púlpito, que estão em perigo, que serão condenados se não se arrependerem, se não nos importarmos com cada um deles? Pelo amor do Senhor e para o bem das pobres almas, tenham piedade, e mexam-se. Não poupem a si mesmos e esforcem-se para conduzi-los à salvação.

c. O *dever do ministério pessoal e individual é tão necessário para o bem do povo como para o seu próprio bem.*

Este é o trabalho pelo qual, entre outras coisas, seremos julgados. Não desenvolveremos nossa salvação sem diligência e fidelidade pastorais, tal como eles, sem prontidão e fidelidade cristãs. Ao menos por si mesmos, tenham cui-

[98] S. Kistemaker, comentando este texto, afirma: "Quanto uma pessoa abençoada com bens ***materiais (comiòa, roupas, dinheiro) não está disposta a compartilhar esses recursos, ela íecha o*** coração (ver Dt 15.7-11). Ela é egocêntrica e não se preocupa com seu irmão espiritual. Essa pessoa retrata um contraste absoluto com o amor de Jesus. Ela nega ao seu irmão as necessidades básicas da vida, enquanto Jesus, de espontânea vontade, deu sua vida por seus seguidores" (Kistemaker, Simon. ***Tiago e Epístolas de João.*** São Paulo: Cultura Cristã, 2006. pág. 416) [N. do E.].

[99] A escolha desta palavra é interessante especialmente pelo seu sentido principal. *Pária* era a mais baixa casta no sistema hindu, e era constituída pelos indivíduos privados de todos os direitos religiosos ou sociais, quer pelo seu nascimento, quer pela sua exclusão da sociedade dos brâmanes. Figuradamente, aplica-se àqueles que são marginalizados na sociedade, mas não necessariamente qualquer excluído, antes os que são excluídos por não atenderem às reivindicações sociais e por não se adequarem às regras ético-morais impostas pela sociedade [N. do E.].

dado da doutrina e da prática da verdade. Que espantoso pensamento este, de ter de responder pela negligência no trabalho! Que pecado seria mais hediondo do que trair as almas, pelas quais Jesus morreu? Não lhes causa temor e tremor? "Quando eu disser ao perverso: Certamente morrerás, e tu não o avisares, e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniqüidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei" (Ez 3.18). Não tenho dúvidas de que está próximo o dia quando pastores infiéis sequer desejarão ter conhecido a responsabilidade pelas almas. No dia em que, além dos próprios pecados, tiverem de responder pelo sangue de tantas almas abandonadas, tais pastores do rebanho de Cristo preferirão ter sido carvoeiros, ou varredores, ou latoeiros. O, irmãos! A hora de todos prestarmos conta está próxima - um dia terrível para os infiéis, incluindo os pastores relapsos. Breve vem a hora do gozo dos fiéis e do desgosto dos infiéis. Quando vier, não haverá mais tempo para remediar a omissão. Nenhuma sabedoria ou cultura, aplauso popular ou carisma pessoal poderão desviar o golpe ou atrasar a hora. Iremos para um mundo que nunca vimos antes, onde a honraria e o interesse mundano não serão mais valorizados. Desejo, nesta hora, ter a consciência limpa e poder dizer: "Não vivi para mim, mas para Cristo; não poupei esforços, não escondi talentos, não me furtei à miséria dos homens nem o caminho de sua salvação" (ver Rm 14.7,8). O, irmãos, trabalhemos enquanto é dia, porque "a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.4). Este é o nosso dia, e fazendo o bem a outros, faremos bem a nós mesmos. Se existe um desejo sincero de se preparar para o grande dia e para o galardão prometido, eis que a seara está pronta para a colheita, bem à nossa frente. Preparemos nossos corações e nossos membros para crer e agir de maneira que terminemos nossos dias com as palavras triunfais: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia" (2Tm 4.7,8). Se os senhores quiserem ser abençoados junto àqueles que morrem no Senhor, trabalhem agora para poder descansar então. Realizem obras de louvor para que outros sigam, não aquelas que despertarão tristeza no dia em que os olhos do Senhor provarão nossos motivos.

4. Aplicação dos motivos: para humilhação e para nosso incentivo.

Depois de apresentados muitos e diferentes motivos para o envolvimento no aspecto pessoal e particular do ministério pastoral, desejo implementados tanto para nossa humilhação quando para nosso incentivo.

a. Humilhação na presença do Senhor

Há razões de sobra para que nos humilhemos diante do Senhor hoje. Temos, por muito tempo, negligenciado tão grande e boa obra. Ministros do evangelho por muitos anos, pouco fizemos em relação ao empenho pessoal para a salvação das almas e da instrução particular! Tivéssemos iniciado antes este tipo de trabalho, quem sabe, quantas almas teriam vindo a Cristo por nosso intermédio, e como nossas congregações seriam mais felizes no cumprimento de sua missão! Por que não o fizemos antes? Reconheço os muitos impedimentos do caminho, os quais ainda existem e persistirão enquanto o diabo, o mundo e o coração corrupto estiverem aí, resistindo à luz da verdade. Entretanto, havemos de reconhecer que o maior impedimento está em nós mesmos, nas trevas que nos cercam e em nossa própria falta de brilho, na indisposição para cumprir o dever, nas divisões, nas inaptidões para completar a obra de Deus. Sem isso, muito mais poderia ter sido feito, tal como fizeram muitos que vieram antes de nós. Tivemos a mesma liderança de Deus, os mesmos objetos de compaixão e a mesma liberdade que eles tiveram. Pecamos e somos indesculpáveis quanto ao dolo. Nosso pecado é tão grande como é grande o dever! Deveríamos temer quaisquer desculpas. Que o Deus de misericórdia nos perdoe e a todos os pastores do país, não sobrepondo à nossa conta o peso da negligência pastoral! Que ele cubra toda nossa infidelidade com o sangue do Cordeiro, lave nossa culpa do sangue das almas, sangue da eterna aliança. Assim, quando vier o Supremo Pastor, poderemos nos colocar diante dele em paz, livres da condenação por havermos espalhado o rebanho. Que ele não trate os pastores da Igreja conforme nosso mérito; nem permita que, por nossa causa, os perseguidores da Igreja a dizimem, tal como já fizemos. Que ele não nos trate como nós mesmos tratamos as almas dos homens nem considere a salvação deles melhor do que a nossa, tal como fizemos em nosso trabalho, achando que não valia a pena sofrer para cooperar na obra de Cristo, na salvação dos homens.

Muitos países têm dedicado dias de humilhação e arrependimento por causa pecados da terra e dos juízos que lhes sobrevieram.[100]* Da mesma maneira, espero que Deus humilhe os pastores e os mova a lamentar a própria negligência, separando alguns dias para este fim. Não podemos prosseguir ouvindo os pecados dos outros e descartando os nossos próprios. Que Deus não despreze nossas solenes humilhações nacionais devido ao fato de serem dirigidas por guias não-humilha-

[100]* A Inglaterra conheceu o poder de Deus em resposta tempos de arrependimento e confissão de culpa em termos nacionais. A adaptação do relato, aqui, se deve à contextualização à nossa experiência brasileira de apenas ouvir falar sobre tais bênçãos [N. do E.].

dos - e que primeiro procuremos perdão para nós mesmos, a fim de que sejamos propícios a Deus em nossas intercessões.

Lancemos fora a podridão de nosso orgulho, as contendas, o egoísmo e o desânimo, para que Deus não se desagrade de nossos sacrifícios e nos despreze, como tem feito recentemente a muitos pastores infiéis. Que tais desaprovações sejam a nós como sinais e advertência do justo juízo. Que resolvamos, concordes, reformar nossos passos no caminho, antes que sejamos mais espetados.

b. Incentivo no Senhor

Agora, irmãos, é chegada a hora de renegar a carne indolente e de despertar para o trabalho que temos à frente. Aseara é grande, os trabalhadores são poucos, oportunistas e inimigos da fé são muitos e as almas dos homens são preciosas. Grande é a miséria deste mundo, e maior a miséria eterna dos pecadores; as alegrias do céu são inconcebíveis, o conforto prometido a um pastor fiel é seguro e valioso; e a alegria do sucesso verdadeiro será grande galardão. Grande é a honra de sermos cooperadores de Deus e de seu Espírito, e profundo é o significado de servir o sangue de Cristo, vertido para a salvação dos homens. É preciso sabedoria e destreza para conduzir os exércitos de Cristo no confronto com as hostes inimigas, dirigir o rebanho em segurança pelo deserto abrasador até os pastos e as águas, ou pelos mares, nas tempestades, rochas, bancos de areias e recifes, levar viajantes seguros até o ancoradouro de descanso. Os campos se mostram prontos para a ceifa, os preparos foram feitos, e o tempo se mostra mais propício do que em todos os tempos da história. Já demoramos muito. O tempo oportuno se esvai. Enquanto nos ocupamos de superficialidades, os homens estão morrendo. Ah! Quão rápido vão, sem que cumpramos nossa tarefa! Nada nisso desperta nossa consciência para o dever de lhes testemunhar? Nada nos constrange à diligência?

Devemos gastar mais tempo tratando de todos estes motivos? Poderá um cego ser instrumento para iluminação de outros cegos? Ou poderá almejar a vivificação de outros, quando ele mesmo está morto? Irmãos, seríamos nós, homens de sabedoria, tão faltos de senso como os homens do mundo? Por que eu precisaria de mais palavras para persuadi-los de um dever tão conhecido? Penso que basta mostrar-lhes uma linha no Livro de Deus, provando ser esta a sua vontade e obra que promove a salvação. A visão do próximo deveria ser motivo suficiente para despertara compaixão. Se um mendigo apenas exibe suas feridas ou deficiências, há comoção sem palavras. Não seremos comovidos ante a visão das almas à beira da condenação? Quão feliz seria a Igreja, se os médicos de almas fossem curados! Se não tivéssemos em nosso meio a mesma infidelidade e estultícia que identifi-

camos nas demais pessoas e contra a qual pregamos! Se fôssemos persuadidos a respeito das coisas sobre as quais pretendemos persuadir aos outros! Se fôssemos mais profundamente tocados pelas coisas maravilhosas com as quais queremos tocar o coração dos homens!

Ah! Sim! Haveria tremenda mudança em nossos sermões e em nosso estilo de vida, se tivéssemos uma impressão clara e profunda sobre nossa própria alma à luz das coisas gloriosas que pregamos dia-a-dia. Terrível coisa é para a Igreja e para os próprios pregadores a proclamação de coisas nas quais não crêem a ponto de praticadas ou sem sentir o peso das doutrinas que ensinam. Qualquer homem sensível e honesto se maravilharia com as coisas sobre as quais falamos e pregamos. O que significa a alguém deixar esta carne e comparecer diante de um Deus justo, para entrar no insondável gozo ou no imutável tormento? Como discursar sobre elas? Entender e proclamar tais coisas requer gravidade, seriedade e dedicação constantes! Não sei como outros se sentem diante de tamanhas maravilhas; quanto a mim, sinto vergonha de minha falta de inteligência. Surpreendo-me que não trate de minha própria alma e das de outras pessoas como quem aguarda o grande dia do Senhor. Assusta-me que ocorram pensamentos e palavras sem que eu as considere à luz das verdades em que creio e que ensino! Como poderei pregar sobre tais coisas com frieza e descaso? Como poderei deixar um homem sozinho em seu pecado, sem procurá-lo para implorar, pelo amor de Deus, que se arrependa, não importando a atitude dele nem o sofrimento que me cause? Raramente deixo o púlpito sem a consciência ferida por não ter sido mais sério e fervoroso. Não se trata da correção ou da elegância do sermão nem de meu desempenho ou assertividade, mas das respostas às perguntas: como alguém pode falar sobre a vida e a morte com um coração frio? Como pode alguém pregar sobre o céu e o inferno sem exultação e dor? A crença é verdadeira? Há sinceridade ou falsidade na atuação? Como pode alguém dizer ao povo que o pecado é coisa séria e que muito sofrimento aguarda o ímpio, se ele mesmo não é afetado pela Palavra? Não deveria haver sentimento genuíno em relação à dor dos homens, evidenciado em intercessão diante de Deus e lágrimas diante dos homens? Nem a pungência do apelo de minha própria consciência consegue despertar minha alma letárgica! A carne se recusa a despertar!

Que coração insensível e endurecido, Senhor! Liberta-nos da desgraça da infidelidade e da dureza de coração. De outro modo, como poderemos ser instrumentos para a salvação das almas, das garras da incredulidade e da rebelião? Faz em nossas almas aquilo que queres fazer, por intermédio de nós, nas almas dos que estão sob nosso cuidado!

Embora tenha consciência de que se aproxima minha hora, confunde-me a percepção da diferença entre minhas apreensões quando estou à beira de

um leito de morte e quando estou no púlpito. O que me parece quase leve, no púlpito, lá me parece assustador. Certamente o será novamente quando tiver de me encarar a morte. Ah! irmãos, se todos tivessem estado perto da morte, tantas vezes e com tanta freqüência quanto eu, teriam a consciência inquieta, se não uma vida reformada, disposta ao vigor e à fidelidade ministerial. Perguntariam a si mesmos, com freqüência: "Tal é toda a compaixão que tenho pelos pecadores perdidos? Nada mais há que eu possa fazer para buscar e salvados? Muito ao redor ainda são visivelmente filhos da morte! O mais poderia ser dito e feito para a conversão deles? Morrerão e irão ao inferno antes que eu os advirta e inste com eles? Os perdidos me amaldiçoarão para sempre por não terem sido procurados". Tais gritos da consciência ressoam diuturnamente em meus ouvidos; embora, o Senhor sabe, tenho obedecido, ainda que pouco, a meu ver. Que o Deus de misericórdia me perdoe e me desperte juntamente com os demais servos que têm consciência da negligência. Confesso, para minha vergonha, que é difícil saber que alguém morreu, e ouvir a consciência perguntando: "O que fiz por esta alma, antes de ela deixar o corpo? Mais um para o juízo: o que fiz para preparada?". Ainda assim, tenho sido tardio em ajudar aos que sobrevivem. Quando estiverem colocando um corpo no chão, não pensaríamos: "Aqui jaz o corpo, mas onde está a alma? O que fiz por ela antes que partisse? Tal era minha responsabilidade; que contas tenho prestado?".

É pouco responder questões como estas? Agora pode parecer que sim, mas vem a hora quando não será. "Se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas"; e nos acusará ainda a reprovação da consciência. A voz da consciência é pequena, e a sentença da consciência, amena em comparação com a voz da sentença de Deus. A consciência vê muito pouco de nosso pecado e miséria, em comparação com o que Deus vê. Coisas que, hoje, parecem pequenos outeiros, despontarão como altas cordilheiras. Pequenos argueiros revelar-se-ão traves em nossos olhos (Mt 7.3)! Enganamos a nós mesmos, acusando-nos e defendendo-nos em nossa consciência; mas, ao impenitente, Deus não retém a justiça nem alivia a sentença. "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor" (Hb 12.28,29). Caso não haja arrependimento e completa reforma em nossa vida e ministério, teremos contra nós o testemunho condenatório das almas abandonadas. Assim, para que não digam que tento assustá-los com ameaças vãs e que falo de perigos e terrores inexistentes, mostro-lhes a segura e certa reprovação, reservada para os pastores negligentes.

(1) Nossos pais, na carne ou na fé, que nos dispuseram para o ministério, hão de nos condenar, dizendo: "Senhor, eles fizeram pouco caso da consagração ao teu serviço; antes, serviram a si mesmos".

(2) Nossos mestres e escolas, seus ensinamentos, o tempo despendido na instrução e no aprendizado, a uma voz, clamarão por nossa reprovação. Para que tudo isso, senão para o serviço de Deus?

(3) Nossa vocação, conhecimento e dons ministeriais também nos reprovarão. Para que outro propósito os recebemos, senão para a obra de Deus?

(4) Nossa responsabilidade voluntária e dedicação pessoal à excelente obra do cuidado de almas hão de nos reprovar a quebra do voto assumido e da confiança conferida.

(5) O zelo de Deus por sua Igreja, a entrega de Cristo e seu amor por ela, reprovarão nossa negligência e infidelidade, posto que não fizemos caso daqueles por quem Cristo morreu.

(6) Os preceitos e desafios da Sagrada Escritura, as promessas de assistência e galardão, as advertências e incentivos, tudo isso se levantará para nos reprovar, posto que Deus não fala vão.

(7) Os exemplos dos profetas e apóstolos, nas Escrituras, e os exemplos de todos os pregadores e demais servos de Cristo ao longo dos tempos e em todos os lugares, levantar-se-ão para nos reprovar, pois foram dados como modelos de dedicação e fé, e para nos provocar santa emulação.

(8) A Bíblia Sagrada e nossos livros de estudo também nos reprovarão, pois lemos a Palavra e não a praticamos, lemos os livros e não aprendemos como convém.

(9) Os sermões que pregamos para persuadir o povo a desenvolver a salvação com temor e tremor, a tomar com firmeza a coroa da vida, a entrar pela porta estreita e correr com perseverança a carreira proposta, serão para nossa reprovação. Não teríamos de tremer e temer sob tal responsabilidade, de andar de modo digno da vocação a que fomos chamados[101] e de sermos esforçados e incansáveis no cuidado dos que nos foram confiados?

(10) Os sermões que pregamos para demonstrar o mal do pecado, os perigos da carne, a necessidade de um Salvador, as alegrias do céu e as tormentas do inferno, sim, e a verdade da religião cristã, serão para reprovação dos infiéis e indignos. Triste será, quando formos forçados a dizer: "Adverti-lhes publicamente dos perigos e esperanças, mas, em particular, nada mais fiz para auxiliá-los". O quê? Falar-lhes publicamente sobre a condenação e deixá-los às suas portas, sem orientação pessoal? Falar-lhes sobre a glória sem refletir, face a face, seu brilho inefável? Tais questões seriam importantes na proclamação pública e não seriam importantes em privado? Terrível reprovação!

[101] Efésios 4.1 [N. do E.].

(11) Os sermões que pregamos para persuadir os homens a cumprir deveres - tais como amor ao próximo, submissão e exortação mútua, educação de filhos no temor e disciplina do Senhor, honra aos pais, modelação do exemplo dos mestres, tratamento digno para os servos - eles também nos reprovarão. Como poderíamos, em sã consciência, querer persuadir a outros sobre coisas que nós mesmos negligenciamos? Como reprová-los pela negligência, quando somos igualmente negligentes?

(12) 0 sustento recebido por nosso serviço nos condenará. Quem pagaria um servo para fazer o que lhe apraz ou para trabalhar em seus próprios interesses? A lã que recebemos é pagamento pelo cuidado do rebanho e, ao aceitarmos o pagamento, obrigamo-nos ao cumprimento fiel das nossas atribuições.

(13) Os testemunhos que demos contra pastores promotores de escândalos, infrutíferos c inimigos da fé, todos os esforços para anulá-los, reprovarão nossa falsidade c hipocrisia. Todos temos pecados, mas nós apenas consideramos os pecados dos outros. Testemunhamos contra nós mesmos. Deus não faz acepção de pessoas, aprovando ou reprovando os homens segundo sua justiça e amor. Ainda que não tenhamos provocado os mesmos escândalos nem sido tão infrutíferos nem inimigos da fé, triste será, se a eles nos assemelharmos.

(14) Os juízos de Deus executados contra tais pastores e dos quais fomos observadores, testemunharão para nossa reprovação. Aquele que permitiu que a indolência e a sensualidade de alguns pastores cheirassem mal às narinas do povo, porventura honrará nosso ócio e carnalidade? Ousaríamos nos assemelhar àqueles que Deus tem tomado e lançado fora de suas habitações e púlpitos, deixando-os como mortos em vida, tornando-os proverbiais na terra? Não nos admoestam os seus sofrimentos? Não nos advertem? Se algo há que acorde os pastores para a diligência e abnegação, creio que já vimos bastante. Modelaríamos o mundo antigo, considerando as causas do dilúvio? Cederíamos aos pecados de Sodoma - orgulho, ócio e mesa farta - se tivéssemos testemunhado as chamas consumidoras?[102] Que dizer de Judas, pendurado e com as entranhas derramadas?[103] Quem ainda seria hipócrita e mentiroso, havendo presenciado a morte de Ananias e Safira?[104] Quem não temeria contradizer o evangelho, vendo Elimas tomado de cegueira?[105] Seríamos relapsos quanto aos valores de Deus, pastores que a si mesmos

"«Gênesis 18.16-21; 19.23-29 [N.doE.;

[105] Mateus 27.3-5 [N.doE.].

[104] Atos 5.1-11 [N.doE.].

">'Atos 13.4-12 [N.doE.].

apascentam, tendo visto a expulsão dos vendilhões do templo?[106] Deus não permita! Como seria grande nossa condenação![107]

(1 5) Finalmente, todos os dias de jejum e oração dedicados ao clamor por urna reforma espiritual darão testemunho de nossa reprovação, pois não nos dispomos a realizara parte mais difícil da obra, isto c, a reformado homem interior. A Inglaterra, nos dias do início do governo parlamentar, quando a piedade c o fervor tinham se ser mantidos em segredo, ousou erguer a voz, com jejuns e orações, rogando tal bênção ao Senhor da obra. A desconsideração da resposta de Deus agrava o nosso pecado. Nenhuma outra nação na terra houve que experimentasse coisa tão solene. O que foi feito de tudo isso? Durante algum tempo, a finalidade das orações foi a reforma da Igreja, especialmente a fidelidade ministerial e o exercício de disciplina na Igreja. Ocorreu, porventura, ao coração do povo ou nosso imaginar que, uma vez recebida a bênção e delegada a tarefa, nós as desprezaríamos? Que não nos dedicaríamos à obra da reforma de corações, da transformação de todo e cada coração? Que não haveria instrução pública e particular nem exercício da disciplina? Quedo-me atônito ao considerar tais coisas. Quão enganoso é o coração do homem! Bons e maus, todos os corações são enganosos. Todos, em menor ou maior grau, estamos sujeitos ao auto-engano. Sempre soube que muitos dos combatentes da fé que lutavam pela reforma espiritual se voltariam contra ela, seriam seus inimigos, quando provassem suas disciplinas. Quando fossem pessoalmente tratados, instruídos e orientados, e reprovados em particular e em público segundo a natureza do pecado, levados ao arrependimento e à confissão pública ou afastados como impenitentes, os homens desprezariam a reforma espiritual e acusariam o jugo de Cristo de representar uma tirania. Entretanto, não pensei que os demais pastores abrissem mão do legado abençoado e não se responsabilizassem pela manutenção da causa, voltando atrás, movidos pelo temor de homens. Quão fervorosas eram as orações de homens que pareciam piedosos, clamando por um ministério santo, ainda que dolentes, e por mais disciplina! Chamavam a disciplina de "o reino de Cristo" ou de "o exercício do ofício real da Igreja". Pregavam e oravam como se o estabelecimento da

[106] Mateus21.12,13;Marcos 11.15-17;Lucas 19.45,46 [N.doE.].

[107] A despeito de a Inglaterra, no período em que Baxter escreveu, ter sido grandemente abençoada com ministério de pastores capazes, diligentes e piedosos, é digno de nota o fato de que os sofrimentos que aqui expressos foram, pouco tempo depois, realizados de modo muito triste. Após o Ato de Uniformidade (1559), regulamentando o uso do Livro Comum de Orações e a administração dos sacramentos, cerca de dois mil desses excelentes homens foram lançados fora de suas Igrejas, entre outros, o próprio Baxter. Se tal ocorre com a árvore verde, quanto mais rigor haverá com a árvore seca?

> disciplina fosse o estabelecimento do reino de Cristo. Imaginei, então, que eles se recusariam a cumprir o que propunham. Corno podem, agora, considerar o reino de Cristo entre as coisas que lhe são indiferentes?

Ah! Se apenas o Deus do céu, que conhece o coração humano, tivesse respondido aos nossos jejuns, orações, e proclamações feitas em culto público e solene, com voz retumbante, aos ouvidos dos pastores: "Pecadores de enganoso coração! Quanta hipocrisia, cansar-me com clamores, rogando aquilo que, se concedido, não desejarão. Levantam as vozes por aquilo que abominam? O que significa uma reforma senão a instrução e a persuasão importuna dos pecadores que recebem meu Cristo e sua graça, tal como lhes é oferecida, e o governo de minha Igreja segundo minha palavra? No entanto, muitos dos que estão aí não querem ser persuadidos, zelosos das próprias almas, achando penoso e ingrato o cuidado de uma só alma. Quando tiverem recebido o que pedem, servirão a si mesmos e não a mim. Quanto a mim, sou fiel à promessa e concedo aos que sinceramente pedem liberdade para reformar a Igreja a graça de cumprirem seu dever. Contudo, quando todas as coisas necessárias à reforma do coração estiverem em suas mãos, ainda haverá quem seja tardio ou nem se aplique à realização da obra!".

Não nos surpreenderia tal resposta da boca do Senhor como da boca do seu mensageiro? Imaginaríamos que nossos corações pudessem ser tão duros como agora se mostram? Talvez tivéssemos dito como o filisteu: "Sou eu algum cão, para vires a mim com paus?"; ou como Pedro: "Ainda que todos se escandalizem por teu nome, eu nunca te abandonarei".[108] Certamente, irmãos, a experiência mostra a fragilidade do nosso caráter. Recusamos a parte árdua, onerosa e necessária da reforma pela qual oramos. Contudo, Cristo ainda se volta e olha com misericórdia sobre nós. Ah! Tomara tivéssemos o coração disposto à humilhação! Sairíamos e choraríamos amargamente, e nenhum outro mal faríamos além do que já fizemos! Evitaríamos que mal pior nos sobreviesse. Tal como Pedro, nós seguiríamos Cristo a quem antes negamos, por meio de todo labor e sofrimento, até a morte!

Tenho me esforçado para lhes mostrar as conseqüências de não nos aplicarmos com fidelidade à obra, em toda extensão de nossas obrigações. A negligência é indesculpável e nos expõe à reprovação. Na verdade, irmãos, se eu não cresse na importância desta obra para a honra de Deus e para o benefício do povo, não os teria perturbado com tantas palavras nem falaria tão asperamente. Entretanto, esta é uma questão de vida ou morte que se sobrepõe a humanas reverências, cortesias e delicadezas. Considero que o ministério pessoal e individualizado seja uma das

[108] Mateus 26.31-35; Marcos 14.27-31; Lucas 22.31-34; João 13.36-38 [N. do E.].

partes de maior e melhor atuação de minha vida e que, portanto, os senhores não julgarão demasiadamente as minhas palavras. Lembro-me do empenho com que me entregava, outrora, à promoção de uma reforma apenas cerimonial. Como pareceria desproporcional o meu zelo, se eu fosse menos fervoroso em relação a uma matéria tão mais importante! A mudança de cerimônias e vestiduras e gestos e formas poderia produzir a reforma espiritual? Não. Nosso objetivo, irmãos, é o da conversão e salvação de almas. É o principal aspecto da reforma e o que produz o maior benefício.

Eis aí, irmãos, a obra que temos à frente. Consiste da pregação pública associada à instrução pessoal individualizada de todo o rebanho. Outros, antes de nós, fizeram a sua parte, levaram o fardo, e agora é a nossa vez. Sob o controle e a autoridade de Deus, a obra está em nossas mãos. Considere o regozijo que haverá com o seu trabalho e os sofrimentos que sua omissão trará a si mesmo e aos outros. Se o seu bem-estar vale mais do que o sangue de Cristo vertido para redenção dos homens, então continuem cumprindo apenas parte de sua obrigação e sendo infrutíferos. Não desagradem à própria carne nem aos pecadores nem aos que dormem na Igreja. Deixe que o seu próximo nade por si mesmo ou naufrague. Se a pregação pública não for bastante para salvá-los, que pereçam! Mas, se o caso for outro, é melhor começar a olhar ao redor, para reconhecer pessoas e fazer com que conheçam a Deus e a si mesmas.

B. Objeções sobre o dever do ministério pessoal individualizado

Baxter apresenta não somente dúvidas quanto ao modo de realização do trabalho pastoral, mas também objeções diretas, ou desculpas, dadas por aqueles que parecem querer justificar o trabalho mal-feito. É impressionante a relação entre a época de Baxter e a nossa, apesar de 350 anos já ter transcorrido desde sua primeira publicação.

Nosso próximo passo será responder algumas das questões que possam ser levantadas sobre a prática do ministério pessoal individualizado.

Objeção 1: Ensinamos o povo por meio da pregação pública. Por que deveremos instruir e orientar os membros individualmente e em família?

Resposta: Oramos em público pelos membros da Igreja. Não deveríamos orar por eles também em particular? Paulo ensinava e exortava a todo homem,

pública e particularmente, de casa e casa, noite e dia, com lágrimas (At 20.19,20). Precisaríamos dizer mais, quando a voz da experiência assegura a necessidade e validade do empenho? Constato, dia-a-dia, que muitos dos meus ouvintes são lamentavelmente ignorantes, apesar de terem freqüentado os cultos por dez anos ou mais e de terem me ouvido falar com a maior clareza possível sobre as coisas de Deus. Alguns não sabem que cada pessoa da Trindade é Deus. Não sabem que Cristo é Deus e homem e que persiste com as duas naturezas, no céu. Não sabem o que devem fazer para obter perdão e salvação. Desconhecem os princípios básicos e importantes da nossa fé. Alguns deles, que recebem o benefício da instrução e orientação individualizada, ainda que sem educação formal ou fácil compreensão, parecem entender mais hoje do que em todos aqueles anos.

Objeção 2: A comunidade ou vizinhança da Igreja não é a Igreja. Nossa responsabilidade pastoral para com os de fora da Igreja não vai além do testemunho do evangelho. Assim, não precisamos nos obrigar a sofrer suas dores nem a carregar seus pesos.

Resposta: Consideraremos a Igreja como nossa missão ou a missão da Igreja no mundo? Alguns pastores são chamados para desenvolver o ministério com a família da fé e, outros, para estender a fé aos que ainda estão fora dela.

(a) Em alguns lugares e em algumas profissões (capelania de órgãos públicos, por exemplo) o salário dos pastores é pago para que desenvolvam o trabalho na comunidade. Trata-se de ministério pastoral, ainda que não seja numa Igreja.

(b) Que necessidade temos de uma obrigação mais forte do que a palavra de Jesus na Grande Comissão? Promover bem a glória de Deus na proclamação do evangelho glorioso de Cristo aos de fora da Igreja não é promover o crescimento quantitativo da Igreja para, assim, bem promover seu crescimento qualitativo? Não conseguimos entender de onde vem o dever de ministrar à Igreja e, com a Igreja, à sua comunidade ou vizinhança?

Objeção 3: O método de instrução e orientação individualizada toma tanto tempo que o pastor não poderá se dedicar ao estudo e à preparação de sermões. A maioria de nós é jovem e inexperiente, tendo necessidade de mais tempo para melhorar o conhecimento e a habilidade requeridos para a pregação.

Resposta: **(1)** Creio que aqueles a quem instruímos e orientamos em particular, a quem persuadimos da sabedoria e substância da religião cristã, serão capacitados e habilitados para ensinar e acompanhar outros, o que multiplicará

a mão de obra ministerial. O acúmulo de coisas a serem feitas no exercício do pastorado não deve tomar o lugar da comunicação fiel dos princípios da fé e da prática cristãs. Há muito valor no conhecimento e na educação, especialmente na educação à luz da Palavra. Entretanto, há mais valor na salvação e no crescimento para a salvação das almas, pois elas são as que conhecem e devem ser edificadas. Um médico deveria ser hábil em sua prática e conhecer as razões de sua arte e ciência. Porém, se tal médico for responsável por um hospital ou se viver numa cidade tomada de uma endemia ou de surto epidêmico, não poderá despender todo o seu tempo em estudos e pesquisas. O conhecimento é bom e necessário para a excelência da prática. Terá de receber seus pacientes no consultório e visitados em casa ou no hospital. Não poderá evitados nem despachados, se quiser salvar as suas vidas. Não poderá dizer que não tem tempo para aconselhados sobre seu mal porque tem de preparar um discurso sobre tal enfermidade. Tal homem teria frustrado os dois aspectos de sua profissão: seria um mau estudante, pois não aplicaria o que conhece, e em mau clínico, pois desprezaria o paciente para o qual se preparou para curar. Seria, no máximo, um assassino bem educado.

Todas as pessoas deveriam ser objetos de nossa pregação e cuidado, não importando se Deus as têm predestinado. O conhecimento das profundidades da sabedoria de Deus nos foi revelado e faz bem à nossa alma. Contudo, não podemos nos perder em elucubrações sobre se esse entendimento necessariamente determina sua vontade, se Deus opera a graça de causa física ou moral, o que é o livre-arbítrio, se Deus possui *scientíam mediam*[109] ou decretos positivos quanto à culpa pelos maus feitos. Estas e centenas de perguntas semelhantes nos farão homens ser bem-informados, mas não nos farão sábios para a salvação. Anunciem o caminho para o céu. Caminhem junto com as pessoas, de modo digno da vocação. Todos os que os ouviram ouvirão a verdade, e os que a reconhecerem saberão que é a voz de Deus que os chama. No céu, nós e os muitos que foram chamados, estaremos tomados de todo o conhecimento do Senhor.

(2) Se não crescer em conhecimento por meio da aplicação da verdade em amor, um ministro de evangelho jamais obterá verdadeiro amadurecimento. Talvez não obtenha educação tão esmerada como outros homens doutos, será mais sábio do que eles, pois saberá discernir os profundos princípios da salvação e as riquezas do conhecimento de Cristo. O conhecimento de Deus e de tudo o que ele revela abarca e ultrapassa todos os conhecimentos deste mundo. Quando olho além dos céus e contemplo a luz imarcescível, aspirando o conhecimento de Deus, descobrindo minha alma na distância e na escuridão, estou pronto para

[109] "Conhecimento mediador", termo usado por Molina, teólogo jesuíta, para harmonizar o livre arbítrio humano com a presciência divina.

dizer: "Não tenho o conhecimento de Deus - ele está além de mim - fora do meu alcance". Então, eu trocaria, voluntariamente, todo o conhecimento que tivesse por mais um único vislumbre do conhecimento de Deus e das coisas que hão de vir. Ainda que eu não soubesse uma só palavra sobre lógica ou metafísica nem o que disseram os homens ilustrados, se apenas tivesse mais uma centelha da luz que revela as maravilhas que conhecerei, seria o mais feliz dos homens. Tenho para mim que uma conversa séria sobre as coisas eternas e o ensino do credo ou de algum catecismo breve, nos faz crescer mais em conhecimento e sabedoria do que se despendêssemos o mesmo tempo estudando coisas curiosas, mas menos necessárias.[110]

Descobriremos que o desenvolvimento prático do estudo fará de nós melhores pastores e melhores profissionais para a Igreja. A integração dos dois aspectos da sabedoria, teoria e prática, produz melhores médicos, advogados ou pastores. Inútil será gastar a vida em estudos sem aplicá-los na obra do Senhor, deixando de transmitir a verdade em amor. Não podemos deixar as pessoas sem advertência e ensino em toda sabedoria, sob a alegação de que temos de nos isolar para estudar a fim de publicamente apresentá-las perfeitas em Cristo. Não podemos abandonar homens à reprovação, enquanto estudamos sobre como suas almas poderão ser recuperadas. Não podemos aguardar até que estejamos totalmente capacitados (que há de estar?) para, então, capacitá-las.

(3) Devo dizer que, embora considere prioritária a aproximação pessoal, usando os recursos de conhecimento que já temos à disposição, desejo muito mais tanto para mim quanto para aqueles aos quais eu ministro. O conhecimento das matérias das artes e das ciências, quando submetidas ao crivo do conhecimento de Deus segundo a Escritura, é útil para tudo e todos. Teremos de arrumar tempo para ambos. Todos nós precisamos de tempo para descanso e recreação, mas não deveríamos desperdiçar tempo em vãs recreações e sono desnecessário, nem um só momento. Antes, quando nos dispusermos a empregar nossos esforços para realizar o que temos de fazer, descobriremos tempo para o preparo pessoal e para a transmissão pessoal. Dois dias empregados no afã da instrução e orientação pessoal individualizada deixa quatro dias para estudos. Não serão, quatro dias por semana (após tanto tempo aplicado no seminário), tempo suficiente para

[110] Devemos tomar cuidado para não insolarmos esta frase de seu contexto e acharmos que Baxter defende uma postura contrária ao estudo. Vimos, ao longo de sua defesa, que o estudo é primordial na vida do pastor, e que a negligência ao aperfeiçoamento intelectual é pecado. O ponto central de Baxter é que a teoria sem relação com a prática de vida, que demonstre o verdadeiro sentido do Cristianismo, é sem proveito. Todo o conhecimento que adquirimos deve nos conduzir à glorificação de Deus. Ver ponto (3) abaixo [N. do E.].

se estudar a Palavra e elaborar sermões? Embora minha fraqueza não me deixe uma abundância de tempo, e os trabalhos extraordinários ocupem seis partes, se não oito, de meu tempo semanal, ainda assim, bendigo a Deus pelos dois dias reservados para me preparar para a pregação e pelos dois dias dedicados à instrução e orientação pessoal de pessoas e famílias. Quanto aos pastores que não têm trabalho extra (quero dizer, escrever, dar palestras, e diversos outros tipos de trabalho além do serviço comum do ministério), não posso crer que, se estiverem dispostos, não encontrarão, pelo menos, dois meio-dias por semana para o contato pessoal com suas ovelhas.

(4) Os deveres ministeriais públicos e pessoais deveriam serambos assumidos. O aspecto preferido poderá ter prioridade, mas sem negligenciar o outro aspecto nem permitir concorrência entre eles. Cada um deverá ter seu próprio espaço. No meu caso, se, por extrema necessidade, não pudesse me desincumbir de tais tarefas, estudar e instruir os ignorantes, deixaria de lado todas as bibliotecas do mundo, a fim de não ser culpado da perdição ou reprovação de uma alma. Estou certo de que esta é minha vocação e meu dever.

Objeção 4: Temos de preservar a saúde. Não podemos gastar o espírito e o corpo, entregando-nos completamente à obra ministerial. Temos de reservar tempo para recreação e lazer, para a família, para o relaxamento mental e para as amizades. Sem tais amenidades, pareceremos despidos de cortesia e extremamente rígidos ou maçantes. Não podemos correr o risco de queimar a vela pelos dois lados: afinal, o arco dobrado sofre o perigo de ser facilmente quebrado.

Resposta: (1) Este tipo de argumentação reflete carnalidade, autoproteção e zelo pelos próprios interesses. A fim de evitar o trabalho árduo, o preguiçoso diz: "Um leão está lá fora; serei morto no meio das ruas" (Pv 22.13). Certamente, se consultarmos carne e sangue, daremos razão à questão, mas tal não é o predicado nem o dever cristão, de autonegação. Se fosse esse o raciocínio adequado, qual dos mártires teria sofrido a estaca e o fogo, por causa de Cristo? Na verdade, quem seria realmente cristão?

(2) O trabalho inclui o lazer. Deveríamos atender às solicitações do trabalho necessário e reservar tempo para a recriação igualmente necessária. Deveríamos ter um tempo separado para instruir e orientar nossas famílias quanto para ter prazer na companhia delas, no lazer. Quanto a nós mesmos, algo como meia hora ou uma de caminhada após o almoço é um exercício necessário para a saúde, especialmente para os estudantes mais fracos. Sei disso de experiência própria. Por muitos anos, tenho sofrido das fraquezas do corpo e, atualmente,

os exercícios físicos têm me ajudado a superar as limitações de minhas doenças. Se houvesse me exercitado antes, teria mais saúde. Preciso de tais exercícios tal como qualquer outra pessoa precisa. Na verdade não conheço muitos pastores que precisem de mais exercício do que eu. Conheço também muitos outros que quase não se exercitam, o que em nada lhes é recomendável. Temos o dever de praticar exercício para preservar a saúde tanto por causa do nosso próprio corpo quanto para estar bem preparados e dispostos para o trabalho.

Quanto àqueles que não delimitam o tempo do lazer e, antes, têm os desejos excitados para a volúpia de seus humores, e não se adaptam ao trabalho, tais homens são sensuais e precisariam discernir a natureza do Cristianismo. Deveriam aprender sobre os perigos das obras da carne. Deveriam aprender a mortificar o corpo de pecado e negar a si mesmos, antes de batizar pessoas e de conclamar os homens para seguira Cristo. Não é parte do compromisso do batismo morrercom Cristo para viver com ele? Não sabem que grande parte da luta cristã consiste no combate entre a carne e o espírito? Tal é a diferença entre um cristão verdadeiro e uma pessoa não-convertida: um vive no espírito e mortifica os desejos e as obras da carne; outro, vive segundo a carne e se entrega aos seus prazeres. Se alguém acha que *precisa* dos prazeres da carne, não deveria atender a um chamado que requer que todo o nosso desejo esteja em Deus e que sua Palavra, fé e prática, seja nosso prazer. Isso restringe o prazer carnal e egoísta.

Como poderíamos pregar ao público, chamando-o para servir sob o senhorio de Cristo, a quem nós mesmos não nos submetemos? Se realmente precisam de outros prazeres, assumam a vergonha e deixem de pregar o evangelho, de professar o Cristianismo, de dizer que são pastores de almas, pois "o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção" (Gl 6.8). Até mesmo, Paulo disse: "Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo ser desqualificado" (1Co9.26,27).[111] Não

[111] J. Calvino, explicando a frase *para que tendo pregado a outros,* diz o seguinte: "Há quem explique estas palavras da seguinte maneira: 'A fim de que, tendo ensinado a outrem fielmente e bem, não incorra eu na condenação de Deus por levar uma vida nociva'. Mas a leitura será melhor se se considerar esta frase como uma referência a sua relação com outrem, da seguinte forma: 'Minha vida deve gerar alguma sorte de exemplo para outrem. Portanto, esforço-me para viver de tal maneira que meu caráter e conduta não contradigam ao que eu ensino, e que, portanto, não venha eu a negligenciar as próprias coisas que exijo dos outros, e com isso envolvendo-me em grande infortúnio e trazendo graves ofensas a meus irmãos. Esta frase pode também ser acrescida àquela que ele expressou numa afirmação prévia, com este resultado: 'Para que não venha eu a ser privado do evangelho, do qual outros vieram a participar através de meu trabalho'" (Calvino, João. *1 Coríntios. T* ed. São Paulo: Parakletos, 2003, pág. 288) [N. do E.].

deveríamos, pecadores como nós, fazer o mesmo? O quê? Poupar o corpo e ceder aos seus desejos, gratíficando-nos com prazeres desnecessários, quando Paulo reduzia seu corpo à escravidão? O apóstolo disciplinava seu corpo, para que, após sua pregação, não fosse, ele mesmo, desqualificado. Não temos nós muito mais razão para temer a reprovação?

Certamente é legítimo usufruir aquilo que vem das coisas que Deus criou para o nosso prazer. Tais alegrias nos tornam mais prontos para o trabalho. Mas as paixões mundanas, além de nos roubarem do prazer de Deus, causam-nos negligenciar a obra de apresentação e desenvolvimento da salvação dos homens. Indulgência nos prazeres carnais e justificação de sua necessidade são mostras de grande maldade e incoerência em termos da fidelidade do crente. Quanto mais em relação à fidelidade esperada de um ministro do evangelho! Tais pessoas são "antes amigos dos prazeres que amigos de Deus" (2Tm 3.4). Elas deveriam se arrepender e aprender a amar a Deus como lhe é devido, pois não agem como príncipes da Igreja, e teriam de ser lançados fora da comunidade cristã. A Palavra de Deus ordena: "foge destas coisas" (lTm 6.11).

O lazer, para o homem de Deus, deveria ser voltado para a apreciação das alegrias da criação e da comunhão do lar e da fraternidade, especialmente, para o descanso da mente e o exercício do corpo. Uma vez que, na devoção pessoal, no estudo da Palavra e na confrontação apologética dos pensamentos do mundo, os ministros já encontram grande variedade de deleites para a mente, deveriam usar a recreação como quem abre uma clareira para construir a casa, isto é, somente o necessário para seu trabalho.

(3) O trabalho pastoral não se caracteriza como risco para a saúde do ministro, ainda que lhe reclame a totalidade da vida. É verdade que, feito com seriedade, a obra do Senhor exigirá sacrifício, mas a importância e a necessidade implícitas na vocação reanimam o nosso coração e tem a promessa de fortaleza e consolação do Espírito. Não nos dispomos a gastar e deixar-nos desgastar (2Co 12.15)? Pessoas podem discorrer o dia inteiro sobre coisas do próprio interesse e não causar nenhum mal à própria saúde; por que apenas nós não poderíamos conversar com as pessoas a respeito da salvação, sem estragar a nossa saúde?

(4) Para que nos têm sido dado tempo e forças, senão para amar a Deus e ao próximo? Para que a vela foi feita, senão para se queimar? Queimados e desgastados, teremos iluminado o caminho para o céu. Não será isso melhor do que sermos preservados intactos, sem calor nem luz, num canto esquecido? Não é melhor oferecer nossa vida a Deus, como oferta queimada, do que gastar a vida para nós mesmos? Quão pouca diferença haverá entre o prazer de uma vida longa ou de uma vida curta, quando ambas estiverem no final da jornada! Que consolo trará, para nós, na hora de deixar o mundo, o fato que encurtamos o trabalho para

estender a vida? Quem trabalha muito, vive muito. A vida deveria ser estimada segundo o que é realmente importante diante de Deus e dos homens, isto é, aquilo que dizemos e fazemos, e não a mera extensão dos dias. Como Séneca disse, a respeito de uma pessoa: "Lá ela jaz, não vive; durou longo tempo, mas não viveu grande vida". Que conforto, na hora da morte, saber que vivemos um curto tempo na terra, mas com fidelidade, na esperança da vida eterna!

(5) Quanto a delicadezas e amenidades sociais, se tais forem maiores do que os sentimentos fraternos do compromisso ministerial, irmãos, poderemos quebrar o dia do Senhor, parar de pregar ou abandonar qualquer outro serviço. De outra maneira, como ousaríamos levantar tal questão em oposição ao dever fraterno de exortar, consolar e edificar? Seus amigos têm preferência ao serviço do Senhor? Ainda que sejam ilustres influentes, não poderiam ser servidos antes de Deus. Ou preferiríamos agradar antes a homens e desagradar a Deus? Que responderemos quando Deus confrontar a nossa negligência? Seria esta justificativa: "Senhor, eu teria tido mais tempo para buscar as pessoas que o Senhor indicou, mas tal amigo ou pessoa de destaque teria se ofendido caso não o tivesse atendido primeiro"? Se alguém procura "agradar a homens", não é servo de Cristo (Gl 1.10). Quem ousa gastar tempo agradando a carne ou aos homens tem mais coragem do que eu, pois teme aos homens e não teme a Deus. Quem despende muito tempo em gentilezas sociais não considera o que tem realmente a fazer. Ah! Se eu pudesse melhorar o uso do meu tempo segundo a convicção que tenho a respeito das melhores coisas! Surpreendo-me que alguns pastores tenham tempo para despender em tantas diversões, além do tempo reservado para descanso semanal e férias. Senhor! Não imaginam o número de almas que clama por ajuda, sob a ameaça de condenação ou reprovação? Amenor área de trabalho do pastor, Igreja e comunidade, apresenta tantas necessidade que a maior dedicação e empenho não poderiam suprir.

Espero que os amados irmãos não aprovem a omissão, julgando a admoestação incômoda e desprezando a clara repreensão, em defesa de um estilo de vida cômodo e apreciado. Serão indignos de ser pastores, se não tiverem consciência da preciosidade do sangue de Cristo derramado e o conseqüente valor de uma única alma, e dos sofrimentos e glórias que estão por vir. De outro modo, como poderiam achar tempo para satisfação dos desejos carnais, tais como ócio, gratificação instantânea e fuga das responsabilidades? Continuaríamos perdidos em conversas ou passatempos frívolos, deixando de realizar a obra do Senhor? Ah! O tempo é precioso! E como voa! Logo terá passado o dia da oportunidade! Quantos somam os anos de vida que já se foram? De que valeram? Ainda que os dias fossem como meses, seriam poucos diante da importância e das solicitações do trabalho. Já não perdemos tempo bastante nos dias da nossa vaidade quando, sem Cristo,

éramos sós e vivíamos ao nosso bel prazer? À beira da morte, as pessoas ainda capazes avaliam e dão valor ao tempo. Se pudessem voltar, quanto mais exigiriam de si mesmas? Quanto estariam dispostas a pagar, se pudessem comprar alguns anos de vida? E quanto a nós? Permaneceremos perdidos em insignificâncias, deixando de lado as riquezas do dever e das emoções das obras de Deus? Como é insidioso o pecado, distraindo os homens e tornando néscios os que parecem sábios! É possível que um homem honesto e compassivo, realmente responsável e ciente de que de tudo terá de prestar contas, teria tempo para desperdiçar em ócio e vaidade?

Digo mais, que, se outros homens comuns podem tirar mais tempo para lazer, ainda assim nós não poderíamos ir além do necessário, pois o mistério da Palavra nos obriga a maior aplicação e disciplina. Aqueles que trabalham em situações de vida e morte têm de estar à disposição para usar seus préstimos.

Não, irmãos, seu prazer não vale a vida de um homem, quanto mais as almas eternas de seu povo! Nestes tempos de terror e guerras e catástrofes, as nações não vigiam seus portos e prontamente atendem às emergências? O que seria, se todos buscassem o próprio prazer, se estivessem todos entregues ao mundo do entretenimento? Certamente não podemos descansar e recrear além do que for absolutamente necessário.

Não desconsiderem minhas palavras, temerosos de perder satisfações que não podem ser comparadas com as alegrias que temos em Cristo. Não digam: **"É** muito difícil - quem o poderá suportar?". Tudo coopera para o bem dos que são chamados por Deus, que nos dá o contentamento.[112] Saberemos que estamos bem quando soubermos quando e como estarmos bem. Isto é o que demonstrarei **na** resposta à questão seguinte.

Objeção 5: Não acho que os pastores tenham de ser maçantes ou de viver com enfado. Se pregam regularmente, visitam os enfermos, cumprem suas atribuições ministeriais e atendem as pessoas que os procuram com casos de maior dificuldade, não creio que Deus requeira mais deles. Não acho que deveriam se prender ao dever de instruir e orientar a cada pessoa em particular. Isso tornaria a vida do pastor e dos membros da Igreja em uma escravidão enfadonha.

Resposta: Já discuti sobre o valor e a utilidade do contato pessoal em relação à vocação e ordenação do ministro. Porventura, não requer Deus que façamos o possível para praticar o bem a todos, em todas as oportunidades? Havemos de ficar

[112] Romanos 8.28 [N. do E.].

olhando enquanto pecadores morrem em condenação ou reprovação, dizendo: "Deus não exige tanta perturbação, a fim para salvados"? Seriam estas as palavras adequadas a um cristão? Seria essa a compaixão do pastor? Ou seria a voz do descaso e da indolência sensual, terrena, animal e demoníaca? Cremos que Deus não quer que façamos o trabalho a que ele mesmo nos chamou para realizar? Tal voz vem da consciência ou da rebeldia? Certamente é o grito de vitória da carne, recusando obediência, e dizendo: "Não obedecerei mais do que me agrada". E rejeição voluntária e pecaminosa da voz do Espírito que nos convence do dever. A hipocrisia dos homens lhes permite elaborar uma religião barata que retém os artigos de felicidade e alegria e rejeita os princípios da justiça e do amor de Deus, e das alegrias celestiais. Tal objeção acrescenta impropério à hipocrisia. Desavergonhada calúnia contra o Deus altíssimo é chamar seu serviço de escravidão e de pesado, seu fardo! Que pensamentos têm homens como esses, com respeito ao Mestre, sobre o chamado para o trabalho e sobre o salário acertado? Pensamentos de crentes ou de infiéis? Poderá honrar a Deus e promover o seu reino quem abriga sentimentos dessa natureza? Como poderão se deleitar na santidade de Deus, se consideram sua obra como sendo trabalho escravo? Seria coisa enfadonha, a salvação? Cristo disse: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará" (Lc 9.23,24). Há, porém, quem considere como trabalho escravo a participação na obra do Senhor. Não aceitam negar o sossego de um tempo que valoriza, sobretudo, o individualismo e a diversão. Como tudo isso está distante da cruz de Cristo! Como tais homens poderiam?

Vejo-me obrigado a dizer, aqui, que nisto consiste o pior sofrimento da Igreja: *Muitos homens são ordenados pastores antes de serem cristãos.* O que teriam feito, se tivessem apreciado a diligência de Cristo na prática do bem, tal como quando disse que preferia passar fome a deixar de conversar com uma mulher ou quando não teve tempo para comer o pão, escolhendo falar à multidão. Porventura, diriam como os parentes de Cristo: "Está fora de si" (Mc 3.21). Ousariam dizer a Cristo que ele se rebaixava, fazendo de si mesmo um escravo, e que Deus jamais exigiria isso dele? Censurariam Cristo por pregar durante todo o dia e ainda passar a noite em oração? Tenho obrigação de admoestar tais homens e instar que sondem o próprio coração e verifiquem se realmente crêem na esperança da glória para os que morrem no Senhor e na expectação de morte para os não-convertidos. Como pode alguém pensar que poderia haver exagero de trabalho quando os fins são tão importantes? Aquele que não crê que abandone a obra; deixe de alimentar mal o rebanho de Cristo e, tal como filho pródigo, vá dar comida aos porcos.

Saibam, irmãos, que quem assim argumenta reclama do próprio benefício. Quanto mais operosos forem, mais receberão em termos de graça e de fé. Quanto mais investirem, mais serão fortalecidos e enriquecidos. Quanto mais perderem, mais ganharão. Desconhecendo ou alienando-se do discernimento de tais paradoxos do ministério cristão, não deveríamos tentar ensinar e orientar a Igreja de Cristo. No tempo presente, nossa paz de consciência e nossos lucros espirituais estão, geralmente, no cumprimento do dever, de maneira que, quem aplica melhor os talentos recebe mais das mãos de Deus. O exercício da graça produz graça. Configuraria trabalho escravo, sermos bons servos de Cristo a serviço do próximo, e recebermos muito mais do que o salário? O exercício da graça aumenta graça. Não há maior consolação para a alma do que fazer o bem e receber o benefício do Senhor. Sobretudo, preparamo-nos para o futuro, quando receberemos muito mais. Nossos talentos estão investidos e rendendo juros nas contas do Senhor. Seria enfadonho ir pelo mundo, trocando bijuterias por jóias de ouro e pedras preciosas? Homens que assim objetam justificam o profano, tornando a piedade diligente em fardo maçante e chamando de tediosa e rígida a uma comida que não conhecem, isto é, a realização da vontade de Deus. Alegam que nenhum homem se salva por meio do nosso esforço. Dizem isso até com respeito ao ministério, esquecidos de que Deus cobrará deles a desobediência. Tomam a diligência em peso ingrato e crêem que alguém poderia ser ministro fiel sem levar a carga dos outros segundo o modelo de Cristo!

Anegligência na obra do Senhor é um gravíssimo pecado. Mais ainda, é aprovar tal negligência e anular a ordem de Cristo, dizendo que não acredita "que Deus exija que salvemos as almas". Como se não bastasse, agrava ainda mais o pecado o fato de a Igreja nos obrigar a aceitar tais homens, por falta de pastores. Não posso deixar de pensar que sejam tal como o "sal que se tornou insípido" (Mt 5.13). Cristo ainda diz: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 11.15). Tais pastores se tornaram provérbios para zombaria da fé e são passíveis de repreensão. Na verdade, são eles que envergonham o serviço de Cristo, rebaixam a si mesmos, goram e candidatam-se à reprovação.

Objeção 6: Os tempos que Paulo vivia exigiam maior esforço e dedicação. As primeiras Igrejas estavam sendo plantadas, e os inimigos eram muitos e grande era a perseguição. Hoje, as coisas são diferentes. Os métodos são outros.

Resposta: Tal argumento soa como vindo da reclusão de um escritório, de um homem trancado, que desconhece o mundo. Bom Senhor! Não há, lá fora, tanta gente que sequer sabe se Cristo é Deus ou homem, se levou sua natureza humana

para o céu ou se a deixou na terra, o que ele fez para a salvação dos homens ou o que devem fazer para usufruir o perdão dos pecados e a vida eterna? Não estão, lá fora, multidões tomadas de presunção, falsa segurança e sensualidade, as quais, por mais que ouçam falar do púlpito, não sentirão nossa sinceridade nem entenderão nossas palavras? Quantas pessoas há que vivem para agradar a si mesmas, entregues ao mundo, escondidas na embriaguez, nutrindo ódio da piedade e apenas aguardando a morte, as quais jamais entrarão numa Igreja, se não forem buscadas? Quantos ignorantes, néscios e falsos mestres estão aí, à espreita, para seduzir, provocar divisões e ferir a Igreja! Realmente viveríamos, hoje, um tempo tão diferente, menos exigente quanto à instrução e orientação? A fé e a experiência respondem tal objeção: exerçam melhor a fé dentro da Igreja e experimentem olhar para fora, para os que estão vazios - asseguro-lhes que não verão razões para dizer que, hoje, não há necessidade do trabalho pessoal individualizado. Na verdade, não ficarão sem trabalho por falta de convites para instruir e orientar de casa em casa. Que pastor consciencioso não encontraria trabalho suficiente para preencher todos os dias do ano, ainda que tenha apenas cem almas para cuidar? E quanto aos de fora, os ímpios serão menos necessitados?

Objeção 7: Se exigirmos mais tarefas e maior severidade do ministério pastoral, com coisas tais como o contato pessoal com os membros de Igreja e com os de fora, a Igreja ficará sem pastores. Quem haveria de escolher mais carga e sofrimento para si mesmo? Que tipo de pai imporia tamanho fardo a um filho? Os jovens passariam a evitar o chamado para o ministério, devido às durezas envolvidas e para proteger suas consciências de culpa caso não supram as expectativas.

Resposta: **(1)** Não somos nós, mas Cristo quem dá a vocação e a ordenação, quem comissiona e quem formula os métodos chamados, aí, de "exigências muito severas". Calar-se a respeito dos termos do chamado ou apresentar mal a descrição do trabalho não diminui o peso da obra e a gravidade da falta nem nos isenta da culpa de negligência. Aquele que dá a vocação e as ordens sabe por que as estabeleceu, e espera obediência. Deveríamos suspeitar ou questionar a bondade infinita? Haveria maldade nas disposições divinas? Seriam os seus planos sem misericórdia? Certamente não. Tanto o dever dos obreiros quanto os métodos de execução da obra são frutos da misericórdia de Deus. Porventura, seria falta de misericórdia ou rigor da lei tudo o que é exigido do bombeiro ou do médico, em termos de responsabilidade, para debelar incêndios e salvar pessoas? Deus deixaria perecer a alma daquele a quem ama, a fim de poupar os pastores,

quando não poupou seu próprio Filho? Que infelicidade, quando homens cegos e egocêntricos pretendem dirigir o mundo!

(2) Quanto à quantidade e qualidade dos obreiros, o construtor da obra, Cristo, cuida chamar e capacitar. Aquele que impõe o dever tem a plenitude do Espírito e pode e lhes concede poder para cumprir sua vontade. Por acaso, Cristo permitirá que todos os homens sejam tão cruéis, carnais, sem misericórdia e egoístas como aqueles que ousam questionar sua sabedoria e seu amor? Aquele que realizou nossa redenção e carregou nossas transgressões, o fiel e Supremo Pastor da Igreja, não permitirá que sua obra e sofrimento tenham sido em vão. Cristo não virá dos céus para repetir o sacrifício nem parará a obra por causa da falta de instrumentos de trabalho. Ele proverá servos fiéis, discípulos que fazem discípulos, que almejam o pastorado e se regozijem com o trabalho. Homens felizes com o chamado e satisfeitos com as forças recebidas para carregar o peso das tarefas. Pastores que não trocam a pregação do evangelho e a salvação das almas por facilidades e prazeres carnais. Ministros satisfeitos com o chamado para levar o fardo do seu próximo, e contentes de cumprir no seu corpo a medida dos sofrimentos de Cristo. Como Paulo escreveu: "levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo" (2Co 4.10) e: "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. Se mais vos amo, serei menos amado?" (2Co 12.15). E Jeremias também disse: "Levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e elas jamais temerão, nem se espantarão; nem uma delas faltará, diz o SENHOR" (Jr 23.4).

O Senhor estabeleceu o modelo e distribuiu as funções e tarefas tomadas como muito exigentes e severas. Ele fez as leis e deu as promessas para todos os que são chamados para a salvação e que querem ser discípulos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16.24). Se alguém não gosta de seu serviço, que procure um melhor e se ufane do lucro final. Mas não ameace abandonar o trabalho. Certamente Cristo não esconde dos homens os desafios envolvidos a fim de induzidos ao trabalho nem ficará sem discípulos que obedeçam a ele. "Se alguém que vir após mim", disse Jesus. Aquele que edifica a Igreja já apreciou e escolheu o material para a obra e insta com os obreiros que também avaliem sua participação na obra: "As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9.58). Cristo não veio trazer paz e prosperidade terrenas. Antes, veio nos conclamar à perseverança, para que com ele também reinemos (2Tm 2.12); à paciência, para que tenhamos esperança (Rm 15.4); à conquista, para que nos assentemos com ele, no trono de glória (Lc 22.30). Tudo isso ele realizará com seus escolhidos. Se alguém chegar, em relação a Cristo, à mesma situação dos israelitas que disseram a Davi: "Não fazemos parte de Davi, nem temos herança

no filho de Jessé; cada um para as suas tendas, ó Israel" (2Sm 20.1), esse descobrirá quão terrível é o zelo do Senhor quanto à sua própria casa. Cristo vela pela própria casa - e pelos que são seus com suas casas - de uma maneira que ninguém mais consegue. Diga-lhe: "Cada um à sua casa" e, no dia do Senhor, diga-me qual foi o melhor negócio. Porventura, Cristo precisa mais das pessoas do que as pessoas precisam de Cristo?

Quanto às questões de consciência, medo do fracasso, permita-se tecer alguns comentários. Primeiro, Cristo disciplina, mas não reprova nossas imperfeições involuntárias, as quais estão sendo removidas por meio da lavagem de água pela Palavra. O que ele julga é a infidelidade, o ócio, a negligência e a ação voluntariosa. Segundo, em nada ajudará fugirmos da obra, fingindo escrúpulos ou alegando incapacidade para o trabalho. Deus poderá abandonar o falso profeta, ou perseguir e vencer ao profeta desobediente, como fez com Jonas, o qual, em meio à tempestade, foi lançado "no ventre do inferno". Alegar falta de capacidade para ser fiel, a fim de furtar-se ao cumprimento do dever, é justificativa fraca, pois o poder vem de Deus. Se parássemos para pensar sobre a diferença entre coisas temporais e eternas, sobre perdas e ganhos, e sobre fé e obras; se possuíssemos a fé descrita como "certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem" (Hb 11.1); se vivêssemos pela fé e não pelos sentidos, não haveria questões não-revolvidas. Todas as objeções, todos os apelos de carne e sangue, parecer-nos-iam raciocínios infantis ou estultos.

Objeção 8: Qual é o propósito de tudo isso, quando a maioria do povo não se submete? As pessoas não nos procuram para ser instruídas e orientadas, alegam falta de tempo, trabalho, idade, etc. Não seria melhor pregar e permitir que os que desejam, venham, ouçam e cresçam?

Resposta: **(1)** Sem dúvida, há muita gente má e obstinada. Como está escrito: "Até quando, ó néscios, amareis a necedade? E vós, escarnecedores, desejareis o escárnio? E vós, loucos, aborrecereis o conhecimento?".[113] Entretanto, por pior que sejam, tais casos são infelizes e merecedores de piedade. Deveríamos fazer de tudo para salvar alguns deles da estultícia e da ignorância ou demonstrar-lhes a loucura.

(2) Oxalá tanta obstinação e desprezo da verdade não fossem culpa dos pastores. Se vissem nossa boa vontade e obediência, nossa pregação e nossa vida fossem coerentes e convincentes, os homens teriam a luz do mundo diante deles e não

Provérbios 1.22. *Necedade é* o que é próprio do néscio, tolo [N. do E.].

errariam o caminho. Se, a todo custo, fizéssemos o bem, se fôssemos mansos e humildes, amáveis e caridosos, eles provariam o gosto do sal da terra e desprezariam o gosto pelo mundo. Desta maneira, seríamos sinceros e efetivos no trabalho, e calaríamos a boca de muitos rebeldes. Ainda que os renitentes continuassem na sua impiedade, seriam em menor número e mais tratáveis. Alguém poderia objetar dizendo que muitos dos mais piedosos pastores têm, em suas Igrejas, membros intratáveis, cáusticos e escarnecedores. Certamente pastores bons continuarão a se preocupar com ovelhas teimosas ou desgarradas e com a ameaça de lobos. Mas muitos ministros que parecem piedosos são altivos, alheios, carnais, insensíveis, tardios, os quais visam o salário mais do que o trabalho. Alguns deles, ainda que pareçam excelir no ministério público, deixam de colher os mais excelentes frutos do trabalho porque não se dão a conhecer nem conhecem os membros da Igreja. 0 que fazem e o que não fazem em particular servem-lhes de impedimento à totalidade do trabalho. Onde a pregação feita por meio das palavras e da vida é desimpedida, a verdade em amor, a prontidão e a obediência da maioria da Igreja, segundo o exemplo pastoral, vencem a obstinação e a maldade.

(3) A voluntariedade do povo para a estultícia e para o engano não nos isenta do cumprimento do dever. Se não oferecermos ajuda a cada um dos que nos foram confiados, como saberemos quem a rejeita? Nosso dever é o de oferecer; o deles, de aceitar. Se não oferecermos ajuda pessoal, ainda terão uma desculpa para a desobediência, pois alegarão que não a teriam recusado, e nos tornariam indesculpáveis. Se nós os levarmos a aceitar ou recusar a aproximação da verdade em amor, teremos sido obedientes e desobrigados da responsabilidade por suas almas.

(4) Muitos poderão recusar nossa ajuda, mas outros a aceitarão. O que for feito com aqueles que aceitarem a instrução e a orientação na Palavra produzirá frutos em maior quantidade e qualidade do que somam os danos que os obstinados causam à colheita. Os frutos obtidos com o trabalho pessoal recompensarão o esforço feito e superarão as aparentes perdas. O fato de nem todos serem transformados por intermédio da pregação pública não coíbe a nossa pregação nem anula a sua efetividade. Como o descaso e a obstinação de alguns anulariam a pregação pessoal c individualizada?

Objeção 9: Que maior probabilidade há de que os homens se convertam por meio da instrução e orientação em particular do que por meio da pregação pública, uma vez que a disposição da Palavra é: "a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17)?

Resposta: (1) Já lhes demonstrei as vantagens deste curso de ação, não havendo necessidade de repetição. Enfatizo apenas que a aproximação pessoal individu-

alizada não é um meio excludente da pregação pública; mas, antes, um meio auxiliar, complementar, que exemplifica e modela a pregação na prática de vida. Além disso, como comunicar a Palavra sem conhecer o receptor da mensagem? Uma hora com um pecador ignorante ou obstinado lhes fornecerá informação sobre necessidades e problemas, desentendimento e descaso, suficiente para orientar o estudo bíblico e a elaborações de muitos sermões.

(2) Não podemos ser estultos, enganados ou enganadores, achando que a instrução e orientação pessoal não configurem a pregação da Palavra. O número de pessoas *a quem* falamos é que caracteriza a pregação? Não conta o número de pessoas *com quem* falamos? A pregação pessoal poderá alcançar uma ou mil pessoas, dependendo da sua diligência. Como já nos referimos, um exame do Novo Testamento mostrará que a maioria dos relatos sobre pregações consiste de conversas e interlocuções envolvendo duas, três - ou pouco mais - pessoas, conforme a oportunidade. Cristo mesmo, geralmente, pregava para pequenos grupos e em conversas particulares.

Duas coisas devem ser ressaltadas: temos de considerar o modelo bíblico de ensino e aprendizado, como Paulo diz: "E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros" (2Tm 2.2); e temos de avaliar o aprendizado dos indivíduos que compõem o nosso povo, quanto à prática do conhecimento (Tg 1.21-27).

Conclusão: nem as Escrituras nem o bom senso condenam o trabalho do ministério pastoral individualizado. Ao contrário, aprovam-no. Deus mesmo ordena e provê os recursos para a obra.

Portanto, nem as Escrituras questionam a validade do tipo de trabalho proposto nem o bom senso contraria o valor da sua realização. O mundo, a carne e o diabo tentam impedir a obra de todas as maneiras, pois a reconhecem válidas e valiosas. Deus é quem ordena e quem provê forças e recursos. Se olharmos para Deus em primeiro lugar, contra todas as tentações, considerarmos a esperança da nossa vocação e para a recompensa bendita, não termos razões para recuar ou se abater.

Grande lição está posta diante de nós! E deveríamos aprender nosso dever, ainda que seja mal entendido por muitos. Considere o padrão de Paulo, alistado abaixo. Suas palavras têm impressionado minha consciência, convencendo-me da minha falha e do meu dever. Não creio que tenhamos exaurido o tema, o qual mereceria doze meses de estudo ou toda uma vida, mas o apóstolo o resumiu bem. Irmãos, copiem com grandes letras e afixem esta lista na porta do escritório, para que esteja sempre diante dos olhos. Se pudéssemos aprender duas ou três linhas disso, da maneira como convém, que grandes pregadores seríamos!

- Em todo o trabalho – servir ao Senhor com humildade e com lágrimas (2Co 2.4).
- No ministério – atender por si mesmo e por todo o rebanho (At 20.28).
- Na doutrina – ter o coração arrependido para com Deus e fé no Senhor Jesus Cristo (At 20.21).
- Quanto ao lugar e modo do ensino – pregar publicamente e ensinar de casa em casa (At 20.20).
- Quanto aos afetos, à diligência e à sinceridade – advertir às pessoas, incessantemente, com lágrimas, sobre a salvação e a preservação das almas (At 2.18).
- Quanto à fidelidade – jamais deixar de anunciar todo o desígnio de Deus (At 20.27).
- Sobre a autonegação – não pensar primeiro no próprio interesse, não almejar ganhos pessoais, não cobiçar nem invejar o bem alheio, trabalhar para sustento próprio e exercício da generosidade (At 20.33-35).
- Quanto à paciência e à perseverança – considerar a vida preciosa não para si mesmo, mas para completar a carreira, cumprindo o ministério recebido do Senhor, de testemunhar o evangelho da graça de Deus (At 20.24).
- Quanto às orações – confiar os irmãos ao Senhor e à Palavra de sua graça, não a si mesmo, outras pessoas ou novidades, pois só ele tem poder para edificar e assegurar a participação na herança (At 20.32).
- Quanto à pureza de consciência – assegurar-se de estar limpo da responsabilidade quanto ao sangue dos homens (At 20.26).

Escrevam estas coisas no coração para serem abençoados, pastores e Igrejas. O aprendizado, da maneira como convém, valerá mais do que vinte anos de estudo ou tempo de ministério, e impedirá que sejam apenas "bronze que soa e címbaloque retine"(lCo 13.1).

A grande vantagem de ter o coração sinceramente reformado é que, para tal pessoa, a glória de Deus e a salvação das almas para "o louvor da glória de sua graça" configuram um único *propósito.* Onde tal propósito for realmente intencionado, nenhum outro propósito dominará, nenhum trabalho ou sofrimento poderá impedir ou desviar a obra. Se propósito do homem estiver assentado no

conhecimento de Deus e no amor a Deus e ao próximo, em obediente atuação, o Pai certamente satisfará o desejo do seu coração. Jesus prometeu: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt6.33).

Por isso, Paulo diz: "sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!" (ICo 9.16). Tal disposição efetivamente tornará fácil nosso trabalho, fazendo leves os fardos e toleráveis os sofrimentos. Enfrentaremos a carne e o mundo e o diabo, a fim de glorificar a Deus na vida de outros por meio da pregação do evangelho.

Irmãos, não é preciso gastar palavras para tentar convencer comerciantes hábeis a respeito do valor e das possibilidades de tão grande negócio; nem para tentar convencer mestres sábios sobre verdades tão evidentes. Creio que o que temos visto é mais do que o necessário para incentivados ao trabalho pessoal e personalizado, na obra do senhor.

Assim, vejamos, na parte seguinte, algumas direções para o desempenho do ministério pessoal.

C. Orientações para o desenvolvimento do ministério pessoal

O despertamento ministerial que vemos vir à luz é promissor e daria pena vedo destruído no berço, por nossas próprias mãos. Certamente, a obra da transformação de um coração carnal vai além de nossas forças e não será efetiva sem a atuação do Espírito Santo. Contudo, comumente, Deus opera por meios humanos, e abençoa os esforços de seus servos. Assim sendo, não duvidem que grandes coisas poderão ser realizadas e que o tipo de trabalho que propomos poderá desferir tremendo golpe contra o reino das trevas - se não for frustrado pelos próprios pastores. Aprincipal ameaça vem da falta de diligência ou de habilidade. Tenho me referido muito à primeira. Quanto à segunda, sou consciente de minha própria incapacidade e não me imagino apto senão para instruir os mais jovens e menos experientes no ministério. Espero que interpretem minhas palavras sob essa perspectiva e tomem-nas como sendo dirigidas àqueles que necessitam delas. Não posso me calar, pois é grande o número, em nosso país, de alunos aspirantes ao ministério e de pastores mal preparados, que chego a temer pelo bem-estar da Igreja e da nação. Como poderão resistir à falta de capacitação, isto é, sem boa pregação, instrução e orientação?

Há dois pontos sobre os quais precisamos prestar muita atenção, para sermos bem-sucedidos.

1. Teremos de convencer nosso povo de que o plano é válido e valioso e de que valerá a pena se submeter à instrução e à orientação particular. Como as pessoas receberiam se não estivessem convencidas a respeito de nossas intenções?

2. Teremos de atuar de uma maneira que exemplifique e modele os ensinamentos, a fim de que as bases e os objetivos do sucesso fiquem patentes a todos.

1. O convencimento do povo

Primeiro, as instruções sobre como convencer o povo e levado a desejar a participação em um programa de instrução na Palavra de Deus e orientação na vida cristã.

Baxter menciona os seguintes pontos para convencer o povo a envolver-se com o ministério da instrução particular:

a. O caráter do pastor - ele deve ser o modelo de vida para as pessoas;
b. Demonstrar o alto valor deste ministério, aplicando-o em seu próprio benefício;
c. O pastor deve demonstrar preparo, cuidado e dedicação ao ministério, a fim de que ganhar a credibilidade das pessoas;
d. O tratamento para com as pessoas deve ser com gentileza, cordialidade e consideração;
e. O pastor deve buscar as pessoas mais dispostas, que se demonstram fiéis e idôneas.

a. O caráter do pastor deve gerar a confiança nas pessoas e ser o seu modelo de vida.

O exemplo e o modelo de vida do pastor são as maneiras mais efetivas de convencer e ganhar o coração das pessoas. O pastor, deverá, na vida comum e no ministério, demonstrar capacidade, sinceridade e amor. Tomando-o por ignorante, as pessoas desprezarão seu ensino, pois se considerarão mais sábios do que ele; se o acharem egoísta ou hipócrita, que não vive segundo o que prega, suspeitarão de seus motivos e se negarão a confiar na orientação proposta. Se, porém, estiverem convencidos de que ele entende daquilo que faz e perceberem sua capacidade de atuação, as pessoas respeitarão o pastor, serão receptivas à sua pregação e aconselhamento. Quando estiverem convencidas acerca do caráter cristão de seu pastor, não mais suspeitarão de suas intenções nem dos seus atos. Saberão que ele não visa os próprios

interesses, mas os interesses de Cristo e o benefício da Igreja. Somente um caráter submisso a Deus poderá convencer outros à mesma submissão.

Dado que aqueles a quem eu escrevo são os que reconhecem as próprias necessidades e sabem que precisam de capacitação, eu lhes digo: preparem-se melhor. O que nos falta em termos de habilidade nós ganharemos em qualificação, exercitando nossos dons e observando o trabalho de obreiros aprovados.

Se os pastores tivessem tanto interesse no seu povo quanto se esforçam para promover a si mesmos, se quisessem tanto obter o afeto e a adesão do seu povo quanto se limitam em seus próprios afetos, se fossem mais condescendentes, amáveis, afetuosos e amigáveis, prudentes na postura e na atitude, se abundassem em boas obras - certamente poderiam provocar e receber reações positivas de parte do seu povo. Não deveríamos ter interesse nas pessoas, motivados pelo interesse que viessem a ter em nós. Antes deveríamos promover o interesse de Cristo, de desenvolver e proclamar a salvação do povo. Não fosse por Cristo e sua obra, não seria significante se nos amassem ou odiassem; entretanto, em Cristo, a comunhão é importante. E quem liderará bem um exército que odeia o próprio comandante? Como sequer pensar que as pessoas atenderão aos conselhos daqueles a quem não amam e desprezam? Esforcem-se, portanto, para obter um interesse adequado na estima e no afeto do seu povo, e você terá melhor chance de que ele o atenda.

Alguém poderá perguntar: "O que um pastor deve fazer, se perdeu o afeto de seu povo?", ou: "O que fazer, se for um povo tão vil que odeie seus pastores apenas por desejarem cumprir seu dever e papel?". A resposta será: o pastor deverá perseverar, com assertividade e bondade, "disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade" (2Tm 2.25,26). Entretanto, se o desagrado da Igreja se dever a fraquezas do pastor, a diferença menores de opinião, o pastor deverá, primeiro, procurar sanar os problemas e remover o preconceito por todos os meios legítimos. Caso não consiga, poderá dizer: "Não trabalho para mim mesmo nem em meu próprio favor, mas para Cristo, em benefício da Igreja. Assim, uma vez que os irmãos não querem, por minha causa, obedecer à Palavra, permitamos que outro pastor lhe promova o bem". Deixará que experimentem outro líder para ver se os agrada. Quanto a tal pastor, poderá buscar outra congregação fiel e idônea para receber e passar a instrução e a orientação. Um homem sábio não suportará permanecer numa Igreja contra a vontade dos seus membros ou liderança. Da mesma forma, um homem sincero não conseguirá, em benefício próprio, permanecer num lugar onde seu trabalho não terá proveito, impedindo o bem que outro poderia realizar. Por mais estima e vantagens que tenha, pensará no interesse de Cristo.

b.A legitimidade e o valor da instrução pessoal devem ser provados biblicamente.

Observações sobre o suprimento para a necessidade de alimento espiritual:

(1) As lições para os homens consistem nos oráculos (ensinos sábios, doutos) de Deus:

(a) Os pastores-mestre deveriam ser lições vivas para a instrução dos homens.

(b) Os pastores deveriam instruir, e o povo aprender deles.

(2) Princípios fundamentais dos oráculos de Deus (oráculos: vontade de Deus):

(a) Os oráculos de Deus possuem princípios fundamentais para o crescimento na salvação, os quais todos os salvos teriam de conhecer.

(b) Tais princípios deveriam ser primeiramente aprendidos para, depois, serem praticados – esta é a ordem adequada.

(3) O aprendizado e o crescimento para a salvação:

(a) É de esperar que os salvos desenvolvam conhecimento por meio da instrução na Palavra e o apliquem segundo a orientação dos pastores. A ausência de crescimento configura grave pecado.

(b) As pessoas que tiverem vivido muito tempo na Igreja sem usufruir a instrução da Palavra e da orientação dos pastores, sendo ignorantes dos princípios rudimentares da fé, precisam de novo ensinamento, teórico-prático, por mais velhas que sejam.

Tudo isso está claro no texto e serve para convencer as pessoas a andar no caminho para o céu de maneira digna da vocação de Cristo. Sem conhecer o caminho e saber como andar nele, como poderá progredir? Estreito é o caminho e cheio de dificuldades, tropeços à frente, inimigos à espreita e negócios do Pai a serem realizados - coisas que não poderão ser enfrentadas sem as capacidades e habilidades necessárias. O homem não poderá aprender se não houver instrução e não será instruído se não tiver um coração aprendiz. Assim, o pastor terá de convencer as pessoas da incongruência dos termos. Ser cristão e recusar-se a aprender são expressões contraditórias, pois um cristão é sempre *discípulo* de Cristo. Como ser discípulo de Cristo, recusando seu ensino? Aquele que se recusa a ser ensinado por seus pastores recusa ser ensinado por quem o enviou, pois ele designou seus ministros para guardar discípulos e ensiná-los sob sua autoridade. Dizer, portanto, que não aceita a instrução pastoral é recusar o ensino de Cristo e isso difere o discípulo daquele que é pedra de tropeço de imaturidade e inimigo do conhecimento.

O pastor deverá ajudar tais pessoas a entender que o ensino e o aprendizado não são questões de arbitrariedade pastoral nem de opção pessoal do membro da Igreja. Terá de lhes mostrar que foi Deus, e não nós, quem inventou e impôs a necessidade do conhecimento; que, se nos acusarem, estarão culpando a Deus. Terá de esclarecê-los plenamente sobre a natureza espiritual do ofício pastoral e a necessidade que a Igreja tem dos ministros, quais são as funções ministeriais e em que consistem a instrução e a orientação de todo o rebanho. Deverá lhes explicar como deveriam vir à congregação para aprender a verdadeira adoração, tal como alunos para a escola, dispostos a prestar contas daquilo que aprenderam. Como deveriam, também, ser orientados pessoalmente, pois a instrução tem de ser processada pela comunhão, a fim de ser completamente aprendida. Deverão saber a respeito da influência da atuação pastoral no desenvolvimento da salvação dos membros da Igreja. Sabedores do benefício próprio, serão mais facilmente

convencidos, e, uma vez convencidos, remirão o tempo e abandonarão a vaidade, considerando o benefício de Cristo.

c. Deve haver preparo sério do pastor, tanto do conteúdo a ser ensinado quanto da metodologia a ser empregada.

(1) Para o bom andamento do pro j eto de instrução e orientação personalizada, é necessário que cada família envolvida do programa receba um catecismo. De posse das cópias, elas se sentirão comprometidas com o projeto e motivadas ao estudo. O pastor poderá avisar à congregação que os exemplares serão entregues nas casas, e aproveitar a oportunidade para apresentar os objetivos e o plano de estudos. Segundo minha experiência, a melhor maneira de assegurar que todos tenham acesso a um exemplar, sem constranger os mais pobres, será oferecê-los gratuitamente. Na distribuição de outros livros, que faço regularmente, preferiria que as pessoas os solicitassem e se responsabilizassem pelos custos, mas encontrei muita incerteza e confusão e, por isso, resolvi proceder de outra maneira. Talvez seja um método adequado para pequenas congregações. Os catecismos poderão ser custeados pela Igreja, por meio de ofertas do próprio pastor e de pessoas de melhor condição financeira.

(2) Em relação ao procedimento, o pastor terá de preparar não apenas o material a ser ministrado, mas fazer o arrolamento de cada família e com os indivíduos de cada casa. Será bom que haja uma tomada de informação sobre quem é quem, idade, capacidade de discernimento, etc. A medida que realizar as visitas, haverá oportunidade para o estabelecimento de como a instrução deverá ser processada e quais as áreas da vida que necessitam de maior ênfase de aplicação. Dê um prazo de um a seis meses para que as famílias se habituem com o catecismo. Peça-lhes que façam a leitura durante o período do culto doméstico; pois, desta maneira, os mais tímidos estarão prontos para participar dos encontros.

d. O pastor deve tratar as pessoas com gentileza e consideração, afastando os motivos e desinteresse e desânimo.

(1) Informe, publicamente, que seu interesse é que conheçam a Bíblia e seus princípios para fé e prática, para cu\o fim oualauer dos catecismos ortodoxos é adeguado. A razãopara o uso do catecismo é o íato de ele serbreve e compitio. Se alguém preferir decorar outro catecismo, deixe que escolha. Diga que, se alguém

já aprendeu o catecismo e sabe aplicar a Palavra de Deus à própria vida, não instará com ela para ler de novo, a menos que o desejem.

(2) Quanto às pessoas idosas, se tiverem a visão prejudicada, se reclamarem de lapsos de memória verbal, diga-lhes que ouçam atentamente a leitura feita e se preocupem apenas com o entendimento do conteúdo da matéria lida, guardando-as no coração ainda que não se lembrem das palavras exatas.

(3) Seja amável, convincente e cativante no trato com as pessoas, para modelar a beleza da fé e para que o relato do seu exemplo encoraje outros à participação.

e. Decida trabalhar com pessoas fiéis e idôneas.

Finalmente, resolva trabalhar com as pessoas mais dispostas, que demonstrarem fidelidade e idoneidade. Se, depois de todas as tentativas de aproximação, algumas pessoas ainda não quiserem se submeter à instrução e à orientação personalizada, atenda seu desejo. Antes de colocadas fora do projeto, porém, converse com elas, procurando conhecer suas razões e motivos, advertindo-as do perigo e pecado de negligenciar a ajuda oferecida. Uma única alma é preciosa, e não podemos perdê-la porfalta de trabalho. Antes, teremos de buscá-la enquanto há esperança e não desistir até que não haja mais remédio. O amor "tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

A, próxima consideração de Baxter é sobre como proceder no trato com as pessoas envolvidas no projeto.

2. **A aplicação da instrução e orientação personalizadas**

Mais uma vez, tenho de admitir que é muito mais fácil elaborar e pregar **um bom sermão do** que **tratar** adequadamente com a pessoa ignorante, para sua instrução nos princípios essenciais da religião. Ainda que alguns pastores não tenham interesse nem apoiem o tipo de trabalho que proponho, não tenho dúvidas de que a instrução e a orientação pessoal põem a prova os dons e o espírito pastorais, e promovem o discernimento entre os homens, de maneira mais efetiva do que somente a pregação. Eis aqui as palavras de um homem sábio, ortodoxo e piedoso, o Arcebispo Ussher,[114] em seu sermão sobre Efésios 4.13, proferido perante o rei James I em Wanstead:

[114] Sermão pregado em junho de 1624, quando Ussher era Bispo de Meath. Ele se tornou arcebispo de Armagh em 1625. James I deu ordens para a publicação desse sermão.

O cuidado de Vossa Majestade, ordenando que os principais temas do catecismo sejam, no ministério comum, propostos com diligência e explicados a todo o povo, e em toda a terra, jamais poderá receber louvor suficiente. Eu desejaria que ele fosse cumprido em todos os lugares, tal como foi piedosamente intencionado por vossa Majestade.

E possível que alguns grandes estudiosos julguem que não combinaria bem com seu *status*, rebaixarem-se para despender tempo, ensinando os rudimentos e princípios da doutrina de Cristo. Entretanto, estes deveriam considerar que habilidade e sabedoria no lançamento dos alicerces é questão de máxima importância para todo o edifício. "Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor" (ICo 3.10), disse o grande apóstolo. Que os mais entendidos entre nós procurem, sempre, estabelecer prudentemente os fundamentos. Isto é, aplicar o ensino à capacidade dos ouvintes comuns e fazer com que até mesmo o ignorante entenda alguma medida dos mistérios divinos a nós revelados. Certamente, teremos mais trabalho do que se nos limitássemos a discutir controvérsias ou tratar de pontos sutis do entendimento, nas escolas. Sobretudo, Cristo concedeu apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestre, para conduzir a todos, sábios e iletrados, à unidade da fé e do conhecimento. *Negligenciar os dons de Cristo à Igreja é frustrar todo o ministério pastoral.* Os sermões públicos serão deficientes, se nossas palavras não foram construídas sobre um conhecimento básico, isto é, sobre os fundamentos dos ensinos de princípios bíblicos aplicados à vida do indivíduo.

A partir desse ponto, Baxter se propõe a orientar os pastores na forma de como proceder na aplicação da instrução e orientação personalizadas, subdividindo em três aspectos bastante práticos:

a. A condução da reunião;

b. Otrabalho individual;

c. O encerramento da reunião.

a. A condução da reunião: seis aspectos que devem ser observados.

Promovam reuniões com as famílias, agrupando-as por área geográfica ou por preferência. Marquem, com cada agrupamento, quantas reuniões forem necessárias para dar os passos iniciais do plano.

(1) Quando reunidos com diferentes grupos de famílias, façam uma breve introdução, para abrir caminho às mentes e retirar o peso da alma, para vencer indisposição

ou desânimo e preparar o coração para receber as instruções. Poderão dizer algo como:

> Meus irmãos e amigos, talvez lhes pareça penosa a tarefa que lhes proponho, mas espero que não a julguem desnecessária. Não cresse em sua importância, cu teria poupado a todos, e a mim mesmo, de tal empenho. Entretanto, Deus, cm sua Palavra e à minha consciência, atestam, solenemente, o alto significado do cuidado das almas c das responsabilidades envolvidas. Não poderei alegar falta de conhecimento do mandamento e da disciplina, caso negligencie na transmissão de bênçãos paraa sua vida. Todos osnossoseinpreendimentos neste miindodcveriam ter um único propósito: preparar-nos para a glória no céu. Deus designou pastores para serern guias do povo, para instruiré orientaros crentes no caminho. () Senhor sabe quão breve é o tempo em que passaremos juntos. Portanto c importante e necessário que tiremos o máximo desta oportunidade, c aprendamos juntos a, cm todas as coisas, desenvolver nossa salvação com temor e tremor. Iodas as coisas do mundo cedem valor às bênçãos de Deus que nos desarraigam das paixões do mundocpromovem nossocrescimentoatéaestaturadcCristo. Nossa vocaçãonão consiste dc conseguir a segurança de uma casa própria, c enquanto tantas almas permanecem inseguras quando à morte c o juízo. Meu desejo, portanto, espero que recebam com alegria a ajuda oferecida. Não se enfadem com o trabalho, pois grandes conquista requerem grandes esforços.

Palavras que evidenciem o poder do conhecimento verdadeiro, isto é, a integração de teoria e prática, disporão as pessoas para atentar ao ensino e orientação na Palavra.

(2)[115] Dêem seqüência ao trabalho, considerando o que as pessoas já sabem sobre a Bíblia e as explicações do catecismo. Caso as pessoas não consigam responder ou o façam parcialmente, tentem ver se conseguem ensaiar declarações mais conhecidas, tais como a oração dominical, o credo ou o decálogo. Depois, escolham alguns dos pontos mais difíceis da pergunta ou declaração em pauta e procurem verificar, com mais perguntas, o entendimento do grupo. Neste passo, tenham cuidado com o seguinte:

- Não iniciem com os pontos mais obscuros, mas com os que eles mesmos percebem mais evidentes. Por exemplo, em diferentes ocasiões e assuntos: o que você acha que acontece com os homens quando morrem? O que vai nos

[115] O período (2), do texto original, foi transposto para o item 2 (O trabalho individual), à frente, a fim de ordenar e dar fluidez ao pensamento [N. doE.].

acontecer, no fim do mundo? Você crê que é pecador porque comete pecados ou porque nasceu em pecado? Qual é a penalidade do pecado? Qual foi a solução de Deus para o pecado? Quem sofreu pelos pecados, em nosso lugar? Temos de fazer algum outro pagamento? A quem Deus perdoa e quem será salvo pelo sangue de Jesus Cristo? Que transformações ocorrem no interior da pessoa salva? Como é efetuada tal transformação? Em que consiste nossa maior alegria? O que nossos corações mais desejam? Tais como essas, há inúmeras perguntas simples, importantes e pertinentes.

(3) Evitem fazer perguntas desnecessárias, dúbias ou muito difíceis, ainda que, em si mesmas, sejam de grande valor. Algumas pessoas propensas a questiúnculas e divagações costumam se apegar a temas que elas mesmas desconhecem, censurando a quem não as pode explanar, como se a vida e a morte dependessem da sua elucidação.

Poderá ser que recebam uma resposta defeituosa a uma pergunta, tal como: "Quem é Deus?". Será mais fácil dizer o que ele não é do que o que ele é. Quanto tempo demorará para obter resposta satisfatória, se perguntarem a pastores: o que é arrependimento? O que é a fé? O que é o perdão dos pecados? Ou acham que não haveria discordância entre eles, em qualquer destes pontos? Assim também: o que é regeneração? O que é santificação? Poderá ser que algum de nós pondere: como poderão ser cristãos verdadeiramente salvos, se sequer sabem o que são o arrependimento, a fé, regeneração, santificação, conversão e justificação? Minha resposta é pronta: uma coisa é saber exatamente o que são essas coisas e, outra, conhecer sua natureza e efeitos, ainda que com um conhecimento geral e indistinto. Uma coisa é *saber,* outra é *dizer.* Os próprios termos são usados como palavras de contato, isto é, sem definição de significado; sabem apenas que se arrependem, crêem, e são perdoados, sem conhecerem o sentido teológico. Poderão adiantar, sim, o truísmo: "Arrependimento é se arrepender; ser perdoado é ser perdoado".

Não digo que tal tipo de pergunta jamais poderia ser usado; digo, sim, que o façam com cautela. Especialmente perguntas sobre a pessoa de Deus. Cuidem que sejam bem formuladas, a fim de não confundir os ignorantes.

(4) Elaborem suas perguntas de modo que todos entendam o que é esperado deles, isto é, não uma definição precisa, mas um conceito funcional. As palavras têm importância em referência aos fatos. Até mesmo, simples *sim* ou *não* ou uma escolha entre descrições, poderá ser suficiente. Por exemplo: "O que é Deus? É carne e sangue, como nós, ou é um Espírito invisível? Ele é ou não é homem? Ele teve começo? Ele pode morrer? O que é a fé? É crer em toda a Palavra de Deus? O que significa crer em Cristo? É o mesmo que se tornar cristão ou é crer que Cristo é o Salvador dos pecadores, confiar nele como o Salvador que perdoa,

santifica, governa e glorifica? O que é arrependimento: é remorso pelo pecado ou mudança de mente do pecado para Deus e abandono do pecado? ou inclui as duas coisas?".

(5) Percebendo falta de entendimento, o pastor deveria reformular a pergunta em termos expositivos. Caso a dificuldade permaneça, faça a pergunta de maneira que possa receber um *sim* ou *não,* em resposta. Muitas vezes tenho perguntado a pessoas iletradas: "Como você acha que seus pecados, sendo muitos e tão grandes, podem ser perdoados?". Elas respondem: "Arrependendo-me e corrigindo o curso da vida" - sem mencionar Jesus Cristo. Então, pergunto: "Mas você acha que poderá corrigir o pecado passado?". A resposta ainda é deficiente: "Espero que sim, se não, não sei como será". Seria o caso de pensar que tais pessoas não têm nenhum conhecimento de Cristo, pois não o mencionam, a despeito de freqüentarem a Igreja a cada domingo e me ouvirem contar a história de Cristo, sua obra e seu sofrimento. Algumas pessoas realmente não conhecem Cristo. Contudo, percebo que outras dão esse tipo de resposta porque não entenderam a pergunta. Suponhamos que eu considere a morte de Cristo fato sabido e entendido, e simplesmente pergunte: "Anossa participação em Cristo opera a satisfação de Deus?". Ê possível que não entendam. Entretanto, se pergunto se suas boas obras merecerão alguma coisa de Deus, respondem que não, mas que esperam que Deus os aceite em Cristo. Se lhes pergunto mais: "Você poderia ser salvo sem a morte de Cristo?" - respondem que não. Se continuo perguntando sobre o que Cristo fez por nós, ouço-os dizer: "Ele morreu por nós" ou "Derramou seu sangue por nós" - e professam sua confiança no Senhor Jesus para realizar a sua salvação.

Algumas pessoas se julgam imaturas e permanecem inibidas; às vezes, por mera falta de costume com conversas dessa natureza, não sabem se expressar, ainda que tenham algum conhecimento dos conceitos tratados. Tais pessoas, se tiverem um coração aprendiz, poderão desenvolver as habilidades necessárias para o diálogo ou para a exposição das coisas profundas de Deus. Outras vezes, pessoas, até mesmo piedosas, demonstram dificuldades de aprendizado e não conseguem se expressar de maneira adequada. Tenho encontrado, entre cristãos mais velhos, experientes e aprovados na Palavra, alguns que se queixam, com lágrimas, de não terem facilidade para aprender o catecismo nem para repetir seus conceitos. Quando considero as vantagens que tiveram - em tanto tempo de exposição à pregação, à comunhão e à instrução pessoal - entendo que não devo esperar mais das pessoas simples, sem instrução e inexperientes.

(6) Não sejam muito severos diante da confusão e da inabilidade que algumas pessoas demonstrarão para responder perguntas. Longos silêncios ou emissão de pergunta após pergunta evidenciarão sua exasperação e darão a impressão

que procuram envergonhá-los. Quando perceberem que alguém tem dificuldade de entendimento ou de expressão, respondam à pergunta e explanem sobre a matéria. Nem sempre as dificuldades residem nos discípulos, mas poderá ser que esteja no mestre. Talvez seja preciso rever a matéria desde o início e em ordem, até chegar ao ponto em questão.

b. O trabalho individual: cada indivíduo deve ser chamado. E um ministério de aconselhamento pessoal.

Nessa mesma reunião, depois de haver conversado com o grupo, inicie seu programa de atenção pessoal. Chame cada indivíduo, em particular, para aconselhamento, considerando a vida da pessoa à luz da Palavra. Entre as razões para tais conversas particulares, coloco as seguintes:

a) para não ser ouvido pelo grupo: há pecados que não devem ser comentados em aberto, e algumas pessoas não conseguem falar livremente ou têm vergonha de responder a certas questões na presença de outras;
b) para não provocar conflitos na interação pessoal: algumas pessoas terão mais facilidade para formular respostas e discutir pensamentos, gerando ciúme ou desânimo nas demais;
c) pessoas não afeitas ao aprendizado poderão alegar receio de zombaria ou desprezo por suas palavras, para abandonar a instrução;
d) a experiência me diz que as pessoas suportam mais a confrontação com o pecado,adoreo dever, quando em particular, e que melhoram a comunhão depois de tratado suas consciências e seus problemas. Aconversa particular evita tais inconveniências.

Para conduzir tais entrevistas, há necessidade de algumas providências e prevenções. Se possível, reserve um cômodo da casa para o aconselhamento; o grupo poderá permanecer na sala, lendo um texto bíblico ou de devoção, ou orando. As conversas deverão ser mantidas entre o pastor e a pessoa em questão, admitindo-se a presença somente de pessoas mais íntimas e envolvidas no assunto tratado, sempre em voz baixa, para impedir falha de interpretação e de julgamento da parte do grupo. A fim de evitar escândalo, as conversas com mulheres deverão ser conduzidas na presença de outra pessoa que seja madura e confiável; será melhor assim, ainda que percamos alguma vantagem, do que dar ocasião aos que desejam destruir a obra. Cuidem de tratar das questões mais delicadas com cuidado, assegurando que haja base para repreensão da maldade, da renitência e da ignorância,

sem alusão a casos específicos, para advertir a uns e despertar outros. Lembrem-se de que essas pequenas coisas merecem atenção e que pequenos erros poderão ser grandes impedimentos.

Assegurem-se de que cada pessoa tenha um conhecimento substancial suficiente dos fundamentos da doutrina bíblica, para que sua instrução seja adequada à sua capacidade, dons e talentos.

(1) No caso de um professor, por exemplo, este deverá aprender mais algumas das profundidades do evangelho, ter possíveis dúvidas dirimidas, ser treinado nos princípios básicos do ensino cristão e ser confrontado com a Palavra, de maneira a aplicar a si mesmo aquilo que deverá ensinar, a fim de ser modelo para seus alunos.

(2) No caso de uma pessoa iletrada, forneçam-lhe resumos simples dos princípios bíblicos orientadores da vida cristã - pois, ainda que esteja tudo escrito no catecismo, palavras familiares ajudam a entender aplicar melhor os conceitos - e treinem-na para o testemunho pessoal sobre a obra de Cristo, o crescimento na fé e o serviço cristão.

Eis um exemplo simples de resumo dos fundamentos da fé:

> Há um só Deus, o qual não tem princípio ou fim, não tem corpo como nós, mas é um ser espiritual puro, que sabe todas as coisas, pode todas as coisas, é bondoso e abençoador. Deus é um único ser que subsiste em três pessoas: o Pai, o Filho c o Lspírito Santo - conceito que configura um mistério acima de nosso entendimento. Deus criou todas as coisas mediante sua palavra. Criou os céus para sua habitação cm glória c para uma multidão de anjos santos que o servem; alguns desses anjos, por causa do orgulho, rebelaram-se e caíram. Criou também a terra para habitação do homem, dando-lhe domínio sobre todos os animais e coisas. Deus criou um homem e uma mulher, Adão e Eva, perfeitos, sem pecado, c os colocou no jardim do Éden, para o cultivar e guardar. Ordenou-lhes o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, sc comessem dele, morreriam, dentados pelo diabo, o principal dos anjos caídos, os primeiros pais desobedeceram a ordem de Deus e caíram cm pecado, sofrendo a maldição prescrita. Contudo, Deus, em sua misericórdia e sabedoria infinitas, revelou-lhes o propósito de enviar seu próprio Filho para remissão do pecado. Na plenitude dos tempos, o Filho se fez homem, gerado pelo Espírito Santo e nascido de uma virgem do povo hebreu; viveu em obediência a Deus e anunciou o evangelho, atestando o poder de sua doutrina por meio de milagres, curando os coxos, cegos, os doentes e levantando os mortos. Finalmente, oferecido como sacrifício por nossos pecados, levando sobre si a nossa merecida maldição.

> Hoje, os pecadores que, sendo chamados para a salvação, crêem em Jesus Cristo, arrependidos deseus pecados, recebem gratuitamente o perdão dos pecados, a transformação da natureza corrompida, c no final, o acesso ao reino celeste de sua glória. Quanto aos que não consideram a misericórdia dc Deus e a hediondez do próprio pecado, estes estão condenados ao inferno e ao horror eterno.
>
> Tendo ressuscitado dos mortos no terceiro dia, Cristo enviou seus discípulos para pregar por todo o mundo e, depois, diante dc seus olhos, subiu aos céus onde está à destra do Pai, revestido de glória em suas naturezas divina e humana. Dos céus, ele enviou seu Espírito para habitara Igreja, o corpo dc Cristo, dando dons espirituais aos homens e dando homens dotados à Igreja, para a maturidade dc cada membro membros e plena integração no corpo em submissão à cabeça, o Senhor. No final dos tempos, ele voltará com o mesmo corpo com que o viram subir, e ressuscitará alguns para a vida e, outros, para a morte, como está escrito: "os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos" (l Pe4.5).

Em alguns casos, a pessoa poderá ser tão ignorante a respeito das coisas dc Deus que será preciso, ainda, fazer uma revisão dos princípios da religião descritos acima, comentando sobre os diversos pontos da maneira mais simples possível e com uma aplicação final. Percebendo que ainda é necessário, repitam a explanação, perguntem se entenderam, fazendo de tudo para fixar a mensagem em suas memórias.

(3) Evangelização. Sejam pessoas instruídas ou incultas, será sempre prudente considerar se são realmente convertidas. Havendo suspeitas, procurem fazer perguntas prudentes quanto à condição pessoal em relação à salvação. A maneira melhor e menos ofensiva para verificar se são convertidas é a de explorar o estudo bíblico em pauta em algum dos artigos do catecismo com o objetivo de lhe despertar o coração. Por exemplo, um pastor poderá dizer:

> Entendemos, de tudo que vimos agora, que o Espírito Santo esclarece a mente e convence o coração humano, convertendo-o, do poder de Satanás para Deus, pela fé em Cristo, 'a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras' (Tt 2.14) - e que somente estes terão parte da vida eterna. Não quero invadir sua intimidade; mas, sendo a razão para estarmos aqui, para seu benefício e de minha responsabilidade pastoral, preciso lhe perguntar se você já experimentou a transformação que Cristo opera na totalidade da vida do salvo? Você tem consciência do convencimento do Espírito sobre o pecado, sobre a obra de Cristo e sobre o juízo vindouro? Você é uma nova criatura, nascida de Deus e

para as coisas de Deus? O Senhor, que vê seu coração, sabe de sua sinceridade. Fale-me a respeito de sua experiência espiritual.

Se a resposta não demonstrar convicção, tal como: "Espero que seja salvo" ou "Estou tentando" ou, até mesmo, algo mais próximo: "Eu me arrependo dos meus pecados", o pastor poderá expor, brevemente, as marcas mais aparentes de uma verdadeira conversão: a convicção do próprio pecado e a certeza da salvação pela graça mediante a fé na obra de Cristo, especialmente no poder expiatório do seu sangue derramado, a comunhão com Deus e com a Igreja, o discernimento espiritual e a obediência à Palavra, o discernimento do batismo e da participação na ceia do Senhor, a posse do fruto do Espírito (amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio) e a renúncia às obras da carne (prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes), o prazer nas coisas que hão de vir. Pergunte-lhe novamente: "Você já experimentou tal transformação em sua vida?".

Caso a resposta seja positiva, o pastor poderá entrar em aspectos mais particulares, pedindo que responda a algumas perguntas:

- Você poderia dizer que recebeu com alegria as boas novas de um Salvador, somente a ele entregando vida para salvação pelo seu sangue, e que verdadeiramente todos os seus pecados, sob cujo peso sentia-se perdido, foram perdoados?

- Você poderia dizer que realmente seu coração se desviou do pecado de maneira que odeia os pecados em que outrora tinha prazer, e que não vive mais na prática voluntária de qualquer pecado conhecido? Há algum pecado do qual você não está disposto a abrir mão, custe o que custar, e algum dever que você não esteja disposto a cumprir?

- Você poderia dizer que realmente tem deleite em Deus, que ele é sua felicidade, seu amor, seu desejo e seu cuidado, que as coisas de Deus ocupam o seu coração e que está resolvido, pela graça divina, a abandonar tudo no mundo, por amor a Cristo? Poderia dizer que, embora com falhas e pecados, sua principal preocupação e maior anseio da vida é agradar a Deus e gozá-lo para sempre? Poderia dizer que seu desejo é dar ao mundo o que sobra em Deus e não dar a Deus do que sobra do mundo, que você é peregrino neste mundo a caminho de um lar eterno?

Se as respostas a essas perguntas forem afirmativas, o pastor poderá voltar ao catecismo e verificar, junto com a pessoa, sobre o desempenho de alguns deveres

cristãos de comunhão com Deus e de adoração, tais como oração e leitura da Palavra, oração em família, culto individual e doméstico, e guarda do dia do Senhor, freqüência ao culto público e participação na ceia do Senhor.

Contudo, preciso advertidos sobre a necessidade de cautela em relação a conclusões e julgamentos apressados e absolutos quanto à condição espiritual de uma pessoa. Nem é fácil discernir o coração do homem para saber que possui a graça, pois tanto o coração quanto a graça são insondáveis. Não obstante, havendo ignorância ou desvio ou ausência de sentido espiritual nas respostas, será provável que a pessoa em questão não tenha vida espiritual. Em tais casos, antes de qualquer outra ação, teremos de evangelizar tal indivíduo, posto que sem o novo nascimento não haverá compreensão espiritual. De posse da promessa do convencimento do Espírito, aplicaremos todas as nossas habilidades espirituais para trazer o coração do incrédulo à visão de sua condição de pecado. O pastor poderá dizer, por exemplo:

> Deus sabe, meu amigo, que não desejo lhe causar dor ou sofrimento, além do que for necessário para conhecer a si mesmo à luz da graça de Deus. Elogiar aspectos excelentes de sua vida e calar-me com respeito à outra parte da verdade implicaria trair nossa amizade e negar meu próprio ministério. Profissionais que lidam com questões cruciais da vida, juízes, médicos ou governantes, estão obrigados à verdade a despeito de toda dor, a fim de preservar o bem-estar dos que dependem deles. Muito mais com respeito à vida ou morte eterna. O conhecimento do problema, do mal ou da injustiça sem a resolução adequada poderá agravar a situação ou condição do sujeito, quer por causa do medo quer por causa da culpa. Temo que sua dificuldade para entender a vida espiritual se deve ao fato de você não haver se convertido. Se fosse realmente convertido, seu coração se inclinaria para Deus, para as responsabilidades cristãs e para a esperança do cumprimento da promessa de Jesus. Não ousaria viver em voluntariamente pecado nem negligenciar qualquer dever conhecido. Seus interesses não seriam mais de viver para as coisas e os prazeres deste mundo, mas, sim, de viver para agradar àquele que conhece e provê para as suas necessidades. Ele pede que busquemos primeiramente seu reino e sua justiça (Mt 6.33) para, então, acrescentar todos os seus benefícios.

O pastor terá de usar de toda sabedoria e bondade ao colocar essas coisas, pois a atitude e a maneira de falar poderão abrir ou fechar o coração confrontado. Deverá conduzir a conversa de uma maneira bem pessoal.

> O que tem feito? Como tem gasto seu tempo até agora? Sua ai ma tem possibilidades infinitas e capacidade para frutificar para a vida eterna ou para acumular peso para o inferno, dependendo de como reagirá ao toc|ue da graça de Deus. O que faria, se tivesse de enfrentar a morte agora mesmo? Percebe que, boje, você não tem condições para entender as coisas espirituais, de elaborar perguntas adequadas e de responder a questões de interesse do reino dc Deus? Por que não consegue apreender a vontade dc Deus, ainda se aplique? Há vizinhos seus que sabem tão pouco c que têm tão pouco tempo para estudar, como você, c que, não obstante, se aprofundam no conhecimento da Palavra de Deus e dc sua vontade, realizam bem a sua obra. Você não acha que vale a pena? Ou acha que conseguirá obterá salvação mediante seus próprios esforços? Há algo mais importante a ser feito do que cuidar dc sua própria alma e alcançar aquilo para o que ela foi criada?

Concluam a conversa com uma exortação, apresentando, pelos menos, dois aspectos importantes: primeiro, a necessidade de crer em Cristo e, segundo, o uso dos meios externos de graça providenciados para sustento do presente e evitação dos pecados de outrora. Poderiam dizer algo assim:

> Meu amigo, pesa-me o coração vê-lo sofrer, enfrentando sua própria condição de pecado, e, assim, não poderia deixá-lo sem estas últimas palavras. Rogo-lhe, por amor do Senhor e para seu próprio bem, que pondere o que digo: trata-se de sua vida, seu presente e seu futuro! Longânimo é o Senhor, o qual não nos ceifa a alma sem que tenhamos ocasião para conversão, da morte para a vida. Grande é a misericórdia do Senhor Deus, o qual não nos deixou em completa destruição nem nos excluiu da oferta do perdão e da vida eterna. Gracioso é o Senhor, o qual, pelo sangue de Cristo, nos concede o perdão dos Decados^a santificarão e a vida eterna - a nós e a quantos reconhecerem seu chamado.
>
> *S"/i77, égraWí ¿7 ohm d& gr&çn de Z^eus. EJe éucsperdoa e saJvâ, quem cria* em nós um novo coração, quem opera toda essa transformação. Ele é quem nos faz sentir o peso do fardo odiento do pecado, isto é, a ira divina e a maldição da queda. Ele é quem traz a luz para os caminhos das nossas trevas, revelando nossa perdição condenação eterna, e iluminando o perdão no sangue de Cristo e a santificação do Espírito. Ele é quem nos faz entender a necessidade que temos de Cristo e quem nos abre os olhos para a esperança e a vida que estão nele; faz-nos contemplar a vaidade deste mundo e a falsidade dos seus prazeres. Faz-nos conhecer a verdadeira felicidade, a qual só existe na glória de Deus, na vida eterna no céu, onde, viveremos em seu amor e para o seu louvor, junto

com os salvos e com seus anjos. Até que esta obra seja realizada em sua vida, você será continuará experimentando a miséria do desconhecimento de Deus e, se morrer sem que ela tenha se realizado, estará perdido para sempre. Agora ainda há esperança. Você tem oportunidade e ajuda para a conversão; mais tarde, talvez elas não estejam aí. Se seu coração for sensível quanto ao pecado e à graça de Deus, se atender ao chamado de Cristo, crendo na promessa de restauração e recebendo-o como Senhor e Salvador de sua vida, o Senhor terá misericórdia, concedendo-lhe o perdão dos pecados e a salvação eterna - e você experimentará, agora mesmo, o que significa ser um novo homem.

Portanto, repito: rogo-lhe que, pelo amor de Deus e por amor à sua própria alma, pondere sobre as coisas que expus:

Primeiro, não se ufane de sua condição atual nem descanse nela. Não deixe que a mente se aquiete até que uma transformação salvadora seja opere no seu coração. De manhã, pense que o tempo urge e os dias são curtos e que haverá um dia em que não haverá mais oportunidade para arrependimento. Durante o dia, pense que não há trabalho maior a ser feito, do que reconciliar a alma com Deus e ser santificado pelo Espírito! Pense, quando comer, beber ou usufruir qualquer outro bem terreno: De que me valerá tudo isso, se morrer inimigo de Deus, alheio a Cristo e sem o seu Espírito? À noite, verifique que seus pensamentos não abriguem a expectação do mal, mas a paz de Cristo.

Segundo, considere o que significa viver na presença de Deus, reinar com Cristo, e ser como os anjos, no céu. Pense que a vida eterna que Cristo comprou e reservou para você, será sua, se apenas a aceitar. Pense na loucura que seria desprezar tão grande dádiva e a glória eterna, preferindo os sonhos carnais e sombras terrestres.

Terceiro, feche o acordo com o Senhor Jesus. Aceite com alegria e gratidão a sua oferta como único caminho para a felicidade.

Quarto, abandone os pecados em que vive; descubra aquilo que tem profanado a santidade de Deus e o seu próprio coração; lance fora os seus pecados como quem expele veneno do corpo e se recusa a repetir a dose.

Quinto, disponha-se ao uso diligente e constante dos meios de graça providenciados para completar e confirmar sua transformação, até que seja aperfeiçoado em Cristo.

- Posto que ninguém pode efetuar a própria transformação do coração e da vida, busque diuturnamente a Deus, na leitura da Palavra e em oração sincera. Tal como quem anseia pelo fôlego da vida, confesse e peça que perdão pelos pecados presentes, agradecido pelas riquezas da sua graça em Cristo e a glória de seu reino.

— Fuja das tentações e ocasiões para o pecado, abandonando as más companhias de outrora e participando da companhia daqueles que temem a Deus e que ajudarão no caminho para o céu.

- Seja zeloso da guarda do dia do Senhor, utilizando-o para o exercício religioso pública e particular. Aplique sua mente à adoração, à instrução e aprendizado, à comunhão e ao serviço cristão.

Certifiquem-se de obter da pessoa que está sendo evangelizada, uma promessa solene quanto ao compromisso com Cristo e ao uso dos meios de graça, lembrando-a de que Deus é a testemunha e o requerente do cumprimento da promessa.

c. O *que deve ser feito ao término da reunião*

Encerrando a reunião, façam duas coisas:

(1) Removam qualquer sombra possível de inquietação ou ressentimento em reação às suas atitudes e palavras. Apazigúem as mentes dos participantes com algumas palavras de apreço. Por exemplo:

> Irmãos, meu amor e minha consideração por vocês não deverá ser posta em dúvida por causa da liberdade com que falei e agi. Não fosse necessário, eu não teria me exposto ao seu desagrado. Temos pouco tempo para prepararmonos mutuamente para o chamado do Senhor, a quem mais devemos agradar. Lancem qualquer sentimento contrário na conta do amor.

(2) Preparem as pessoas para andar por si mesmas. Orientem-nas no progresso do estudo e da aplicação. Peça aos chefes de família que, no dia do Senhor, repitam em casa com os seus familiares, tudo aquilo que aprenderam. Que se apliquem na leitura da Palavra e na exposição do catecismo, memorizando suas perguntas e respostas.

Alguns dos próprios chefes de família talvez tenham dificuldade para entender ou memorizar e, conseqüentemente, os que estiverem sob sua guarda não receberão muita ajuda. Peçam-lhes que façam o que estiver ao seu alcance e, depois, busquem o auxílio pastoral ou de irmãos mais próximos.

(3) Mantenha uma agenda contendo o planejamento e a execução do trabalho, e informações básicas sobre os membros da Igreja e o maior número possível dos membros da comunidade vizinha. Não confie em sua própria memória. Anote a freqüência das pessoas às reuniões. Acompanhe o andamento da vida religiosa,

estado espiritual, do progresso, das deficiências ou necessidade das pessoas, dos contactos feitos com famílias ou indivíduos, etc. Busque os fracos ou os desgarrados.

(4) Quanto às pessoas facciosas, definitivamente contumazes, que não aceitam aproximação e rejeitam a instrução, evitem-nas, de conformidade com a Palavra, depois de admoestá-las primeira e segunda vez, sequer recebendo-as à comunhão fraterna nem à ceia do Senhor ou demais ordenanças. Embora alguns irmãos reverendos admitam ao batismo os filhos de tais insidiosos crianças (e se ofendem com minha recusa), eu não posso nem ouso recebê-las sob pretexto da fé dos avós nem da fé dogmática dos pais rebeldes.

Conclusão: Oitoaspectos que devem ser observados pelo ministro da Palavra de Deus na sua relação com o seu rebanho.

Em todo o curso das conversas, assegurem-se de que tanto a matéria quanto a maneira sejam adequadas à finalidade de refletir a glória de Deus. Quanto ao modo de fazê-lo, observe os seguintes aspectos:

(1) Discirnam o caráter das pessoas com quem tratam. Aos jovens, enfatizem a necessidade de pudor e de domínio próprio, mostrando-lhes o valor da mortificação da carne contra as paixões e volúpias sexuais e tendo liberdade para ordenar que tratem os seus superiores ou mais velhos, com reverência e afeto. Aos idosos, enfatizem o valor do desapego aos decaídos valores da era presente, conscientizando-os dos poderes do mundo vindouro; prevenindo-os contra o agravamento dos pecados e estimulando-os à santidade. Aos ricos, convençam-nos da vaidade deste mundo; mostrem-lhes a natureza e necessidade da autonegação e as implicações da escolha de valores temporais em detrimento do reino dos céus; demonstrem-lhes o valor do aperfeiçoamento dos dons e talentos, segundo o temor do Senhor e o amor a Deus e ao próximo. Aos pobres, mostrem-lhes as grandes riquezas da glória de Deus e as promessas de felicidade eterna oferecidas no evangelho, e como poderão passar sem o conforto presente, sabedores de que Deus conhece cada uma de suas necessidade e cuida de cada um de nós, pessoal e nominalmente. Nossos pecados mais persistentes incidem sobre nossas falhas de caráter ou coração, explorando características diferenciais, tais como sexo, idade, posição social, profissão.

(2) Sejam condescendentes com as pessoas menos capacitadas ou habilitadas, tratando-as com a maior amabilidade e simplicidade possíveis.

(3) Dêem bases bíblicas de tudo quanto ensinam, tanto para que se assegurem de ouvir a voz de Deus na boca do ministro quando sejam, eles mesmos, aprovados como bons conhecedores da Escritura.

(4) Ajam com seriedade no exercício de todo o ministério; mas, principalmente, na sua aplicação. No púlpito, como nas conversas particulares, permitam que todos vejam a prática honesta de um conhecimento frutífero. Sejam, ao mesmo tempo, sérios e vigorosos; vigorosos e vibrantes. Nada me desgosta mais do que ver pastores irreverentes ou excessivamente formais, que destroem a beleza do evangelho, sendo superficiais ou transformando-o em religião estéril. Tais homens não sabem aconselhar, elaborando perguntas estereotipadas, emitindo duas ou três palavras frias que jamais poderão produzir vida e sentimento. Aquele que valoriza as pessoas por causa do valor de Deus certamente acolherá a oportunidade única que se lhe apresenta, de aquecer, com o calor da fé, o coração do próximo.

Para produzir tal calor, será necessário que, antes e durante o trabalho, cuidemos especialmente do nosso próprio coração, fortalecendo-nos na fé segundo a verdade em amor, a fim de perseverar nos sofrimentos do presente até chegarmos às glórias do porvir.

A totalidade do ministério exige toda a força de nossa fé, especialmente este aspecto pessoal do trabalho. Sem a sã doutrina arraigada ao coração, o ministro verá desvanecerem o zelo e o ânimo. O fervor afetado e a hipocrisia do entusiasmo humano não perduram muito tempo nesse trabalho. O espetáculo público promovido pelo carisma pessoal acaba tomando o lugar da pessoa do ouvinte; quanto mais o cuidado pessoal e individual! O púlpito se torna um palco, tal como a exposição na mídia e outros atos públicos. Pois o púlpito é o palco para o pastor hipócrita, ali e na imprensa e em outros atos públicos, onde há espaço para ostentação - para a meia hora de glória de muitos que, de outro modo, jamais seriam reconhecidos como homens de Deus. Precisamos de outro tipo de homem para realizar efetivamente a obra do Senhor, a qual ele entregou ao nosso cuidado.

(5) Não exerceremos fé, vivendo sem dependência de Deus. E preciso que nos preparemos em oração, em secreto, quando aprendemos a vontade de Deus. Deveremos orar em todo o tempo e, também, com e pelo nosso povo. Tanto nas reuniões quanto nas entrevistas para aconselhamento, deveríamos começar e terminar com uma oração.

(6) Deixem claro, sempre, até mesmo na exposição de passagens bíblicas mais contundentes, o seu amor pelas pessoas, permitindo que sintam em suas palavras e atitudes, que vocês realmente deseja a salvação de suas almas. Evitem linguagem ríspida ou grosseira que desanimem seus ouvintes.

(7) Caso não haja possibilidade, tempo ou meios, para tratar de cada indivíduo da maneira plena como deveria ser, tentem alcançar a todos e cada um com, pelo

menos, as partes mais importantes e necessárias, sobre as quais já nos referimos. Sendo este o caso, reúnam algumas dessas pessoas, de preferência amigos comuns e confiáveis que não exporiam seus pares à maledicência, e trate com elas em conjunto quanto à exposição do evangelho. Somente quanto às questões privadas, conhecimento e estado espiritual, convicção de pecado e direções especiais, deveriam ser tratadas, pelo pastor, em particular, tal como já vimos. Ainda que, dada as circunstâncias, possamos usar esse recurso, não podemos permitir que nosso próprio conforto escolha o caminho mais curto, e descaiamos para a infidelidade da preguiça.

(8) Finalmente, e extremamente importante, estendam o seu amor aos necessitados, aos mais pobres, antes que eles se afastem por absoluta necessidade. Algumas pessoas pouco têm para a manutenção de sua própria casa e precisarão de auxílio financeiro para cobrir o que perdem quando deixam de trabalhar, a fim de serem instruídos e orientados. Se muitos pastores não dispõem de meios para tal ajuda, outros têm ou poderiam recorrer a irmãos mais abastados.

Conclusão geral da obra: Deus frutificará o ministério dos obreiros fiéis e diligentes.

Irmãos, chegamos ao fim desta apresentação. Dei meus últimos conselhos e recomendo-os diante de Deus à sua prática. Ainda que saiba que alguns homens vaidosos receberão minhas palavras com desprezo e que outros, egoístas ou indolentes, as lerão com desgosto ou indignação, estou certo de que elas frutificação no Senhor. Deus as utilizará, a despeito da oposição do pecado e do diabo, para despertar muitos de seus servos para a luz de uma reforma verdadeira, de doutrina e de vida! Ele abençoará a obra das mãos dos pastores diligentes e dará paz ao coração do obreiro fiel. Ele é quem produz o crescimento e o amadurecimento da Igreja, e fará a nação ver o brilho do evangelho verdadeiro! *Amém.*

MANUAL PASTORAL DE DISCIPULADO

O clássico *The Reformed Pastor*,
de Richard Baxter, em Edição Especial com notas

[Este livro] é um trabalho extraordinário que deveria ser lido por todo pastor, especialmente os mais jovens, antes de tomar um povo sob seus cuidados. Sua parte prática deveria ser relida de tempos em tempos a fim de despertar o zelo por seu trabalho. A falta de zelo faz com que muitos homens bons sejam apenas sombra do que poderiam ser, pela graça de Deus, se buscassem medidas apresentadas neste incomparável trabalho.
Phillip Doddridge

Como pastor ... Baxter era incomparável ... Seus feitos em Kidderminster foram notáveis. A Inglaterra não viu antes nenhum ministério como o de Baxter. O vilarejo tinha uns 800 lares, quase 2 mil pessoas. Era "um povo ignorante, rude e dado à folia" quando Baxter chegou, o que, entretanto, foi mudado de maneira dramática.
Quando, em dezembro de 1743 [Um século depois], George Whitefield visitou Kidderminster, escreveu a um amigo: "Fui grandemente reconfortado ao encontrar um doce perfume da doutrina do bom Sr. Baxter, cujas obras e disciplina permaneceram até hoje".
Professor escolar por instinto, Baxter geralmente se chamava de mestre de seu povo, e o ensino era, para ele, a principal tarefa do pastor.
A principal contribuição de Baxter foi a de melhorar a prática da instrução e orientação personalizada pessoal – um método simples de educação escolar como ingrediente permanente no cuidado pastoral de todas as idades. Foi tal preocupação com o discipulado que trouxe à luz [este livro].
J.I. Packer

Richard Baxter (1615-1691), o notável pastor-discipulador, nasceu em Rowton, na Inglaterra. Foi autor de *The Saints' Everlasting Rest* (1650), *The Reformed Pastor* (1656), *A Call to the Unconverted* (1658), *A Christian Directory* (1673) e 131 outros trabalhos. Escreveu também *Reliquiae Baxterianae*, autobiografia, editado por M. Sylvester (1696), mais cinco livros publicados postumamente e muitos tratados não-publicados.

Discipulado/poimênica